

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Indústria e comércio de moda no centro de São Paulo
Rua José Paulino
1928-1980

Stephanie Silveira Guerra de Andrade

São Paulo
2018

Stephanie Silveira Guerra de Andrade

Indústria e comércio de moda no centro de São Paulo
Rua José Paulino
1928-1980

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo
Linha de pesquisa: Cultura, Produção Material e Instituições

Orientador: Professor Renato Cymbalista

Exemplar revisado e alterado em relação à versão original, sob responsabilidade da autora e anuência do orientador. A versão original, em formato digital, ficará arquivada na biblioteca da faculdade.

São Paulo, 19 de junho de 2018

Ficha catalográfica

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail da autora: steguerra@gmail.com

Andrade, Stephanie Silveira Guerra de
Indústria e comércio de moda no centro de São
Paulo: Rua José Paulino (1928-1980) / Stephanie
Silveira Guerra de Andrade; orientador Renato
Cymbalista. - São Paulo, 2018.
177f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de
concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e
do Urbanismo

1. História Cultural. 2. Indústria Têxtil. 3.
Cidades. I. Cymbalista, Renato, orient. II. Título.

Folha de aprovação

Indústria e comércio de moda no centro de São Paulo
Rua José Paulino
1928-1980

Stephanie Silveira Guerra de Andrade

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de
Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: 14 de maio de 2018.

Banca examinadora:

Dra. Kathia Castilho Cunha

Instituição: Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em
Moda (ABEPEM)

Julgamento: Aprovada

Profa. Dra. Sarah Feldman

Instituição: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de São Paulo (IAU - USP)

Julgamento: Aprovada

Dedicado à memória de Laura Rossit Silveira (1924-2008): avó, professora, costureira e revendedora de peças compradas na Rua José Paulino.

Agradecimentos

Ao professor Renato Cymbalista pela orientação preciosa e generosa.

À CAPES pela bolsa de pesquisa concedida.

À professora Joana Mello pelas contribuições na banca de qualificação.

À professora Sarah Feldman pelas contribuições na banca de qualificação e pelo depoimento concedido.

À professora Giselle Beiguelman pela conversa inicial e pela indicação do orientador.

Aos funcionários do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo Arnaldo Lev, Beatriz Blay, Lucia Chermont, Maria Theodora Falcão Barbosa e Roberta Sunfeld.

Às funcionárias da Casa do Povo Lilian Starobinas e Marina Sendacz.

Aos frequentadores do grupo de iídiche da Casa do Povo por terem dedicado um de seus encontros à leitura de anúncios em iídiche de confecções sediadas na José Paulino.

Aos colegas do grupo de estudos Lugares de Memória e Consciência e do coletivo PISA SP: Gustavo Marques dos Santos, João Carlos Kuhn, Karoline Barros, Rodrigo Milan e Yasmin Darviche.

Às colegas pesquisadoras de Bom Retiro Jaqueline Zarpellon, Jung Yun Chi e Paula Janovitch pelas ótimas dicas e interlocuções.

Ao João Borogan pela revisão do texto.

Aos que me concederam depoimentos, compartilhando suas histórias, e às pessoas que me fizeram chegar até eles: Adolfo Leirner, Adriana Neumark, Anita Kon, Anselmo Lancman, Bela Feldman, Beno Suchodolski, Dora Okret, Etejane Hepner, Golda Bojmel, Hugueta Sendacz, Ides Velben, Isaac Neumark, Isaac Wachslight, Ivo Janovitch, Jairo Okret, João Kon, Luis Lustig, Manoel Agnaldo dos Santos, Marcelo Firer, Marina Rosenfeld Sznelwar, Nelson Kon, Nina Schpun, Ruth Rutman, Ruy Guerra, Salo Hirsch, Sarah Fridman, Sergio Hibner, Sergio Zeiger, Sidney Knobloch, Silvia Janovitch, Silvia Wolfenson e Yolanda Slomka.

Às funcionárias da CAG Camila Martins, Eliete Protazio, Natalia Alves, Tamires Godoy e Vivian Dias.

À Rebeca Lopes pelo companheirismo na etapa final de trabalho.

À Daniela Dalle Molle e ao Emmanuel Burdmann por cuidarem de mim como filha.

Aos meus pais Arthur Guerra e Laura Andrade, e ao meu irmão Arthur Filho, pelo apoio, pelas conversas e por compartilharem comigo o ofício da pesquisa.

Aos meus amigos, as melhores pessoas.

O que sai da moda adentra o cotidiano.

O que desaparece do cotidiano é reinventado pela moda.

(KOOLHAAS, 1995)

Resumo

ANDRADE, Stephanie Silveira Guerra de. Indústria e comércio de moda no centro de São Paulo. Rua José Paulino 1928-1980. 2018. 181f. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Esta dissertação é um estudo sobre as transformações pelas quais passou a Rua José Paulino, principal via comercial do bairro paulistano Bom Retiro, entre 1928 e 1980. Em 1928, tratava-se de uma via mista, ocupada simultaneamente por inúmeros usos, como moradia, comércio, serviços e pequenas indústrias que supriam as necessidades das várias comunidades imigrantes residentes no bairro. Em 1980, a José Paulino era uma via reconhecida nacionalmente por possuir um comércio de moda predominantemente feminino e a preços acessíveis, atraindo diversos compradores de outras regiões do Estado de São Paulo e do Brasil. O objetivo da pesquisa foi compreender como se deram as sucessivas mudanças nos usos da rua e quais são os rebatimentos dessas mudanças na materialidade da José Paulino durante o intervalo proposto para o seu estudo. A estruturação de uma nova atividade econômica no local implicou alterações materiais e estéticas, com demolições de imóveis antigos, construções de novos edifícios e a posterior ocupação de suas fachadas pela comunicação visual que os proprietários das confecções passaram a aplicar em seus imóveis.

Palavras-chave: História cultural. Indústria Têxtil. Cidades.

Abstract

ANDRADE, Stephanie Silveira Guerra de. Indústria e comércio de moda no centro de São Paulo. Rua José Paulino 1928-1980. 2018. 181f. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This dissertation is a study on changes through which José Paulino Street, the main commercial street in the São Paulo neighborhood of Bom Retiro, occurred between 1928 and 1980. In 1928, this street was a mixed-use urban corridor, being simultaneously occupied by innumerable uses, such as housing, commerce, services and small industries that supplied the needs of the various immigrant communities residing in the neighborhood. In 1980, José Paulino was a nationally recognized street with a predominantly feminine and affordable fashion trade, attracting several buyers from other regions of the State of São Paulo and Brazil. The objective of this research was to understand how the successive changes in uses of this street occurred and what is the bending of these changes in the materiality of José Paulino during the time period proposed for his study. The shaping of a new economic activity in the area led to material and aesthetic changes, with demolitions of old buildings, constructions of new buildings and posterior occupation of its façades by visual communication that owners of the confections began to use in their properties.

Keywords: Cultural History. Textile Industry. Cities.

Sumário

Introdução	10
Faces de quadra 1928	21
1º Capítulo: 1928-1945	32
1.1. Chegada	32
1.2. Primeiras instalações e incursões profissionais	39
1.3. 1932	49
1.4. Vida associativa e rua mista	55
Faces de quadra 1945	65
2º Capítulo: 1945-1959	76
2.1. Das roupas prontas ao prêt-à-porter	76
2.2. Primeiro ciclo de verticalização: o edifício para a confecção	88
2.3. Modernização urbana e produtiva: os casos Modastil e Goomtex	103
Faces de quadra 1959	115
3º Capítulo: 1959-1980	126
3.1. Segundo ciclo de verticalização	126
3.1.1. Edifícios com seis ou mais pavimentos tipo	126
3.1.2. Galerias comerciais e edifícios múltiplos	134

3.2. Arquitetura e comunicação na consolidação da José Paulino como centralidade comercial	150
3.3. Aposentadoria, comunidade coreana e locação	153
Faces de quadra 1980	161
Considerações finais	172
Bibliografia	176

Introdução

Esta dissertação é um estudo sobre as transformações pelas quais passou a Rua José Paulino, principal via comercial do bairro paulistano Bom Retiro, entre 1928 e 1980.

Em 1928, tratava-se de uma via de ocupação mista, ocupada simultaneamente por inúmeros usos, como moradia, comércio, serviços e pequenas indústrias que supriam as necessidades das várias comunidades imigrantes residentes no bairro. Em 1980, a José Paulino era uma via reconhecida nacionalmente por possuir um comércio de moda predominantemente feminino e a preços acessíveis, atraindo diversos compradores de outras regiões do Estado de São Paulo e do Brasil. O objetivo da pesquisa foi compreender como se deram as sucessivas mudanças nos usos da rua e quais são os rebatimentos dessas mudanças na materialidade da José Paulino durante o intervalo proposto para o seu estudo. A estruturação de uma nova atividade econômica no local implicou alterações materiais e estéticas, com demolições de imóveis antigos, construções de novos edifícios e a posterior ocupação de suas fachadas pela comunicação visual que os proprietários das confecções passaram a aplicar em seus imóveis.

Bom Retiro, Luz, Pari, Brás, Mooca, Cambuci, Liberdade, Bela Vista, Consolação, Santa Cecília, Campos Elíseos e Barra Funda são os bairros que circundam o centro tradicional de São Paulo, sendo o Bom Retiro o que ocupa a porção noroeste desse anel. No século XIX, formavam o que é conhecido como “cinturão de chácaras”, pois correspondiam a pequenas regiões semi rurais que serviam para abrigar estâncias de veraneio da elite paulistana e, também, como unidades de abastecimento de produtos agrícolas para o núcleo urbanizado da cidade, à época

delimitado pelas ruas Direita, XV de novembro e São Bento. Os processos de loteamento e arruamento do Bom Retiro ocorreram nas décadas de 1880 e 1890, concomitantemente à nomeação do bairro a partir do nome de uma das chácaras que compunha anteriormente seu território (DERTÔNIO, 1971).

O processo de urbanização foi rápido, e, nas duas primeiras décadas do século XX, esses bairros passaram a fazer parte de uma zona de transição entre o centro urbanizado e os bairros mais afastados, então rurais. O loteamento das chácaras teve como intuito atender as demandas por novos terrenos para a implantação de indústrias e a construção de moradias para sua mão de obra. A proximidade com a linha do trem¹ e a Estação da Luz, inaugurada em 1867, fazia do Bom Retiro uma área cobiçada pelas indústrias, pois possibilitava a diminuição com os gastos de transporte e escoamento da produção.

Logo, as áreas do outrora “cinturão de chácaras” atuaram como importantes vetores de urbanização de São Paulo (MANGILI, 2009), configurando bairros compostos de zonas industriais, residenciais e de comércio. Um indício desta evolução é a existência de outras vias de comércio especializado nos bairros centrais, tais quais a José Paulino e suas confecções. A São Caetano (Brás) e suas lojas de vestidos de noiva; a Oriente (Brás) e suas confecções; a Avenida Vautier (Pari) e suas lojas

1. A ferrovia foi inaugurada em 1867, tendo sido construída por ingleses que obtiveram a concessão para explorá-la. A concessão durou até 1946, sendo que até essa data a ferrovia era chamada de São Paulo Railway. A partir de então ela virou estatal e passou a ser referida como Estrada de Ferro Santos a Jundiá, pois fazia a conexão entre as duas cidades. Disponível em: <<http://www.rfisa.gov.br/principal/historico.htm>>. Acesso em 24.01.2017.

de utilidades domésticas; a Galvão Bueno (Liberdade) e seus estabelecimentos revendedores de produtos orientais; e, por fim, a Consolação e suas lojas de lustres, são todas bons exemplos de ruas de comércio especializado.

O Bom Retiro é limitado ao oeste pela ferrovia e ao sul pela Estação da Luz. Seu limite norte é a várzea do rio Tietê e ao leste é delimitado pelo Jardim da Luz.

Um dos caminhos mais antigos do bairro conectava sua porção mais próxima do centro da cidade (o “alto Bom Retiro”) com sua porção mais próxima da várzea do Tietê (o “baixo Bom Retiro”), onde várias olarias se instalaram ao longo do século XIX.

As olarias ocupavam a várzea do rio com o intuito de aproveitar a argila disponível neste tipo de terreno para produzir telhas, tijolos e louças. A olaria mais antiga da cidade e a mais proeminente do bairro foi fundada em 1860 pelo imigrante judeu francês Manfred Mayer. Casado com Elvira de Souza Queiroz, integrante de uma família que investia em atividades urbanizadoras, ele foi um dos principais agentes no processo de loteamento do Bom Retiro. O sucesso comercial de sua olaria lhe permitiu a aquisição de diversos lotes recém-divididos (antigas glebas das chácaras) e depois a revenda dos mesmos para os interessados em construir na região (FALBEL, 2003). Ademais, Mayer atuou ele próprio na construção civil da região, utilizando o material proveniente de sua olaria para a construção de casas que mais tarde seriam alugadas para famílias imigrantes. O primeiro registro de venda de um imóvel de Manfred Mayer ocorreu na Rua José Paulino em 1881, e o comprador foi um imigrante italiano (MANGILI, 2009).

Dinâmicas como esta, em que um comerciante e/ou morador do bairro influencia diretamente na mudança da sua materialidade, serão vistas diversas vezes ao longo da trajetória da José Paulino que se propõe reconstituir. Por não se tratar de uma via que recebeu muita atenção específica do poder público, são os proprietários de imóveis e/ou confecções da rua os principais agentes das transformações materiais pelas quais ela passou no período estudado nesta dissertação. Assim, a metodologia de pesquisa empregada foi o entrelaçamento de trajetórias individuais e familiares que, rearranjadas, nos ajudam a entender os processos de mudança da via. A análise que se faz da rua procura articular as principais forças constitutivas da José Paulino: a presença imigrante, a atividade têxtil e as dinâmicas imobiliárias.

Quando adquiriu o status de logradouro, esse caminho de conexão do alto ao baixo Bom Retiro foi nomeado “Rua dos Imigrantes”, em referência aos estrangeiros que chegavam à procura de trabalho nas indústrias. Muitos tinham como destino imediato a primeira hospedaria de imigrantes da cidade de São Paulo, inaugurada em 1882, no início do período de imigração subsidiada pelo Estado. O alojamento localizava-se no número 100 da Rua Tenente Pena, a última transversal da Rua dos Imigrantes, na construção que abrigava anteriormente a casa-sede da antiga Chácara Bom Retiro. Este fato fazia da Rua dos Imigrantes um caminho obrigatório para os recém-chegados que buscavam seu primeiro abrigo na cidade. A hospedaria foi transferida para o bairro vizinho do Brás em 1888, e em seu terreno foi construído um edifício para abrigar o Desinfetório Central de São Paulo, inaugurado em 1893 (FELDMAN, 2013).

Além de ser uma passagem muito provável no percurso realizado por um imigrante recém-chegado, a Rua dos Imigrantes localizava-se na parte mais comercial e densamente ocupada do Bom Retiro. A densidade de ocupação do bairro é proporcional à proximidade da área ocupada com o centro tradicional de São Paulo (região da Praça da Sé, Pátio do Colégio e arredores): quanto mais próxima do centro mais densa e mais disputada. Tal combinação de fatores -ser um caminho de passagem e estar muito próxima do centro- valorizou a Rua dos Imigrantes em termos imobiliários desde o início de sua história, principalmente as quadras mais próximas da Estação da Luz, pois os donos de estabelecimentos comerciais localizados nela sempre tiveram um bom fluxo de transeuntes garantido pelo menos durante os horários de funcionamento dos trens das estações [Figura i.1].

A rua foi, desde, pelo menos, 1901, servida de transporte público urbano. Uma imagem dessa data, feita na altura do número 198 do logradouro, destaca a fachada do estábulo pertencente à Companhia de Viação Paulista, empresa que operou o transporte urbano de passageiros e cargas feito sobre trilhos e por tração animal em São Paulo até 1911, quando foi incorporada à Companhia Light². Outros elementos urbanos identificáveis na fotografia são os paralelepípedos e a iluminação pública. Em relação às edificações, além do estábulo, estão presentes construções térreas ou de dois andares com várias portas para a rua, indicando a adaptação das construções para a atividade comercial. Há também trechos de muros, remetendo à existência

2. Disponível em: <<http://acervo.energiaesaneamento.org.br/consulta/ExibirDetalhes.aspx?funcao=kFundo&id=15>>. Acesso em 15.12.2017.

de lotes que ainda não possuíam frente para a rua. A imagem foi tirada da esquina da Rua Cônego Martins com a então Rua dos Imigrantes, na qual foi erguido posteriormente um pequeno totem em referência à fundação do Sport Clube Corinthians, realizada em 1910 por integrantes da comunidade italiana residente no Bom Retiro. O primeiro presidente do clube foi Miguel Bataglia, um alfaiate italiano [Figura i.2].

Em 1916 a via foi rebatizada de Rua José Paulino, em homenagem ao aristocrata e filantropo de mesmo nome, que morrera no ano anterior³[Figura i.3]. Neste trabalho será tratado de forma aprofundada um dos grupos de estrangeiros que ocuparam o Bom Retiro durante o século XX. Trata-se dos imigrantes provenientes de países do leste europeu que chegaram a partir do final da década de 1920. Eles são o foco desta dissertação por terem inserido massivamente as oficinas de roupas prontas na rua.

Para a pesquisa, 1928 foi escolhido como ponto de partida por ser o ano da chegada de uma parte dos imigrantes estudados e, também, o ano de fundação da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro. A Cooperativa foi uma instituição financeira

3. José Paulino Nogueira nasceu em Campinas (São Paulo), em 13 de Fevereiro de 1853, proveniente de uma família abastada de fazendeiros de café. Foi membro das Campanhas Abolicionista e Republicana. Promoveu importantes transformações de saneamento em Campinas em 1889 (canalização de águas e instalação de novas redes de esgoto), como resposta a uma epidemia de febre amarela. Posteriormente transferiu-se para São Paulo, onde se dedicou ao comércio de café. Participou da fundação das seguintes instituições: Banco Comercial do Estado de São Paulo; Companhia Paulista de Seguros; Santa Casa de Misericórdia; Liceu de Artes e Ofícios. Faleceu em São Paulo, em 11 de Novembro de 1915, e um ano depois a Rua dos Imigrantes, no Bom Retiro, passou a se chamar Rua José Paulino em sua homenagem (Revista SHALOM, 1967).

criada por integrantes da comunidade judaica com o intuito de promover o enriquecimento progressivo e coletivo da mesma. Ela concedia pequenos empréstimos para que os recém-chegados pudessem começar suas vidas profissionais no Bom Retiro. A ajuda inicial foi de fundamental importância, porém a atuação da instituição continuou imprescindível no decorrer das décadas seguintes, mantendo o auxílio financeiro para os donos das oficinas de roupas prontas e das confecções sediadas no Bom Retiro, em especial na José Paulino.

Já 1980 foi escolhido como o encerramento do período estudado tendo como base o menor número de confecções na José Paulino ainda sob a direção de imigrantes ou descendentes judeus. A primeira geração de imigrantes incentivou seus filhos a fazerem cursos superiores e se tornarem profissionais liberais, como médicos, advogados, engenheiros e arquitetos. Assim, as confecções que começaram como negócios familiares não foram, em sua grande parte, sucedidas pela segunda geração, o que acarretou no encerramento das atividades de muitas delas durante a década de 1970. Tal dinâmica não significou o fim da especialização têxtil da rua, pois os imóveis construídos pela comunidade judaica no local para abrigar as confecções foram sendo ocupados por integrantes da comunidade coreana a partir da segunda metade da década de 1970. Os coreanos instalaram um outro modelo de funcionamento de confecção, com características bastante distintas dos negócios empreendidos pelos judeus, o que constitui uma outra fase de ocupação da José Paulino que, por isso, não será abordada neste trabalho.

Após delimitado o recorte temporal, iniciou-se uma pesquisa através de três principais frentes: realização de entrevistas, investigação em arquivos e pesquisa bibliográfica.

Foram realizadas vinte e uma entrevistas com pessoas com diferentes níveis de envolvimento na história das confecções da José Paulino. A primeira entrevistada foi Hugueta Sendacz, integrante da primeira geração e fundadora da Rasentex e da Hagar Modas, duas confecções sediadas na rua. Em seguida foram realizadas quatorze entrevistas com filhos e uma com uma nora dessa primeira geração que não deram continuidade aos negócios familiares ou que o fizeram durante período limitado de tempo. Os entrevistados deste grupo foram: Adolfo Leirner, filho de Isai e Felícia Leirner, fundadores da Tricot-Lã S.A (Rua José Paulino, 261); Anita Kon, filha de Majer e Helena Okret, fundadores da Okret Sport (Rua José Paulino, 56); Anselmo Lancman, filho de Motula Lancman e neto do fundador da Vel-Pel (Rua José Paulino, 375/377); Bela e Sarah Feldman, filhas de Jaime e Fanny Feldman, fundadores da Belsar (Rua José Paulino, 539); Beno Suchodolski, filho de Alexandre Suchodolski, fundador da Confecções Modastil (Rua José Paulino, 488); Dora Okret, nora de Majer e Helena Okret, fundadores da Okret Sport (Rua José Paulino, 56); Isaac Neumark, filho de Simão e Helena Neumark, fundadores da Helenform (Rua José Paulino, 428); Ivo e Sonia Janovitch, filhos de Maurício Janovitch, fundador da Triconal (Rua José Paulino, 470); João Kon, filho de Godel e Sara Kon, fundadores da Confecções Kon (Rua José Paulino, 393/397); Luis Lustig, filho de Chaim e Ruth Lustig, fundadores da Fábrica de Guarda-chuvas e Sombrinhas Alegre (Rua José Paulino, 573); Sarah Fridman, filha de Jacob e Maria Fridman,

fundadores da Fábrica de Roupas Brancas Jacob Fridman (Rua José Paulino, 140); Sergio Zeiger, filho de David e neto de Salomão Zeiger, fundadores da Goomtex (Rua José Paulino, 2118/220); e Yolanda Slomka, filha de Fawel e Sara Slomka, fundadores da Confecções Oceania (Rua José Paulino, 140). Foram realizadas três entrevistas com filhos de fundadores de confecções que deram prosseguimento aos negócios familiares e continuam ativos comercialmente na José Paulino: Etejane Hepner, filha de Icek Hepner, fundador da Camisaria Hepner e atualmente proprietária da 233 (Rua José Paulino, 233); Isaac Wachslight, filho de Josef Wachslight (fundador da Joalheria Juvélia) e atualmente proprietário da Happy Baby Confecções Ltda. (Rua José Paulino, 101) e da I Kids (Rua José Paulino, 215); e Sidney Knobloch, filho do fundador do Atelier de Peles Nutria, e atualmente proprietário da Nutrisport (Rua José Paulino, 248). Também foram entrevistados Salo Hirsch, fundador da Chuvanil (Rua José Paulino, 719) e imigrante que chegou ao Brasil no início dos anos de 1960, e Marcelo Firer, filho de Marcos Firer, arquiteto responsável pelo projeto do Edifício Estrada de Ferro Santos a Jundiaí (Rua José Paulino, 29). A última entrevista realizada foi com Golda Bojme, funcionária, desde 1949, da Alvin (Rua José Paulino, 533), confecção especializada em maiôs e sediada na José Paulino desde 1959.

As entrevistas permitiram recuperar trajetórias familiares, relacioná-las aos processos de transformação pelos quais a José Paulino passou e reconstituir os processos produtivos de algumas confecções sediadas na rua. As entrevistas não possuíam um questionário fixo, mas as perguntas eram direcionadas sempre para as mesmas questões: chegada ao Brasil; início da vida

profissional; abertura do negócio próprio; funcionamento do negócio próprio (o que produzia, como vendia, para quem vendia, etc.); estabelecimento na José Paulino; mudança na condição de inquilino para proprietário, separação dos espaços de moradia e trabalho; evolução do negócio (de oficina para confecção) e fechamento do negócio. Assim, as perguntas se referiam a dados muito objetivos das histórias familiares, sendo dessa maneira possível deixar de lado elementos subjetivos, tornando as entrevistas fontes bastante confiáveis. Os entrevistados foram sendo contatados a partir do método “bola de neve”, no qual um entrevistado indica o próximo.

A frente de pesquisa documental consistiu em consultas aos arquivos de duas instituições: a Casa do Povo (antigo Instituto Cultural Israelita Brasileiro) e o Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo. A Casa do Povo é uma instituição localizada na Rua Três Rios, nas proximidades da José Paulino. Até 1953, ano da inauguração do edifício da Três Rios, a instituição respondia por Clube de Cultura e Progresso e funcionava na sobreloja do número sessenta e quatro da José Paulino. Uma parcela dos frequentadores do clube morava e/ou trabalhava na José Paulino, e entre o material pesquisado estão os livros que registraram as contribuições financeiras feitas por integrantes do grupo para a viabilização da construção do novo edifício. Nesses livros de registros foram obtidos dados como data da doação, nome do contribuinte e endereço do mesmo na José Paulino [Figura i.4].

No Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo foram realizadas pesquisas em três sessões: a hemeroteca, o Fundo Institucional da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro

e a sessão de periódicos. A hemeroteca da instituição forneceu imagens de diversas fases da rua, todas presentes neste trabalho, que deram suporte para a identificação das mudanças tanto em sua materialidade como em relação aos usos e apropriações da rua. No acervo da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro foram consultadas as fichas de movimentação financeira da instituição, que forneceram dados como data e valor das transações, nome do associado e endereço na José Paulino a ele relacionado.

As informações obtidas nas entrevistas e nas pesquisas nos acervos foram sistematizadas em um banco de dados, no qual cada linha correspondia a uma informação obtida. As colunas foram preenchidas com os seguintes dados: logradouro (sempre fixado em “José Paulino”); numeração e complementos; lado da via (par ou ímpar); quadra (primeira, segunda, terceira ou quarta); tipo, nome e localização da fonte da qual foi retirada a informação (exemplo: periódico O Novo Momento/edição 7 de maio de 1955/página 12/acervo Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo); capítulo da dissertação no qual se insere a informação; nome da pessoa física associada (nome do dono da confecção); nome da pessoa jurídica associada (nome da própria confecção); uso e ocupação do lote (indústria, comércio, moradia, serviços ou uma combinação dos mesmos); atividade desenvolvida no lote (detalhamento do uso, como por exemplo: “confecção de roupas finas para senhoras”); e tipo de construção (armazém, casa térrea, sobrado, edifício, galpão, etc.).

A pesquisa bibliográfica consistiu na leitura de livros e produções acadêmicas sobre os principais campos que se pretendeu

articular nesta dissertação: a indústria e o comércio de roupas prontas; a história do Bom Retiro e aspectos da migração judaica no bairro; e o processo de metropolização pelo qual passou São Paulo durante parte do século XX, levando-se em conta suas implicações arquitetônicas e urbanísticas.

Sobre a indústria e o comércio de roupas prontas, os títulos que serviram de referência foram *Histórias da Moda*, de Didier Grumbach (2009), no qual o autor descreve a evolução das confecções francesas, modelo de desenvolvimento para as confecções de muitos países ocidentais, dentre eles o Brasil; *Fazer Roupas Virou Moda – Um Figurino da Ocupação da Mulher (1920-1950)*, livro de Wanda Maleronka que recupera a história do trabalho feminino nas confecções de São Paulo da metade do século XX; *O Varejo de Moda na Cidade de São Paulo (1910-1940)* e *A Democratização da Moda em São Paulo (1950-2011)*, mestrado e doutorado de Anthoula Fyskatoris (2006 e 2012, respectivamente) que discorrem sobre as principais concentrações de comércio popular de moda em São Paulo; *Biography of a Tenement House in New York City – An Architectural History of 97 Orchard Street* (2012), livro no qual Andrew S. Dolkart descreve as primeiras oficinas de roupas prontas em Nova York, lideradas por famílias imigrantes judias que moravam em espécies de cortiços localizados no bairro do Lower East Side; e *Ready-to-Wear and Ready-to-Work – A Century of Industry and Immigrants in Paris and New York (Comparative and International Working-Class History)*, um estudo histórico comparativo entre o Garment District, distrito têxtil de Nova York, e o Sentiers, distrito têxtil de Paris, realizado pela historiadora Nancy L. Green (1997).

No que se refere ao Bom Retiro, o livro de Hilário Dertônio (1971), *O Bairro do Bom Retiro*, serviu como base para a descrição da formação do bairro. Do mestrado de Liziane Mangili (2009), *Transformações e Permanências no Bairro do Bom Retiro (1930-1954)*, obteve-se dados sobre as transformações materiais do bairro e as transferências de propriedades de italianos para judeus na José Paulino. A leitura do mestrado de Sarah Feldman (1989), *Segregações Espaciais Urbanas: a Territorialização da Prostituição Feminina em São Paulo*, possibilitou a articulação das tensões entre a zona do meretrício e os comerciantes da José Paulino. Da mesma autora, o texto *Bom Retiro: Bairro Múltiplo, Identidade Étnica Mutante* (2013), forneceu subsídios fundamentais para a compreensão da importância da atividade têxtil e da atuação das comunidades judaica e coreana para a conformação identitária do bairro. O artigo de Stamatia Koulioumba, *Construtores Estrangeiros e a Produção Arquitetônica Moderna no Bom Retiro (1950-1970)*, presente no livro *São Paulo, os Estrangeiros e a Construção da Cidade* (2011), foi referência para a descrição dos aspectos formais e do contexto no qual foram construídos alguns prédios destinados ao funcionamento de confecções da José Paulino descritos nos capítulos dois e três desta dissertação. O trabalho de Jung Yun Chi (2016), *O Bom Retiro dos Coreanos: Descrição de um Enclave Étnico*, elucidou aspectos da transição da comunidade judaica para a comunidade coreana no protagonismo da especialização têxtil do Bom Retiro.

A dissertação de Gilma Macedo (2006), *História da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro: Primeiras Incursões*, forneceu

informações acerca do funcionamento dessa instituição e sua relação com os mascates e donos de confecção. A leitura do capítulo *Jewish Immigration to Brazil*, de autoria de Jeffrey Lesser, presente no livro *Mass Migration to Modern Latin America* (2003), elucidou questões relativas à importância das atividades de mascate e de produção de roupas prontas no início da imigração judaica no Brasil.

Dentre do âmbito das transformações urbanas de São Paulo no século XX, o entrelaçamento das trajetórias de alguns arquitetos estrangeiros atuantes em São Paulo realizado por Joana Mello (2010) em seu doutorado, *O Arquiteto e a Produção da Cidade: A Experiência de Jacques Pilon em Perspectiva (1930-1960)*, serviu de modelo para o tratamento reservado às trajetórias de imigrantes da José Paulino pelo trabalho presente. A tese de doutorado de Sabrina Fontenelle (2010), *Relações entre o Traçado Urbano e os Edifícios Modernos no Centro de São Paulo. Arquitetura e Cidade (1938-1960)*, e o livro de Raul Juste Lores (2017), *São Paulo nas Alturas*, forneceram as bases para a contextualização do surgimento das galerias comerciais na José Paulino, fenômeno concomitante ao surgimento das galerias comerciais no centro novo de São Paulo.

A reunião, confrontação e análise conjunta das informações provenientes das três frentes de pesquisa possibilitaram a periodização do recorte 1928-1980, que, por sua vez, foi dividido nos três capítulos que formam o corpo deste trabalho. Cada capítulo é subdividido em itens que tratam de questões mais circunscritas, e no final de cada item são reunidas as imagens das quais se faz referência ao longo do texto. Procurou-se realizar um

trabalho com as imagens que não as limitasse a meras ilustrações subordinadas ao texto. Teve-se, então, o cuidado de não analisá-las à luz unicamente do que já se sabia, e, sim, extrair delas suas próprias informações. Em outras palavras, a iconografia foi trabalhada como sendo mais uma frente de pesquisa em si.

O primeiro capítulo percorre o intervalo de 1928 a 1945, seguindo a delimitação temporal de Sarah Feldman (2013) do que teria sido o período de consolidação da especialização têxtil do Bom Retiro. Nele são narradas a chegada do grupo de imigrantes aqui estudado, suas primeiras incursões profissionais e acomodações no Bom Retiro. Em seguida é abordado o conflito de 1932 e o impacto que o mesmo teve nas trajetórias de algumas famílias imigrantes. Por fim, é elaborada a descrição da rua no período, com sua ocupação ainda mista, em consonância com a ocupação do restante do Bom Retiro. São ainda abordadas as transferências de propriedade da comunidade italiana para a judaica no âmbito do logradouro.

O segundo capítulo abarca o período de 1945 a 1959, intervalo de tempo no qual ocorreu grande número de demolições de construções erguidas pela comunidade italiana, seguidas das construções de edifícios de dois a três pavimentos encabeçadas pela comunidade judaica. Como tais edifícios foram erguidos para o funcionamento das confecções da rua, expõe-se como a modernização produtiva pelas quais algumas confecções passaram demandaram novas instalações. Para isso são descritos os funcionamentos de determinadas confecções, elegidas para servirem de modelo do que ocorria no restante da rua, com suas etapas de produção detalhadas. O capítulo é finalizado com

as histórias de duas confecções que se sobressaíram entre as demais, a Modastil, de moda feminina, e a Goomtex, de capas de chuva masculinas.

O terceiro capítulo abrange o intervalo de 1959 a 1980. Ele começa narrando o surgimento de edifícios mais altos, com seis ou mais pavimentos, que se destacam em relação ao gabarito médio da via. Em seguida, são descritas as condições nas quais foram inauguradas as quatro galerias comerciais da rua e as particularidades dos projetos de cada uma. Depois são analisadas algumas imagens da José Paulino em 1970 que mostram a presença da comunicação visual urbana nos edifícios. Foram elaboradas hipóteses sobre quais foram as transformações que levaram ao aumento da publicidade, como a maior comercialização e homogeneização dos produtos oferecidos pelas confecções e lojas da rua. O capítulo se encerra com a descrição dos processos de aposentadoria dos fundadores, encerramento das atividades das confecções e chegada da comunidade coreana.

Foi também a partir da reunião das informações coletadas nas frentes de pesquisa que foram elaborados os desenhos das faces de quadra, situados entre os capítulos. Foram elaboradas elevações para as quatro marcações temporais que formam a periodização da dissertação: 1928, 1945, 1959 e 1980. Os lotes a que se tinha informação a respeito possuem contorno em preto e informação em texto destacada, enquanto os que não se tinha informação foram deixados em cinza claro. Para esses últimos utilizou-se a técnica de carimbo, que consiste em utilizar tipologias arquitetônicas presentes na rua na época (identificadas em fotografias) e replicá-las. Além disso, através de visitas de campo sistemáticas feitas à rua durante o período

da pesquisa, foram identificadas construções que provavelmente já estavam presente no logradouro em determinadas marcações temporais. O objetivo das elevações é condensar visualmente as transformações descritas no interior dos capítulos, reiterando a hipótese de que mudanças nos usos implicaram mudanças na materialidade da José Paulino, aqui representada pelo seu conjunto de fachadas.

Figura i.1 (página 19). Mapa Sara Brasil, 1930 (levantamento aerofotogramétrico). Observa-se que a Rua José Paulino (destacada em amarelo) possuía uma configuração diferente da atual: sua extensão formava um "L" e abrangia a rua da entrada principal da Estação da Luz (na parte inferior direita), cujo endereço oficial hoje é Praça da Luz, número 1. Atualmente, a José Paulino se inicia no vértice formado com seu encontro com a Rua Prates e termina em um paredão da Tenente Pena, sua última transversal. O retângulo vermelho na parte superior esquerda do mapa localiza a primeira hospedaria de imigrantes da cidade de São Paulo (Rua Tenente Pena), onde a partir de 1893 passou a funcionar o desinfetório central. Sua localização fazia da Rua dos Imigrantes uma passagem obrigatória para os estrangeiros que chegavam pela Estação da Luz e planejavam dormir na hospedaria em suas primeiras noites na cidade. Fonte: Cesad / FAU USP.

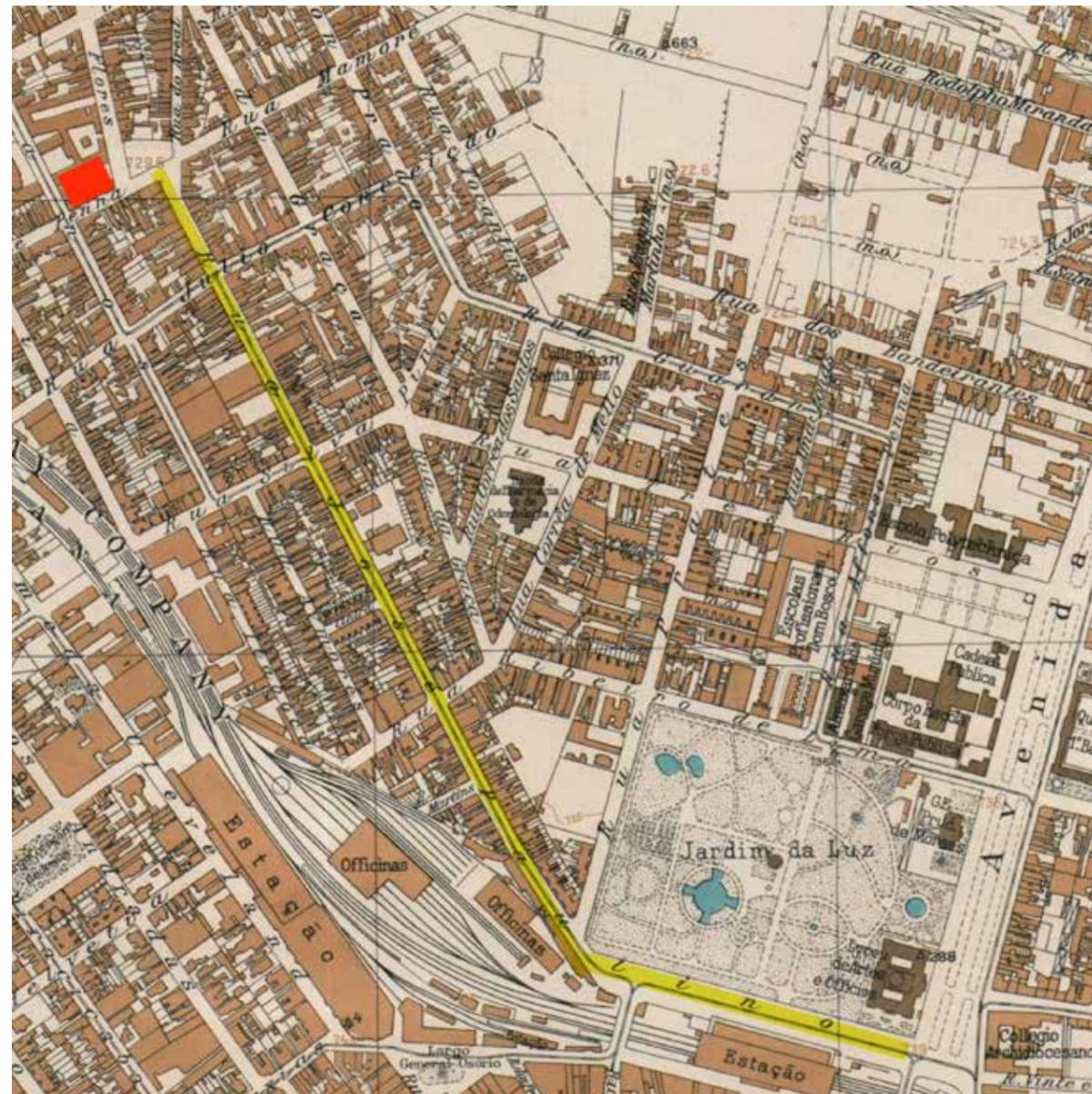




Figura i.2. Rua dos Imigrantes, altura do número 198, em 1901. Disponível em: <<http://www.memij.org.br/index.php/2017-01-20-18-17-00/iconografia/370-ico-94-vista-frontal-da-rua-dos-imigrantes-em-1901>>. Acesso em 24.01.2017.

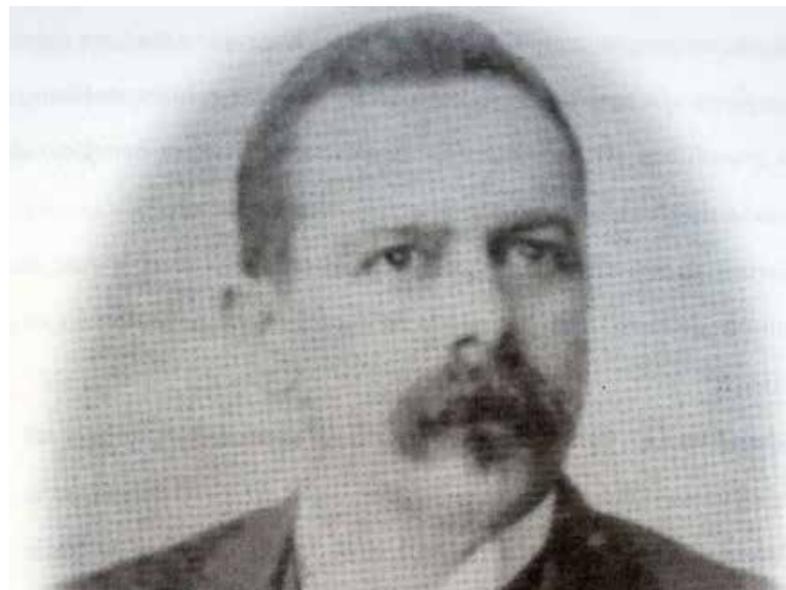
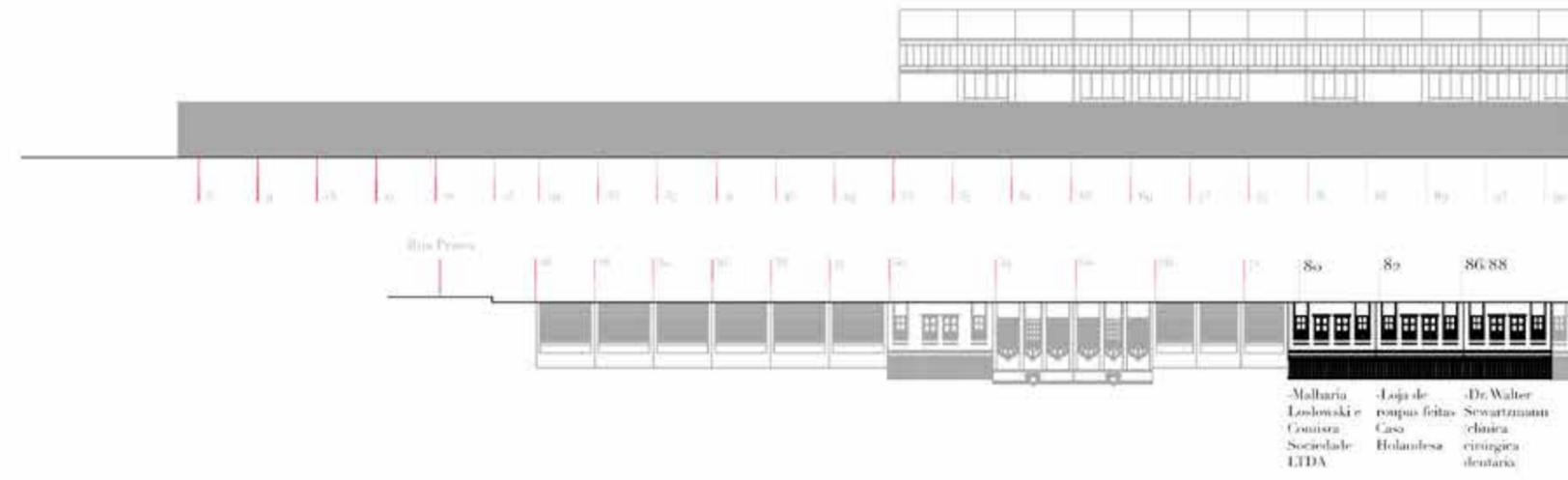


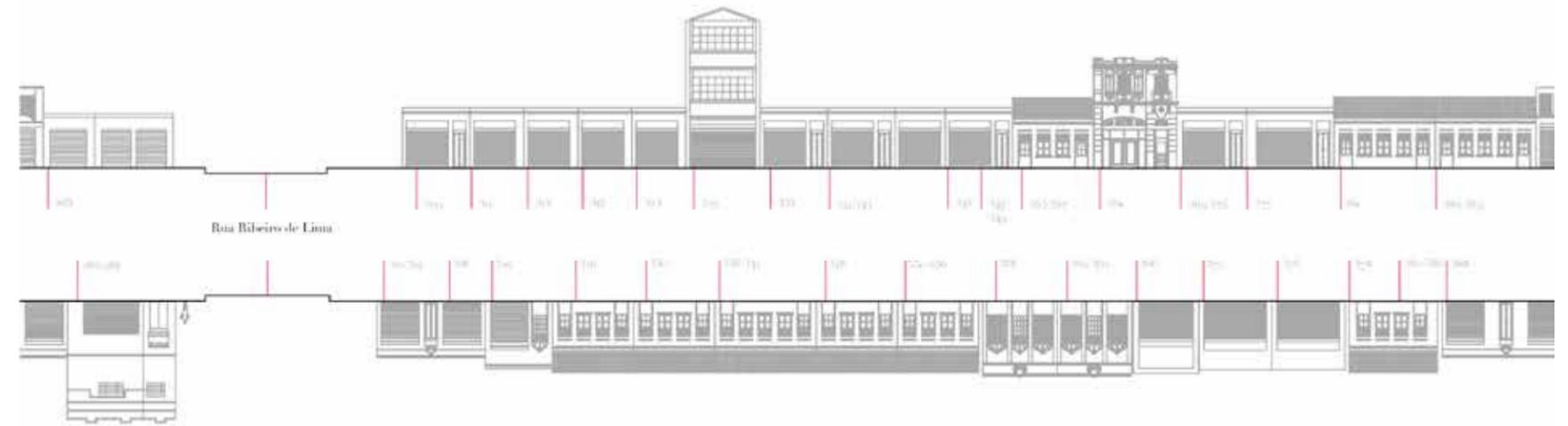
Figura i.3 Retrato de José Paulino. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/quem-foi-jose-paulino/>>. Acesso em 14.11.2017.

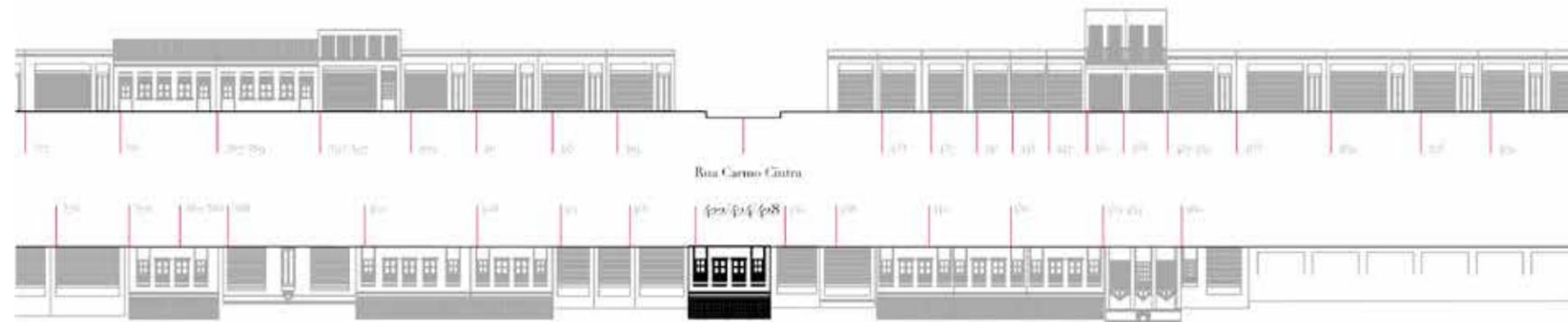


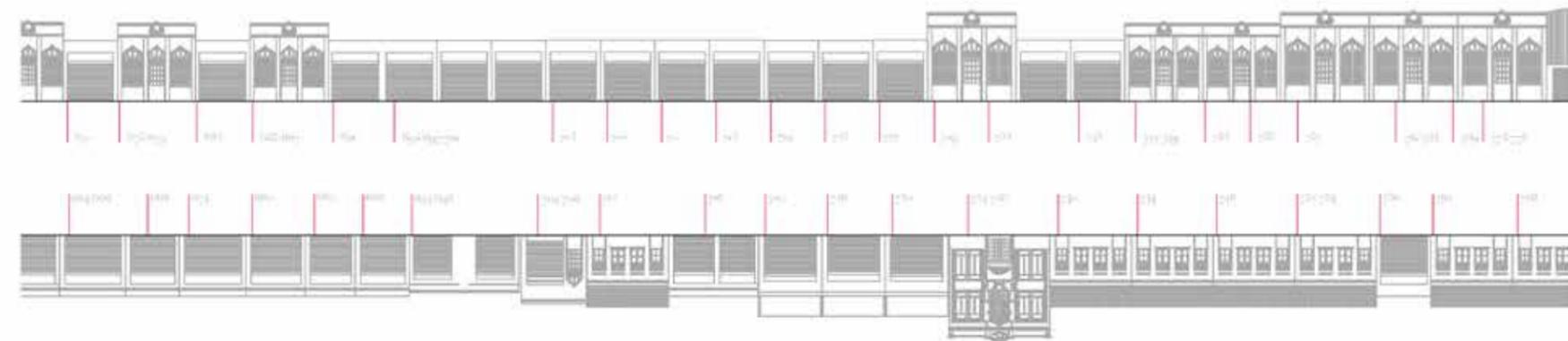
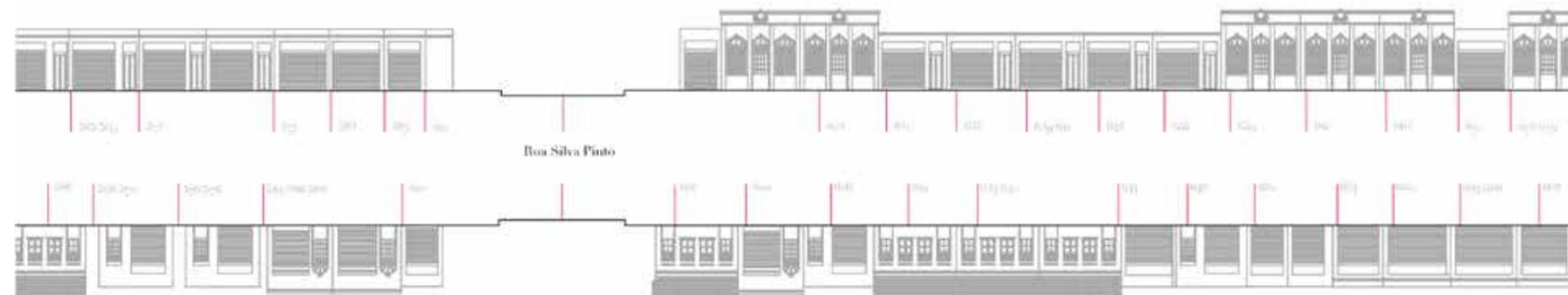
Faces de quadra 1928

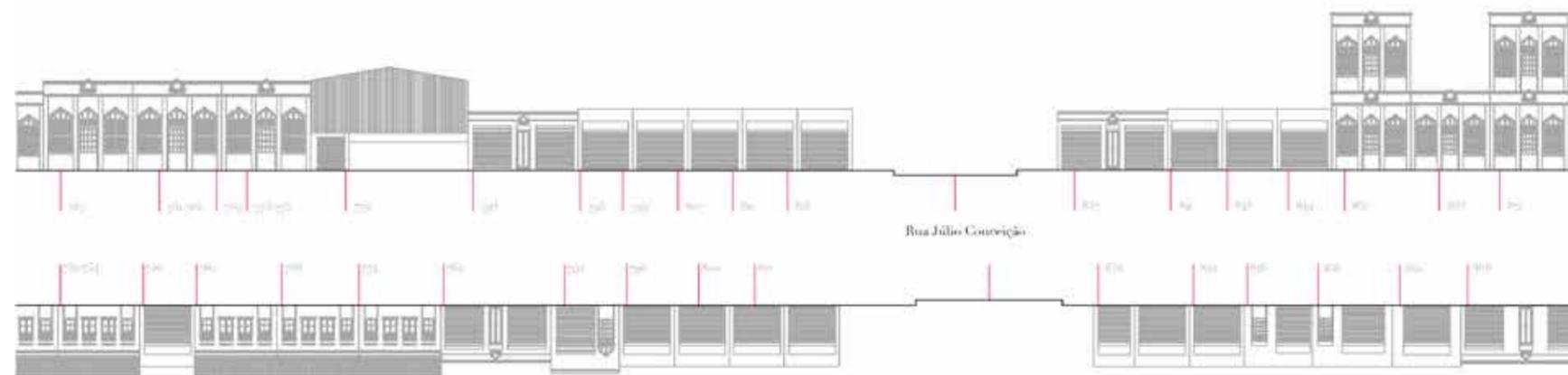
Figura i.4. Imagem dos anos 1940 do interior do Centro de Cultura e Progresso, localizado na sobreloja do número 64 da José Paulino. Fonte: Hemeroteca do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.











Rua Tenente Pena

Rua do Areal

Rua Júlio Converseiro

1.1. Chegada

Apesar da mudança do nome da via de Rua dos Imigrantes para Rua José Paulino, os imigrantes continuaram chegando. As personagens estudadas começaram a desembarcar na Estação da Luz a partir de 1923, tendo a maioria chegado entre os anos de 1928 e 1932.

Trata-se de imigrantes judeus provenientes de países do leste europeu, como Polônia, Rússia e Lituânia. Pertenciam ao grupo cultural ashkenazi e falavam ídiche. Esses imigrantes vinham com o intuito de escapar da combinação de três adversidades presentes em seus países de origem: a crise econômica, influenciada pelo contexto mundial desfavorável em decorrência da quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929; o antissemitismo crescente na Europa; e, por vezes, as perseguições de cunho político direcionadas principalmente a ativistas políticos do campo progressista.

Ademais, eram atraídos pelas informações de que o Brasil do final da década de 1920 e início da de 1930 era um país relativamente fácil de entrar e que, inclusive, incentivava a imigração europeia a fim de aumentar sua mão de obra operária e catalisar seu processo recente de industrialização interna⁴.

Muitos imigrantes europeus possuíam como destino preferencial a América do Norte. No entanto, a partir de 1924, os Estados

4. Informação retirada do depoimento de Hugueta Sendacz, cedido à autora em 19 de dezembro de 2016. Era essa a ideia que seu pai Abram Rajnsztajn tinha a respeito do Brasil antes de chegar.

Unidos da América passaram a exigir uma carta de chamada. O imigrante que desejasse migrar precisaria de um documento que comprovasse a existência prévia de um parente já estabelecido no país. Assim, o destino mais comum a partir de 1924 passou a ser a América Latina, onde a carta de chamada ainda não era exigida. Os navios paravam em várias cidades portuárias, e muitos imigrantes desembarcavam em Recife, no Rio de Janeiro ou em Buenos Aires⁵.

Aqueles que desembarcavam no porto da cidade de Santos pegavam o trem até São Paulo, onde desciam na Estação da Luz, localizada em frente ao Jardim da Luz e muito próxima da José Paulino.

São alguns desses imigrantes que posteriormente irão abrir confecções importantes para a história da José Paulino. A análise dos eventos históricos confrontada com suas trajetórias, que tomadas em conjunto revelam padrões de inserção na rua, no bairro e na cidade, auxilia no entendimento de aspectos das transformações pelas quais passou esta via.

Proveniente da cidade de Kowel, então Polônia e atualmente Ucrânia, Salomão Zeiger⁶ chegou no Brasil em 1923. Sem condições financeiras de arcar com as passagens de todos os membros da família, veio sozinho. Após três anos de trabalho,

5. Informações retiradas dos depoimentos de Hugueta Sendacz (concedido à autora em 19 de dezembro de 2016); Salomão Tremielina (Fonte: Núcleo de História oral do Centro de Memória do Museu Judaico) e Sergio Zeiger (concedido à autora em 24 de abril de 2017).

6. As informações referentes à trajetória da família Zeiger foram retiradas do depoimento que Sergio Zeiger concedeu à autora em 24 de abril de 2017.

conseguiu trazer a esposa Felga e os filhos David, Chaim e Malka em 1926. Salomão e a família cogitaram migrar para os Estados Unidos e até conseguiram uma carta de chamada feita por um irmão que lá residia, no entanto a família acabou vindo ao Brasil [Figuras 1.1 e 1.2].

Em 1925, chegou Jacob Fridman vindo de Varsóvia, capital da Polônia⁷. Ele se estabeleceu primeiramente no Rio de Janeiro e conseguiu trazer a esposa Maria e os filhos Sarah, Carlos e Isaac em 1929. No entanto, a família só iria se estabelecer no Bom Retiro e abrir uma pequena fábrica de roupas brancas (artigos de cama, mesa e banho) em 1935.

O ano seguinte é o da chegada da família Rajnsztajn⁸ (o casal Abram e Pola e sua filha Hugueta com então dois anos de idade) e de Alexandre Suchodolski⁹, todos também poloneses. Logo em 1927 é a vez de Fawel Slomka, natural de Varsóvia, desembarcar no Brasil aos vinte e oito anos de idade. No ano seguinte ele conseguiria trazer sua esposa, Sara Slomka¹⁰.

7. As informações referentes à trajetória da família Fridman foram retiradas do depoimento que Sarah Fridman concedeu à autora e a Amanda Vieira em 7 de abril de 2017.

8. As informações referentes às trajetórias das famílias Rajnsztajn e Sendacz foram retiradas do depoimento que Hugueta Sendacz concedeu à autora em 19 de dezembro de 2016.

9. As informações referentes à trajetória de Alexandre Suchodolski foram retiradas do depoimento que Beno Suchodolski concedeu à autora em 28 de junho de 2017.

10. As informações referentes à trajetória da família Slomka foram retiradas do depoimento que Yolanda Slomka concedeu à autora em 28 de março de 2017.

Em um mesmo navio, chegaram Godel Kon¹¹ e o casal Majer e Helena Okret¹² em 1929. No ano seguinte, Godel conseguiu juntar o dinheiro suficiente para trazer a esposa, também chamada Sara. Tal qual os Rajnsztajn, os casais Kon e Okret são proveniente de Lodz, segunda maior cidade da Polônia e conhecida por ser o centro industrial têxtil do país (chamada por alguns de “a Manchester do continente”). Lá, Godel Kon, Majer Okret e Abram Rajsztajn eram operários na indústria têxtil e ativistas políticos dentro do campo de esquerda, tendo atuado constantemente em seus respectivos sindicatos.

No final dessa década, chegaram Simão Neumark¹³, polonês, e o casal Icek e Clara Hepner¹⁴, ele natural da Polônia, ela da Lituânia. Já em 1930, desembarcou aqui Salomão Trezmielinã¹⁵ e José Sendacz, ambos oriundos de Varsóvia. O casal Lustig¹⁶

11. As informações referentes à trajetória da família Kon foram retiradas dos depoimentos que João Kon e Anita Kon concederam à autora em 13 de fevereiro de 2017. Também foi utilizada como fonte a auto-biografia escrita por Godel Kon, Percurso do biso Godel.

12. As informações referentes à trajetória da família Okret foram retiradas dos depoimentos que Anita Kon e Dora Okret concederam à autora em 13 de fevereiro de 2017 e em 20 de março de 2017, respectivamente.

13. As informações referentes à trajetória da família Neumark foram retiradas do depoimento que Isaac Neumark concedeu à autora em 17 de março de 2017.

14. As informações referentes à trajetória do casal Hepner foram retiradas do depoimento que Etejane Hepner concedeu à autora em 24 de março de 2017.

15. As informações referentes às trajetórias de Salomão e Yenta Trezmielina foram retiradas de dois depoimento de Salomão concedidos a Eliane Kalmus e Paulina Faiguemboin, realizados em 16 de junho de 1994 e 10 de setembro de 1994. Fonte: Núcleo de História Oral do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

16. As informações referentes à trajetória do casal Lustig foram retiradas do depoimento que Luís Lustig (filho do casal) concedeu à autora em 26 de janeiro de 2017.

(Chaim e Ruth), proveniente da cidade polonesa Nowy Sacz, chegou, por sua vez, em 1932.

No início da década de 1930 chegaram ao Brasil Jaime Feldman, nascido na Rússia¹⁷, e Motula Lancman¹⁸, imigrante polonês da cidade de Czestochowa, que veio com os pais com aproximadamente dois anos de idade. Fajga Feldman, que no Brasil passou a ser chamada de Fanny, chegou no final da década de 1930, pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Esse conjunto de imigrantes são alguns dos muitos que estavam chegando nessa época. E o que viam esses imigrantes ao chegarem? Quais seriam as paisagens que encontraram na José Paulino dos anos 1920 e 1930?

Guilherme de Almeida (1890-1969) dá pistas a respeito ao fazer um retrato da José Paulino em Cosmópolis, livro lançado em 1929 que reúne oito reportagens em estilo de crônica do escritor modernista natural de Campinas. Em uma das crônicas, chamada sugestivamente de O Ghetto, o narrador descreve sua perambulação pela José Paulino na hora da volta dos trabalhadores às suas casas após o expediente (final da tarde, início da noite). A leitura de trechos da crônica permite termos uma ideia do que esses imigrantes encontravam ao percorrer a

17. As informações referentes à trajetória do casal Feldman foram retiradas dos depoimentos que as filhas do casal Sarah e Bela concederam à autora em 08 de fevereiro de 2017 e em 17 de abril de 2017, respectivamente.

18. As informações referentes à trajetória de Motula Lancman foram retiradas do depoimento que Anselmo Lancman concedeu à autora em 27 de março de 2017.

José Paulino pela primeira vez:

Quando a nuvem suja se esgarçou toda, puxada por um vento quente e horizontal, já começava a tremer, na tarde escura, o filme da Rua José Paulino. Baixa, comprida e cheia. De todos os lados, casas de roupas feitas, casas de móveis e pelerias. Como eu venho do centro, os seres que rodam pelas calçadas, de volta do trabalho, e que vão no mesmo sentido em que vou, não têm caras para mim: têm só costas.

(ALMEIDA, 1929)

Baixa, comprida e cheia: Guilherme de Almeida, no final da década de 20, descreve uma José Paulino já ocupada pela atividade comercial. O fato do narrador não ver rostos, apenas costas, mostra que o movimento de pedestres seguia na direção centro-bairro. Ou seja, o fluxo seria provavelmente composto de cidadãos que trabalhavam no centro tradicional e moravam no Bom Retiro, possivelmente na parte baixa do bairro, mais próxima da várzea do rio, mais afastada do centro e, portanto, menos valorizada imobiliariamente, o que permitia a existência de terrenos maiores para habitação (dinâmica do bairro que se manteve). Ele não destaca apenas as casas de roupas feitas e as pelerias, mas também as casas de móveis, que para terem sido citadas deviam também existir em número expressivo nesse período, o que condiz com os achados da pesquisa documental dos anúncios de estabelecimentos localizados na José Paulino entre 1928 e 1945.

Dois anúncios retirados da mesma edição de 14 de dezembro de 1933 do periódico O Homem Livre informam que, no ano de 1933, funcionavam simultaneamente na mesma construção uma malharia e uma casa de móveis e tapeçaria, que possuíam entradas independentes (80 e 80-A). Deveriam ser negócios pequenos, com poucos funcionários, pois as estruturas de produção cabiam em salas [Figuras 1.3 e 1.4]. Posteriormente, as casas de móveis foram cedendo lugar à abertura de novas confecções no processo de especialização têxtil da rua.

A ilustração presente na primeira página do conto sugere qual seria a visão do narrador durante o percurso que faz pela José Paulino. A figura principal remete à silhueta de um judeu ortodoxo, o que não condiz com o perfil das personagens da comunidade judaica estudadas neste trabalho, a maioria delas com uma conexão judaica muito mais apoiada na cultura e tradição do que apenas na religiosidade. Apesar da ilustração e o título demonstrarem uma visão estereotipada do imigrante judeu, que faz referência à comunidade como um bloco homogêneo e segregado, foi a partir da crônica que houve a indicação de uma situação inicial da ocupação comercial da José Paulino, conforme apontada acima [Figuras 1.5 e 1.6].

A localização, proximidade e relação com aparatos urbanos e outras partes da cidade compõem a chave para entendermos o porquê de sua ocupação ser tão densa e comercialmente ativa desde o final da década de 1920. O transporte público sempre presente (seja o bonde a tração animal, o bonde elétrico, as posteriores linhas de ônibus e a proximidade da ferrovia) também é de fundamental importância na garantia do acesso a rua por parte dos representantes e clientes de suas lojas e confecções.

5. That the following relatives at present residing at Kowal: ulica Jaska #122, miasto Polymak desire to come to the United States because to join me. **POLAND** Poland, and that he will maintain them in the United States, if necessary, until such time as they may become self-supporting:

NAME	SEX	AGE	DATE AND PLACE OF BIRTH	RELATIONSHIP TO DEPENDENT
Schaja Leib Zeiger	male	35 yrs	1898, in Kowal, Poland	my brother.
Felga Anna	female	30	1898, " " " "	my sister-in-law
David	male	6 "	1917, " " " "	my nephew.
Chaim	"	3 "	1920, " " " "	" "
Malke	female	1 "	1922, " " " "	" niece.

1. Mentally and physically. 702

Figura 1.1. Carta de chamada elaborada pelo irmão de Salomão Zeiger em 1923. Fonte: acervo pessoal Sergio Zeiger.



Figura 1.2. Retrato de Felga e Salomão Zeiger tirado quando a família ainda residia na Polônia. Imagem sem data (anterior a 1923). Fonte: acervo pessoal Sergio Zeiger.



Figura 1.3. Anúncio da Loja de Móveis e Tapeçaria Comisra Sociedade Ltda. Periódico O Homem Livre. Edição 14 de dezembro de 1933. Página 27. Disponível em: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/5533/o-homem-livre-1933-0017.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em 18.01.2017.

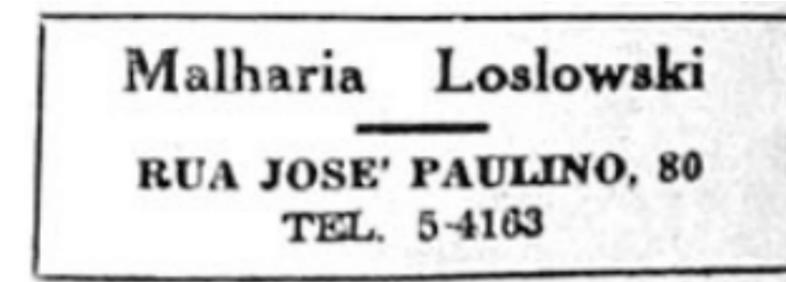
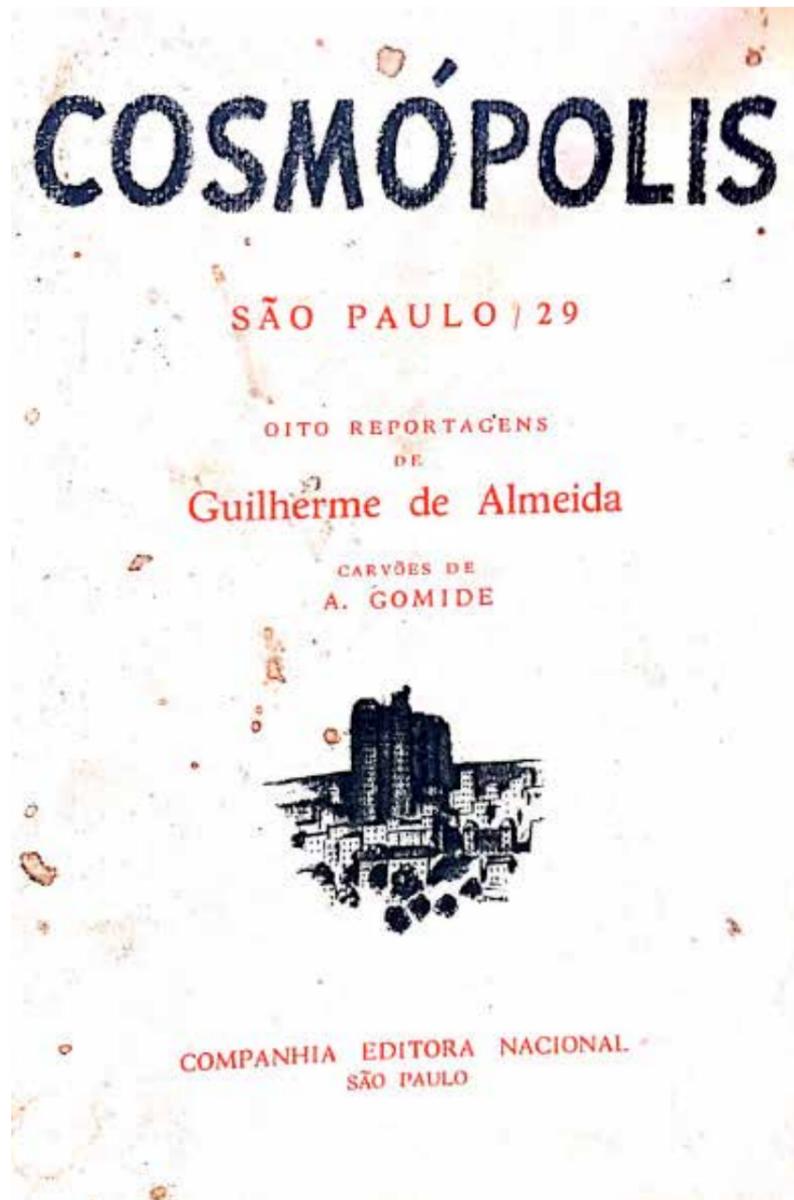


Figura 1.4. Anúncio Malharia Loslowski. Periódico O Homem Livre. Edição 14 de dezembro de 1933. Página 27. Disponível em: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/5533/o-homem-livre-1933-0017.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em 18.01.2017.

Figura 1.5 (próxima página). Capa do livro Cosmópolis, de Guilherme de Almeida, publicado pela primeira vez em 1929 pela Companhia Editora Nacional.

Figura 1.6 (próxima página). Primeira página do conto O Ghetto, com ilustração em carvão de A. Gomide.



Q

UARTA-FEIRA DE TREVAS.

Senti súbitamente essa verdade de calendário litúrgico quando o automóvel atravessou uma nuvem suja, quase compacta, que subia dos trilhos para a ponte de ferro marrom da Estação da Luz. Treva: uma treva amarelada, com um cheiro forte de carvão-de-pedra, e tôda cortada de apitos, escapou dos dois lados da ponte, enovelou-se no ar, caiu na rua e asfixiou o carro.

Quando a nuvem suja se esgarçou tôda, puxada por um vento quente e horizontal, já

1.2. Primeiras instalações e incursões profissionais

Ao desembarcarem na Estação da Luz, os imigrantes que são foco deste estudo se instalavam no próprio bairro do Bom Retiro devido à proximidade da estação e ao apoio que recebiam por parte da comunidade judaica que já havia se formado anteriormente e de instituições como a EZRA¹⁹. As famílias mudavam de acomodação à medida que progrediam profissionalmente no mercado têxtil. A associação entre moradia e trabalho e a frequente utilização do mesmo imóvel para as duas funções são características do início da vida desses imigrantes no Bom Retiro e na José Paulino.

As primeiras acomodações eram de caráter provisório e consistiam em aluguéis de quartos em residências familiares ou pensões. Os proprietários dessas casas e pensões eram em sua maioria integrantes da comunidade italiana que já haviam se estabelecido no Bom Retiro a partir do final do século XIX e início do XX²⁰.

19. A EZRA, originalmente Sociedade Beneficente Amigos dos Pobres EZRA, foi fundada em 1916 e tinha por objetivo auxiliar os integrantes da comunidade judaica recém-chegados ao Brasil. Em 1924, a EZRA, cuja sede localizava-se na Rua Amazonas, no Bom Retiro, fundiu-se com a Sociedade Pró-Imigrante, tornando-se Sociedade Beneficente Israelita EZRA. Em 1976, a EZRA fundiu-se a outras duas entidades assistenciais da comunidade judaica e o conjunto passou a ser chamado de Unibes. Disponível em: <<http://unibes.org.br/index.php/sobre-a-unibes/>>. Acesso em 27.09.2017.

20. Segundo Sarah Feldman, entre 1870 e 1890, os portugueses constituíam maioria entre os estrangeiros residentes do Bom Retiro. Entre 1900 e 1940 a maioria numérica passou a ser representada pela comunidade italiana (FELDMAN, 2013).

Já as primeiras incursões profissionais eram como mascate (vendedor ambulante de roupas prontas) ou como profissional assalariado da indústria têxtil. A ocupação de mascate era uma boa alternativa de inserção profissional para os imigrantes da época²¹. Ela costumava ser altamente lucrativa, pois exigia pouco capital inicial de investimento, uma vez que nem um espaço físico era necessário para a realização do trabalho. Ao mesmo tempo, a atividade supria uma demanda cada vez mais crescente de roupas prontas por parte dos habitantes de cidades em processos vertiginosos de metropolização, como é o caso da São Paulo das décadas de 1920 e 1930. Os estrangeiros aqui estudados fazem parte de apenas um dos muitos grupos de imigrantes que chegavam a São Paulo nesse momento, no qual a sociedade paulistana estava se tornando mais complexa, com o surgimento de novas camadas urbanas e intermediárias, que por sua vez compunham um mercado consumidor fértil para os produtos comercializados pelos clientelistas. Tal processo acelerado de desenvolvimento levará à consolidação da cidade como o maior pólo industrial, comercial e de serviços do país nos anos de 1940 (LESSER, 2003).

A atividade de mascate já havia sido inserida no Brasil por outra comunidade estrangeira, a sírio-libanesa, cujas primeiras levas de imigração para o Brasil datam do século XIX. Apesar de atuarem em outro contexto, os sírios libaneses também

21. Em diversos depoimentos concedidos à autora, o termo mascate é substituído por "clientelchik", designação em iídiche dada pelos imigrantes judeus a essa ocupação. A palavra pode ser livremente traduzida por "clientelista", termo que faz referência à interação constante que este tipo de vendedor mantém com os clientes, seja abordando-os diretamente no espaço público da rua ou chamando-os em suas casas.

encontraram um cenário fértil para a venda ambulante com o aumento do mercado consumidor após o fim do regime de escravidão. Atraídos pela velocidade do crescimento industrial paulista, chegaram a São Paulo no final do século XIX, montaram oficinas e passaram a vender roupas, tecidos e quinquilharias pelas ruas (MALERONKA, 2007). Em meados do século XX, já tinham adquirido capital suficiente para a abertura de negócios fixos como lojas e outros estabelecimentos comerciais, deixando espaço para a comunidade judaica assumir o ramo da venda de porta em porta. Dos sírios libaneses, os judeus pegaram o costume de andar em duplas: o mascate mais experiente ajudava o colega iniciante, tanto em relação às práticas de venda e abordagem dos clientes, como no aprendizado do português (LESSER, 2003).

Por vezes, os mascates acumulavam bastante mercadoria a ser vendida e se utilizavam de pequenas carroças para transportá-las. Em imagem da José Paulino da década de 1940, é possível também verificar o paralelepípedo da via e as características do estabelecimento logo atrás das figuras humanas, indicando qual era a feição do comércio praticado então na rua. Trata-se provavelmente de uma construção sendo utilizada de forma mista: a porta à esquerda dá acesso à escada para o andar superior, onde provavelmente morava uma família. O térreo tem duas aberturas generosas para a rua, de onde se pode enxergar as mercadorias expostas na loja: utensílios domésticos, caixas, latas e lampiões. Imediatamente atrás do chapéu do mascate é possível enxergar cartazes de propaganda, provavelmente de mercadorias comercializadas na loja [Figuras 1.7 e 1.8].

A Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, instituição

fundada em 1928 por integrantes da comunidade e para a comunidade, auxiliava o imigrante judeu que se propunha a trabalhar de mascate. Seu objetivo principal era criar condições, ou pelo menos dar o primeiro impulso, para que o estrangeiro pobre conseguisse uma atividade profissional que lhe proporcionasse uma forma de sobreviver com o seu próprio trabalho. Ela concedia pequenos empréstimos a juros muito baixos e é um clássico exemplo de como as redes sociais de imigrantes da mesma etnia são cruciais para a inserção social dos mesmos no país para o qual se transferiram. A lei brasileira da época determinava que o sujeito que desejasse se associar a qualquer cooperativa teria que adquirir ele próprio cotas iniciais antes de estar apto a receber seu primeiro empréstimo. No entanto, a Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro frequentemente infringia tal norma e concedia empréstimos cujas cotas iniciais correspondentes só eram pagas mediante os primeiros retornos financeiros do imigrante recém-associado. Assim, burlando a lei vigente, a Cooperativa promoveu o enriquecimento progressivo da coletividade judaica como um todo, criando as condições para os investimentos individuais iniciais por meio da circulação do capital coletivo (MACEDO, 2005).

De posse do empréstimo, o mascate adquiria mercadorias de um imigrante já estabelecido com sua própria confecção ou loja, sendo esse imigrante um conterrâneo do mascate ou um sírio libanês. Com as mercadorias em mãos, os vendedores ambulantes saíam pelo bairro abordando os transeuntes nas ruas e praças, batendo de porta em porta ou, ainda, embarcando em trens na Estação da Luz que os levavam para bairros mais distantes do

centro ou até a cidades do interior do Estado de São Paulo. Os mascates vendiam não só roupas, mas por vezes também panos diversos (mantas, toalhas, etc.) e utensílios domésticos, itens que configuram demandas típicas de uma sociedade em processo de industrialização.

A José Paulino tinha dupla função para os mascates. Além de servir como local de trabalho em si, na medida em que tanto o espaço público da via quanto as residências que ainda nela existiam eram locais propícios para a abordagem de clientes, os vendedores ambulantes se abasteciam com mercadorias adquiridas nas lojas ali presentes. O anúncio de 1941 da Pensão Dleizer sugere, através dos dizeres “bons quartos para viajantes”, que seu público alvo era justamente os mascates que faziam compras na José Paulino para depois revender os artigos adquiridos em viagens por pequenas cidades do interior paulista [Figura 1.9]. Outro ambiente propício para a atividade de venda ambulante era o Jardim da Luz, importante centro de sociabilidade no Bom Retiro das décadas de 1920, 1930 e 1940. Lá, além de verem e serem vistos, mascates se conheciam e trocavam mercadorias e informações sobre clientelas e praças.

Do escopo de imigrantes estudados neste trabalho, trabalharam como mascates no início de sua carreira profissional no Brasil Salomão Zeiger, Godel Kon, Majer Okret, Simão Neumark e Salomão Trezmielina.

Salomão Zeiger era proprietário de uma oficina de alfaiataria em Kowel [Figura 1.10]. Apesar do know-how específico de alfaiate, ele não conseguiu exercer a profissão logo ao chegar, precisando

trabalhar de mascate durante aproximadamente sete anos, até acumular quantidade de recursos financeiros suficiente para abrir sua própria oficina de alfaiataria no começo da década de 1930, no número cinquenta e dois da José Paulino. Nesse endereço, tendo seu primogênito David como ajudante, Salomão passou a incluir a fabricação de capas e sobretudos aos ternos sob medida que já produzia, em um movimento de diversificação da produção aliada à manutenção de seu caráter artesanal [Figura 1.11]. Na caderneta de estudante de David da Escola de Comércio Tiradentes, de 1934, consta como endereço do aluno o mesmo número cinquenta e dois da José Paulino, evidenciando que, também no caso dos Zeiger, o primeiro estabelecimento na José Paulino congregava moradia e local trabalho [Figura 1.12]. A alfaiataria de Salomão também ocupou o número noventa e um da José Paulino, informação atestada por um carimbo sem data [Figura 1.13]. São várias as oficinas e confecções estudadas que ocuparam mais de um endereço na José Paulino, o que indica intensa mobilidade provavelmente estimulada por dinâmicas imobiliárias de negociações, despejos, reformas e demolições constantes. Os estabelecimentos mudavam de lote, mas permaneciam na rua, uma vez que a mesma encontrava-se já em processo de valorização enquanto ponto comercial.

Godel Kon iniciou sua vida de mascate enquanto ainda alugava um quarto em uma residência familiar na Rua dos Italianos, sua primeira acomodação ao chegar no Brasil. Passou a vender sapatos que adquiria de um judeu proprietário de uma fábrica do artefato. Após ter ciência de que na Rua Vinte e Cinco de Março árabes proprietários de lojas de calçados vendiam produtos com pequenos defeitos a preços irrisórios, Godel comprou vários

pares através de um empréstimo que obtivera com um amigo e foi travar contato com Abram Rajnsztajn, à época já estabelecido com sua pequena fábrica de bonés. Godel então trocou de produto e começou a vender bonés de porta em porta, uma mercadoria mais leve e mais fácil de carregar do que calçados, ao mesmo tempo que garantia lucro semelhante. O dinheiro obtido com a venda de bonés o permitiu sair do quarto alugado e mudar para uma casa em uma vila operária, também no Bom Retiro.

Amigo próximo de Godel Kon, Majer Okret começou sua vida profissional vendendo camisas, calças e cintos masculinos de porta em porta e em viagens para o interior do Estado de São Paulo. Em 1939, ele e sua esposa Helena moravam em um apartamento em um pequeno edifício misto de dois andares na esquina da José Paulino com a Carmo Cintra, com unidades de moradia no pavimento superior e lotes comerciais no térreo. Em aproximadamente 1943, Majer adquiriu capital suficiente para abrir sua própria confecção de roupas masculinas, a Majer Chil Okret – Tecidos e Roupas Feitas por Atacado. A produção era direcionada aos trabalhadores masculinos das indústrias paulistas da época, e os principais itens produzidos eram o avental estilo guarda-pó, o jaleco, o macacão de brim e as calças e camisas masculinas. Majer era responsável pela compra de tecido e pela produção, enquanto Helena cuidava das vendas. O casal Okret abriu sua confecção quando adquiriu condições de se mudar do apartamento para uma casa térrea localizada no número 349 da José Paulino. No lote comprido e estreito onde eram inquilinos, funcionava uma pequena loja na frente, uma fabriqueta na sequência e a residência da família nos fundos.

Simão Neumark trabalhava como mascate em uma praça fixa, a cidade de Santos. Ele vinha a São Paulo regularmente, se abastecia de mercadorias na José Paulino e então retornava a Santos para revendê-las. Uma das confecções que frequentava era a de Elza Kunis, imigrante polonesa que havia aberto uma pequena fábrica de sutiãs após o falecimento precoce do marido, proprietário de uma fábrica de bolsas. Além de fornecer sutiãs para grandes magazines como Lojas Americanas, Elza também fornecia o artigo para vendedores ambulantes como Simão. Sua confecção ficava localizada na Rua José Paulino, no lado ímpar da segunda quadra, entre as ruas Carmo Cintra e Silva Pinto. Nela trabalhavam seus filhos, entre eles Helena Kunis, com quem Simão se casou no final da década de 1930. O casal se mudou para o Paraná, onde Simão manteve o ofício de mascate até 1945, quando retornaram para a capital paulista.

Salomão Trezmielina trabalhou primeiro como assalariado e depois como mascate. Ele havia aprendido o ofício da costura ainda adolescente em Varsóvia, tendo se especializado na fabricação de manteaux e tailleurs, o que lhe proporcionou, através da intermediação de Moisés Perla (conterrâneo e proprietário da Tapeçaria Paratodos, localizada no número 649/655 da José Paulino), um emprego na fábrica de manteaux, tailleurs e vestidos Gandelman & Lemberger Ltda, com sede no número 168 da José Paulino. O emprego não durou muito tempo, e após sua saída, Salomão arranhou uma máquina de costura e alugou um quarto em uma pensão na Rua Itabocas (atual Professor Cesare Lombroso). Lá, começou uma tímida produção própria de casacos femininos e conheceu Yenta, irmã do proprietário do imóvel, com quem se casou pouco tempo depois. Além de

proprietário do imóvel, o irmão de Yenta trabalhava como mascate e, provavelmente querendo incentivar o cunhado a se tornar mascate (por essa atividade, apesar de mais desgastante, costumar ser mais lucrativa que a de costureiro contratado), levou-o para viajar em sua companhia para o interior do Estado com o objetivo de mostrar como era a prática de vender roupas brancas para senhoras pelas ruas.

Apesar da popularização do comércio prestamista a domicílio, por vezes a experiência no ramo têxtil adquirida pelo imigrante em seu país de origem o possibilitava pular essa etapa e se inserir no mercado de maneira mais qualificada, como é o caso de Abram Rajnsztajn. Seu núcleo familiar, composto pelo mesmo, pela esposa Pola e pela filha Hugueta, passou por diversos endereços nas proximidades da José Paulino até se estabelecer no número 451 da rua.

Ao chegarem, em 1929, os Rajnsztajn ficaram hospedados em uma pensão na Rua Três Rios; em 1931 foram morar como inquilinos de uma casa dentro de uma vila operária na Rua Correia de Melo; depois passaram para inquilinos em uma casa na Rua Itabocas. Até este momento, Abram trabalhava como operário em uma fábrica de bonés. Por ter um know-how específico relacionado à manufatura desse item e ter sido proprietário de uma pequena fábrica do mesmo artefato em sua cidade de origem, Abram conseguiu um emprego assalariado em uma empresa brasileira fabricante de bonés logo ao chegar. Ou seja, passou de pequeno industrial em seu país de origem para proletário no país de destino. Após trabalhar cerca de três anos nessa empresa, em 1932, Abram conseguiu juntar capital suficiente para abrir uma

pequena confecção de artigos masculinos (calças, camisas e cuecas samba-canção), a Rajnszil. Simultaneamente, a família Rajnsztajn alugou o andar térreo do sobrado de número 350 da José Paulino, no qual instalaram a confecção na parte da frente e a residência nos fundos. Ou seja, quando Abram deixou de ser operário, a família mudou-se, pois surgiu a exigência de mais espaço para abrigar a pequena confecção que nascia ao mesmo tempo em que ele adquiria condições de arcar com um aluguel mais alto.

Os inícios de trajetórias descritos não devem ser interpretados como excepcionais, e sim como típicos, revelando um padrão de sequências no começo das vidas das famílias imigrantes judias que moraram e trabalharam na José Paulino. O emprego inicial de mascate ou operário assalariado permitia a primeira acumulação de capital, que servia a um propósito triplo: deixar de ser mascate ou empregado; abrir uma pequena oficina de roupas prontas, uma alfaiataria ou uma fabriqueta especializada na produção de um artigo único; e alugar um espaço na José Paulino ou em uma de suas ruas transversais que servisse de abrigo para a instalação da oficina e da moradia da família. Ou seja, a mudança na condição habitacional ocorria mediante a evolução no campo do trabalho. No entanto, para as famílias que conseguiram se estabelecer de imediato com uma oficina própria, a condição de usar o mesmo lote para moradia e residência em um imóvel alugado também configura uma constante. Os núcleos Slomka, Hepner e Fridman confirmam tal tendência.

No Brasil, o casal Slomka, desde o início, trabalhou na fabricação própria de manteaux femininos (em Varsóvia, Fawel Slomka

trabalhava como alfaiate e Sara Slomka como costureira). O primeiro endereço ocupado por eles na José Paulino foi uma casa no número oitenta e dois, na qual eram inquilinos. Nela, a família morou e estabeleceu sua oficina de produção de casacos. O corte do tecido era uma tarefa realizada por Fawel no período noturno²² e a costura era realizada por Sara no período diurno. O imóvel não comportava espaço comercial e a venda do produto era realizada por mascates também judeus, provavelmente recém-chegados ao Brasil.

A dupla Icek e Clara Hepner, por sua vez, possuía desde o início da década de 1930 uma pequena fábrica de camisas masculinas em uma casa na Rua Carmo Cintra, transversal da José Paulino e a pouquíssimos metros da mesma. Nessa casa, na qual eram inquilinos, também funcionava a residência do casal e de sua filha Etejane.

Também no início da década de 1930, Jacob Fridman e sua família se instalaram, como inquilinos, em uma casa no número sessenta e oito da Rua Cônego Martins, uma via de uma quadra apenas, a primeira transversal no lado ímpar da José Paulino. No imóvel, a família instalou sua moradia e Jacob colocou sua fábrica de roupas brancas e bordados para funcionar. Jacob Fridman também produzia mosqueteiros (ofício que aprendeu em sua estada prévia no Rio de Janeiro) e bordados artísticos, que exigiam maquinário específico [Figura 1.14].

22. A etapa de corte do tecido era costumeiramente realizada a noite como consta em vários depoimentos que descrevem o funcionamento das confecções da José Paulino. Provavelmente isso se deve ao fato de que as pessoas aproveitavam o dia para exercer outras atividades da confecção que exigiam interações comerciais com terceiros, como compra de tecido, contratação de costureiras terceirizadas, acertos de encomendas, despacho dos produtos etc.

Alexandre Suchodolski teve um início de vida profissional bem diferente dos outros imigrantes estudados. Em 1930, retornou ao Brasil após passar quatro anos em Buenos Aires, onde cursou uma escola técnica especializada em processos têxteis. De volta a São Paulo, ele hospedou-se na residência de uma senhora no Bom Retiro que alugava quartos em sua casa, prática bastante comum na época. Lá ele permaneceu cerca de seis meses se recuperando de uma cirurgia no apêndice. Alexandre aproveitou a estadia para aperfeiçoar seu português e desenvolveu amizade com o filho da proprietária da casa, um rapaz da mesma idade.

As histórias contadas neste item mostram que a soma das iniciativas privadas de cada família, que almejavam estabilidade financeira através da abertura do negócio próprio, acabaram por conformar uma rede de pequenas oficinas e fábricas na José Paulino e arredores, estabelecendo o primeiro passo na especialização têxtil da região. Nas pequenas oficinas familiares as mercadorias tinham que possuir um selo específico para consumo, que fazia as vezes do imposto. Existiam fiscais que faziam checagens e no caso de encontrarem mercadorias sem selo, o estabelecimento era multado²³.

23. Informação proveniente do depoimento de Sarah Fridman.



Figura 1.7. Três jovens homens mascates. A primeira imagem à esquerda data de 1928 e as demais são da década de 1930, sem especificação de ano. Como local onde foram tiradas consta apenas "Bom Retiro", porém as imagens do meio e da esquerda provavelmente foram tiradas no Jardim da Luz. Fonte: Hemeroteca do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 1.8. Mascate e seu ajudante rodeados de crianças na Rua José Paulino. Década de 1940, sem especificação de ano. Fonte: Hemeroteca do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

PENSÃO DLEIZER
 Restaurante de primeira
 Higiénicos e saborosos pratos israelitas
 Almoço e jantar:
 com galinha 3\$500
 sem galinha 3\$000
 Bons quartos para viajantes. — Entregam-se marmitas a domicilio
 R. José Paulino, 386 sob.
 Tel. 4.1324 — São Paulo
 (8-7 — 8-8)



Figura 1.10 (acima). Etiqueta da oficina de alfaiataria de Salomão Zeiger na Polônia (fabricação de ternos sob medida). Sem data (anterior a 1923, ano de chegada de Salomão ao Brasil). Fonte: acervo pessoal Sergio Zeiger.

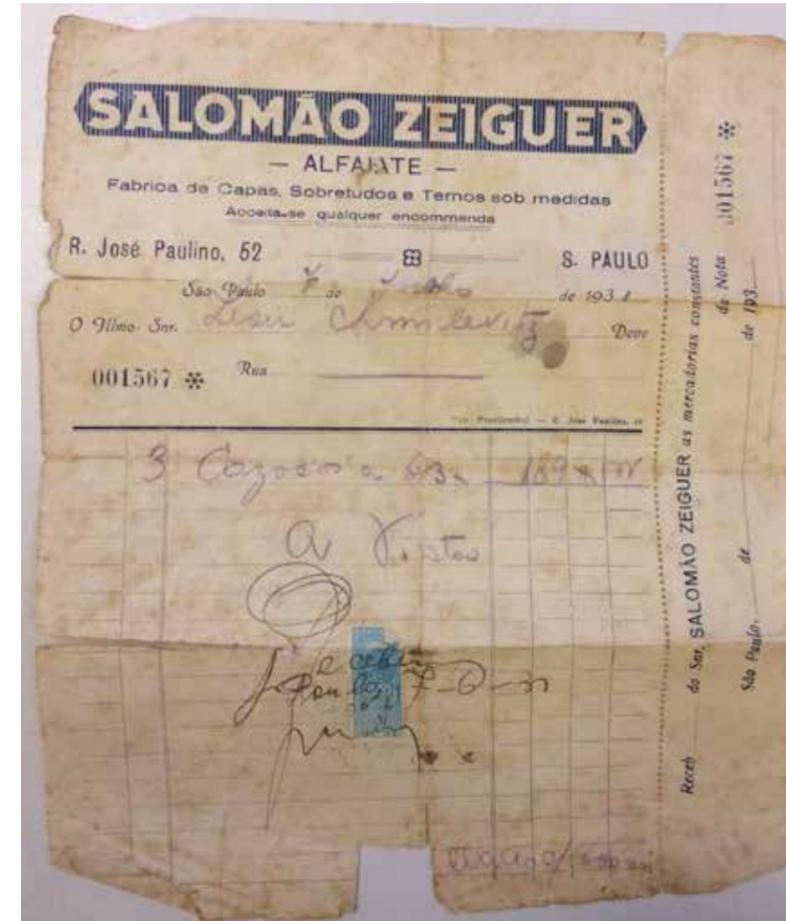


Figura 1.11. Recibo do alfaiate Salomão Zeiger de 7 de julho de 1931. Fonte: acervo pessoal Sergio Zeiger.



Figura 1.12. Caderneta de estudante de David Zeiger da Escola de Comércio Tiradentes de 27 de março de 1934. Fonte: acervo pessoal Sergio Zeiger.

Figura 1.9 (ao lado). Anúncio Pensão Dleizer. Periódico A Gazeta Israelita de São Paulo. Edição 27 de novembro de 1938. Página 5. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 1.13. Carimbo sem data da Fábrica de Capas e Ternos sob medida de Salomão Zeiger. Fonte: acervo pessoal Sergio Zeiger.



Figura 1.14. Recibo da Grande Fábrica de Roupas Brancas de Jacob Fridman de 29 de setembro de 1944. Fonte: acervo pessoal Sarah Fridman.

1.3. 1932

Em 1932, ocorreu no Estado de São Paulo o conflito armado conhecido como Revolução Constitucionalista de 1932 ou Revolta de 1932. Nele, setores da elite paulista se organizaram para reivindicar a elaboração de uma nova Constituição e a convocação de eleições por parte do Governo Federal, à época presidido por Getúlio Vargas (HILTON,1982).

A despeito de ter se iniciado dentro de círculos elitistas, o movimento de 1932 obteve expressivo apoio e mobilização popular através de intensa campanha de adesão via jornais e rádio. As forças paulistas contavam com mais de duzentos mil voluntários, sendo aproximadamente sessenta mil deles combatentes. Por outro lado, a situação paulista era bastante desfavorável na medida em que o porto de Santos fora bloqueado, ficando assim a população sem insumos básicos e as tropas sem reabastecimento de recursos militares. A atuação da população e da indústria paulista eram, dessa maneira, da maior importância e o momento foi influente na reestruturação dos mercados internos, tanto produtor como consumidor, de São Paulo. Um dos setores onde se viu maior envolvimento na campanha militar foi o da confecção dos uniformes utilizados pelo exército constitucionalista, e quem fabricava roupas teve nesse momento uma oportunidade de alavancar sua produção.

O conflito ocorreu no momento em que as famílias de imigrantes judeus que já haviam chegado havia poucos anos estavam lutando para se estabelecer com suas ainda incipientes oficinas de roupas prontas na José Paulino. As trajetórias de algumas

dessas famílias mostram como o conflito interferiu na dinâmica econômica local, permitindo um salto na ascensão social dessas famílias a partir de um crescimento expressivo de suas oficinas, possibilitado pelas demandas geradas pelo conflito.

Em 1932, Alexandre Suchodolski e seu amigo paulista se alistaram para lutar ao lado das forças paulistas contra o então presidente brasileiro Getúlio Vargas. Como falava alemão, integrantes do exército o alocaram no auxílio da comunicação com fornecedores de armamentos alemães. Alexandre trabalhou como tradutor durante dois meses. Após saberem de sua expertise com o processo de produção têxtil adquirida em sua experiência argentina, Suchodolski foi encarregado de organizar uma fábrica de uniformes para os soldados constitucionalistas. Logo após o término do conflito, Alexandre usou a experiência adquirida no processo seriado de fardas e a redirecionou para a produção de roupas prontas para civis. Ele começou produzindo casacos de lã e em 1936 fundou a Confeccões Modastil em sociedade com Guilherme Krasilchik²⁴, especializada em manteaux e tailleurs²⁵.

24. Guilherme Krasilchik também é imigrante judeu polonês. Além de sócio da Confeccões Modastil, Guilherme desenvolveu uma carreira paralela de profissional liberal como contador e foi presidente da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro. Devido à expertise com as finanças, Guilherme exercia funções mais ligadas à parte administrativa da confecção enquanto Alexandre era mais envolvido nas questões produtivas.

25. Até a primeira metade do século XX, a França foi o país mais influente no Brasil nos campos estético e intelectual. Na área da moda, sua importância é facilmente constatada na frequente utilização de termos franceses para a designação de artefatos do vestuário: manteaux, tailleurs, lingerie, maillots, etc. Manteaux são casacos femininos feitos de lã que possuem modelagem estruturada, bolsos e fechamento frontal com botões. As mangas podem ser compridas ou $\frac{3}{4}$, e o comprimento normalmente vai até o joelho. Tailleurs são conjuntos compostos de terno e saia de mesma cor, tecido e modelagem.

Outra personagem cujo caminho é marcado por 1932 é Godel Kon. Enquanto ainda trabalhava como mascate vendendo bonés, sua esposa Sara chegou da Polônia e foi aprender a confeccionar esse item em oficinas do Bom Retiro, tais quais as de Abram Rajnsztajn, com o intuito de que o casal abrisse posteriormente sua própria oficina do artefato. Com a ajuda de amigos e conterrâneos, Godel e Sara compraram as máquinas e os retalhos necessários para a fabricação dos primeiros bonés e iniciaram sua pequena produção. Godel comprava os tecidos e os cortava, enquanto Sara costurava os bonés, que eram vendidos a lojas da cidade. O que deu impulso para que o casal fizesse a empreitada foi a demanda por bonés que existia em 1932 por parte dos soldados constitucionistas. Além de bonés, o casal também confeccionou cartucheiras de couro para o exército paulista. O capital acumulado com a venda de bonés e cartucheiras para os militares permitiu que o casal desse um salto em sua oficina, aumentando a produção e contratando funcionários, o que acarretou na abertura de uma fábrica de roupas masculinas, a Confecções Kon [Figura 1.16].

Os conflitos armados de 1932 também foram um divisor de águas na trajetória do casal imigrante Salomão e Yenta Trezmielina. Apesar do lucro que havia obtido com a breve experiência de mascate junto ao cunhado em viagens para o interior do Estado, Salomão não estava inclinado para a atividade ambulante, e em 1932 decidiu voltar para São Paulo definitivamente, casar-se com Yenta e abrir seu próprio negócio por conta e risco. O primeiro passo foi adquirir uma máquina de costura usada em uma loja na Avenida Couto Magalhães, no bairro vizinho do Brás. Samuel Eisemberg, integrante da comunidade e dono de uma loja de

panos na José Paulino, forneceu os tecidos para Salomão poder fabricar seus primeiros manteaux. Após seis meses, Yenta e Salomão já possuíam uma pequena oficina onde operavam simultaneamente quatro máquinas de costura, todas da fabricante Singer. Os costureiros que operavam essas máquinas eram Salomão, Yenta e mais dois funcionários contratados pelo casal. Além da costura, Salomão e Yenta cortavam os tecidos à noite, nessa época ainda manualmente. Salomão também era responsável pela parte das vendas e Yenta pela coordenação da produção e pela manutenção da residência do casal. Ou seja, ambos trabalhavam muito e acumulavam várias funções no início da confecção. Em 1932, Salomão se dirigiu à Intendência de roupas para militares e conseguiu que ele e Yenta passassem a ser fornecedores de bonés para os constitucionistas, em uma situação similar a da vivenciada pelo casal Kon. No auge da demanda chegaram a produzir cem bonés por dia. O conflito proporcionou um salto na produção da confecção, que foi batizada de Indústria General Modas.

Em 1932, após se tornarem associados da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, o casal Slomka recebeu uma demanda dos constitucionistas para a fabricação de casacos para os soldados. Tiveram, assim, que produzir uma grande quantidade do artigo em pouco tempo, ritmo de produção que mantiveram mesmo após o fim do conflito. Além do aumento do ritmo de fabricação, o casal Slomka investiu, entre 1932 e 1940, na produção de casacos com mão de obra e matéria primas 100% brasileiras, em uma época na qual os casacos comercializados no Brasil eram em sua grande maioria importados ou feitos, ainda que em solo brasileiro, a partir de matéria prima importada. Com

sua produção interna, o casal Slomka conseguia comercializar os casacos que vendia a um preço menor do que os importados, e o sucesso de público foi grande, tendo sido o negócio batizado de Confecções Oceania [Figuras 1.17 e 1.18].

As trajetórias de Alexandre Suchodolski; Godel e Sara Kon; Salomão e Yenta Trezmielina; Fawel e Sara Slomka mostram imigrantes judeus que tiveram o começo de sua vida profissional têxtil no Brasil atrelada ao conflito de 1932. Antes, seus negócios configuravam pequenas oficinas familiares, e o salto na produção exigido pela demanda militar impulsionou tais oficinas a se tornarem confecções propriamente ditas. Posteriormente, as confecções de todos esses nomes se destacaram entre os estabelecimentos têxteis da José Paulino.

A associação entre o início do desenvolvimento da indústria têxtil com demandas provenientes de guerras e conflitos armados não é algo exclusivo dessas narrativas. Pelo contrário, trata-se de uma combinação recorrente no contexto do início da fabricação e comercialização de roupas produzidas de forma seriada. As chamadas roupas prontas, ou feitas, ou, ainda, estandardizadas, são produzidas em grandes quantidades, por meio de modelos preestabelecidos e tamanhos predeterminados, em oposição às roupas encomendadas individualmente a costureiras e alfaiates e feitas sob medida.

Na história da moda recente, utiliza-se o termo ready-to-wear (“pronto para vestir”) para a designação das roupas estandardizadas. A utilização da expressão em inglês decorre do fato de que o processo serializado de fabricação de artefatos

de vestuário teve seu nascimento nos Estados Unidos da América, durante a primeira metade do século XIX. Lá, por volta de 1820, alguns alfaiates, tendo que se haver com uma demanda cada vez maior por ternos, ao mesmo tempo que percebiam certa padronização de uma combinação de medidas, começaram a se adiantar, produzindo conjuntos masculinos de alfaiataria anteriormente à solicitação dos mesmos por parte de seus clientes. Simultaneamente, contextos militares como a Expansão para o Oeste e a Guerra Civil Norte Americana (1861-1865) promoveram a necessidade de fabricação de uniformes para marinheiros e soldados, impulsionando a urgência para a produção de uma quantidade grande de roupas que precisavam ficar prontas em pouco tempo, uma demanda que a produção manual não conseguia suprir. Foi na produção de uniformes militares que os tamanhos padronizados masculinos foram estabelecidos e oficializados. O processo de estandardização da fabricação de roupas teve, portanto, seu início atrelado à produção de roupas masculinas, tanto civis quanto militares. Isso ocorreu porque a moda vestida pelos homens possui, desde o século XIX, uma linguagem muito mais simplificada do que a usada pelas mulheres, além de possuir menos variações de modelos de peças e sofrer menos mudanças de estilo por intervalos de tempo. Tal simplificação era essencial para a viabilização de um ritmo de produção acelerado nos moldes da indústria daquela época (GREEN, 1997).

Em aproximadamente 1855, o desenvolvimento da indústria de roupas prontas foi catalisado pela difusão da máquina de costura, que diminuiu consideravelmente o tempo necessário para se fabricar uma peça de roupa. Como será visto no segundo

capítulo, a máquina de costura é um instrumento de trabalho fundamental na indústria têxtil, não só por acelerar a produção, mas também por possibilitar a típica flexibilização nas relações de trabalho desse setor.

Já a consolidação da indústria de roupas prontas femininas se deu de forma mais tardia e lenta por basicamente dois motivos. Um deles se refere ao fato da moda usada pelas mulheres possuir modelagens mais complexas, mais variações de modelos, mais quantidades de peças diferentes e sofrer mais flutuações de estilo sazonais. O outro se refere ao fato das mulheres serem mais ligadas ao ato de produzir as próprias roupas, expertise passada de geração em geração (a ligação dos homens com a costura e a alfaiataria se dá muito mais através de treinamento específico para a inserção profissional nesse ramo, como ilustram os percursos profissionais de Alexandre Suchodolski e Salomão Trezmielina). Esse último fator obviamente sofreu mudanças a partir do momento em que se tornou mais comum as mulheres trabalharem fora de casa, o que diminuiu o tempo para vários afazeres domésticos, entre eles a produção da própria vestimenta. Isso está aliado à concepção de uma nova vida, mais urbanizada, com maior separação entre as esferas da casa e do trabalho.

Porém, não foi apenas por necessidade que as mulheres passaram a comprar roupas prontas. O fator do desejo, aliado às nascentes formas de publicidade com foco justamente no público feminino, também deve ser levado em conta. Desse modo, a partir do final do século XIX, a moda feminina começou a ser produzida de maneira industrial nos Estados Unidos e na França a partir da produção de capas e casacos para mulheres, não por acaso

itens do guarda-roupa masculino adaptados para o feminino que representam praticidade, utilitarismo e simplificação das formas. Assim, trata-se de uma via de mão dupla: ao mesmo tempo que a simplificação das formas do guarda-roupa feminino correspondeu a uma mudança de demanda, gosto e padrão decorrente de transformações sociais, ela foi algo imprescindível para que se desse o início da fabricação em massa de artigos de vestuário destinados às mulheres (GREEN, 1997). Três (Alexandre Suchodolski; Salomão e Yenta Trezmielina e Fawel Slomka) dos quatro produtores que se envolveram com os episódios de 1932 já eram, e continuaram a ser depois do conflito, fabricantes especializados em casacos e manteaux femininos.

No Brasil, a indústria de roupas prontas tanto masculinas quanto femininas começou a florescer mais tardiamente, no início do século XX, ainda de maneira muito tímida e convivendo durante muito tempo com a fabricação das vestimentas por conta própria (MALERONKA, 2007). Foi justamente a partir do final da década de 1920 que o processo tomou uma forma de produção mais consistente. Logo, a história do início das oficinas de roupas prontas da José Paulino dialoga com o início das oficinas de roupas prontas no contexto brasileiro. Mais especificamente na conjuntura paulistana, a Rua José Paulino é uma das primeiras vias onde aparece a produção e o comércio de vestimentas estandardizadas (FYSKATORIS, 2012).



Figura 1.15. Imagem de grupo de soldados constitucionalistas onde se vê os bonés, cartucheiras e casacos utilizados por eles. Disponível em: <<http://centrohistoricooverlord.com.br/wp-content/uploads/2015/12/30371.jpg>>. Acesso em 14.11.2017.



Figura 1.16. O casal Godel e Sara Kon em fotografia do início dos anos 1930. Fonte: acervo família Kon.

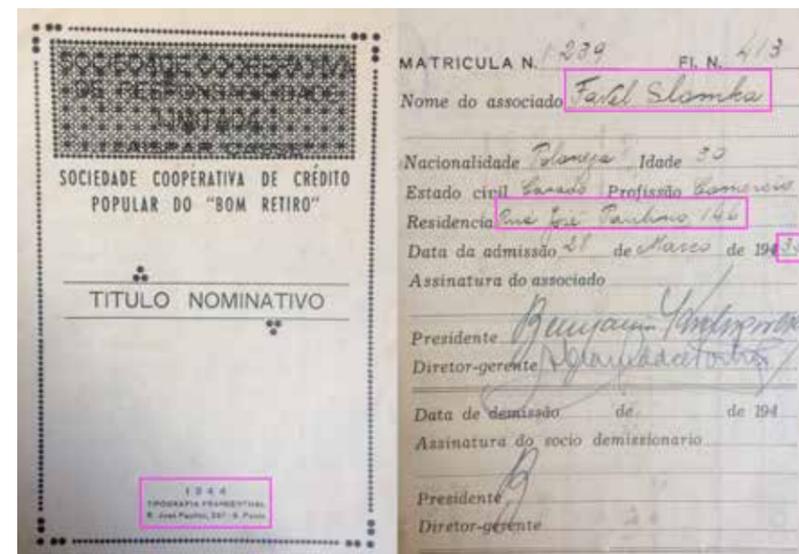


Figura 1.17 (acima). Capa e primeira página da caderneta da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro de Fawel Slomka. Na capa, atentar para o fabricante da mesma: a Tipografia Frankenthal, gráfica de Marcos Frankenthal localizada no número 227 da José Paulino. Na primeira página destaque para a data de admissão de Fawel na Cooperativa: 28 de março de 1932, momento em que o casal Slomka estava às voltas com a produção de casacos para os constitucionalistas. Fonte: acervo pessoal Yolanda Slomka.

Figura 1.18 (ao lado). Manteaux preto em lã com golas revestidas de astracan produzido pela Confeções Oceania. Fonte: acervo pessoal Yolanda Slomka.

1.4. Vida associativa e rua mista

Até 1945, a Rua José Paulino apresentava uma ocupação em relativa consonância com a que ocorria simultaneamente no restante do bairro do Bom Retiro. Esse padrão de ocupação caracterizava-se pela proliferação de pequenos negócios por conta própria por parte de estrangeiros; pelo predomínio do aluguel para ocupação do lote; pela multiplicidade de usos em um mesmo lote; e pela apropriação de estruturas preexistentes na acomodação dessa variedade de usos por meio de reformas e expansões das edificações já construídas (MANGILI, 2009).

Os pequenos negócios por conta própria característicos do Bom Retiro entre 1928 e 1945 são representados na José Paulino pelas pequenas oficinas de alfaiataria ou de roupas prontas abertas por integrantes da comunidade judaica. Elas possuíam estrutura familiar, sendo normalmente o casal o pilar de seu funcionamento, tendo um dos cônjuges como responsável mais pela parte administrativa e o outro mais pela produção. No início, se existiam demais funcionários, esses eram poucos, normalmente dois ou três. O quadro de funcionários aumentava à medida em que a demanda pela quantidade produzida era incrementada.

Sobre a multiplicidade de usos dos lotes, a combinação de moradia junto com o espaço de trabalho é a mais comum, como visto no item 1.2. As oficinas ocupavam a parte do lote mais próxima da rua, a frente do térreo. Já a moradia da família proprietária da oficina poderia ocupar os fundos, no caso de uma construção térrea, ou o andar superior, no caso de se

tratar de um sobrado. Assim, era o uso relacionado à atividade profissional que ocupava a área mais nobre do lote, indicando a importância do trabalho no cotidiano desse grupo imigrante. As frentes dos imóveis sempre foram bastante valorizadas por causa do padrão estreito e fundo dos lotes da José Paulino. São realmente escassos os terrenos maiores, e normalmente esses desempenham funções específicas que diferem do comércio e da pequena indústria²⁶.

O levantamento realizado por FELDMAN (2008) e citado na dissertação de MANGILI (2009) aponta que, entre 1928 e 1945, 310 confecções foram fundadas no Bom Retiro, sendo que mais de 90% delas pertenciam a judeus. Das 310 confecções, 47% delas estavam localizadas na Rua José Paulino. No âmbito do trabalho com fontes orais e documentais da pesquisa aqui apresentada, foram levantadas as seguintes oficinas e pequenas confecções com sede na José Paulino no intervalo 1928-1945²⁷: Oficina de Alfaiataria Salomão Zeiger (Rua José Paulino, número 52, primeiramente, e Rua José Paulino, número 91 em um segundo

26. Os terrenos maiores, que possuem largura correspondente a vários lotes padrões somados são os seguintes: o terreno ocupado pela Companhia Inglesa no começo da primeira quadra no lado ímpar; o terreno ocupado pela Distribuidora de Produtos Antártica na metade da segunda quadra no lado ímpar; e o terreno ocupado pela Companhia Light na metade da segunda quadra no lado par. Os três terrenos são indicados nas faces de quadra de 1928 (início do primeiro capítulo) e 1945 (final do primeiro capítulo e início do segundo capítulo).

27. Todas as confecções citadas ao longo desta dissertação foram levantadas com base em informações retiradas de depoimentos e em pesquisa de anúncios nos seguintes periódicos impressos na época: Aonde Vamos?; Crônica Israelita; Gazeta Israelita; Imprensa Israelita; Nossa Voz; Resenha Israelita; O Novo Momento; Revista Brasil Israel e Revista Shalom. Com exceção do Nossa Voz, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/nossa-voz/120987>>, todos os outros periódicos foram acessados nos arquivos do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

momento); A Distinta Modas, confecção de Gher Sister que também possuía como especialidade a alfaiataria de ternos e casacos, mas que abrangia não só moda masculina, como também feminina e infantil (Rua José Paulino, número 76); Malharia Loslowski (Rua José Paulino, número 80); Confecções Oceania, de Fawel e Sara Slomka (Rua José Paulino, número 82); Indústria de Roupas Feitas Adolpho Schubsky (Rua José Paulino, número 90); Casa Seminário (Rua José Paulino, número 106); Confecções Modastil, de Alexandre Suchodolski e Guilherme Krasilchik (Rua José Paulino, número 106-A, e depois Rua José Paulino, número 378); Confecções Finas de Carlos Wein (Rua José Paulino, número 124); Indústria e Comércio de Sobretudos e Capas Camelpyl, de Moisés Rosenthal (Rua José Paulino, número 155); Confecções Iglez Ltda., dos irmãos Glezer (Rua José Paulino, número 165); Confecções Finas Eugenio Modelos, dos sócios Gandelman e Lemberger (Rua José Paulino, número 168); o caso raro de confecção da José Paulino de propriedade de família imigrante italiana, Casemiras e Manufatura Brasil S/A, de Ítalo Adami e irmãos (Rua José Paulino, número 185/189); Confecções José Lefcovitch (Rua José Paulino, número 186); Confecção de Capas e Sobretudos Belfast (Rua José Paulino, número 200); O Rei das Roupas Feitas, de Motel Maktas (Rua José Paulino, número 202, sobreloja); Imperador dos Tecidos e Camisas Ltda. (Rua José Paulino, número 311); Confecções Gerson Mlynarz (Rua José Paulino, número 342); a General Modas, de Salomão e Yenta Trezmielina (Rua José Paulino, 341); a Mário Chil Okret Tecidos e Roupas Feitas por Atacado (Rua José Paulino, número 349); Confecções Tropical (Rua José Paulino, número 358); Confecções Kon (Rua José Paulino, número 393/397); Fábrica de Bolsas Trianon, de Nusen B. Kalmus (Rua José Paulino, número

438); Rajnsztil, de Abram e Pola Rajnsztajn (Rua José Paulino, número 451); a Fábrica de Guarda-chuvas e Sombrinhas Alegre, de Chaim e Ruth Lustig (Rua José Paulino, número 573); e a fábrica de sutiãs de Elza Kunis, localizada na segunda quadra da rua.

Entretanto, nesse período de rápido crescimento das oficinas de roupas prontas, a indústria e o comércio de vestuário na José Paulino ainda dividia espaço com usos diversificados. No âmbito do comércio, havia as lojas de móveis e tapetes: Comisra Sociedade Ltda. (Rua José Paulino, número 509); Casas de Móveis Miguel (Rua José Paulino, número 509); Tapeçaria Paratodos, de Moisés Perla (Rua José Paulino, numeração 649/655); Casas Goldenstein (fabricação e venda de móveis, propriedade de Jacob Goldestein) e Casas Tabacow (fabricação e venda de móveis, propriedade de Salomão Tabacow). Dentre um comércio mais variado, destaca-se a Papelaria Paratodos (Rua José Paulino, 437).

Dentre os estabelecimentos relacionados à alimentação (mercearias, vendas, bares, restaurantes e bufês) foram levantados: Bar, Restaurante e Bilhar Cosmopolita (Rua José Paulino, 463); Bar e Restaurante Elite (Rua José Paulino, 463); Bar, Restaurante e Buffet Jacob, de Jacob Givertz (Rua José Paulino, 576); Panificadora Casoy, de Isaac Casoy (Rua José Paulino, 668) e a fábrica de doces de propriedade de Luiz Kauffmann.

Dentre serviços, instituições e sedes de associações temos: a sede da redação do periódico A Gazeta Israelita (Rua José Paulino, 49); a sede do Clube de Cultura e Progresso, instituição mãe do Instituto Cultural Israelita Brasileiro, posteriormente

renomeado Casa do Povo (Rua José Paulino, sobreloja do número 64); duas sedes temporárias da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro (Rua José Paulino, primeiramente número 82 e depois número 280); a Clínica Cirúrgica Dentária do Doutor Walter Schwartzmann (Rua José Paulino, 86, primeiro andar); a Associação dos Israelitas Poloneses (Rua José Paulino, número 150); o Comitê de Senhoras Lituanas Israelitas (Rua José Paulino, número 200), o Comitê de Socorro aos Israelitas Sobreviventes da Guerra na Bessarábia (Rua José Paulino, sobreloja do número 202); o cinema Cinelux (Rua José Paulino, número 226); a Tipografia Marcos Frankenthal (Rua José Paulino, número 227); o consultório médico do radiologista Doutor Pascoal Vinocur (Rua José Paulino, número 322, 1º andar); o consultório médico especializado em “doenças de senhoras” do Doutor M. Fucks (Rua José Paulino, número 475); e a instituição de ensino Instituto Marconi.

Entre as instituições cujas sedes passaram por endereços na José Paulino, cabe destacar a presença da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro. Apesar de sua sede fixa ter sido inaugurada em 1952 na Rua da Graça, permanecendo lá até seu fechamento em 1974²⁸, em 1932 a Cooperativa ocupou provisoriamente dois endereços na José Paulino: primeiro no número 82 e depois no número 280, em um edifício na esquina com a Rua Ribeiro de Lima [Figura 1.19].

28. O recorte temporal proposto nesta dissertação (1928-1980) é o tempo estimado de trabalho médio dos imigrantes judeus que chegaram no final da década de 1920 e foram proprietários de confecções na José Paulino. Dos cinquenta e dois anos estudados, quarenta e seis deles são simultâneos ao período de funcionamento da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, indicando a importância da mesma na consolidação têxtil da José Paulino e do Bom Retiro.

A proximidade geográfica de todas as sedes da Cooperativa com a José Paulino ilustra o que FELDMAN (2013) denomina “armadura sólida” desenvolvida pela comunidade judaica. A armadura sólida é a garantia de que todos os apoios necessários para o bom desenvolvimento da indústria têxtil no Bom Retiro estivessem na hora e lugar certos. Esses apoios consistiam em lojas de aviamento (botões, fivelas, fechos, elásticos, zíperes, rendas); lojas de maquinário e equipamentos de costura; tinturarias; lojas de embalagens; gráficas e lojas de material de papelaria utilizados nas áreas comerciais das confecções; casas especializadas em bordado e caseado; além de instituições de apoio financeiro tal qual a Cooperativa. Todo esse aparato precisava estar a uma distância mínima da concentração de confecções que começava a se formar no Bom Retiro e, em especial, na José Paulino.

Ainda segundo a autora,

(...) essa organização da base material compreendendo todos os elementos da cadeia de produção e vendas, num território delimitado e fortemente concentrado em um grupo de estrangeiros -uma economia de base étnica- é o que lhe confere uma identidade. (FELDMAN, 2013)

Daí já nessa época o Bom Retiro passar a ser conhecido como o bairro dos judeus, apesar deles não constituírem maioria numérica no Bom Retiro e de estarem presentes em outros bairros da cidade. Apesar de, em meados da década de 1920, a maior concentração de judeus na cidade de São Paulo estar

localizada no bairro do Bom Retiro (MANGILI, 2009), entre 1900 e 1940, a população estrangeira mais numerosa do bairro é a de italianos. Foi inclusive a comunidade italiana que abriu os primeiros estabelecimentos de confecção de roupas no Bom Retiro, entre 1924 e 1927 (FELDMAN, 2013).

Essa vida associativa e aparentemente tranquila, apesar de baseada em uma carga horária de trabalho bastante intensa, é em partes abalada pela transferência para o bairro, em 1940, da zona de meretrício da cidade de São Paulo, que funcionava anteriormente na região da Santa Ifigênia. As casas de prostituição ficavam localizadas nas ruas Aimorés e Itabocas (posteriormente renomeada para Rua Professor Cesare Lombroso), duas pequenas vias delimitadas entre a José Paulino e a linha férrea. Essa configuração espacial facilitava a vigilância estatal e servia a um duplo controle por parte das autoridades: controlar a zona do meretrício, assim como a comunidade judaica residente no Bom Retiro no contexto de políticas antissemitas instauradas pelo Estado Novo, nas quais o estrangeiro era considerado um elemento subversivo (FELDMAN, 1989). Os comerciantes da região se queixavam constantemente da presença do meretrício, chegando inclusive a elaborarem, em 1951, um manifesto direcionado ao governador da época solicitando a transferência da zona, o que de fato ocorreu apenas em 1953. Após a transferência, a área destinada ao meretrício foi incorporada às dinâmicas comerciais da região. Lojas foram sendo abertas e um polo atacadista com características singulares e diferentes da José Paulino se formou nas duas ruas.

Paralelamente à transferência de propriedades dos imigrantes

italianos²⁹ para os judeus, ocorreu uma mudança de predomínio de uso (de majoritariamente misto para majoritariamente industrial/comercial). Segundo Feldman (1989), tal ocorrência se dá, entre outras razões, devido à desvalorização que os imóveis sofreram com a instalação do meretrício.

No mesmo levantamento anteriormente citado (FELDMAN, 2008) consta que, entre 1930 e 1947, todas as transações de imóveis nas ruas José Paulino, Prates e Ribeiro de Lima envolveram judeus. Logo, se o primeiro acúmulo de capital, obtido via trabalho como mascate ou como assalariado, servia para abrir o pequeno negócio dentro de um espaço alugado, o segundo acúmulo de capital, obtido via trabalho na própria oficina, servia para sair da condição de inquilino e ir para a de proprietário³⁰.

Em 1934, após o crescimento da Confecções Kon catalisado pelas demandas do conflito de 1932, Godel e Sara Kon alugaram a casa de número 393/397 da José Paulino. Tratava-se de uma construção de dois andares com duas entradas independentes, cujo térreo servia para abrigar a confecção de roupas masculinas do casal (vendas na frente e produção nos fundos) e o primeiro andar para a residência da família, que a essa altura já contava com dois filhos. Originalmente, o proprietário era um italiano que posteriormente vendeu o imóvel para um comerciante de

29. Os imigrantes italianos vendiam suas propriedades porque estavam passando por um processo de ascensão social com nuances coletivas. Saíam do Bom Retiro e se transferiam para bairros nos arredores da Avenida Paulista (KOULIOUMBOLA, 2011).

30. A transição da condição de inquilino para proprietário entre as famílias judias residentes na José Paulino começou a ocorrer na década de 1920 e se estendeu durante as décadas de 1930, 1940 e 1950. No entanto, algumas famílias permaneceram inquilinas durante toda sua história na José Paulino.

origem libanesa. Em certo momento, o libanês colocou o imóvel à venda, o que preocupou Godel

Um dia, li no jornal "O Estado de São Paulo" um anúncio procurando comprador para o prédio. Fiquei preocupado porque se fosse comprado, teria que me mudar. Alugar outra loja em local tão bom era então impossível. Transferi-la da Rua José Paulino para outra rua significava retroceder em minha posição comercial. (KON, sem data)

Devido ao bom relacionamento que Godel possuía com o proprietário, o mesmo o ofereceu um preço 20% mais barato pelo imóvel, sendo uma primeira quantia paga em dinheiro e o restante hipotecado, oferta aceita por Godel. Os amplos créditos concedidos pelos fornecedores de tecidos para a produção das roupas masculinas da Confecções Kon possibilitaram a quitação da dívida do imóvel. Em sua autobiografia, Godel cita a parceria com um comerciante português que lhe concedia seis meses de prazo para o pagamento dos tecidos. Ou seja, Godel contraía dívidas com os fornecedores, com quem já tinha relações boas e estáveis, para quitar as dívidas do imóvel. Neste caso fica clara a articulação entre produção têxtil, dinâmica imobiliária e sociabilidade entre diferentes redes de imigrantes característica da história da José Paulino.

O segundo acúmulo de capital poderia servir também para a separação dos espaços de trabalho e moradia, como ilustra a trajetória de Chaim e Ruth Lustig, proprietários da Fábrica de Guarda-chuvas e Sombrinhas Alegre. O casal e seus dois filhos

moraram durante toda a década de 1930 nos fundos do imóvel de número 573 da José Paulino, cuja frente era ocupada pelas atividades da fábrica de guarda-chuva. No início da década de 1940, a família passou a residir em uma casa na Rua Tenente Pena, a poucos metros do número 573 da José Paulino, onde continuou funcionando a fábrica e a loja da Alegre. Ou seja, na separação dos ambientes de moradia e trabalho, o espaço do trabalho era o que permanecia na José Paulino, contribuindo para o processo de especialização têxtil da rua, tornando-a mais comercial e industrial. Simultaneamente, as residências familiares saíam da José Paulino, mas permaneciam no Bom Retiro, mantendo a convivência de diferentes usos no bairro e a vida associativa atrelada a eles.

Apesar da diversidade em relação aos tipos de estabelecimentos presentes na José Paulino no intervalo 1928-1945, as construções ocupadas por eles formam um conjunto relativamente homogêneo de casas e sobrados adaptados para as especificidades de cada uso. Não são muitos os edifícios verticais de apartamentos presentes na rua no início da década de 1940, e, dentre um pequeno grupo de construções mais altas, podemos destacar o Edifício Palacete Luz. O prédio foi erguido em 1935 no terreno triangular que se inicia no vértice formado pelo encontro das ruas José Paulino e Prates. O projeto é do arquiteto judeu Marcos Kornet e a construção é uma das primeiras em São Paulo a utilizar concreto armado em sua estrutura (KOULIOUMBOLA, 2011). O edifício segue linguagem art deco, com utilização de motivos retilíneos e pouca ornamentação.

Trata-se de um edifício grande, de esquina, pensado a partir de

um programa misto de atividades. Os lotes térreos são comerciais e contornam a forma triangular do terreno, podendo ter seus endereços tanto como Rua José Paulino quanto como Rua Prates. Os demais seis andares são residenciais e em cada um deles há seis apartamentos, três faceados para a José Paulino e três faceados para a rua Prates e o Jardim da Luz. Os apartamentos possuem área de oitenta e cinco metros quadrados, distribuídos em dois dormitórios, sala, cozinha e banheiro. À época de sua inauguração, o Edifício Palacete Luz representava atributos de vanguarda e cosmopolitismo. Sua localização era bastante estratégica e privilegiada. A portaria do edifício, que dá acesso aos apartamentos residenciais, localiza-se no número trinta e nove da Prates e os apartamentos que ocupam esse lado da construção possuem varandas com vistas para o Jardim da Luz, um endereço interessante para se morar na São Paulo da metade da década de 1930.

Erguido entre o final da década de 1930 e início da de 1940, o edifício de número 322 da José Paulino, que ocupa o lote de esquina com a Ribeiro de Lima, também abriga uso comercial e residencial. Os lotes comerciais são quatro, que correspondem às numerações 312, 318, 326 e 330 da José Paulino. Há três pavimentos residenciais tipo, com quatro unidades habitacionais em cada. Os apartamentos possuem noventa metros quadrados distribuídos em dois dormitórios, sala, banheiro e cozinha. Sua fachada também possui estilo art deco, complementado por pequenas varandas arredondadas nas unidades de frente. Apesar de ser menor e possuir menos pavimentos, o edifício 322 possui programa muito similar ao do Palacete Luz, indicando que foram pensados para o mesmo público alvo, famílias pertencentes às

classes médias urbanas [Figura 1.20]. Como aponta Koulioumbola (2011):

Com a injeção de capital, mudanças significativas na paisagem urbana ocorreram. Os judeus adquiriram as casas que tinham sido construídas pelos italianos, aprimorando lentamente as condições de moradia. Em paralelo ao processo de verticalização (SOMEKH, 1997), que tomou corpo em São Paulo a partir dos anos 1930, transformações se esboçaram na configuração arquitetônica do bairro. Surgiram os primeiros edifícios com mais de três pavimentos, entre eles o Palacete Luz, nos arredores do jardim de mesma denominação, que pode ser considerado um dos mais antigos que se tem notícia. A contribuição dos judeus no âmbito da construção civil se deu na passagem da cidade de tijolos para a cidade de concreto (TOLEDO, 1981), com iniciativas de incorporação e vendas, bem como na construção de novas edificações.

Em 1942, o fotógrafo Benedito Junqueira Duarte realizou duas imagens da José Paulino, ambas em perspectiva, uma da primeira quadra e outra da última. Na imagem do início da rua, à direita e em primeiro plano, está o Edifício Palacete Luz, com seus lotes comerciais térreos e as varandas de seus apartamentos residenciais levemente projetadas nas calçadas [Figura 1.21]. À esquerda e em primeiro plano, está a área ocupada pela Companhia Inglesa, empresa que obteve até o ano de 1946 a concessão para explorar a ferrovia São Paulo Railway (posteriormente renomeada Estrada de Ferro Santos a Jundiaí). O terreno era extenso e seu muro de interface com o logradouro avançava até a altura do número 119

da rua. Em segundo plano, também do lado esquerdo da imagem, um edifício mais alto se sobressai. Trata-se de outro pioneiro na verticalização da José Paulino: um prédio de cinco pavimentos que ocupa a numeração 135/139 da rua. A imagem informa que, em 1942, a via ainda era de mão dupla, pois há automóveis em movimento tanto no sentido bairro como no sentido centro.

A imagem do trecho final da rua mostra casas térreas e sobrados construídos anteriormente a 1942 [Figura 1.22]. O casario que se vê na imagem pode ser considerado como modelo de tipologia das primeiras construções ocupadas pelas oficinas de roupas prontas. Trata-se de uma arquitetura construída originalmente para abrigar residências, mas que foi adaptada para servir tanto para o uso comercial como para o industrial. Este mesmo casario também é identificável na Figura 1.23, que retrata quatro jovens rapazes na José Paulino dos anos 1940, na altura aproximada do número 541 (a construção com as sacadas redondas em terceiro plano corresponde ao número 515 e se manteve na rua até o momento em que foi realizada esta pesquisa). A fotografia mostra uma calçada larga e arborizada. As construções que servem de pano de fundo para o retrato dos amigos são sobrados e pequenos prédios com elementos de ornamentação ecléticos, provavelmente construídos pela comunidade italiana para servir como suas residências. As mesmas construções já se mostram adaptadas para o comércio, pois seus térreos possuem aberturas generosas para a rua acompanhadas de toldos, elemento típico de arquitetura comercial. No entanto, algumas mantêm as entradas pequenas e laterais, que provavelmente davam acesso ao quintal e à edícula no fundo do lote ou à escada que levava diretamente ao andar superior. A construção em primeiro plano no lado direito da imagem expõe suas prateleiras

que abrigam caixas de embalagem para mercadorias. Os meninos, apesar de jovens, se vestem bastante formalmente, com trajés provavelmente manufaturados em confecções de roupas prontas masculinas sediadas na rua ou no bairro.

Em outra imagem da rua, também da década de 1940, o elemento urbano mais destacado é uma placa onde se lê “parada de ônibus”, ao lado da qual posa um homem de bicicleta identificado como Jankiel Zylberkan. A imagem mostra uma rua majoritariamente mercantil, com uma sucessão de estabelecimentos comerciais, com suas portas de enrolar e seus toldos, no lado esquerdo. Apesar de ser uma imagem diurna, há apenas duas figuras humanas presentes, a de Jankiel acompanhada de uma silhueta feminina ao fundo, o que é coerente com o fato de o comércio já estar fechado, como demonstra a porta de enrolar abaixada em primeiro plano no canto esquerdo [Figura 1.24].

"AONDE VAMOS?", propõe-se apresentar aos seus leitores o grande empenho das sociedades de São Paulo em promover o engrandecimento da coletividade. Desta forma, procuramos à "SOCIEDADE COOPERATIVA DE CRÉDITO POPULAR DO BOM RETIRO" (Laisper Casse), com sede na rua José Paulino, nº 80-2º andar fone 6-1429, que, sem favor algum, vem, desde 1928, época em que fora fundada, prestando relevantes serviços a todos aqueles que a ela ocorrem, principalmente os pequenos negociantes e vendedores ambulantes, o que pode ser comprovado pelo grande incremento que tomou nos últimos dois anos. A-fim-de atender aos dispositivos legais que regem as Cooperativas, achá-se essa Sociedade devidamente registrada no Serviço de Economia Rural sob o nº 43 e no Departamento de Assistência ao Cooperativismo sob o nº 53.

Figura 1.19. Carta da redação do periódico Aonde Vamos? que cita a Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro e seu endereço na época (Rua José Paulino, nº80 2º andar). Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 1.20. Fachada do edifício de numeração 322 da José Paulino. Foto da autora tirada em 24.10.2017.

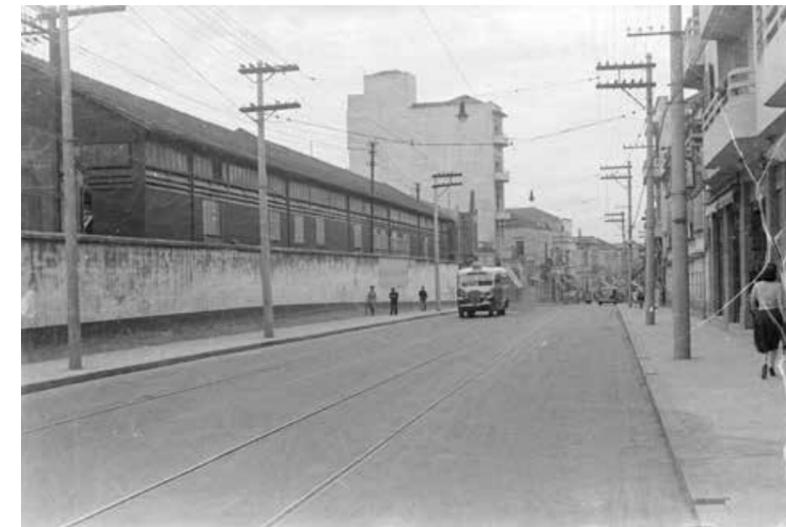


Figura 1.21. Início da Rua José Paulino em imagem de 1942 de autoria do fotógrafo Benedito Junqueira Duarte. Fonte: Acervo Digitalizado da Casa da Imagem. Disponível em: <<http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ResultadosBusca.aspx?ts=sa&q=rua%20jos%C3%A9%20paulino&acervos=10>>. Acesso em 22.12.2016.



Figura 1.22. Final da Rua José Paulino em imagem de 1942 de autoria do fotógrafo Benedito Junqueira Duarte. Fonte: Acervo Digitalizado da Casa da Imagem. Disponível em: <<http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ResultadosBusca.aspx?ts=sa&q=rua%20jos%C3%A9%20paulino&acervos=10>>. Acesso em 22.12.2016.

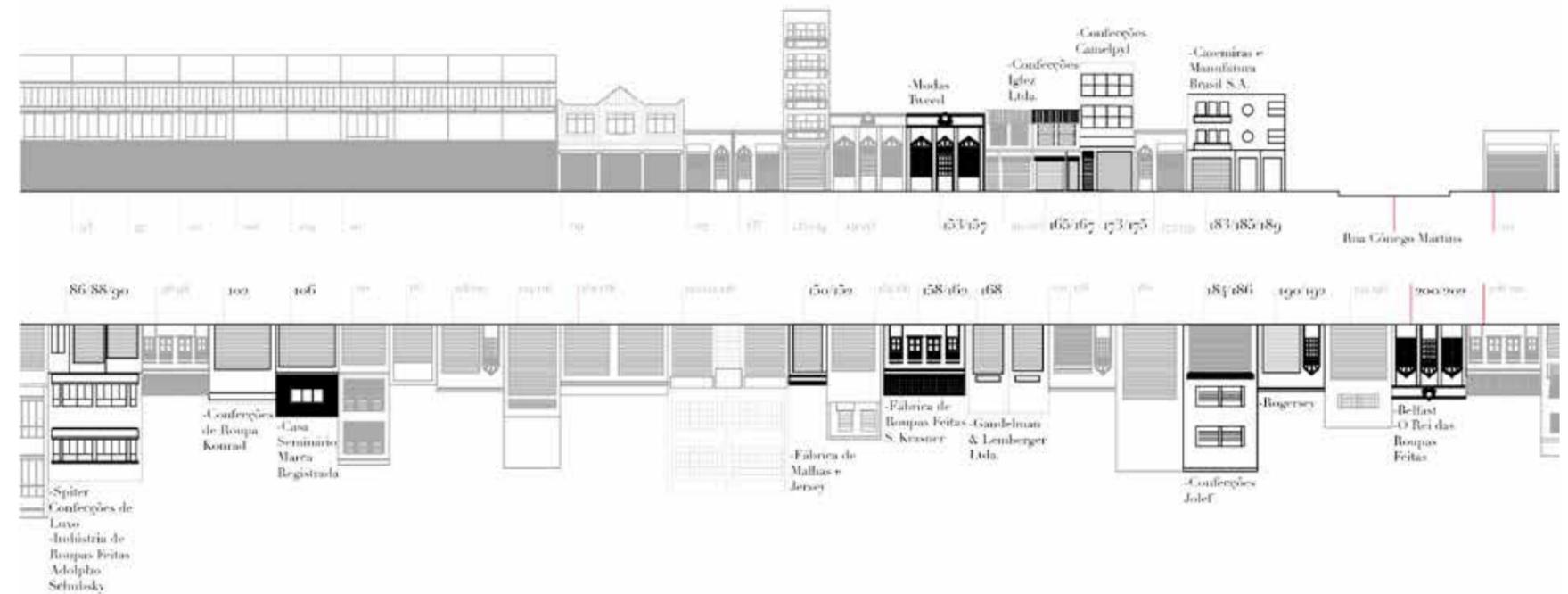
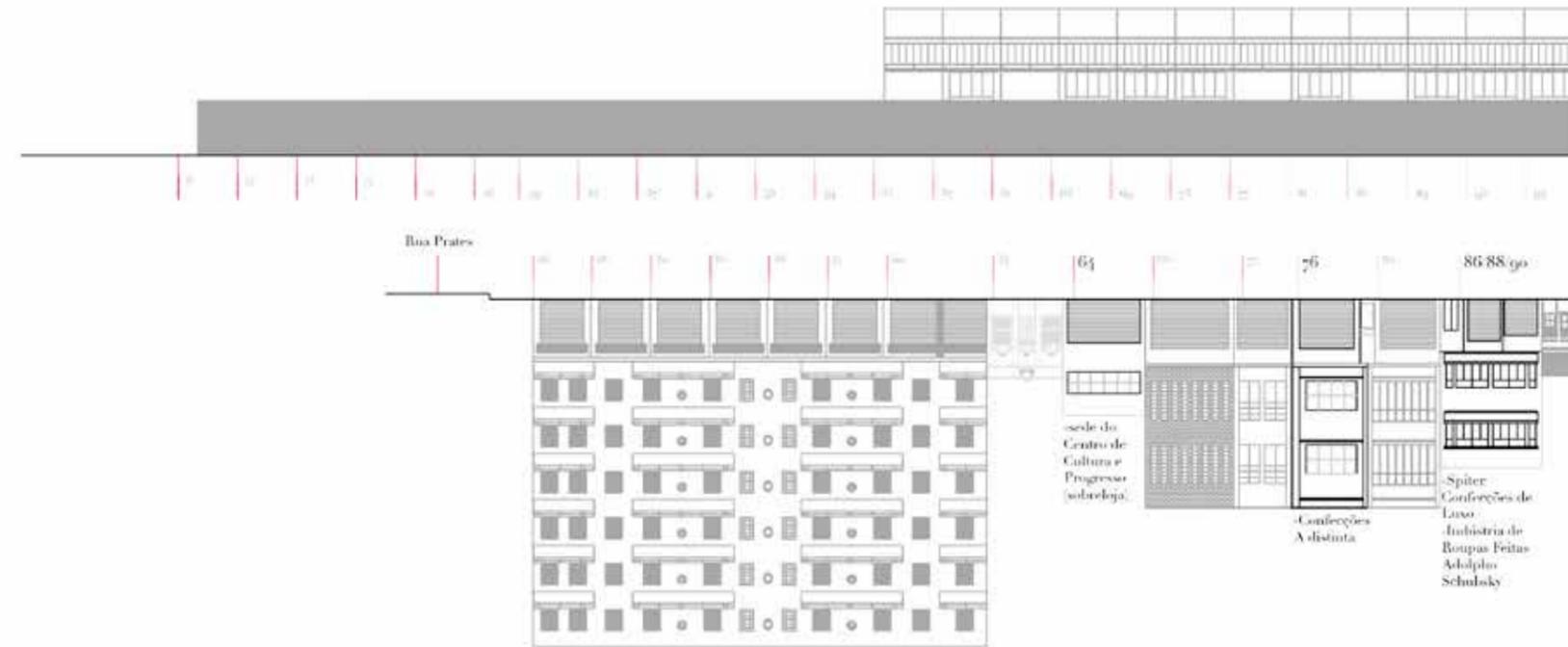


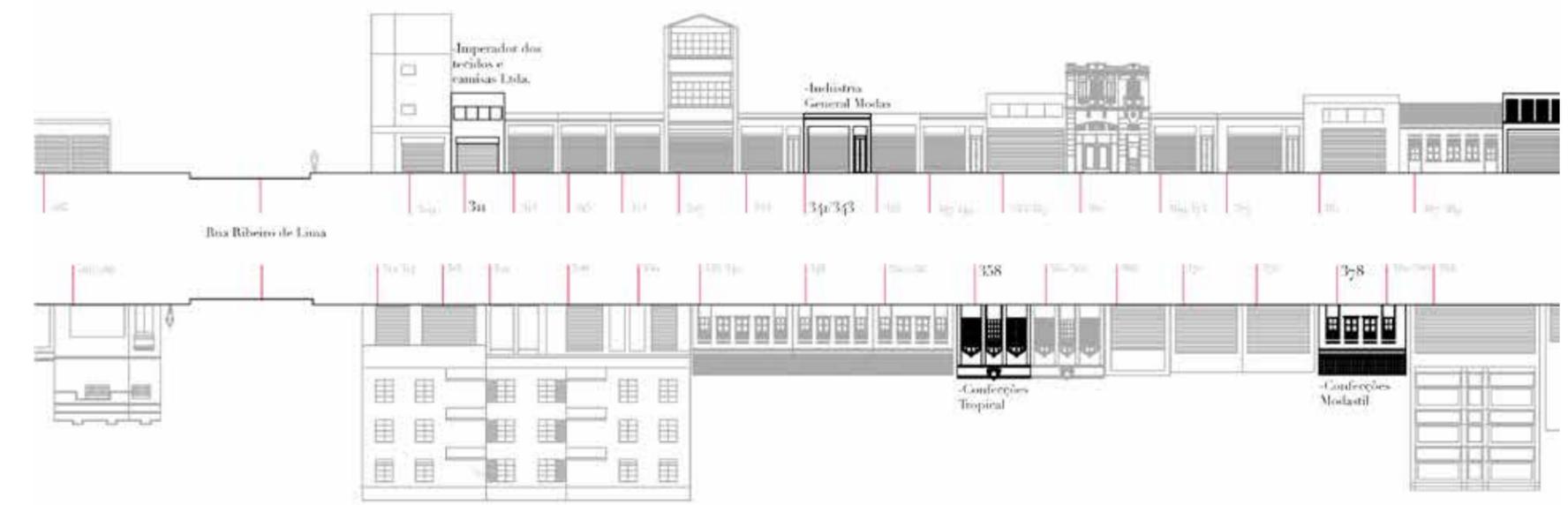
Figura 1.23. Quatro rapazes na Rua José Paulino dos anos 1940, na altura aproximada do número 541. Fonte: Hemeroteca do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

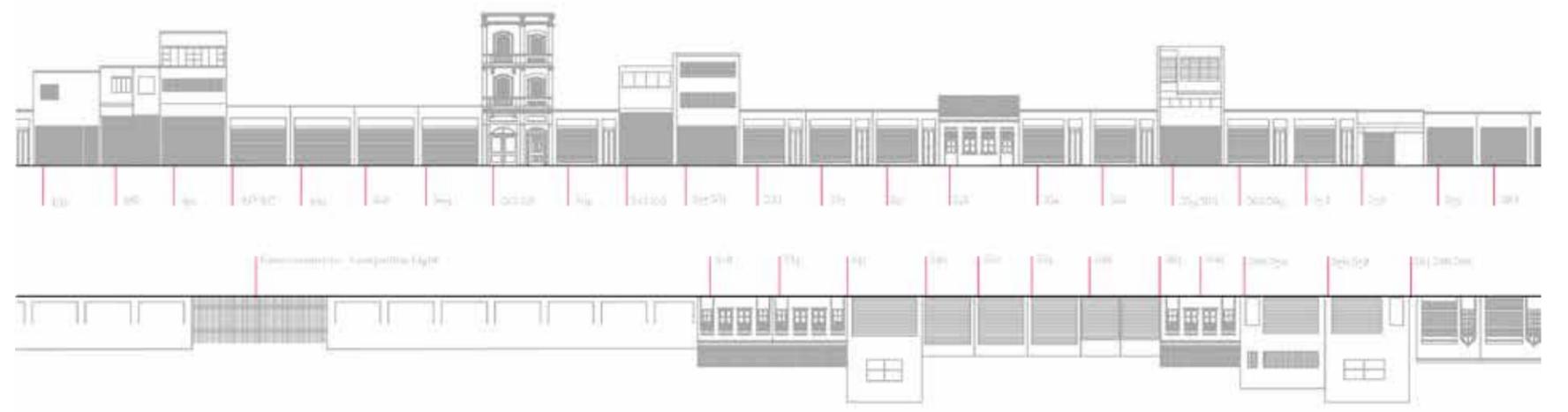
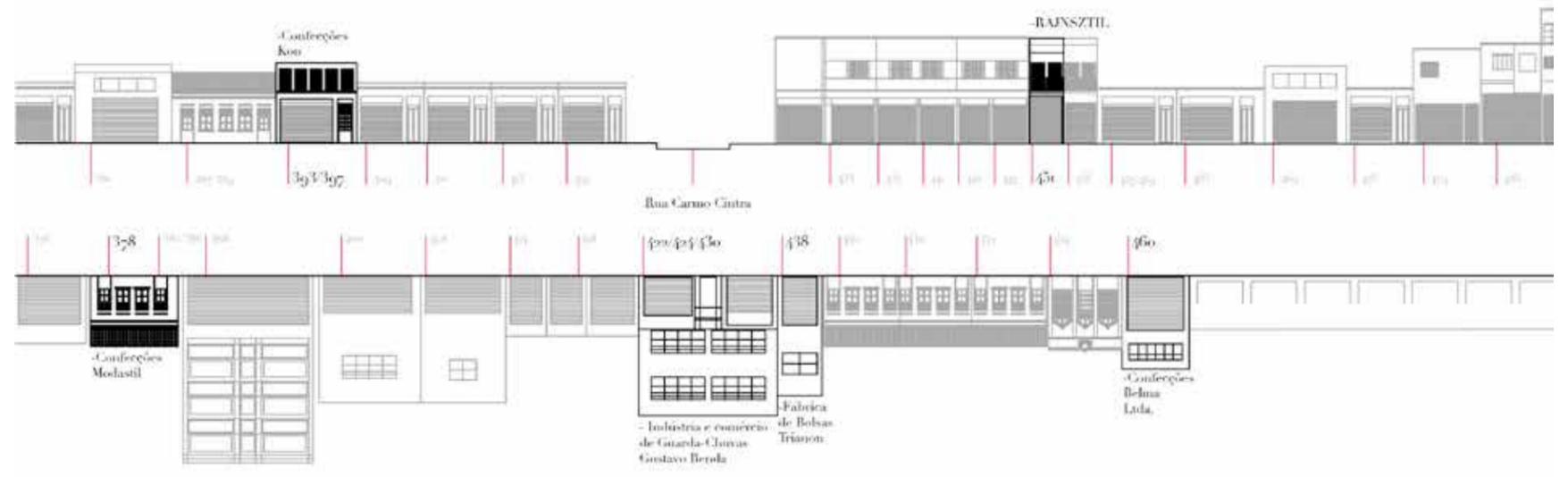
Figura 1.24 (ao lado). Imagem da Rua José Paulino em 1940, com destaque para a placa de parada de ônibus. Fonte: Hemeroteca do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

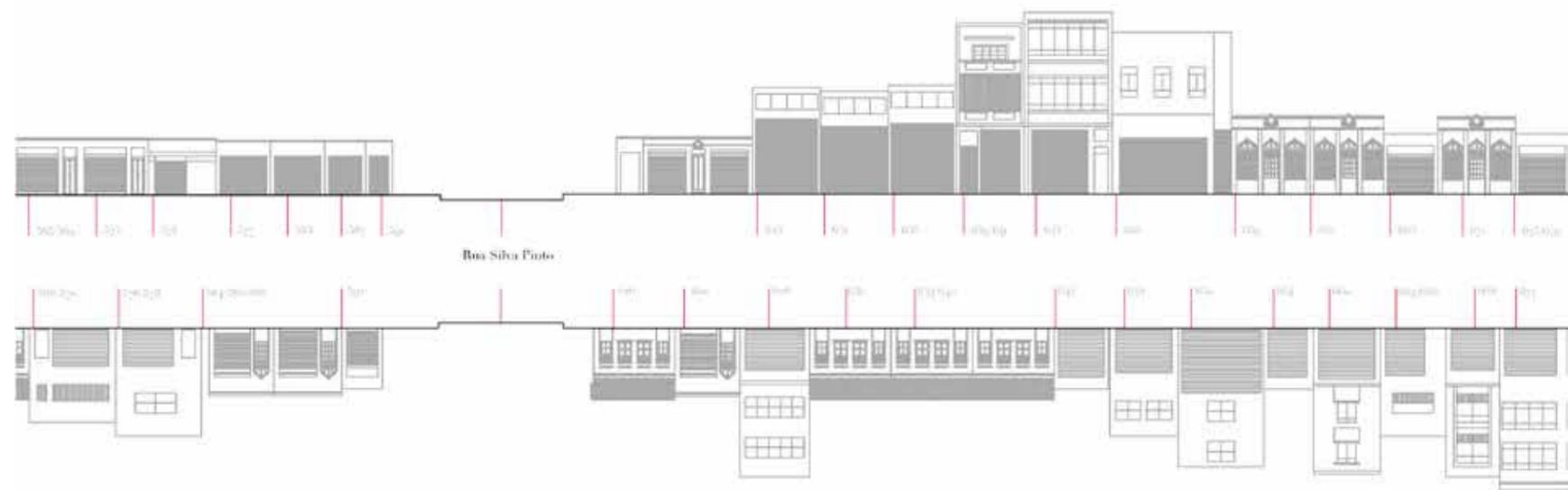


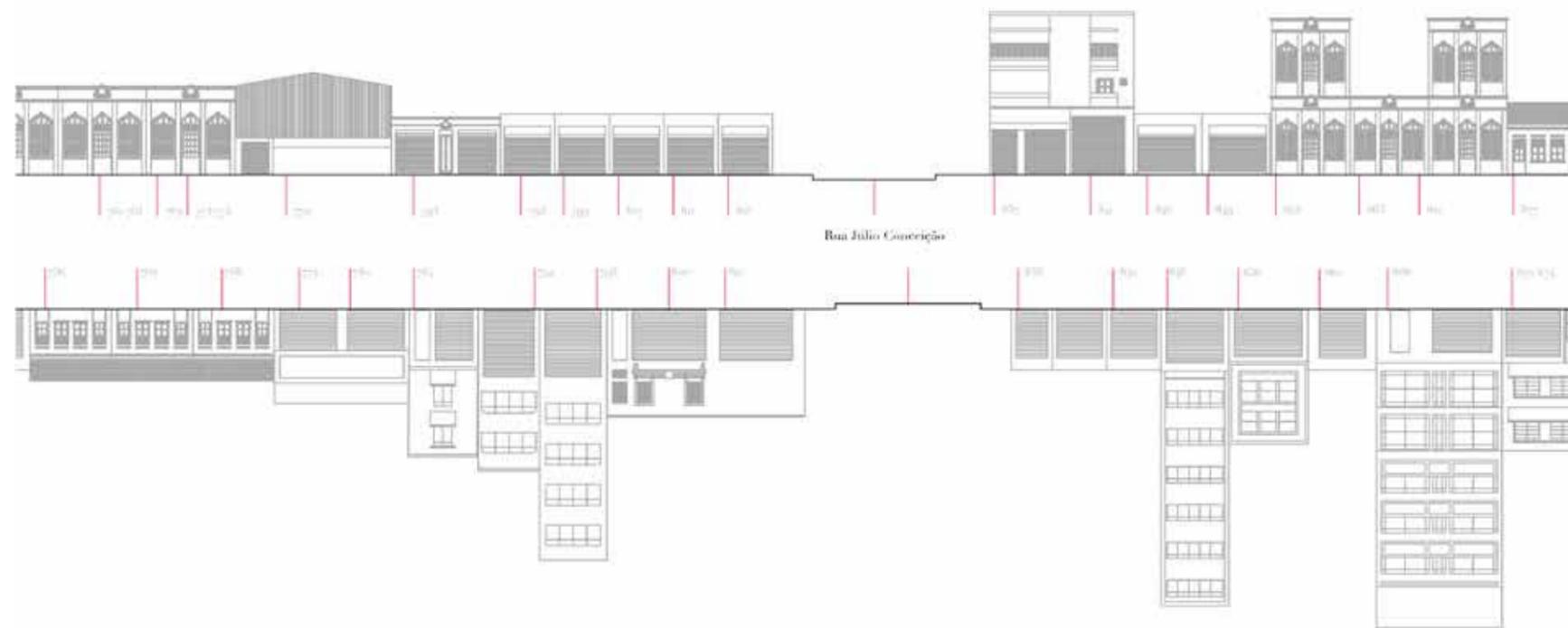
Faces de quadra 1945



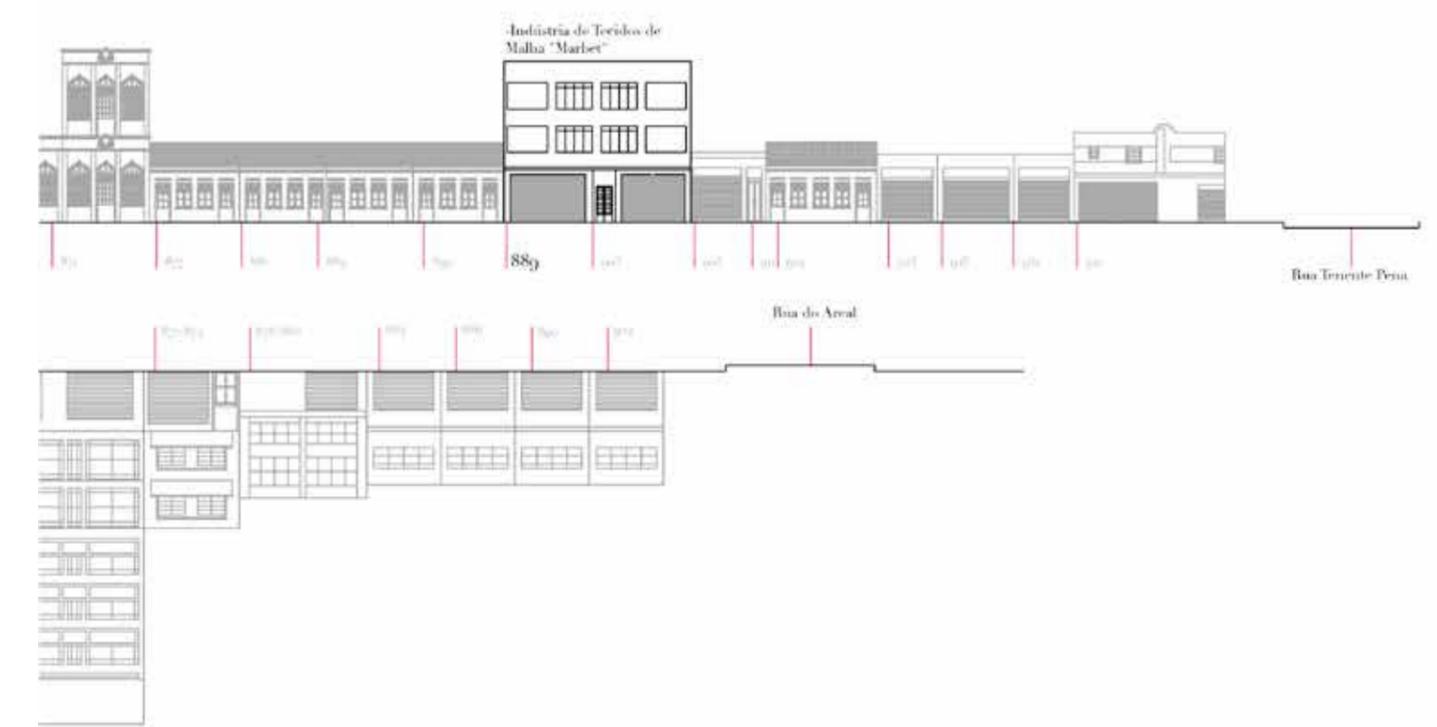








Rua Júlio César



Indústria de Tecidos de Malha "Marbet"

Rua do Areal

Rua Tenente Pires

2.1. Das roupas prontas ao prêt-à-porter

Antes do surgimento e popularização das indústrias de roupas prontas, as pessoas eram responsáveis pela fabricação das próprias vestimentas, sendo que de forma geral as classes altas as encomendavam a costureiras e alfaiates, enquanto as classes baixas as produziam elas mesmas.

Dentre as rupturas nos modos de vida ocorridas no século XIX decorrentes de processos históricos como a Revolução Industrial, a transferência de um grande contingente populacional para a cidade é uma das mudanças que mais se relaciona com o desenvolvimento da indústria de roupas prontas. Os conflitos armados também possuem papel importante na catalisação dessa indústria, como já mencionado no primeiro capítulo, quando tratamos da Revolução de 1932 e o que ela significou para alguns proprietários de confecções da José Paulino.

O cotidiano na cidade acompanhado do trabalho assalariado criaram novas necessidades, entre elas a do acesso a diferentes tipos de mercadorias que não eram necessárias na vida do campo pré-Revolução Industrial. Entre essas mercadorias encontram-se as roupas prontas, cujo universo abrange diferentes modelos de produção e comercialização, como o da confecção.

A confecção nasceu na França, país muito influente no campo da moda durante todo o século XX. Ela se dedica, originalmente, à fabricação de roupas que necessitam de uma produção em série, como, por exemplo, os trajes profissionais, sejam de empregados civis ou militares. Seriam artigos essencialmente utilitários,

que seriam usados pelos trabalhadores urbanos. Dentro desse modelo clássico, o dono da confecção normalmente não é um comerciante, e sim um produtor, um industrial (nem que seja de pequeno porte, como muitas vezes é). Seu cliente não é o consumidor final, e sim o dono da loja que colocará a peça à venda ou um representante do mesmo, esses sim os comerciantes.

Embora sua origem remonte ao século XIX, é apenas em 1946 que a indústria de roupas prontas consegue se sobrepôr à alta-costura em matéria de importância e influência dentro do contexto francês. É nesse ano que os profissionais da área se empenham em substituir o termo “confecção para damas” por “indústria do vestuário feminino”, em um esforço de modernização profunda que ocorrerá paralelamente à arrancada da indústria do prêt-à-porter (GRUMBACH, 2009).

Apesar da inegável hegemonia que a cultura francesa exerce no campo da moda, desde meados do século XX, cenas locais de indústrias de roupas prontas começaram a surgir em outras capitais, como Nova York, Londres e Milão. A partir da segunda metade da década de 1940, e principalmente no desenrolar da década de 1950, esses novos mercados adquiriram modelos econômicos próprios e padrões de elegância distintos.

Concomitantemente, na década de 1940, São Paulo também estava desenvolvendo seu próprio mercado de confecções. Um dos lugares da cidade onde se desenvolveu um polo têxtil foi o bairro do Bom Retiro, com destaque para o papel desenvolvido por sua principal rua comercial, a José Paulino.

Vários locais da cidade possuíam confecções, algumas inclusive de grande porte, o que era bastante raro no Bom Retiro, um bairro caracterizado desde sempre pela grande quantidade de pequenas indústrias. Para se ter uma noção quantitativa, em 1946, foi publicado um artigo intitulado “Roupas Feitas” na Revista Industrial de São Paulo. O artigo aponta a existência de 6.101 confecções na cidade que, juntas, empregavam 28.749 funcionários. A mesma reportagem divide essas confecções em dois grupos distintos: um é o grupo das confecções de padrão popular, que, apesar de serem pequenas, focavam na quantidade da produção de peças simples que abasteciam grandes contingentes populacionais da capital e do interior do Estado. Essas confecções estariam concentradas basicamente nos bairros do Bom Retiro, Brás e Mooca. Já o segundo grupo estaria localizado no centro da cidade e se ocuparia da produção de artigos de luxo, em uma escala de produção menor daquela praticada pelo primeiro grupo, no qual se encontram as confecções da José Paulino aqui estudadas³¹.

Como apresentado no primeiro capítulo, as confecções da José Paulino começaram como pequenos negócios familiares na década de 1930. No entanto, algumas cresceram, se desenvolveram e, a partir da segunda metade da década de 1940, ganharam novos contornos. O contexto, então, era de expansão do mercado consumidor em razão do significativo aumento da população de São Paulo, o que impulsionou a procura de vestimentas mais acessíveis e galvanizou a produção do vestuário standardizado na capital (MALERONKA, 2007). Ademais, no processo de

31. Artigo “Roupas Feitas”, em Revista Industrial de São Paulo (1946), página 36. Citado em MALERONKA, 2007.

metropolização de São Paulo, bairros centrais como o Bom Retiro assumiram características de centros de abrangência metropolitana, o que equivale a dizer que o comércio atacadista do bairro abastecia comercialmente lojas de toda a região metropolitana de São Paulo, cidades do interior do Estado e possivelmente outras regiões do país, cujos representantes viajavam até a capital paulista em busca de mostruários dos produtos aqui produzidos.

A José Paulino das décadas de 1940 e 1950 ainda possuía muitas confecções especializadas na produção de apenas um tipo de roupa ou artigo manufaturado, uma herança do modo de como surgiram no início dos anos 1930 e que irá perder força a partir dos anos 1960, quando a rua passou a se especializar mais no comércio de roupas femininas, diminuindo gradativamente a atividade industrial.

Mesmo atuando na produção e comercialização de artigos diversos, os sistemas produtivos das confecções das quais tivemos acesso a suas histórias possuem sequências de etapas de produção que guardam bastante semelhança entre si. Por terem começado como empresas familiares, muitas dessas confecções são dirigidas por casais, que realizam uma divisão de tarefas entre si. Porém, essa divisão não é a mesma entre as confecções estudadas: ora o homem trabalha mais com a produção e a mulher mais com a venda; ora vice-versa³².

32. A divisão sexual do trabalho no contexto da confecção até poderia possuir certa maleabilidade no âmbito do casal proprietário, porém as mulheres que eram funcionárias estavam na maioria das vezes ocupando as tarefas menos prestigiadas e pior remuneradas dentro do universo profissional da costura (WALERONKA, 2007).

As confecções da José Paulino das décadas de 1940 e 1950 possuíam um processo produtivo que se assemelhava muito a uma fábrica de montagem. Os tecidos eram normalmente comprados prontos, variando muito os fornecedores de confecção para confecção, mas com destaque para a comunidade sírio-libanesa localizada na Rua Vinte e Cinco de Março e adjacências. Dentro do espaço da fábrica eram realizadas as etapas de corte e separação dos fardos³³ que seriam entregues às costureiras. As profissionais da costura costumavam ser terceirizadas e realizavam o trabalho em suas casas, com suas próprias máquinas de costura. As peças retornavam à confecção costuradas e no espaço da fábrica passavam por processos de finalização, como "limpeza" (corte do excesso de linhas que poderiam ter sobrado); passadoria; inserção de botões e outros tipos de aviamento; e anexação de etiquetas. Depois de embaladas, eram distribuídas entre os clientes, que tinham realizado os pedidos anteriormente ao processo de produção ter sido iniciado, pois nos anos 1940 e 1950 ainda era incipiente a prática da pronta-entrega. A produção só era iniciada após fechado o pedido, ou seja, sob encomenda. Os clientes escolhiam a quantidade de peças, modelos e cores a partir do mostruário disponibilizado pelas confecções. A modalidade de venda era o atacado, sendo o varejo praticado por poucos donos de confecção e sempre de maneira tímida.

No período que compreende a metade da década de 1940 até o final da década de 1950, não havia grandes variações entre uma leva de produção e outra da mesma confecção. Se ocorria uma mudança, esta não era decorrente do “desejo de mudança” ou

33. Os fardos correspondem ao conjunto de pedaços de tecidos já cortados que formarão, após a costura, uma só peça.

da “imposição constante do novo”, típicos do sistema de moda atual. As variações entre uma leva de produção e outra decorriam de questões práticas relacionadas à produção, como mudança de fornecedor, troca de tecido, substituição de aviamento etc.

Para exemplificar o modelo “fábrica de montagem”, podemos citar a pequena indústria de guarda-chuvas e sombrinhas Alegre, do núcleo Lustig. Todos os componentes necessários para a fabricação do guarda-chuva eram adquiridos já prontos de fornecedores fixos. O componente mais importante era a armação metálica que estrutura o artefato. No espaço da fábrica era feito o corte do tecido e a separação das peças cortadas em fardos. Quando Luis, o filho do casal Lustig, cresceu, passou a auxiliar na fábrica como motorista. Ele era encarregado de transportar as armações junto aos fardos de tecidos para as casas das costureiras contratadas para fazerem a costura do tecido na armação, um processo manual um tanto quanto complexo. A maioria dessas costureiras morava no bairro da Casa Verde, na Zona Norte da cidade e não muito distante do Bom Retiro. Elas trabalhavam em casa utilizando suas próprias máquinas de costura. Luis também era encarregado de retirar os guarda-chuvas já costurados e levá-los de volta à fábrica na José Paulino, onde eram então passados a vapor, embalados, colocados em caixas e despachados para os clientes via transportadora. O principal cliente localizava-se na Bahia, evidenciando que a produção da José Paulino abastecia diferentes Estados brasileiros. A Alegre encerrou suas atividades em 1958, porém, antes do fechamento, seu fundador Chaim Lustig realizou um segundo acúmulo de capital (o primeiro, narrado no item 1.4 desta dissertação, possibilitou a separação entre os espaços de moradia e trabalho) e construiu um pequeno

edifício na Rua da Graça, no qual alugava salões e escritórios para outras confecções [Figura 2.1].

O núcleo Kon, proprietário da Confecções Kon, produzia roupas masculinas em sua fábrica no número 397 da José Paulino. No início, a família morava no andar superior do imóvel, do qual virou proprietária na década de 1930 (processo descrito no item 1.4). No final da década de 1940, após um segundo acúmulo de capital, os Kon se mudaram para um apartamento na Rua Três Rios (também no Bom Retiro) e dois anos depois para uma residência no bairro dos Jardins. Observa-se aí uma dupla ascensão social: por um lado a separação dos endereços de trabalho e moradia; de outro, a mudança da moradia para um bairro de classe média alta da cidade. Como de praxe, o tecido era comprado fora. O corte já era serializado desde o final da década de 1930, quando foi adquirida uma máquina que possibilitava o corte simultâneo de vários tecidos e era operada por apenas um funcionário, treinado exclusivamente para tal função. Os panos eram empilhados e a máquina possuía uma lâmina que realizava o corte transversalmente. Em seguida, os tecidos cortados eram distribuídos para as costureiras terceirizadas e, no caso da família Kon, era Sara quem administrava as trabalhadoras contratadas. Os pacotes distribuídos continham não só os fardos, mas também todos os aviamentos necessários (linhas, botões, etc.) para que as costureiras entregassem as peças de volta para a confecção já finalizadas. A colocação das etiquetas e o empacotamento em pedaços de tecido arrematados por barbantes eram as últimas etapas realizadas dentro do espaço da confecção antes das mercadorias serem despachadas para os clientes que haviam realizado os pedidos, a maioria donos de lojas no interior do

Estado de São Paulo. No espaço da confecção, além da mesa de corte e da parte destinada às vendas e à administração (tarefa realizada por Godel), existia também o estoque, que não era de peças, e sim de rolos de tecido, evidenciando que a produção aqui também era realizada conforme surgiam os pedidos.

Em aproximadamente 1946, a família Okret mudou-se do número 349 da José Paulino para um apartamento na Rua Ribeiro de Lima, no segundo salto de ascensão social da família, a separação entre os espaços de trabalho e moradia (o primeiro salto correspondeu à troca da profissão de Majer de mascate para pequeno produtor, narrado no item 1.2 desta dissertação). No lote térreo do número 349 da José Paulino passou a funcionar apenas a confecção, que nessa época ainda era anunciada apenas com o nome do proprietário, Majer Chil Okret.

Depois de aproximadamente quinze anos de produção e venda de roupas prontas, o casal conseguiu comprar um terreno e arcar com os custos da construção de um edifício próprio. Em 1950 ficou pronto o edifício de três pavimentos que Majer e Helena comissionaram para abrigar a confecção da família.

O prédio encontra-se no número cinquenta e seis da José Paulino, um endereço super bem valorizado, pois localizado na primeira quadra da rua e muito próximo da Estação e Jardim da Luz (é vizinho do Edifício Palacete Luz). Majer fez questão de que no projeto constassem duas entradas independentes: uma de acesso ao térreo e outra de acesso aos andares superiores. O objetivo da manutenção de duas entradas se devia à intenção primordial de alugar os andares superiores para outras

confecções, como ocorreu durante determinado intervalo de tempo. Porém, os negócios evoluíram e a confecção teve sua produção reorganizada, passando a ocupar todos os andares do edifício com atividades próprias.

No térreo, a parte da frente era ocupada pelo espaço da loja e o fundo por atividades da oficina, como, por exemplo, retirada e devolução das peças pelas costureiras terceirizadas. O lote possui a proporção estreita habitual dos demais terrenos da José Paulino, e a loja tinha suas laterais ocupadas por prateleiras repletas de peças de roupa já embaladas em sacos plásticos e separadas por modelo, tamanho e cor.

No primeiro andar localizava-se a mesa de corte, também nesse caso feito de maneira mecânica e seriada: vários tecidos eram cortados transversalmente de uma vez só. O molde era desenhado no pano com giz e depois passava-se a máquina.

O segundo andar era reservado ao estoque dos fardos. Nesse andar ocorria também a separação do material já cortado (as partes necessárias para a costura de uma peça de roupas) em dúzias, que seriam embaladas em plástico ou tecido e entregues às costureiras terceirizadas. O controle das peças era feito via uma espécie de caderneta de papel individual para cada costureira. No caso da Okret, a peça já era entregue finalizada, passada e embalada. De volta à confecção, os funcionários checavam se estava tudo executado conforme o mostruário (colocação dos botões, costura do zíper, acabamentos em geral). Após a checagem, as peças eram dobradas, re-embaladas, e transportadas via carrinho de mão para as Estações da Luz ou Sorocabana, de

onde seguiam em trens de carga rumo aos clientes, compostos majoritariamente por comerciantes do interior do Estado de São Paulo. As vendas eram por atacado e as encomendas eram de grandes volumes.

Na segunda metade da década de 1950, a confecção passou a se chamar Okret Sport. A mudança indica um novo posicionamento de marca. Apesar de manter o sobrenome da família, a imagem não é mais diretamente atrelada à figura de Majer. A inclusão do termo Sport indica alinhamento a uma tendência de comportamento da época. Muitas confecções e marcas de roupa incluíam o termo em seus nomes para comunicar que produziam e/ou comercializavam trajes despojados para serem usados no dia-a-dia, acompanhando uma tendência mais geral da moda que estava se tornando menos sisuda e formal. O termo Sport (por vezes também utilizado como “esporte”) dessa época não possuía nenhuma relação com roupas para serem usadas em atividades esportivas, um nicho da indústria da moda que irá se desenvolver posteriormente [Figura 2.2].

A Bel-Sar foi uma confecção cujas instalações funcionaram no número 539 da José Paulino desde o início da década de 1950. Seu nome é a junção das duas primeiras sílabas dos nomes das filhas do casal Jaime e Fanny, chamadas Bela e Sarah. Tal como a Confecções Kon e a Okret Sport, a Bel-Sar possuía uma produção de roupas feitas bastante estandardizada, porém focada no vestuário feminino. A estrutura de funcionamento da Bel-Sar era pequena, Fanny cuidava da produção e Jaime da parte comercial. O quadro de funcionários era composto exclusivamente de uma senhora assistente de vendas. A compra

do tecido, majoritariamente algodão, era realizada na Rua Vinte e Cinco de Março, onde os proprietários da Bel-Sar possuíam boas e duradouras relações com fornecedores de origem sírio-libanesa. O desenho dos moldes era feito por Fanny, que antes de se casar já trabalhava como costureira, possivelmente de forma direta para clientes femininas. O corte do tecido era realizado manualmente à noite: vários panos eram empilhados e cortados à tesoura por Fanny. A costura era terceirizada, e o escopo de costureiras contratadas era composto por senhoras não judias e que não eram residentes do Bom Retiro, algumas moravam no Tremembé e outras no Horto Florestal. O pagamento variava conforme a quantidade de peças entregues. As vendas ocorriam tanto na modalidade atacado, cujas compradoras eram senhoras proprietárias de pequenas boutiques em outras cidades, quanto na modalidade varejo, na qual clientes chegavam em busca de peças para si mesmas. Em um primeiro momento, a família Feldman residia em um apartamento no edifício de número 539 da José Paulino e sua confecção funcionava em um salão no mesmo imóvel. Posteriormente, devido a um cenário de crise econômica, a confecção foi transferida para o interior do apartamento onde os Feldman residiam. Tal mudança mostra que, apesar de o movimento mais usual ser o de separação entre os espaços de morar e trabalhar (como vistos nas histórias das famílias Lustig, Kon e Okret), dependendo do tamanho, estrutura e situação econômica da confecção, o percurso também poderia se dar de maneira inversa.

Outra característica da trajetória da Bel-Sar, que se repete na história da Rasentex, é a manutenção da forma aluguel no imóvel ocupado pelas duas confecções. Desde 1946, quando

Hugueta se casou com José e seu marido tornou-se sócio de seu pai na confecção de roupas masculinas que o mesmo já possuía, a Rasentex ocupava o número 451 da José Paulino, um sobrado que abrigava as atividades industriais e comerciais da pequena empresa. O aluguel foi sendo aumentado sucessivamente até se tornar insustentável a permanência da Rasentex no imóvel, tendo sido o casal ameaçado de despejo por parte do proprietário do sobrado.

A terceirização da costura dentro do processo produtivo de confecções não é exclusividade das pequenas fábricas da José Paulino. No livro *Histórias da Moda*, Didier Grumach descreve o funcionamento padrão das confecções sediadas no bairro parisiense Sentier nas décadas de 1920 a 1950, período de expansão da indústria do prêt-à-porter feminino de preço acessível. Segundo ele, algumas etapas do processo são integradas, como a fabricação (ou compra) do tecido, a modelagem e o corte. A costura, no entanto, seria

(...) confiada a empreendedores ou operárias em domicílio. Produzindo entre dez e quinze peças por semana, os trabalhadores avulsos representam uma mão de obra de excelentes artesãos, em sua maioria da Europa central, que não hesitam em praticar uma semana de sessenta horas. Quanto às operárias em domicílio – geralmente zeladoras de prédios –, elas trabalham sozinhas, e produzem apenas quatro a cinco peças por semana. Centenas de trabalhadores avulsos e operárias encontram em dias fixos os encarregados de receber a mercadoria. (GRUMACH, 2009)

As semelhanças são referentes ao modelo de contratação e à flexibilização que ele representa através do pagamento que é realizado não por quantidade de horas trabalhadas, mas sim por quantidade de peças entregues. Tal flexibilização só é possível de ocorrer em um cenário no qual as costureiras são proprietárias dos instrumentos de trabalho, nesse caso a máquina de costura.

No entanto, apesar de comum, a terceirização da costura não era unanimidade nas confecções da José Paulino. A Indústria General Modas, de Salomão e Yenta Trezmielina, estabelecida desde 1934 no número 341 da José Paulino, investiu desde seu início na compra de máquinas de costura e na contratação de costureiras próprias. Em 1947, a parte produtiva da confecção foi transferida para o prédio de número 158 na Rua General Flores, a oitocentos metros do imóvel da José Paulino, onde a parte de vendas da confecção permaneceu funcionando. O edifício da General Flores foi construído com o dinheiro advindo da venda dos tailleurs e aqui aparece pela primeira vez o movimento de separação espacial entre as duas modalidades que compõem a estrutura da confecção: a loja, onde ocorre as vendas, está localizada em um endereço, enquanto a fábrica, onde ocorre a produção, está localizada em outro, ainda que nesse caso muito próximas. O anúncio da Indústria General Modas de 1947 [Figura 2.3] contém uma mensagem de Salomão, na qual o proprietário da confecção expõe:

Comunico ao comércio de modas para senhoras que a minha fábrica, com as novas instalações em prédio próprio, já está funcionando. Assim poderei atender novos fregueses de outras praças no Brasil não atendidas até agora.

Ou seja, a falta de espaço teria sido um entrave para o aumento de produção necessário a fim de que Salomão pudesse atender ao crescimento de demanda de seu negócio, até então predominantemente atacadista. O anúncio ainda apresenta a ilustração de uma armadura que complementa a influência militar junto com o termo General presente no nome da confecção. O anúncio de 1955 da mesma confecção possui um enfoque completamente diferente e parece ser destinado ao cliente final, o que faz crer que o varejo foi ganhando espaço dentro das vendas da empresa a partir da década de 1950. Nele consta o seguinte texto:

Não procure mais tecidos e costureiros! Nós já temos tudo isso resolvido, pois nossos tailleurs e manteaux são fabricados com tecidos dos últimos desenhos franceses. Temos os melhores costureiros que estudam sempre o que há de mais moderno e em uso nos centros mundiais da alta costura. A Indústria General Modas resolveu o seu problema de vestir-se com elegância. Nossos modelos e tecidos são lançados simultaneamente com os de Paris, New York, Milano, etc. Faça a sua compra na General Modas, a Rua José Paulino, 341.

Nesta peça publicitária, Salomão se utilizou dos conceitos de praticidade e sofisticação como estratégia para se destacar entre as demais confecções, agregar valor à sua mercadoria e atrair clientela. Na metade da década de 1950, apesar da proliferação de confecções não só no Bom Retiro mas em outras partes da cidade, a encomenda de roupas a costureiras ainda era um hábito comum, principalmente entre as mulheres. O anúncio

busca convencer a cliente de que a compra de uma roupa pronta facilitaria sua vida, pois suprimiria as etapas de aquisição de uma peça sob medida (escolha do modelo, compra do tecido e contratação de uma costureira ou modista). Ao mesmo tempo, comprar uma roupa pronta na confecção de Salomão tornaria a cliente mais sofisticada, pois o alinhamento com as tendências emanadas dos centros urbanos difusores de moda estaria garantido pelas pesquisas anteriores à fabricação das roupas, atividade realizada pelos funcionários de Salomão. O anúncio também aponta para um aumento do varejo nas vendas da General Modas, pois enquanto o anúncio de 1947 tinha como foco os comerciantes de todo o Brasil, o de 1955 é destinado às clientes finais [Figura 2.4].

O apelo à sintonia com tendências internacional e ao conceito de “eterna novidade” caracteriza a produção da Indústria General Modas como algo bastante diverso das vestimentas utilitárias fabricadas pelas confecções Kon, Okret Sport e Bel-Sar. Embora nos anos 1940 e 1950 ainda existissem muitas confecções na José Paulino que produziam artigos específicos (Alegre) ou roupas estandardizadas simples e com pouca informação de moda (Kon, Okret Sport e Bel-Sar), essas agora dividiam o endereço de logradouro com confecções que se projetavam como marcas de moda, produzindo coleções com temáticas e influências que mudavam de uma estação para outra, como evidenciam os anúncios da Indústria General Modas.

No intervalo 1945-1959, além das já citadas, foram levantadas as seguintes confecções atuando no setor de roupas masculinas com sede na José Paulino: Mauricio Feiguin produzia “camisas

para o campo e para a praia” em sua Fábrica de Camisas Feiguin (Rua José Paulino, número 90); Jacob Nachmanovitch revendia variados artigos de vestuário masculino em sua Konrad (Rua José Paulino, número 102 até 1956, e número 206/210 após 1956); Wolf Altman produzia camisas, cuecas e pijamas em sua Fábrica de Camisas Wolf (Rua José Paulino, número 135, primeiro andar); os irmãos Kusniéc produziam artigos de esporte para homens e crianças em sua Confecções Finas para Esporte Eska (Rua José Paulino, número 151); o casal Hepner produzia apenas camisas masculinas em sua Camisaria Hepner (Rua José Paulino, número 233); David Ratzker produzia blusas de lã para homens e crianças e revendia outros inúmeros artigos de vestuário masculinos em sua Manufatura Trunfo (Rua José Paulino, número 252, primeiro andar, sala 2); Salomão Waldstajn e seus filhos produziam jaquetas e calças jeans para homens, rapazes e crianças em sua Jaquetex (Rua José Paulino, número 252, primeiro andar); os sócios Korn & Goldsztejn produziam na fábrica de mesmo nome jaquetas de couro e brim para homens e crianças (Rua José Paulino, número 408); o casal Rajnsztajn, associado à filha Hugueta e ao genro José Sendacz, produzia bonés e camisas esporte na confecção Rasentex (Rua José Paulino, número 451); jaquetas de lã e seda para homens e crianças eram fabricadas na Menwol Ltda. (Rua José Paulino, número 634); e, por fim, Emanuel Szwarcberg mantinha sua Camisaria Emanuel no número 931 da José Paulino.

No quesito feminino, além das já citadas, foram catalogadas as confecções atuando no mesmo intervalo 1945-1959, que seguem: A. Tenenboim mantinha uma filial de sua Spiter Confecções de Luxo (Rua José Paulino, número 86, primeiro andar); Fawel e

Sara Slomka produziam roupas para senhoras com destaque para casacos e manteaux na Casa de Modas Oceania (Rua José Paulino, número 140); Simão R. Gandelman produzia roupas femininas em sua Confecções Finas para Senhoras (Rua José Paulino, 168); N. M. Okrent possuía uma fábrica de roupas para senhoras que levava seu próprio nome (Rua José Paulino, número 223); N. M. Okrent possuía uma fábrica de roupas para senhoras, crianças e bebês recém-nascidos que também levava seu nome (Rua José Paulino, número 349); Simão e Helena Neumark produziam calcinhas e cintas-liga em sua Helenform (Rua José Paulino, número 428); a Confecções Belma possuía fabricação própria de lingerie, blusas e saias (Rua José Paulino, número 539); Alexandre Suchodolski e Guilherme Krasilchik produziam seus manteaux e tailleurs na Confecções Modastil (Rua José Paulino, número 378, até 1958, e Rua José Paulino, número 488, após 1958); e os sócios Dobromil & Aizenberg produziam peignoirs, pijamas e enxovais em sua fábrica Lingerie Dália (Rua José Paulino, número 565).

Entre as confecções que produziam e/ou comercializavam roupas prontas em geral, tanto para homens, quanto para mulheres e crianças, temos: A Distinta, de Ghers Sister (Rua José Paulino, número 76); a Fábrica de Roupas Feitas Samuel Krasner (Rua José Paulino, número 158/162); a Casemiras e Manufatura Brasil S/A (Rua José Paulino, número 185/189); José Lefcovitch e sua Confecções Jolef (Rua José Paulino, número 186); a Strict Modas, dos sócios Tajtelbaum & Sznajder (Rua José Paulino, número 233); a O Rei das Roupas Feitas, de Motel Maktas (Rua José Paulino, número 269); a Confecções Copacabana, de A. Miednicki (Rua José Paulino, número 388, primeiro andar, sala

dois); a Confecções Finas Jacob, de Goldman & Fajersztajn (Rua José Paulino, número 397); a Faintex, de S. Fajnzylber (Rua José Paulino, número 409); a Comércio e Indústria de Roupas Derol Ltda. (Rua José Paulino, número 442) e a Alvorada, de Abram C. Eksterman (Rua José Paulino, número 682).

Dentre as malharias, peleries e fabricantes de roupas brancas, existiam a Grande Fábrica de Roupas Brancas e de Senhoras de Jacob Fridman (Rua José Paulino, 140); a Fábrica de Malhas e Jersey Atim (Rua José Paulino, número 152); a Rogersey, dos sócios Rosset & Baumstein, cuja especialidade era a produção de artefatos em jersey (Rua José Paulino, 190/192); a Fábrica de Maiôs Love (Rua José Paulino, número 217); o Atelier de Peles Nutria, dos sócios Knobloch & Tazsman (Rua José Paulino, número 252, segundo andar, sala quatro); a Indústria de Tecidos de Malha Tricot S/A (Rua José Paulino, número 261); a Jersey Zinécia, da Companhia Zingerevitz (Rua José Paulino, número 271); a Malharia Belga (e também fábrica de roupas brancas) de Wolf Zaydan (Rua José Paulino, número 286); a Confecções Mimosa, na qual os Irmãos Wengier, em sociedade com S. Zysman, produziam variedade de roupas brancas (Rua José Paulino, número 527/531); a Confecções Glass, também de roupas brancas, de Jacob Herch Glass (Rua José Paulino, número 535); a Malharia Polar, de T. M. Guterman (Rua José Paulino, número 578); a Lincotex (Rua José Paulino, 643); a Malharia Gil (Rua José Paulino, número 756); a Malharia Sertex e os Maiôs Adoração, de A. Najszteter (Rua José Paulino, número 848); a Malharia Ártica (Rua José Paulino, número 850) e a Indústria de Tecidos de Malha Marbet, de Szlama Hersz Meller (Rua José Paulino, número 899).

No levantamento também constam três joalherias: a Juvélia, de Josef Wachslight (Rua José Paulino, número 388); a Joias e Relógios Bandeirantes, de Peisach Cimerman (Rua José Paulino, número 411) e a Joias Fabril Ltda. (Rua José Paulino, número 542). A loja de sapatos Calçados Stachinni (Rua José Paulino, número 801), raro exemplo de comércio mantido por integrantes da comunidade italiana na José Paulino depois do boom das confecções, também anunciava bastante e foi mencionada em mais de um depoimento. Apesar de não serem confecções, é interessante a existência destes comércios “complementares” às roupas na José Paulino. Essa existência pode indicar um aumento progressivo do comércio de varejo na rua, na medida em que facilitava a vida do consumidor que estivesse atrás de um look completo: numa mesma rua ele poderia obter a roupa em si, o calçado e os acessórios.

Fabrica de Guarda-Chuvas e sombrinhas «Alegre»
 De CH. LUSTIG
 R. José Paulino, 573 — Tel 52-1497
 שליסט זיך אן מיט פרייד צום צווייערסקן אַניווערסאַר פון „אונדזער שטימע“.

Figura 2.1. Anúncio da Fábrica de Guarda-chuvas e Sombrinhas Alegre. Periódico Nossa Voz. Edição 23 de junho de 1949. Página 17. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987_1949_00118.pdf>. Acesso em 27.09.2017.

TECIDOS E ROUPAS FEITAS POR ATACADO
 FABRICAÇÃO PRÓPRIA DE ROUPAS

א גרויסער אויסוואל פון ארבעטס און ספּאָרט-מלבושים
 בי לי קע פרייזן ראייעלע באהאנדלונג

MCO

Majer Chil Okret

Rua José Paulino, 54-56 São Paulo Telefone 34-1168

Figura 2.2. Anúncio da Majer Chil Okret - Tecidos e Roupas Feitas por Atacado. Periódico Nossa Voz. Edição 3 de abril de 1955. Página 29. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987_1955_00515.pdf>. Acesso em 27.09.2017.

INDUSTRIA GENERAL MODAS
 Marca Registrada
 Comunico ao comércio de modas para senhoras que a minha fábrica, com as novas instalações em prédio próprio já está funcionando. Assim poderei atender novos frequentes de outras praças no Brasil, não atendidas até agora.

SALOMÃO TREZMIELINA
 FÁBRICA: RUA GENERAL FLORES, 101 SÃO PAULO
 VENDAS: RUA JOSÉ PAULINO, 44 TELEFONE 3-494

Figura 2.3. Anúncio da Indústria General Modas. Periódico Aonde Vamos? Edição 18 de julho de 1947. Página 2. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Não Procure Mais Tecidos e Costureiros!

NÓS JÁ TEMOS TUDO ISSO RESOLVIDO. POR Nossos TALENTOS E MANEJOS SÃO FABRICADOS COM TECIDOS DOS MELHORES DESENHOS FRANCÊSES. TEMOS OS MELHORES COSTUREIROS QUE SAO SEMPRE O QUE HÁ DE MAIS MODERNO E EM USO NOS CENTROS MUNDIAIS DA ALTA COSTURA.

A INDUSTRIA GENERAL MODAS
 Salomão Trezmielina
 resolveu o seu problema de vestir-se com elegancia

PARIS. NEW-YORK. MILANO etc.

Faca a sua compra na GENERAL MODAS, a Rua José Paulino 341. Tel. 51-5005, São Paulo

Figura 2.4. Anúncio da Indústria General Modas. Periódico O Novo Momento. Edição 7 de maio de 1955. Página 10. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

2.2. Primeiro ciclo de verticalização: o edifício para confecção

Como visto no primeiro capítulo, as primeiras oficinas de roupas prontas ocupavam construções originalmente concebidas para servirem de moradia e armazéns para famílias de imigrantes italianos, a maior parte delas em estilo eclético. Apesar de já terem se iniciado na década de 1920, foi na década de 1940 que a transferência de propriedades de italianos para judeus se deu de forma mais intensa. Com os imóveis em mãos, os judeus demoliam as antigas construções e erguiam em seu lugar pequenos edifícios com linguagem arquitetônica moderna.

Tal qual a construção da José Paulino como uma via especializada na produção e venda de roupas prontas na região central de São Paulo ocorreu em um contexto de afirmação da indústria paulista como centro dinâmico da economia nacional (primeiro capítulo), a construção dos edifícios para o funcionamento das confecções da rua ocorreu dentro de um contexto de verticalização e disseminação de edifícios de arquitetura moderna em São Paulo (segundo capítulo). O conjunto edificado na rua nesse momento pode ser chamado de moderno porque compartilha dos preceitos de racionalização; volume e espacialidade decorrentes do uso; e ausência de ornamentação e de referências historicistas.

Entretanto, a arquitetura moderna edificada no Bom Retiro, assim como a edificada em outros bairros do cinturão central de São Paulo, é distinta da consagrada na historiografia da arquitetura moderna brasileira. Trata-se de edifícios de pequeno porte que não se encaixam totalmente no receituário modernista, não apontando para a separação entre rua e lote e muitas

vezes misturando usos residenciais, comerciais e por vezes até industriais.

O processo de verticalização próprio à José Paulino é caracterizado pela construção de muitos edifícios de poucos andares, sendo a maioria composta de três a quatro pavimentos, com a utilização em geral da estrutura original dos lotes, sendo poucos os casos em que houve remembramentos³⁴. Trata-se de um processo intenso de verticalização, que ocorreu simultaneamente ao processo de verticalização nas outras vias que formam a parte alta do Bom Retiro (na parte baixa, a verticalização se deu de forma mais lenta e pulverizada).

O gabarito médio da rua relaciona-se com o programa de atividades da confecção. A venda, independente se na modalidade atacado ou varejo, ocorre no térreo, espaço de maior interface com a rua. Nessa época ainda é incipiente a presença das vitrines tal qual existem atualmente, o valorizado era a extensão da abertura em relação a rua. A ausência de vitrines faz sentido em uma época onde não ocorria muita variação de modelos de estação para estação. A vitrine serve para mostrar novidades e seduzir o cliente, no entanto, os frequentadores da José Paulino nesse período provavelmente chegavam ao local já sabendo o que queriam comprar.

Nos andares superiores são distribuídas as demais funções, sendo quase sempre um andar reservado ao estoque de fardos, peças

34. Nesta dissertação considera-se o térreo e a sobreloja como pavimentos. Assim, uma construção composta de loja, sobreloja e mais um andar é aqui descrita como um edifício de três pavimentos.

ou tecidos. O restante dos andares poderiam ser destinados para corte, separação dos fardos ou costura nas raras confecções que não terceirizavam essa etapa. A parte administrativa era normalmente alocada nos fundos do térreo, devido à proximidade com o espaço das vendas. Alguns edifícios previam a existência de um apartamento no último pavimento que servisse de moradia para a família do proprietário da confecção, no entanto, o movimento comum é o de mudança da família assim que possível (após acúmulo suficiente de capital), indo para moradias maiores e até em outros bairros. O apartamento era então adaptado e poderia passar a servir como mais um local para a confecção, ou como um espaço passível de ser alugado para outras confecções.

O conjunto desses pequenos prédios começa a se fazer notar nos desenhos das faces de quadra de 1945 (início deste capítulo) e ganha volume nos desenhos das faces de quadra de 1959 (término deste capítulo). Além disso, esse conjunto de edifícios é o que configura a materialidade da rua até os dias atuais, tendo sofrido inúmeras modificações em suas fachadas, mas tendo seus volumes e estruturas básicas inalterados.

A implantação desses edifícios revela o elevado coeficiente de aproveitamento, e os desenhos das faces de quadra mostram que praticamente inexistem recuos entre os edifícios da José Paulino, nem frontal e muito menos lateral. Apesar de existir uma diferença de valorização entre as quadras da rua (as mais próximas do centro são mais valorizadas e possuem valores de aluguel mais elevados), a ocupação lote a lote mantém-se densa e sem intervalos durante toda a extensão da via. Em seus estudos sobre

o padrão de ocupação do Bom Retiro e o conjunto arquitetônico moderno do bairro, MANGILI (2009) e KOULIOUMBA (2013) destacam que a estrutura fundiária do bairro pouco mudou após sua urbanização no final do século XIX, a partir do loteamento das chácaras que existiam na região.

Os lotes vistos em plantas são retangulares e estreitos. Suas frentes variam em média de quatro a sete metros quando se trata de uma tipologia simples (edifício concebido para abrigar uma confecção e/ou uma loja) e de oito a quatorze metros quando se trata de uma tipologia dupla (edifício concebido para abrigar duas ou mais confecções e/ou lojas). A profundidade dos terrenos avança bastante para os miolos de quadra, resultando em lotes de proporções aproximadas de um metro de fachada para cinco ou seis metros de profundidade.

Os edifícios são volumes prismáticos e possuem estrutura em concreto armado. Como os lotes são muito estreitos, os vãos a serem vencidos são pequenos, o que permite a utilização de janelas de vidro com caixilho metálico ou de madeira que percorrem quase toda a extensão da fachada no sentido horizontal. As janelas que percorrem o pé direito dos pavimentos no sentido vertical, formando cortinas de vidro, aparecem em menor quantidade e conferem um aspecto fabril às fachadas que compõem. O aproveitamento máximo das aberturas na fachada garante a maior quantidade possível de incidência de luz e ventilação naturais, uma vez que os edifícios são compridos e a falta de recuo lateral impede a instalação de janelas no sentido de sua profundidade. Traçados retilíneos e revestimentos de pastilha, cerâmica e azulejo complementam a composição das fachadas.

Em 1945, ficou pronto o edifício de numeração 233/235 da José Paulino, encomendado pelo imigrante polonês Icek Hepner, proprietário da Camisaria Hepner³⁵. Tanto sua pequena fábrica quanto a residência de sua família transferiram-se da casa alugada na Rua Carmo Cintra (pequena transversal do lado ímpar da José Paulino) para o prédio composto de térreo e dois andares superiores. A primeira distribuição das atividades no edifício se deu da seguinte maneira: na parte da frente do térreo funcionava a loja (espaço onde se efetuavam as compras e vendas de camisas no atacado) e nos fundos funcionava uma parte da confecção. No primeiro andar ocorriam as demais atividades industriais e o segundo andar foi projetado para receber a residência da família Hepner, que no entanto lá morou apenas até o começo da década de 1950 [Figuras 2.5 e 2.6]. Desde o final da década de 1940, Icek dividiu o térreo e passou a alugar metade da área da loja para outras confecções, como a Strict Modas e a Capas e Blusões D’Aqui, e, quando a família saiu, o segundo andar já começou a ser alugado com a mesma finalidade [Figuras 2.7, 2.8 e 2.9]. A partir do início da década de 1950, além de comercializar a própria produção de camisas, Icek passou a comprar artigos do vestuário masculino já prontos de outros fornecedores, passando a praticar a revenda e a diversificar os produtos comercializados. Esse momento coincide com o aumento da importância da modalidade de venda de varejo dentro do seu negócio, e ele pratica essa modalidade mista (produtor e revendedor simultaneamente) até aproximadamente 1959, quando cessa a

35. Quando o edifício possui uma numeração dupla, como 233/235, normalmente um dos números se refere à abertura comercial, mais larga e centralizada, e o outro se refere à entrada que dá acesso à escada que leva aos andares superiores, sendo esta normalmente lateral e bem estreita.

produção e passa a atuar apenas como revendedor de peças de roupa masculina (camisas, cuecas, meias, calças, gravatas, etc.), restringindo sua atuação ao âmbito do comércio.

O mesmo conceito de edifício de uso misto está presente no imóvel de numeração 218/220 da José Paulino. A família Zeiger tornou-se proprietária dele em aproximadamente 1945, quando sua alfaiataria já havia evoluído para uma fábrica de capas de chuva chamada Goomtex. Trata-se de um prédio de três andares, no qual originalmente a parte da frente do térreo era ocupada pela loja e a parte dos fundos pelo escritório. As atividades relacionadas à confecção ocupavam o primeiro pavimento e a família Zeiger residia no segundo. Tal qual os Hepner, a família mudou-se de lá em pouco tempo, ascendendo socialmente. O segundo andar passou a ser ocupado por atividades ligadas à confecção e o prédio tornou-se de uso estritamente profissional. O edifício possuía um elevador de carga, o que era raro entre os pequenos edifícios da José Paulino na época, simbolizando diferenciação e progresso.

A Confecções Kon encerrou suas atividades nos primeiros anos da década de 1950. O casal Godel e Sara havia tido três filhos: Samuel nascido em 1931, João nascido em 1933 e Rosa nascida em 1939. À época do fechamento da confecção da família, Samuel e João estavam se formando em cursos superiores na Universidade Presbiteriana Mackenzie, o mais velho em engenharia civil e o do meio em arquitetura. Com os dois filhos formados, Godel abriu uma incorporadora.

Entre 1953 e 1954 se deu a construção do edifício de número

413 da José Paulino, cujo terreno, além de vizinho ao de número 393/397 onde funcionava a sua confecção, era de sua propriedade. O projeto do edifício é do escritório de arquitetura de Leone Fichberg e Victor Gandelman, no qual João Kon estagiava na época. O edifício localiza-se na esquina da José Paulino com a rua Carmo Cintra, e o programa consiste em três lojas no térreo mais quatro salas comerciais distribuídas em dois pavimentos superiores. Os escritórios de Samuel e João funcionaram em uma das salas do edifício até 1963, quando transferiram-se para o Edifício Padrão, na rua Correia de Melo, de autoria da dupla de irmãos. As demais salas do edifício da José Paulino foram alugadas para outros profissionais liberais, e as lojas do térreo para comerciantes. Sobre ter trabalhado na José Paulino entre 1954 e 1963, João Kon assinala, em depoimento concedido à autora: “para nós era prático, a gente conhecia todo o mundo” [Figuras 2.10 e 2.11].

Em 1956, ficou pronto o edifício de numeração 206/210 da José Paulino, uma reforma a partir de uma construção já existente. A arquitetura é de João Kon e a engenharia de Samuel Kon. Os clientes eram Jacob Nachmanovitch e Rafael Kon, irmão mais velho de Godel Kon. Jacob era casado com Pola Nachmanovitch, filha de Rafael e prima de Samuel e João. Jacob e Rafael eram sócios na Confecções de Roupas Konrad Ltda., empresa que, apesar de usar o termo confecções em seu nome, atuava, desde pelo menos o início da década de 1950, como revendedora de peças de roupa masculinas e infantis. O anúncio de 1955 lista os produtos comercializados pela dupla (blusas de couro de diversos tipos, blusas de lã, blusas de brim, calças de brim, casimiras e diversos tipos de cueca), uma variedade grande

para os padrões das confecções da José Paulino na época, que de forma geral davam conta de produzir uma gama reduzida de artigos, quando não eram especializadas em apenas um. Além disso, o anúncio informa que antes da conclusão da reforma no 206/210, a Konrad ocupava o imóvel de número 102, uma construção baixa composta de loja e sobreloja [Figura 2.12].

A inexistência de produção na Konrad impactou o projeto de reforma de sua nova sede. Trata-se de um prédio de apenas dois pavimentos, com uma loja no térreo e um escritório no andar superior. O edifício possui todas as características elencadas anteriormente como típicas dos edifícios de confecção da José Paulino: tipologia arquitetônica moderna; estrutura em concreto armado; planta estreita (6,1 metros de frente e 31 metros de profundidade / proporção 1:5); abertura frontal extensa; e caixilho metálico. O que o difere dos exemplos anteriores é a inexistência de mais pavimentos destinados a atividades produtivas [Figura 2.13].

No projeto original da fachada, consta uma única abertura no nível da rua, que abrange quase toda a totalidade dos seis metros de frente do lote, priorizando uma maior interface entre o espaço privado da loja e o espaço público da rua, em detrimento da existência de acessos independentes para o andar superior. No entanto, na imagem do edifício já em funcionamento presente em uma edição da Revista de Arquitetura e Construções impressa nos anos 1960, observa-se que na obra foram realizadas duas aberturas distintas, uma configurando o acesso à loja do térreo e outra sendo uma entrada lateral e bem estreita que dava acesso ao escritório no andar superior. Atualmente o edifício encontra-

se com apenas uma abertura, tal qual previsto no projeto original. Ocorreram oscilações no que concerne aos acessos, e a opção pela manutenção de apenas uma abertura evidencia a importância dada ao comércio e ao movimento de rua. Como o espaço da loja valorizou-se muito mais em termos imobiliários do que o espaço do salão superior, optou-se pela abertura mais extensa, suprimindo a escada da frente do lote e permanecendo como único acesso ao andar superior uma escada localizada nos fundos da planta [Figura 2.14].

Em 1945, ao retornarem a São Paulo após temporada no Paraná, Simão e Helena Neumark adquiriram um imóvel na Rua Julio Conceição, penúltima transversal da José Paulino. No imóvel, uma casa térrea, Simão passou a produzir calcinhas de algodão na parte da frente e instalou a moradia de sua família nos fundos. A Simão Neumark & Cia produzia não só a calcinha, mas também o algodão de sua composição, primeiro caso de confecção, dentre as aqui tratadas, produtora de tecido. O algodão era tingido fora e, na volta, cortado e costurado. Na primeira metade da década de 1950, após passar a trabalhar também com borracha, Simão começou a produzir cintas-calça (calças curtas e elásticas muito usadas pelas gestantes da época). A borracha em sua composição lhe conferia elasticidade em um tempo anterior ao lançamento da Lycra (tecido elástico sintético desenvolvido em 1958 no laboratório do conglomerado norte-americano DuPont). Em seguida, a confecção passou a se chamar Helenform, e Simão passou a produzir, além do algodão, rayon e jersey, tecidos sintéticos que emulam a seda através de aspecto brilhante e toque aveludado.

A maior parte da venda era feita via representantes. Simão disponibilizava um mostruário dos produtos fabricados, recebia os pedidos, produzia-os nas quantidades e modelos solicitados, e enviava a lojistas do interior do Estado via transportadora.

Posteriormente ao acúmulo de capital através da produção e venda de roupas de baixo, Simão comprou um prédio na Rua dos Italianos, via próxima à José Paulino, paralela às últimas quadras da mesma e que adentra em direção à parte baixa do Bom Retiro. No primeiro e segundo andar do edifício funcionava a confecção, e no terceiro, a residência da família Neumark. A construção possuía duas entradas independentes, sendo que a menor e lateral dava acesso à escada que conduzia diretamente ao apartamento da família. O casal e seus filhos permaneceram pouco na moradia, tendo se transferido para uma casa nos Jardins alguns anos depois.

Em aproximadamente 1955, Simão adquiriu o prédio de numeração 422/424/428 da José Paulino. A construção comporta dois edifícios conjugados compostos de térreo, sobreloja e dois pavimentos tipo cada [Figura 2.15]. O 422 corresponde ao térreo comercial de um dos edifícios, o 428 ao térreo comercial do outro, e o 424 localiza-se entre as duas lojas e corresponde à escada de acesso aos andares superiores dos dois edifícios, formando um só conjunto. Com a aquisição do segundo imóvel no Bom Retiro, Simão transferiu as atividades de sua fábrica do edifício da Rua dos Italianos para o edifício da José Paulino. Ainda assim, como a Helenform não ocupava todas as dependências do 422/424/428, metade dele foi alugado para outra confecção. A fábrica da Helenform ocupava um dos andares superiores, e

em um dos espaços do térreo Simão montou uma loja de fábrica que funcionava no esquema de pronta-entrega, ou seja, vendia a varejo o excedente de mercadoria produzida no andar superior que não tinha sido arrematado no atacado. Aparece neste caso uma complementação em relação ao sistema de atacado, pois nos exemplos vistos até agora, a produção era acionada somente mediante o surgimento de pedidos, com a demanda direcionando a oferta. O excedente de produção da Helenform sinaliza para uma aposta de Neumark no potencial de varejo da José Paulino, ainda incipiente nessa época.

O edifício de numeração 140/142/146 da José Paulino possui a mesma tipologia dupla do 422/424/428: dois prédios conjugados idênticos conectados por uma escada central de acesso aos salões superiores [Figura 2.16]. Entretanto, sua fachada possui aspecto mais fabril em decorrência dos pés direitos duplos presentes em todos os andares e do caixilho com modulação vertical. O edifício foi construído a mando de Fawel Slomka, que em 1944 realizou junto à Prefeitura uma solicitação de construção no terreno, formado por dois lotes padrões da José Paulino (MANGILI, 2009). Quatro anos depois, o edifício foi inaugurado com uma festa digna de matéria de jornal [Figura 2.17].

No térreo do edifício há duas lojas, cada uma com sua própria entrada, o que garante a independência de seus funcionamentos em relação ao restante do prédio. Entre elas, há a pequena escada de acesso aos quatro salões superiores, um por andar, dois em cada uma das duas partes que compõem a edificação. O projeto do edifício possibilita o funcionamento simultâneo de duas lojas e quatro confecções (ou pelo menos duas, no caso de

uma confecção precisar utilizar mais de um salão). A construção foi idealizada como duplo investimento, produtivo (construção de espaço para a atividade da Oceania) e de locação de parte de suas instalações.

Como inquilinos de Fawel Slomka no edifício aparecem duas personagens desta dissertação. Godel Kon ocupou o térreo do número 146 em 1949, quando a Confecções Kon estava prestes a encerrar suas atividades. Como informado no item 2.1, no final da década de 1940 a família Kon transferiu sua residência para os Jardins. Assim, possivelmente o imóvel de numeração 393/397, que já era propriedade de Godel desde meados da década de 1930, foi completamente desocupado para ser vendido ou locado, daí a transferência provisória da confecção para o salão térreo do 146 [Figura 2.18].

Também no ano de 1949, Jacob Fridman, proprietário da fábrica de roupas brancas sediada na Carmo Cintra, passou a ocupar o outro espaço térreo do edifício, o de numeração 140. A relação de Fawel e Jacob era de arrendamento. Quando Jacob assumiu a loja, ele passou a comercializar, além das roupas brancas, roupas para senhoras, provavelmente aquelas produzidas pela Oceania em um dos salões superiores do edifício. Fridman era responsável pela parte administrativa do negócio atacadista, porém repassava parte do lucro obtido nas vendas para Fawel [Figura 2.19].

Apesar da estratégia dupla de investimento na construção do edifício 140/142/146, a locação perdurou muito mais enquanto negócio do que a atividade têxtil. A Oceania cessou sua produção de casacos em 1950, passando a atuar como revendedora de

roupas para senhoras até 1953, quando encerrou suas atividades. Entretanto, os aluguéis provenientes das locações dos salões do edifício mantiveram-se como fonte de renda da família Slomka.

As tipologias dos edifícios construídos e comprados na José Paulino entre 1945 e 1959, cujas histórias foram contadas neste capítulo, não se restringem aos casos analisados. Pelo contrário, são replicadas durante toda a extensão da rua, como pode ser verificado na face de quadra de 1959, que encerra este capítulo e abre o próximo. Logo, as histórias por trás das construções dos demais edifícios às quais não se obteve acesso, apesar de certamente possuírem suas singularidades, certamente são relacionadas a dinâmicas recorrentes no espectro da rua, como separação dos espaços de moradia e trabalho; crescimento das confecções; e investimentos imobiliários por parte dos donos desses negócios.

Os casos dos edifícios comissionados por Icek Hepner, Majer Okret e Fawel Slomka exemplificam a tese de que os donos das confecções da José Paulino são agentes importantes na mudança da materialidade da rua que se dá entre 1945 e 1959. Apesar desses edifícios possuírem fachadas de mesma linguagem, as razões dos empreendimentos que lhes deram origem possuem naturezas variadas, o que acarreta em diferenças nos programas de atividades.

O edifício de Icek Hepner foi concebido com loja no térreo, salão no primeiro andar e apartamento para a família no segundo. Apesar da família ter morado pouco tempo nele, sua concepção original era de um imóvel misto. O mesmo pode ser dito sobre

o edifício ocupado pela família Zeiger no início da década de 1940 (Rua José Paulino, 218/220). Majer Okret e Fawel Slomka já haviam passado pela etapa de separação dos ambientes de morar e trabalhar quando investiram nas construções dos edifícios 56 e 140/142/146. Seus objetivos iniciais eram proporcionar novas instalações para suas próprias confecções e alugar espaços para outras. Logo, trata-se de imóveis que congregam apenas espaços destinados ao trabalho, com loja(s) no térreo e salões nos demais pavimentos³⁶.

Proporcionar novas instalações para suas próprias confecções e alugar espaços para outras também eram os objetivos de Simão Neumark, porém, ele os concretizou a partir da compra de um imóvel já construído, o que mostra que a encomenda da construção de um edifício não era a única forma de se investir imobiliariamente na José Paulino.

A trajetória de Godel Kon é um pouco diferente. Ele não encomenda um edifício com as tipologias comuns da José Paulino, que servem para abrigar as atividades das confecções, porque ele fecha sua própria confecção já nos primeiros anos da década de 1950. Ao invés de realizar o duplo investimento produtivo e rentista, ele migra de área e passa a ser incorporador/empresário da construção, ao invés de cliente/proprietário. O único edifício que ele construiu na rua (José Paulino, 413), entre 1953 e 1954, difere do padrão tanto em proporção como em

36. No Bom Retiro, a prática de construir como investimento em propriedade própria não se restringe à comunidade judaica. Ela está presente nas primeiras construções que a comunidade italiana ergueu no bairro. No caso da José Paulino, tais construções correspondem às casas térreas, sobrados e armazéns alugados para judeus acomodarem suas oficinas de roupas prontas.

programa de atividades. Apesar de ter lojas no térreo, os demais andares não são destinados a salões para confecções, e sim para o funcionamento de escritórios de profissionais liberais, tais como o da incorporadora que mantinha com seus filhos.

As trajetórias da Bel-Sar, da Grande Fábrica de Roupas Brancas Jacob Fridman e da Rasentex mostram que dinâmicas imobiliárias distintas conviviam na José Paulino. Apesar do grande contingente de novas construções que surgiram na José Paulino no intervalo 1945-1959 para abrigar as atividades produtivas e comerciais das marcas da rua, existiam confecções que não possuíam imóvel próprio, sendo suas instalações mediadas por relações de aluguel ou arrendamento.

A Lei do Inquilinato teve seu primeiro decreto estabelecido em 1942 pelo Estado Novo, tendo sofrido sucessivas renovações até 1964 (BONDUKI, 1998). A lei congelou o aluguel residencial por décadas, o que pode ter beneficiado algumas das famílias proprietárias de confecções estudadas, uma vez que todas começaram como inquilinas em imóveis de uso misto e algumas permaneceram como tal. O capital obtido com o trabalho da confecção, ao invés de servir para arcar com os custos relativos ao aumento da locação, puderam ser redirecionados para o investimento na própria produção e/ou para investimento em outros imóveis. Por outro lado, a lei, que teoricamente visava a proteção do inquilino, autorizava despejos mediante certas condições. O decreto de 1943 autorizava o despejo do inquilino se o proprietário comprovasse que a construção alugada seria demolida para dar lugar a uma construção de maior vulto, o que pode ter favorecido a demolição de sobrados e armazéns seguida

da construção dos edifícios para as confecções nos anos 1940 e 1950.

Além dos inúmeros edifícios para as confecções e suas diferentes categorias de funcionamento, foram realizados dois empreendimentos imobiliários mistos na José Paulino no início da década de 1950. Ambos englobam mais de um lote padrão da rua e possuem mais pavimentos do que a maioria dos edifícios de caráter estritamente comercial.

A portaria do edifício Renascença localiza-se no número 524 da rua e seus quatro lotes comerciais correspondem às numerações 516, 520, 528 e 534. A construção é dividida em dois blocos, um de frente para a José Paulino e um que faceia o miolo de quadra. Os blocos possuem seis pavimentos tipo, cada um com dois apartamentos. As unidades possuem cento e trinta metros quadrados distribuídos em três dormitórios, sala, cozinha, banheiro, área de serviço e dependências para empregada (banheiro e quarto).

O Edifício Fashion Plaza foi inaugurado em 1950. Sua portaria localiza-se no número 756 da José Paulino e seus quatro lotes comerciais correspondem às numerações 752/754; 762; 768 e 774. A construção possui sete andares tipo residenciais e suas unidades habitacionais possuem de dois a três dormitórios.

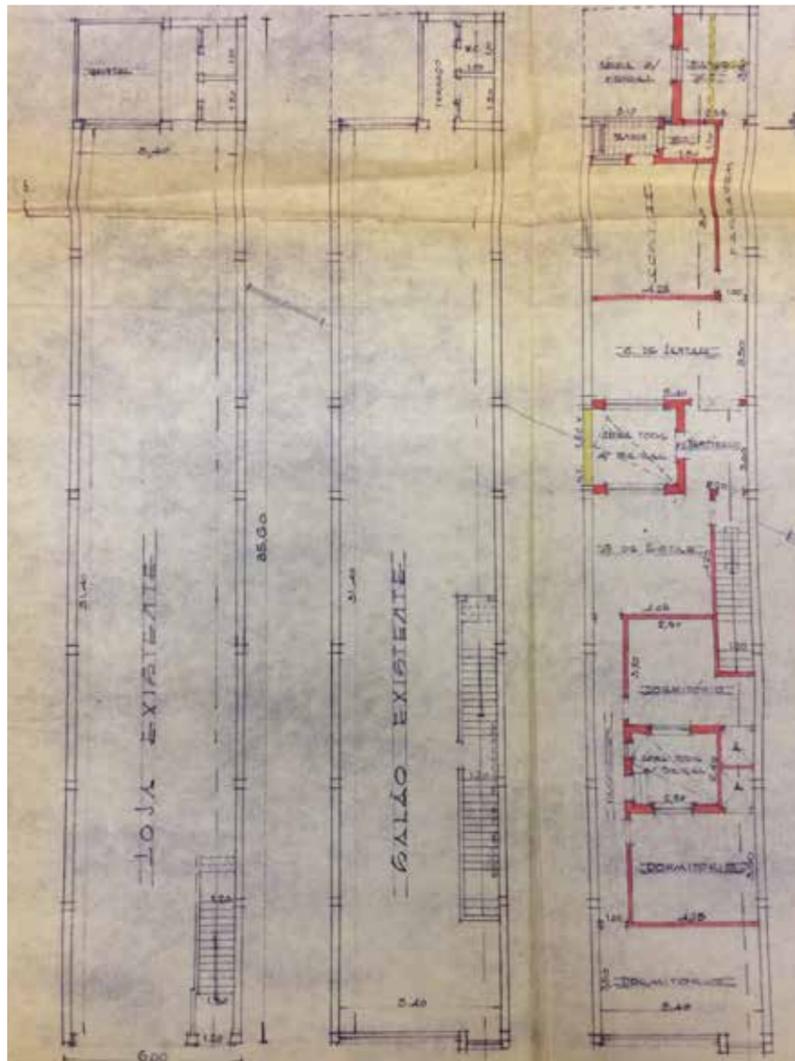


Figura 2.5. Plantas originais da reforma pela qual passou o edifício de numeração 233/235 da José Paulino, sob supervisão do arquiteto Maurílio Sampaio Botelho Filho. Os desenhos apontam a distribuição dos usos pelos pavimentos: comércio no térreo (loja), indústria no segundo pavimento (salão) e moradia no terceiro pavimento (apartamento). O lote possui seis metros de frente por 35,6 metros de profundidade (proporção 1:6). Fonte: acervo pessoal Etejane Hepner.



Figura 2.6. Fachada do edifício de numeração 233/235 da Rua José Paulino. Foto tirada pela autora em 2.11.2017.

Camisaria **HEPNER**
 Confeção extra-fina de camisas pijamas e cuecas
 Executa-se qualquer encomenda

Vendas por
 ATACADO E VAREJO ★ *Icek Hepner*

Rua José Paulino, 233 - Telefone 34-8576 - São Paulo

Figura 2.7. Anúncio da Camisaria Hepner. Periódico Nossa Voz. Edição 27.08.1955. Página 11. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987_1955_00515.pdf>. Acesso em 13.08.2017.

Tajtelbaum & Sznajder
STRICT MODAS
 R. José Paulino, 233 — Tel. 4.1214
 מיל נליס ווינטשן מיר „אונדזער שטימע" צום
 צווייטן יארטאגן.

Figura 2.8. Anúncio da Strict Modas. Periódico Nossa Voz. Edição 25 de agosto de 1949. Página 11. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987_1949_00118.pdf>. Acesso em 27.09.2017.

Capas e Blusões "D'AQUI"
(Antiga: CAPAS RECORD)
 de GERALDO HOHENSTEIN

מיר מעלדן אונדזערע פריינט און קליענטן, אז מיר
 האבן איבערגעצויגן אונדזער אינדוסטריע פון קאפעס אין
 א גרעסערן סאלאן אויף א פריווילעגירטן פונקט, האבנדיק
 די מעגלעכקייט נאך בעסער צו באדינען אונדזערע חשובע
 קליענטן.

Rua José Paulino, 235, 1.º andar.
 Fone: 34-9377 — São Paulo

Figura 2.9. Anúncio da Capas e Blusões "D'Aqui". Periódico Nossa Voz. Edição 5 de maio de 1954. Página Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987_1954_00448.pdf>. Acesso em 17.03.2017.



Figura 2.10. Fachada do edifício de numeração 413 na esquina das ruas José Paulino e Carmo Cintra, construído em 1953 e 1954. Foto tirada pela autora em 02.11.2017.

Figura 2.12 (ao lado). Anúncio da Confecções de Roupas Konrad Ltda. Periódico Nossa Voz. Edição 26 de maio de 1955. Página 19. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987_1955_00515.pdf>. Acesso em 13.08.2017.

Edifício em Final da Construção
Restam Apenas Alguns Apartamentos

Amplas Acomodações Preços: Cr.\$ 415,000,00

2 Dormitórios — Sala de Jantar Condições:
Cozinha — Banheiro Completo Parte Até as Chaves e o Saldo
Quarto de Empregada Financiado em 6 Anos Através
Área de Serviço Prestações Inferiores ao Aluguel

Otima Localização Rua dos Italianos, esquina da Sérgio Thomaz
Futura Avenida do Emisário

אונדזער פרייז איז נאך אייטערנעווייניגער ביליק — נוצט אים
די נעלעננחיים און קויפט אייער אפארטאמענט
בלויז נאך געצייילטע אפארטאמענטן צום פארקויפן

Todos os Apartamentos são de Frente

Informações: Rua José Paulino, 413 — L.º — S. 1 Construção a cargo da
Fone: 51-6382 Construtora Kusminsky Ltda.

INCORPORADOR: GODEL KON

Figura 2.11. Anúncio de um edifício residencial localizado na Rua dos italianos, próxima à José Paulino, com incorporação de Godel Kon. Periódico Nossa Voz. Edição 26 de maio de 1955. Página 19. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987_1955_00515.pdf>. Acesso em 13.08.2017.

Blusas de-Couro de diversos tipos — Blusas de lã e de brim p/ homens e crianças

Calças de brim e casimira para homens e crianças — Diversos tipos de cuecas

Confecções de Roupas KONRAD Ltda.

Rua José Paulino, 102 Caixa Postal 5239
Fone 36-7075 SÃO PAULO

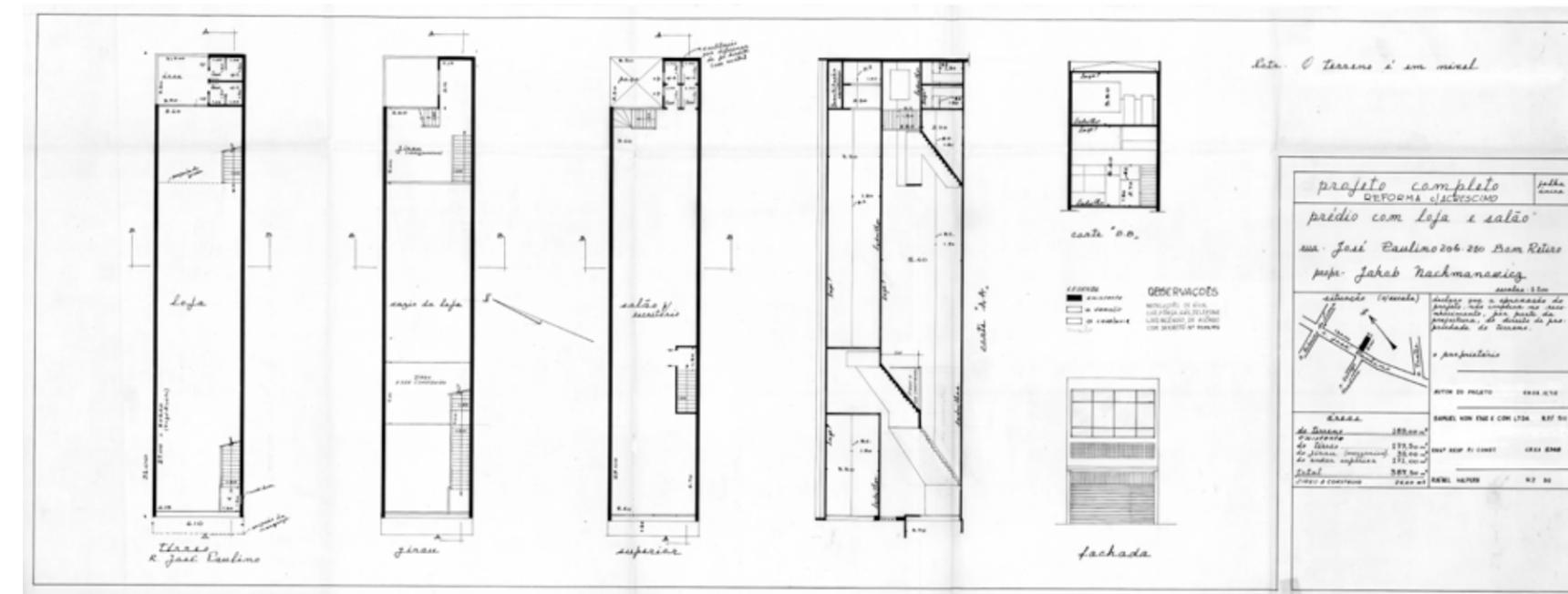
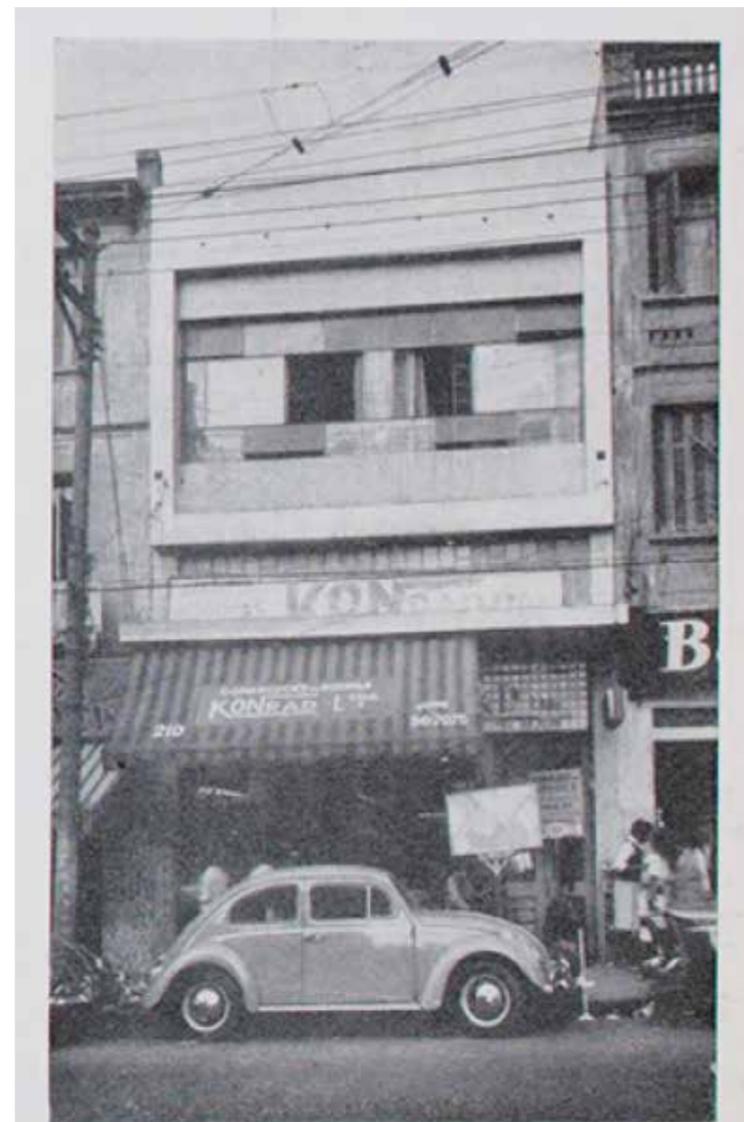


Figura 2.13. Plantas, cortes e elevações originais da reforma pela qual passou o edifício de numeração 206/210 da José Paulino, sob supervisão do arquiteto João Kon e do engenheiro Samuel Kon. Os desenhos apontam a distribuição dos usos pelos pavimentos: comércio no térreo (loja) e escritório no primeiro pavimento (salão). Destaque para a fachada e sua abertura única no térreo, que foi modificada para duas aberturas durante a construção. Fonte: acervo família Kon.



Rua José Paulino

Figura 2.14 (ao lado). página interna da Revista de Arquitetura e Construções publicada nos anos 1960 com as obras do escritório de João e Samuel Kon. Destaque para os dois acessos no térreo do edifício 206/210 e para a publicidade (letreros e toldos) já presente na fachada. Fonte: acervo família Kon.



Figura 2.15. Fachada do edifício de numeração 422/424/428 da José Paulino. Foto tirada pela autora em 02.11.2017.



Figura 2.16. Fachada do edifício de numeração 140/142/426 da José Paulino, inaugurado em 1949. Foto tirada pela autora em 25.02.2017.



Figura 2.17. Reportagem sobre a inauguração das novas instalações da Casa de Modas Oceania, na Rua José Paulino, 140. Periódico Aonde Vamos? Edição 15 de maio de 1949. Página 6. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 2.18. Anúncio da Confecções de Roupas KON Ltda. Periódico Nossa Voz. Edição 25 de agosto de 1949. Página 3. Fonte: hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987_1949_00118.pdf>. Acesso em 27.09.2017.

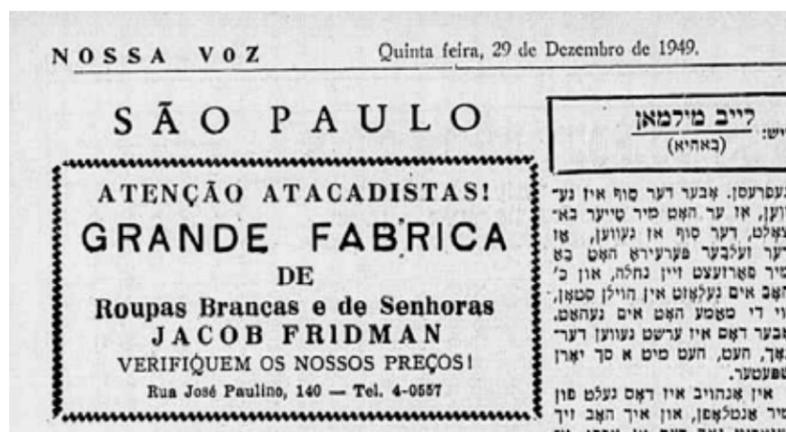


Figura 2.19. Anúncio da Grande Fábrica de Roupas Brancas e de Senhoras Jacob Fridman. Periódico Nossa Voz. Edição 29 de dezembro de 1949. Página 3. Fonte: hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987_1949_00118.pdf>. Acesso em 27.09.2017.

2.3. Modernização produtiva e urbana: os casos Modastil e Goomtex

A partir da segunda metade dos anos 1950, a moda e a indústria têxtil brasileiras cresceram e se modernizaram. Um dos principais marcos desse processo é a inauguração da Feira Nacional da Indústria Têxtil (FENIT), cuja primeira edição ocorreu em 1958, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. O evento foi fundado pelo empresário de propaganda Caio de Alcântara Machado em parceria com a Rhodia (braço brasileiro da indústria francesa produtora de fios e tecidos Rhône Poulenc que atua no Brasil desde 1919) e com o Sindicato das Indústrias Têxteis (SINDITÊXTIL). Em suas edições, a FENIT promovia shows, por vezes com apresentações musicais simultâneas, em que novos tecidos desenvolvidos por empresas nacionais eram desfilados na forma de roupas desenhadas por estilistas brasileiros em ascensão na época, como Clodovil e Dener (VASQUES, 2012). Existia um claro intuito de conectar a indústria com o mercado de moda, e fazer tecnologia e criatividade andarem juntas. Além disso, como o objetivo era promover a indústria têxtil não só para o empresariado e para a imprensa, mas também para o público consumidor, o evento era aberto, incentivando a democratização da moda. Além dos desfiles, o público entrava em contato com novidades em relação a maquinário, tendências, cores e padronagens dos tecidos naturais e sintéticos que eram desenvolvidos.

O crescimento e o amadurecimento da moda brasileira ecoaram na José Paulino. Uma parcela das confecções da rua captou a atmosfera, introduzindo mudanças como diversificação dos

artigos produzidos, estabelecimento de identidades de marca baseadas em valores subjetivos, lançamento de coleções periódicas recheadas de novidades e sofisticação da comunicação visual. Basicamente, uma confecção comercializa os artigos que produz como bens de primeira necessidade, algo que as roupas jamais deixarão de ser. Já uma marca de moda comercializa sua produção como bens de consumo de necessidade menos imediata, atrelados mais a questões ligadas a desejo e identidade (TEIXEIRA, 2007). Dentre as confecções da José Paulino que mais se modernizaram, destacam-se a Modastil e a Goomtex.

“Modastil faz a elegância do Brasil”. O slogan presente em várias peças publicitárias da Modastil a partir de 1959 evidencia que a mesma se projetava como uma lançadora de tendências (faz a elegância) em nível nacional (do Brasil), dando importância ao atacado praticado pela empresa, garantindo que ela estivesse presente não só em São Paulo, mas no país inteiro. A confecção foi uma das primeiras confecções sediadas na José Paulino a possuir anúncios publicitários que iam além da comunicação das informações básicas referentes à confecção, como nome, endereço, especificação da produção e nome do proprietário.

A Modastil passou de uma estrutura familiar de oficina de roupas prontas para uma estrutura industrial de moda prêt-à-porter. Esse processo de transformação iniciou-se na segunda metade da década de 1940 e consolidou-se no final da década de 1950. A confecção começou como uma oficina exclusiva de roupas femininas, mas expandiu sua produção para o nicho masculino durante os anos 1950. A linha masculina manteve-se sempre enxuta, com a produção de poucos modelos de calças

de alfaiataria e paletós esporte. Já a linha feminina era mais elaborada e possuía uma produção variada, chegando inclusive a se projetar brevemente no ramo dos acessórios, lançando uma linha de chapéus femininos no final dos anos 1950. Entretanto, o carro chefe da marca sempre foram os manteaux e tailleurs. No início do processo de concepção de cada coleção, eram produzidos cerca de cinquenta modelos de manteaux e tailleurs. Em seguida, era realizado um desfile interno onde eram eleitos os trinta modelos que permaneceriam na coleção e que seriam produzidos em grande quantidade e em diversos tamanhos e cores. As referências para o desenho das roupas femininas advinham de consultas a revistas de moda importadas da França e dos Estados Unidos. As peças que interessavam eram reproduzidas com adaptações decorrentes das diferenças climáticas (utilização de materiais mais leves ou diminuição de mangas e comprimentos) e das disponibilidades locais de tecidos, botões e aviamentos.

A partir do final dos anos 1950, os sócios Alexandre Suchodolski e Guilherme Krasilchik passaram a investir na produção de casacos esportivos, como capotes, japonas e blusões de lã, apostando no apelo de tais artigos no inverno rigoroso que São Paulo possuía na época, com médias de temperatura mais baixas que as do inverno atual. Em 1958, foi lançada uma japona feita de orlon, um tecido sintético cujo aspecto remete à textura do veludo, mas que é revestido por uma camada muito fina de borracha, o que lhe confere impermeabilidade. O grande trunfo do orlon, tal qual da maioria dos tecidos sintéticos que começaram a despontar no final da década de 1950, é a praticidade decorrente da associação de leveza com eficiência no combate ao frio e ao vento. A leveza da

japona recém-lançada a tornava ideal para ser transportada em viagens, o que a fez ser batizada de “tourist jacket” [Figura 2.20]. A utilização de um termo em inglês para nomear um produto inovador tecnologicamente para a época mostra o aumento da influência da moda norte-americana no contexto brasileiro e os valores de funcionalidade que a mesma carrega consigo, em contraposição aos signos de elegância e tradição ainda exclusivos à moda francesa. O orlon foi o único tecido produzido pela Modastil. Os demais tecidos eram comprados de fornecedores importados e nacionais, dos quais entre estes últimos se destaca a Santista, empresa fundada em 1929 em São Paulo e fabricante de tecidos como lã e casimira, muito utilizados na manufatura de tailleurs.

No mesmo ano em que lançou sua tourist jacket, a Modastil inaugurou seu edifício próprio na José Paulino, deixando de ocupar o sobrado de número 378 na mesma rua, no qual Suchodolski e Krasilchik pagavam aluguel a um proprietário de origem italiana (antes do 378, a Modastil ocupou o lote de número 106-A da José Paulino). A nova sede da marca consistia em um edifício composto de térreo, sobreloja e três pavimentos tipo, com duas entradas independentes: a de numeração 486 para os andares superiores e a de numeração 488 para a loja da confecção localizada no térreo. Anteriormente, o terreno ocupado pelo prédio em questão e pelos seus vizinhos compunha a estação final dos bondes da Companhia Light no Bom Retiro, indicada nas faces de quadra dos anos de 1928 e 1945. Após o prolongamento das linhas de seus bondes, a Light desativou a garagem na José Paulino, loteou os terrenos seguindo o padrão de lotes estreitos e compridos da rua, e os colocou a venda, tendo sido o de numeração 486/488 adquirido pela dupla Suchodolski e Krasilchik.

A fachada do edifício é marcada pelo ritmo da inclinação dos caixilhos de vidro de seus pavimentos tipo, uma saída de projeto para otimizar iluminação e ventilação naturais. No térreo e sobreloja funcionavam as atividades comerciais da empresa (loja e escritório), e os demais três andares eram reservados para estoque, corte e costura, que a essa altura não era mais terceirizada na Modastil [Figura 2.21].

A Modastil praticava três modalidades de comercialização de seus produtos. No térreo do edifício 486/488, eram realizadas as vendas por varejo, com diversos vendedores relacionando-se diretamente com os clientes finais. Outra modalidade era praticada através da atuação de prestamistas, ou “clientelistas”. Esses prestamistas são diferentes dos retratados no primeiro capítulo desta dissertação. Nas décadas de 1940 e 1950, eles já não mais praticavam o ofício da venda à prestação de porta em porta como algo provisório, e sim como uma profissão bem estabelecida, similar a dos representantes atacadistas. Os prestamistas contratados pela Modastil passavam por um processo de seleção antes de serem admitidos como profissionais liberais pela firma. Lá, eles recebiam um mostruário das peças da coleção para apresentar aos clientes, que escolhiam os modelos, quantidades e cores dos produtos que comprariam. Os prestamistas então retornavam à fábrica com os pedidos anotados e adquiriam os produtos com um grande desconto em relação ao preço original, tendo noventa dias para pagar a Modastil. À medida que iam recebendo o pagamento dos clientes, os prestamistas iam amortecendo suas dívidas com a empresa, sendo eles, e não ela, os responsáveis por administrar o crédito dos clientes lojistas. Tratava-se assim de um projeto

intermediário e indireto de compra à prestação, uma evolução da venda prestamista original praticada pelos prestamistas dos anos 1920 e 1930. Por fim, existia também o atacado clássico, no qual representantes viajavam ao interior do Estado de São Paulo oferecendo os produtos da marca para os lojistas locais, atuando como executores de transações econômicas que se davam diretamente entre a Modastil e os pequenos empresários. A empresa também fornecia para grandes magazines de São Paulo, como a Clipper e a Exposição.

O edifício da José Paulino não foi a primeira construção financiada por Alexandre Suchodolski no Bom Retiro. O mesmo já havia sido responsável pela construção, entre 1946 e 1948, de um edifício na esquina das ruas Três Rios e Prates, a poucas quadras da José Paulino. O edifício da Três Rios foi batizado de Modastil e possui perfil misto: o térreo é ocupado por lotes comerciais e os seis pavimentos tipo por apartamentos residenciais [Figura 2.22]. Alexandre residiu com sua esposa e filhos em um dos apartamentos até aproximadamente 1955, quando a família transferiu sua residência para Higienópolis. As demais unidades foram colocadas à venda ou ficaram disponíveis para aluguel. Antes de construir um edifício para abrigar as atividades de sua confecção, Alexandre optou por investir em um empreendimento imobiliário que lhe garantisse, uma vez o prédio pronto, lucro decorrente das vendas e/ou aluguéis de suas unidades. Ou seja, não se tratava de um investimento duplo de produção e de locação, como os casos dos edifícios vistos no item anterior. Neste caso, o investimento também possuía dupla estratégia, no entanto, essa era para locação e para moradia própria. O edifício Modastil evidencia que o capital advindo das

confeções não se tornou capital imobiliário apenas através da construção de edifícios para abrigar as próprias confeções, mas também de edifícios com usos diversos.

“Essa é a legítima Goomtex, a capa que veste o Brasil”. Assim como a Modastil, a Goomtex inseria o Brasil na frase que usava para se auto definir, se projetando como uma marca de importância nacional. Além disso, a inserção do adjetivo “legítima” antes do nome da marca lhe confere atributos de pioneirismo e superioridade, sugerindo que as capas produzidas pela Goomtex eram copiadas por outras empresas.

A transição entre a pequena oficina fabricante de ternos masculinos sob medida nos anos 1930 para a indústria de capas de chuva nos anos 1950 não se deu de forma brusca: David Zeiger e seu pai Salomão foram ao longo dos anos diminuindo a produção de ternos sob medidas ao mesmo tempo em que aumentavam a produção estandardizada de capas de chuva masculinas, chegando a um ponto de inflexão na segunda metade da década de 1940, no qual rebatizaram a firma e passaram a adotar o nome Goomtex (“goom” como alusão à borracha utilizada na fabricação das capas, e “tex”, representando a palavra “têxtil”).

Nos anos 1940 e 1950, São Paulo já era conhecida como a “terra da garoa”, e, apesar de ter sido pioneira e ter se sobressaído, a Goomtex não era a única fabricante de capas de chuva sediada na José Paulino nesse período. No número 200 tínhamos a Belfast; a Capas Progresso/Manufatura Goldenberg Ltda. ocupava o segundo andar do prédio de número 126; a Indústria e Comércio de Sobretudos e Capas Camelpyl, de Moysés Rosenthal, estava

presente no número 155; Geraldo Hohenstein era inquilino de Icek Hepner e alugava um salão no primeiro andar do edifício 233/235, onde funcionava sua Capas e Blusões D’Aqui; Lejba Holcman instalou sua Fábrica de Capas Noel no número 244; a Capas Dragutin ocupava o número 505; e Z. L. Bulka e sua Fábrica de Capas e Jaquetas Bulka encontravam-se no número 563 da José Paulino.

Outra fabricante de capas de chuva cuja trajetória bem exemplifica a mudança de mentalidade em curso de alguns empresários da rua é a Nutriplas³⁷. A empresa nasceu em 1948 como uma peleria chamada Nutria, desde o início ocupando um salão do edifício de numeração 248/252/256 da José Paulino, uma construção com a mesma tipologia dupla das instalações ocupadas pela Helenform e Oceania (dois edifícios conjugados interligados por uma escada central). Assim como a Goomtex, ela passou da fabricação de artigos artesanais (pelerines e estolas, no seu caso, e ternos sob medida, no caso da Goomtex) para a fabricação estandardizada de capas produzidas por meio de materiais plásticos. O processo de evolução dessas duas confeções é agenciado pelas mudanças de três fatores: a matéria prima (os materiais plásticos substituem as peles e os tecidos utilizados na alfaitaria), os artigos (as capas de chuva substituem as pelerines e os ternos) e o modo de produção (o artesanal cede lugar ao seriado e mecanizado).

Havia também os produtores de guarda-chuva sediados na rua: a

37. Todas as informações referentes às trajetórias das empresas do grupo Nutri (Atelier de Peles Nutria, Nutriplas e Nutrisport) foram retiradas do depoimento que Sideny Knobloch, filho do fundador e atual diretor do grupo, concedeu à autora em 7 de dezembro de 2017.

loja Majer, dos sócios Ickowicz & Goldbach, encontrava-se logo no começo da rua, em um dos lotes térreos do Edifício Palacete Luz (número trinta e seis), sendo que a matriz da fábrica ficava a poucos metros dali, no número 585 da José Paulino; a Fábrica de Guarda-chuvas Tal, de José Snitcovsky, encontrava-se no número 106; a Indústria e Comércio de Guarda-chuvas Gustavo Benda no número 428; a Flewol Ltda., dos sócios Fleider & Volach, no número 534; além da já citada Alegre no número 573. No caso dos guarda-chuvas e sombrinhas, outro fator a ser considerado é o de que, apesar de já em crescimento, o uso do automóvel não era tão disseminado. Uma parcela mais significativa da população de São Paulo era pedestre e utilizava transporte público para se deslocar na cidade, tendo o guarda-chuva uma importância maior no cotidiano do paulistano da época.

Além do clima paulistano chuvoso, mais dois aspectos impulsionavam o surgimento das fábricas de capas de chuva: a moda do trench coat na década de 1940 e o surgimento de materiais plásticos na década de 1950. A moda do trench coat, com seu auge nos anos 1940 e 1950, é mais um episódio da história da moda diretamente relacionado a conjunturas de guerra. Os anúncios da Goomtex e da Capas Progresso possuem ilustrações de figuras masculinas vestindo capas que reproduzem a silhueta de Rick Blaine, protagonista do filme Casablanca (1942), interpretado pelo ator Humphrey Bogart [Figuras 2.23, 2.24 e 2.25]. O lançamento do filme ajudou na popularização do trench coat, um modelo de casaco desenvolvido pelas marcas britânicas Burberry e Aquascutum durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1919). O intuito do desenvolvimento da peça era o de proteger os soldados ingleses do vento, da chuva e

do frio nos campos de batalha, e sua origem militar está no nome, pois trench é uma referência à palavra trincheira. Os tecidos mais comumente utilizados na fabricação são algodão, couro e gabardine impermeabilizado. O trench coat possui uma modelagem ampla, com ombreiras e botões centrais. Suas variações podem conter cintos do mesmo tecido do casaco, que lhe conferem uma silhueta mais estruturada, e tiras com fivelas nos punhos. São igualmente populares os modelos de comprimento médio, que vão até o joelho ou panturrilha, ou longo, que alcançam o tornozelo [Figuras 2.26 e 2.27].

Apesar de ter sido concebida originalmente como uma peça masculina, o trench coat também foi adotado pela moda feminina, como ilustra o anúncio da Belfast, que mostra os dois integrantes do casal vestindo capas de chuva [Figura 2.28]. A Goomtex também passou, a partir da metade da década de 1950, a produzir capas femininas. Enquanto o modelo de capa masculina produzido pela empresa sofria pouca variação em termos de modelagem, cor, tecido, etc., a introdução das capas femininas veio acompanhada de uma demanda maior por diferenciação entre os lançamentos. Se o anúncio da capa masculina da década de 1940 investia na sobriedade da figura masculina vestindo o item e na área de imponência que a marca projetava para si, o anúncio das capas femininas da década de 1950 era colorido, trazia um novo logo (o brasão fora substituído por três gotas de água), descrevia o produto ao invés de representá-lo através de uma ilustração e procurava dar ênfase nas novas combinações de cores possíveis [Figura 2.29]. Foi justamente nesse momento, em que os lançamentos de produtos começaram a precisar serem acompanhados de novidades, que a Goomtex deixou de ser tão

profícua. A empresa, tal qual a maioria das confecções da José Paulino dos anos 1940 e 1950, era especializada na produção de um determinado artigo, e sua identidade era muito dependente disso. David Zeiger modernizou-se enquanto empresário, primeiro na Goomtex, e posteriormente na Pullsport, uma malharia feminina atacadista da qual se tornou sócio do sogro e cuja fábrica localizava-se na rua Pires da Mota, no bairro da Aclimação. Mesmo tendo encerrado suas atividades em 1958, a Goomtex permaneceu no imaginário da José Paulino como uma das poucas confecções cuja influência expandiu-se para além do universo da rua. Essa influência pode ser entendida pela escala urbana dos letreiros luminosos que a marca manteve no topo do Edifício Martinelli, no centro de São Paulo, durante a década de 1950 [Figuras 2.30 e 2.31].

O conjunto das confecções cuja trajetória e funcionamento foram descritos neste capítulo mostra que, na José Paulino dos anos 1940 e 1950, conviviam tanto empresas com perfil mais doméstico como aquelas que já haviam passado por processos de modernização. A coexistência desses dois modelos de negócio foi viabilizada pela densidade de ocupação da rua. As sobrelojas disponíveis para aluguel garantiram que a José Paulino nunca deixasse de ser uma porta de entrada para as pequenas confecções.



Figura 2.20. Anúncio do produto “tourist jacket”, produzido pela Confecções Modastil. Periódico A Gazeta Israelita. Edição 7 de dezembro de 1959. Página 13. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 2.21. Edifício de numeração 486/488 na Rua José Paulino, sede da Modastil a partir de 1958. Foto tirada pela autora em 02.11.2017.



Figura 2.22. Entrada do edifício de numeração 206 na Rua Três Rios. Foto tirada pela autora em 02.11.2017.



Figura 2.23. Anúncio da Manufatura Goldenberg Ltda. Capas Progresso. Periódico Nossa Voz. Edição 27 de agosto de 1955. Página 9. Fonte: hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987_1955_00545.pdf>. Acesso em 24.02.2017.

Figura 2.24 (ao lado). Anúncio da Indústria Goomtex Limitada. Periódico Nossa Voz. Edição 25 de agosto de 1949. Página 7. Fonte: hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987_1949_00112.pdf>. Acesso em 24.02.2017.

Figura 2.25 (próxima página). O ator Humphrey Bogart como Rick Blaine, protagonista do filme Casablanca, lançado em 1942. Disponível em: <<https://www.thefashionisto.com/wp-content/uploads/2016/05/Humphrey-Bogart-Trench-Casablanca.jpg>>. Acesso em 12.12.2017.

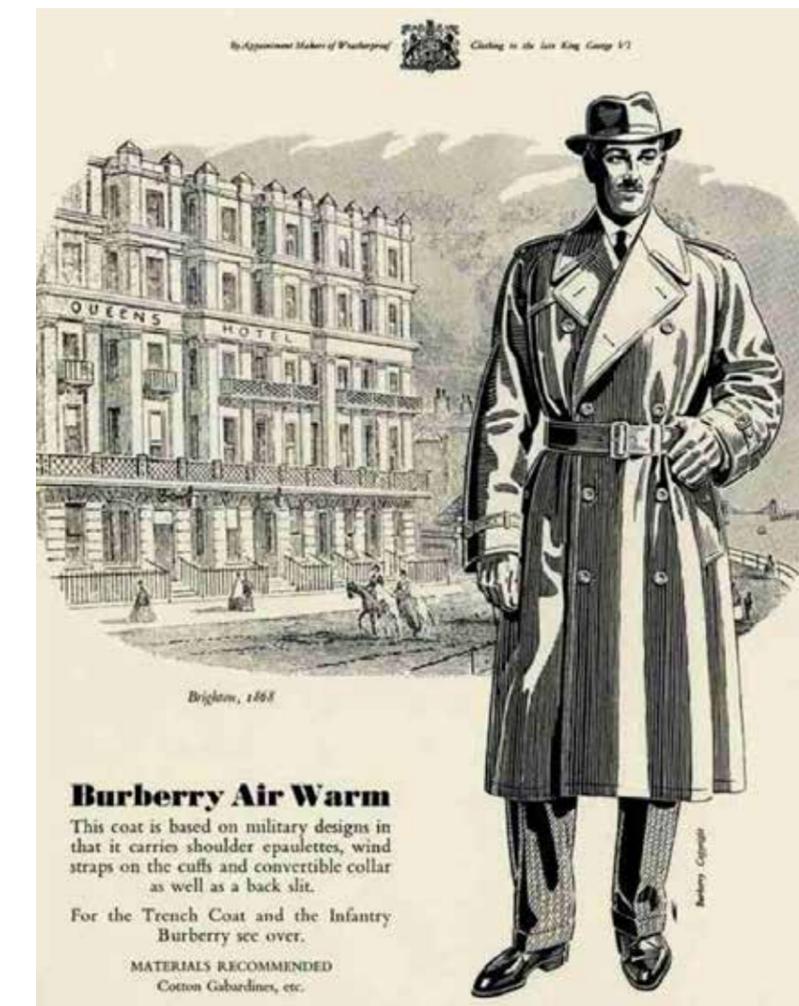
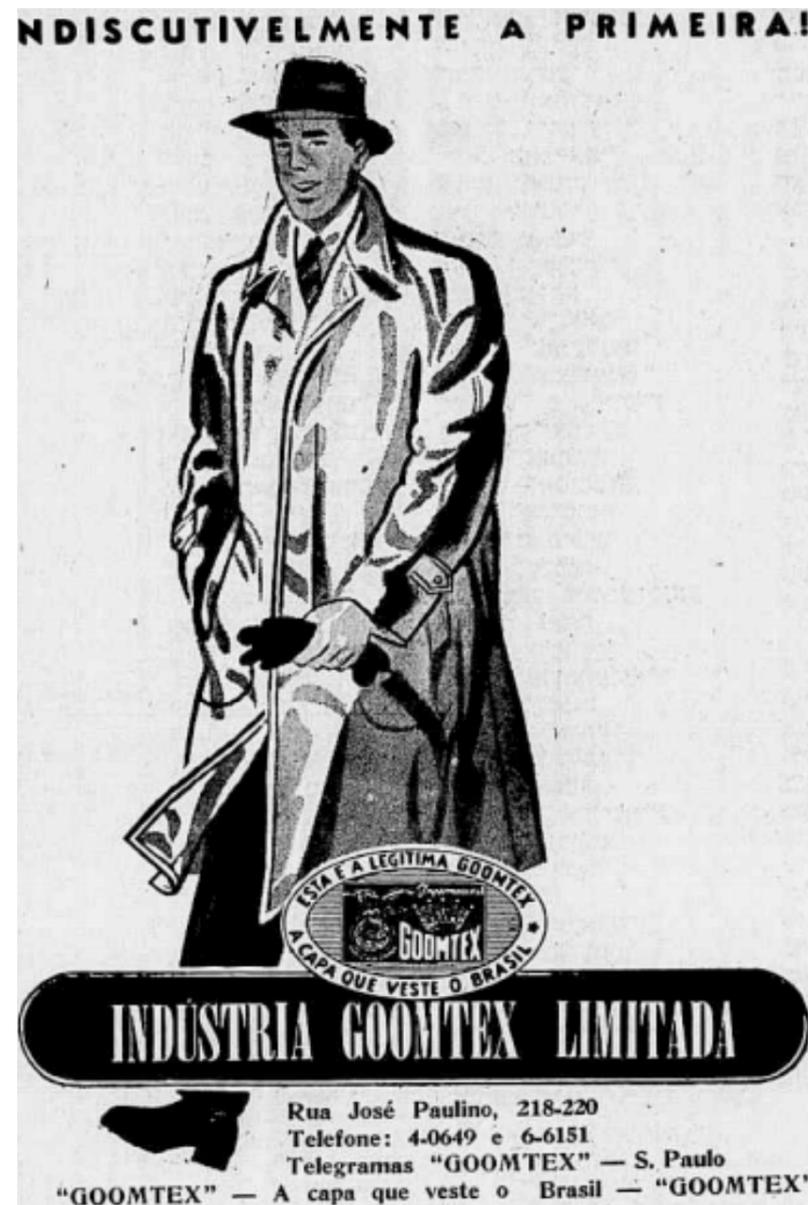


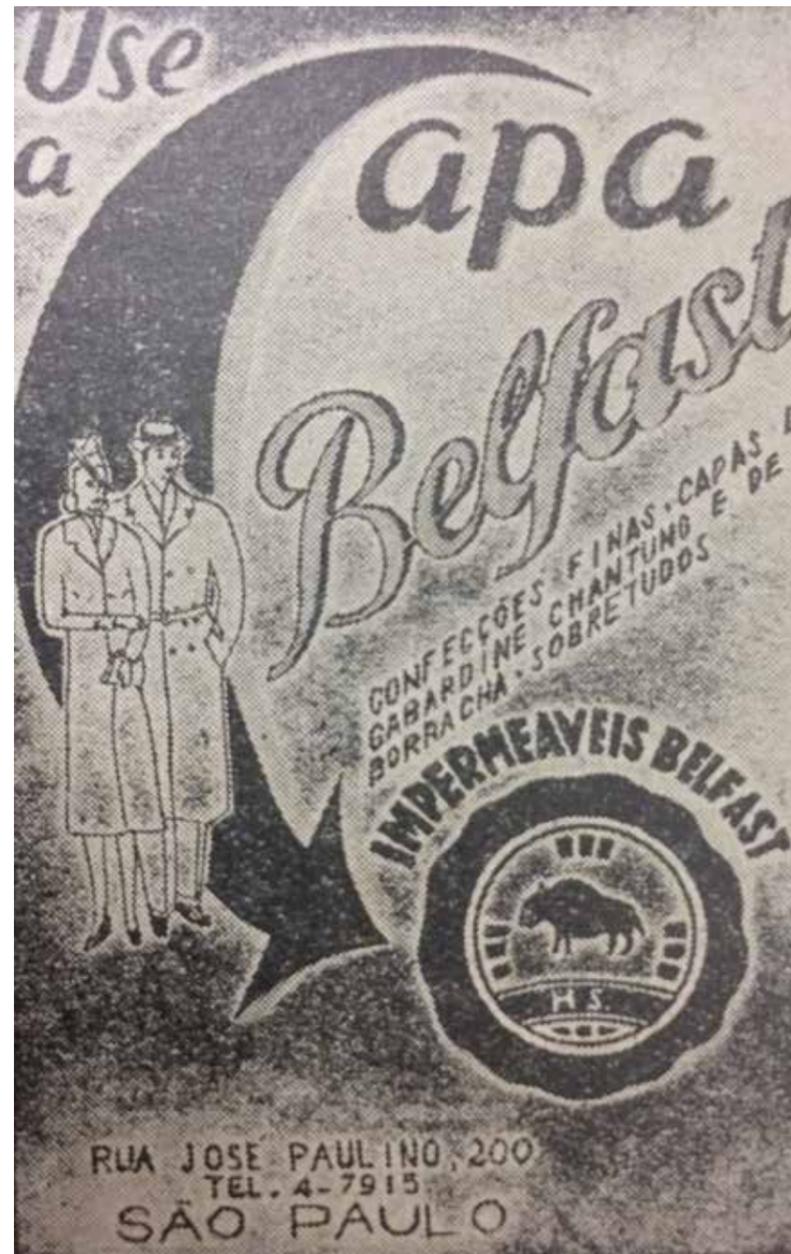
Figura 2.26. Anúncio da década de 1950 de trench coat de comprimento médio da marca inglesa Burberry. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/97/c1/d0/97c1d05e7e4ba6d97201b42d523b0969.jpg>>. Acesso em 16.01.2018.

Figura 2.27. Manequim vestindo um modelo simples de capa Goomtex no salão interno do edifício de numeração 218/220 da José Paulino. Imagem sem data. Fonte: acervo pessoal Sergio Zeiger.



Figura 2.28 (próxima página). Anúncio da Impermeáveis Belfast. Periódico Aonde Vamos? Edição 31 de dezembro de 1945. Página 14. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Figura 2.29 (próxima página). Publicidade da Goomtex anunciando a produção de capas femininas. Imagem da década de 1950, sem especificação de ano. Fonte: acervo pessoal Sergio Zeiger.



UM SUCESSO!

5490*

a nova e maravilhosa
capa de senhora.*

côres novas!

**agora enriquecida
de três novas
combinações de côres
em grande voga.**

GOOMTEX
a capa que veste o Brasil

CARACTERÍSTICAS:
Reversível, com chapéu e cinto sobressalente. Solta, não acinturada, raglã e bem rodada, mangas bem amplas. Fabricada em pano semi-lustroso e em tonalidades moderníssimas. **Combinações de côres:** Rosa da moda e azul-marinho. Violeta e cinza claro. Rosa da moda e cinza médio. Vermelho e cinza médio. Vermelho e azul-marinho. Preto e caramelo. Preto e verde.

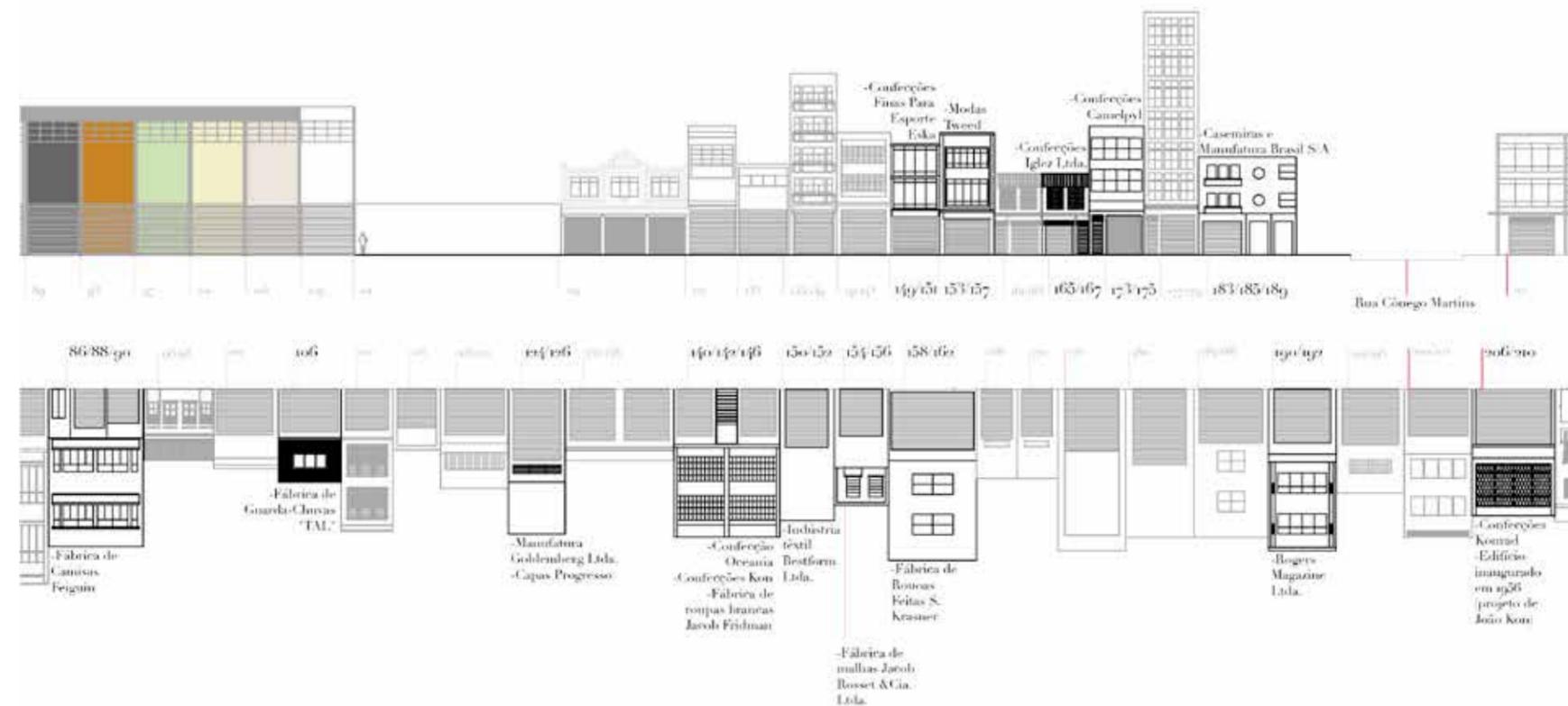
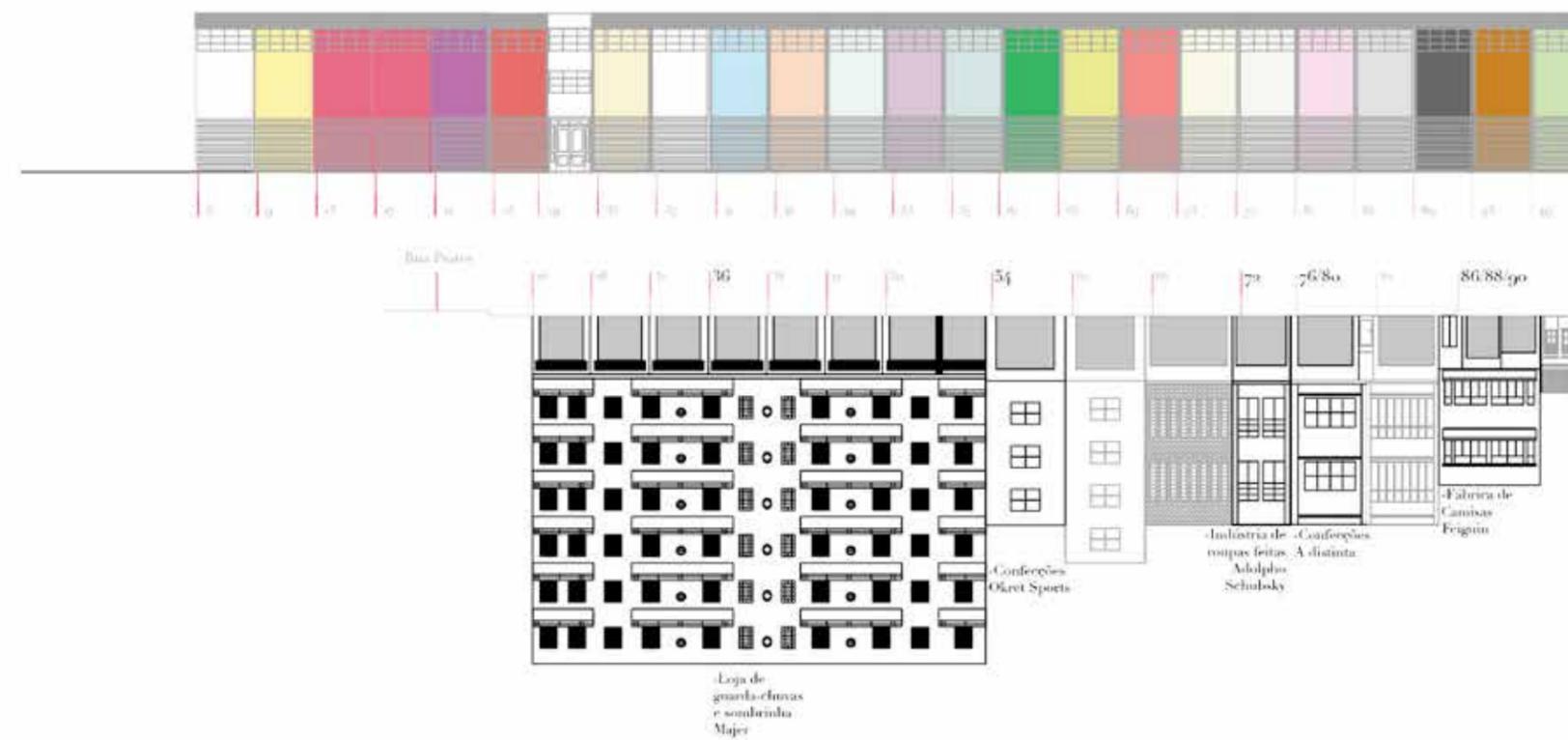


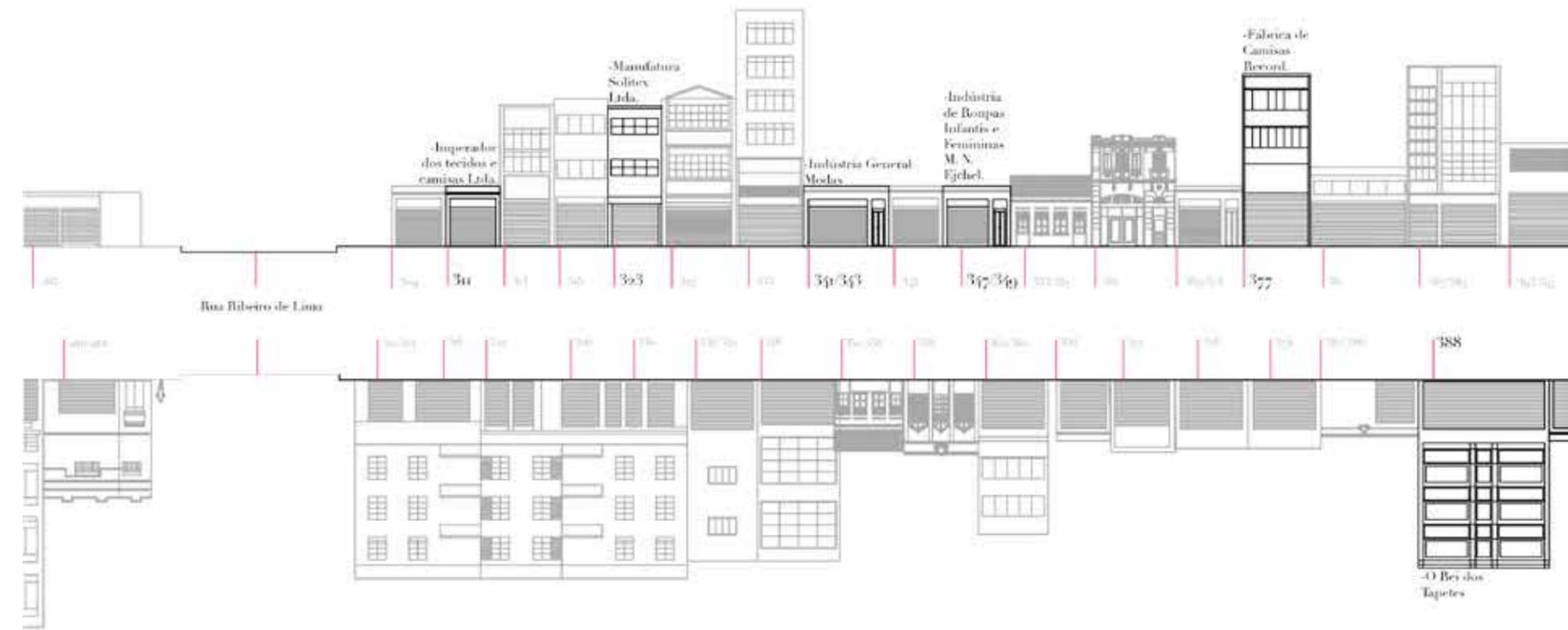
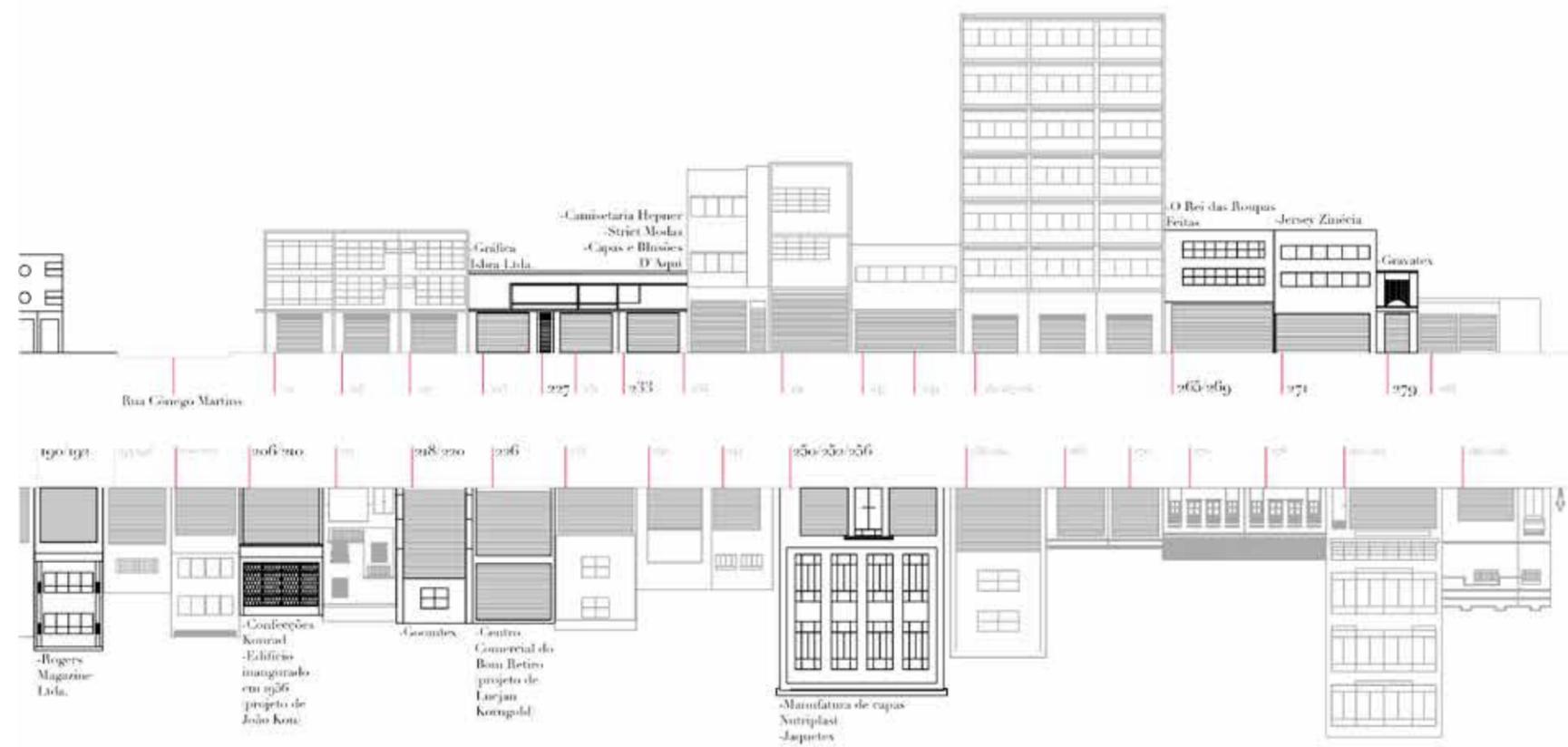
Figura 2.30. Imagem do fotógrafo Werner Haberkorn que retrata o Vale do Anhangabaú, com publicidade da Goomtex no topo Edifício Martinelli, datada do início da década de 1950, sem especificação de ano. Fonte: SP in foco. Disponível em: <<http://www.saopauloinfoco.com.br/?s=Werner+Haberkorn/Anhangabaú>>. Acesso em 18.12.2017.

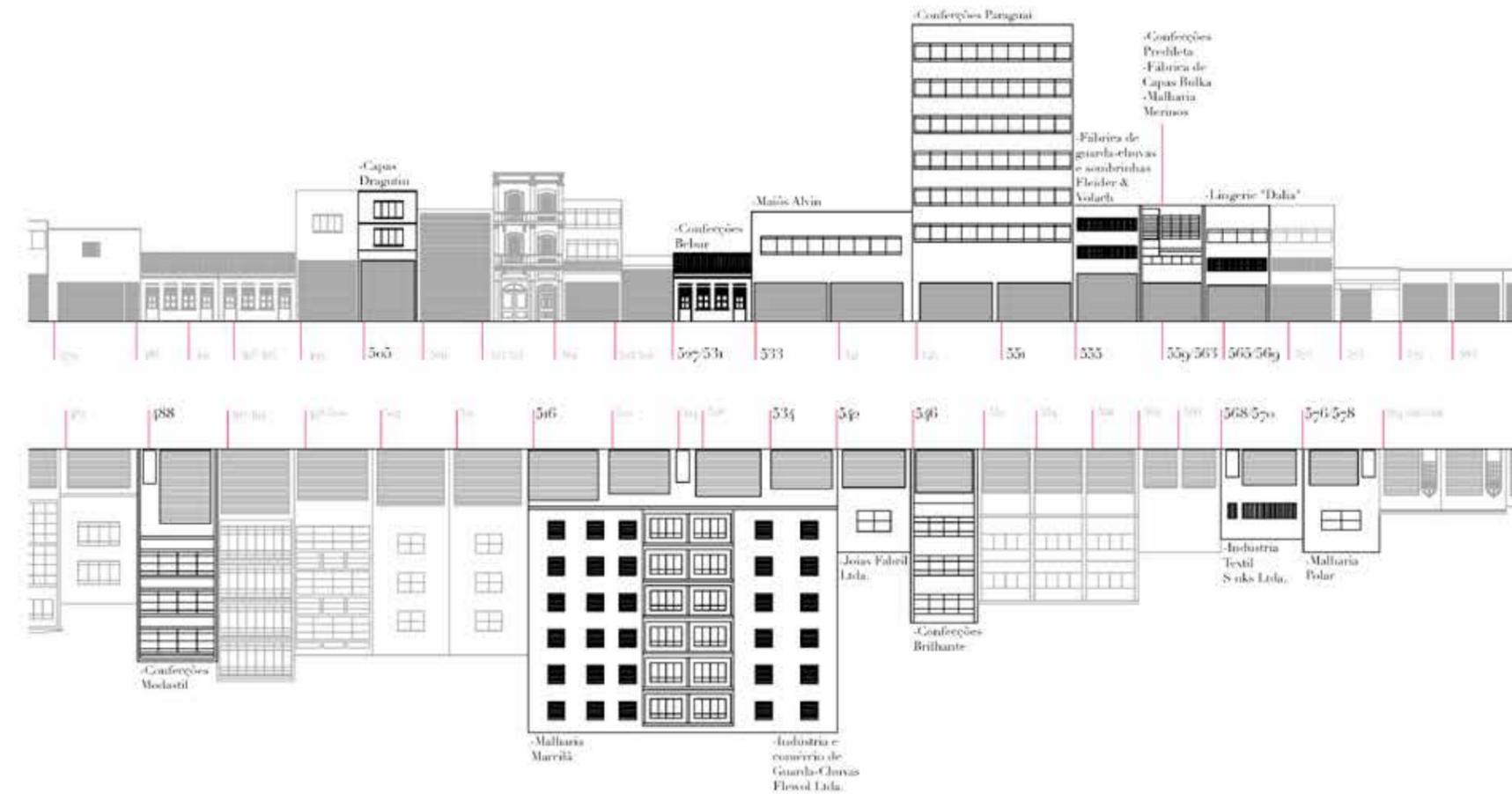
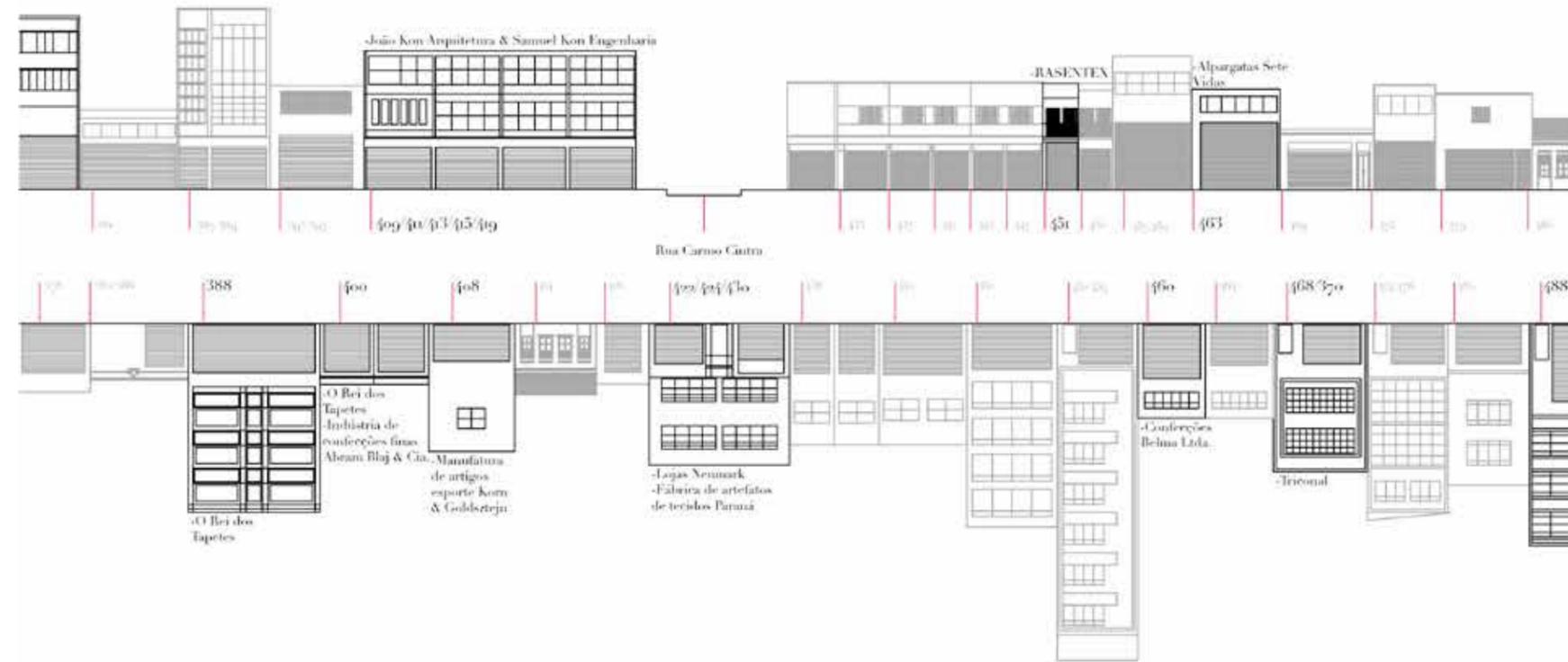
Faces de quadra 1959

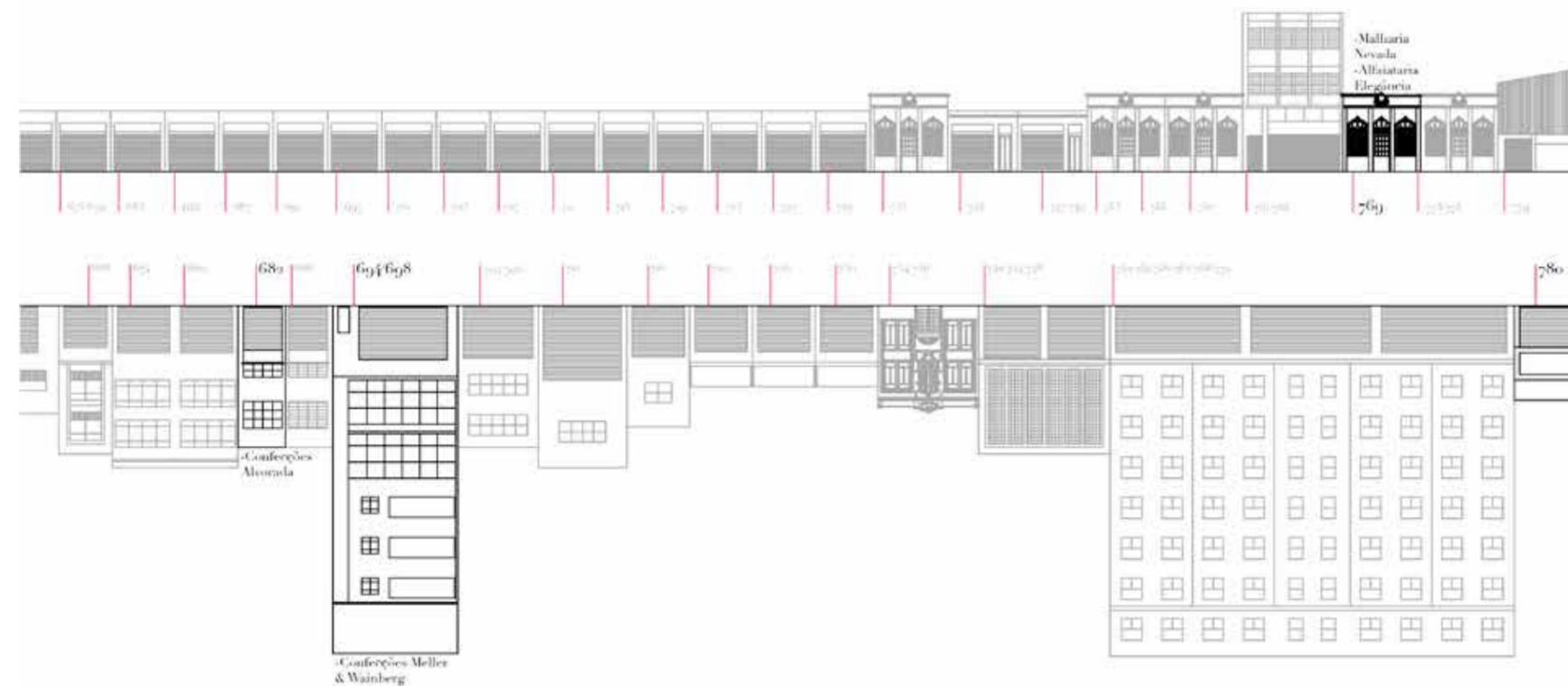
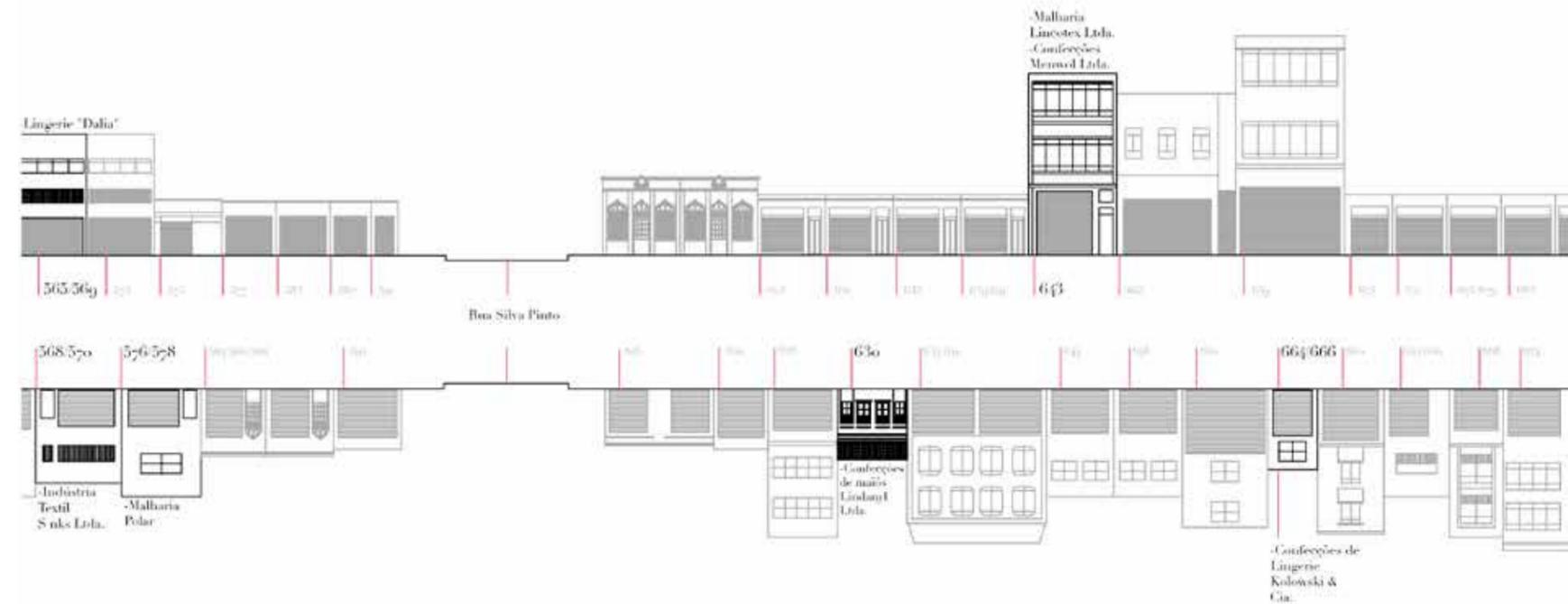


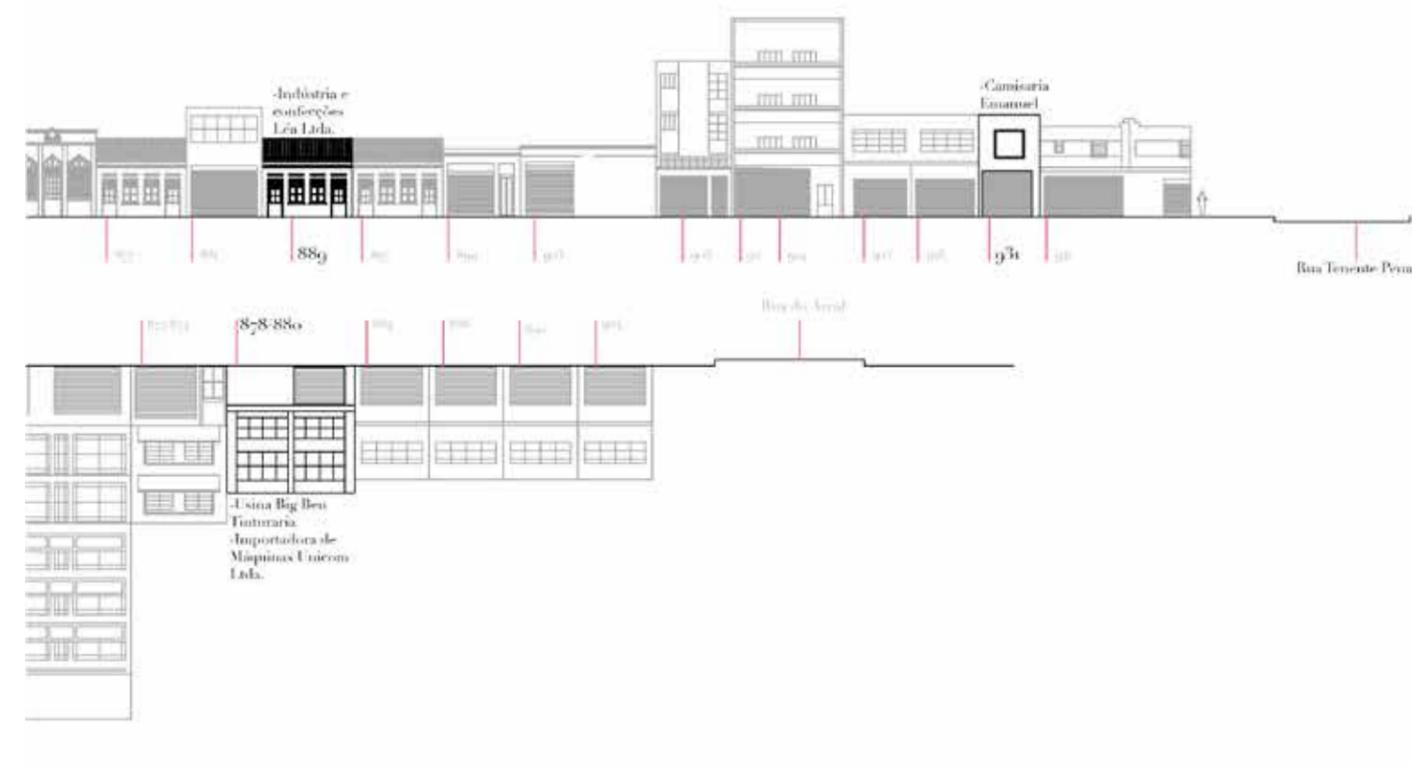
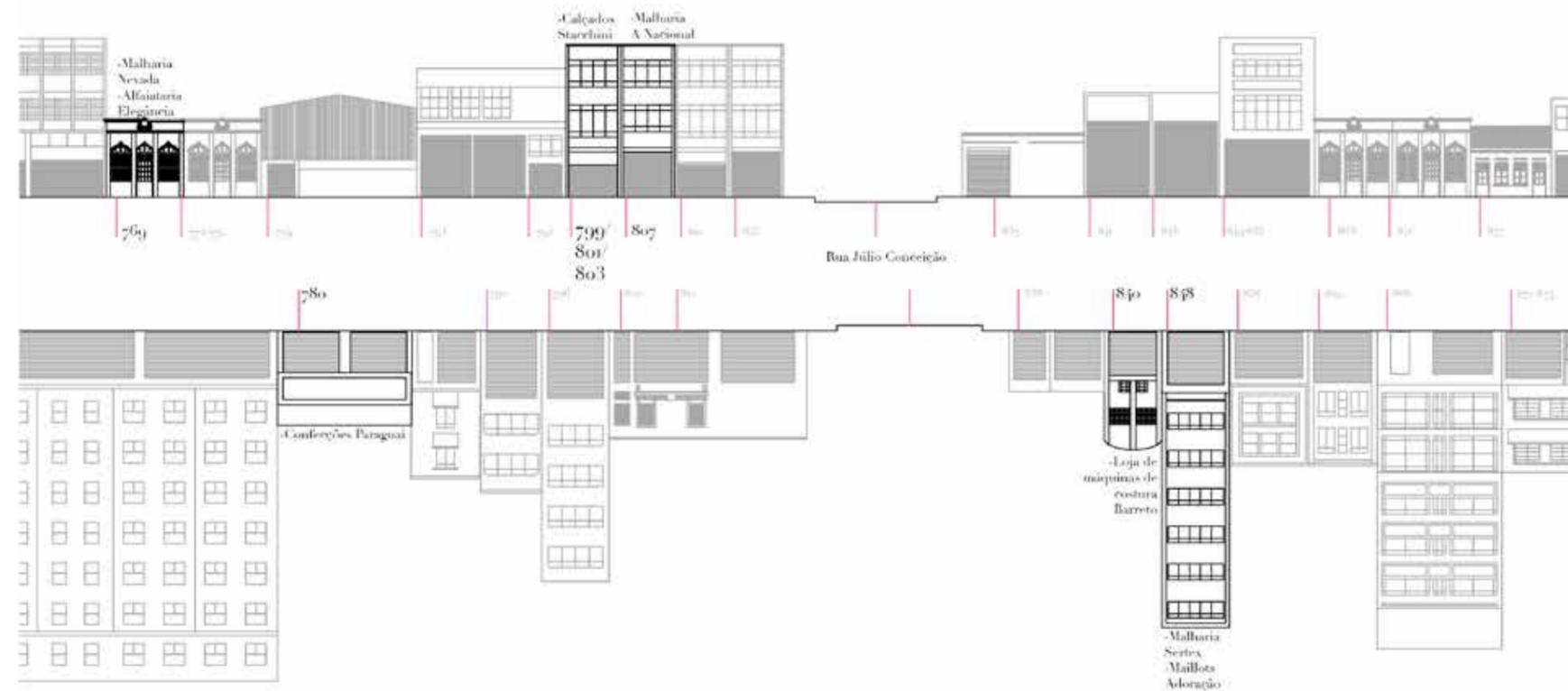
Figura 2.31. Cartão postal publicitário da Goomtex que destaca o letreiro luminoso no topo do Edifício Martinelli, no centro de São Paulo, datado da década de 1950, sem especificação do ano. Fonte: acervo pessoal Sergio Zeiger.











3.1. Segundo ciclo de verticalização

A transformação pela qual a Rua José Paulino começou a passar a partir de 1945, com a introdução de pequenos edifícios de linguagem moderna construídos para abrigar suas confecções, ganhou novo fôlego a partir de 1959. Os pequenos edifícios continuaram a ser construídos, no entanto, passaram a ser acompanhados de algumas edificações mais altas e do surgimento de quatro galerias comerciais na rua.

3.1.1. Edifícios com seis ou mais pavimentos tipo

Os desenhos das faces de quadra de 1959 e 1980, que abrem e fecham este capítulo, evidenciam que são poucas as construções com seis ou mais pavimentos tipo na via e que, assim, elas se destacam em relação ao gabarito médio, representado por edificações formadas de térreo, sobreloja e dois ou três pavimentos tipo. Esses edifícios mais altos foram identificados em visitas de campo, e, em seguida, partiu-se para uma investigação acerca de quando, por quem e com quais objetivos foram concebidos. Boa parte foi construída a partir de 1959, por famílias proprietárias de confecções na rua e com dois objetivos possíveis: aumentar as instalações para as próprias confecções e/ou alugar salas e espaços dos edifícios para confecções terceiras.

O conjunto de edifícios da José Paulino com seis ou mais pavimentos tipo pode ser dividido em duas categorias. Uma é a dos edifícios para as confecções, que é o foco deste estudo. A outra é a de empreendimentos imobiliários mistos, com lojas no térreo e unidades habitacionais nos demais andares.

A José Paulino possui oito edifícios mistos. Entre eles há o Edifício Palacete Luz e o edifício de numeração 322, construídos nas décadas de 1930 e 1940, cujas histórias foram contadas no final do item 1.4; e os edifícios Renascença e Fashion Plaza, construídos na década de 1950, cujas histórias foram contadas no final do item 2.2.

Na década de 1960, surgiram quatro novos empreendimentos mistos na José Paulino, três na terceira quadra e um no último quarteirão da rua. O Edifício Ivnai ocupa a numeração dupla 694 (portaria do residencial) e 698 (lote comercial térreo). Ele possui seis pavimentos tipos, sendo que o último é escalonado. Cada andar comporta duas unidades habitacionais de oitenta e cinco metros quadrados cada, distribuídos por dois dormitórios, sala, cozinha e banheiro. Já o Edifício Zacai foi inaugurado em 1965, ocupando a numeração tripla 769/773/775. Além das lojas no térreo, o investimento também contava com salas comerciais disponíveis para aluguel no primeiro andar. Os cinco demais pavimentos são destinados a unidades habitacionais de cento e vinte e cinco metros quadrados, distribuídos por sala de estar, sala de jantar, dois dormitórios, cozinha, banheiro e dependências de empregada (quarto e banheiro). Os outros dois empreendimentos mistos correspondem aos edifícios de numeração 751/753/757 da José Paulino, que possui dois andares de mezanino comercial acrescido de cinco pavimentos tipo residenciais, e um edifício localizado na esquina da José Paulino com a Julio Conceição. Nesse último, o lote comercial do térreo corresponde ao número 838 da José Paulino, e a portaria do prédio localiza-se no número 484 da Julio Conceição. Esse também possui dois andares comerciais e cinco pavimentos residenciais.

Se comparada a outras ruas do Alto Bom Retiro, como a Ribeiro de Lima e a Prates, a José Paulino passou por um processo de verticalização residencial menos acentuado, pois nela o valor imobiliário para o comércio era mais rentável do que o residencial, o que também fica evidente na concentração do maior número de investimentos mistos na terceira quadra.

De volta aos edifícios estritamente direcionados para o uso de confecções e lojas, apesar de responderem a demandas diferentes, tanto a verticalização ocorrida no período 1945-1959, caracterizada pela a introdução de uma quantidade grande de edifícios baixos, quanto a ocorrida a partir de 1959, marcada pela introdução de uma quantidade pequena de edifícios mais altos, são destinadas a atividades industriais e/ou comerciais e são frutos de investimentos imobiliários privados feitos por famílias de imigrantes judeus que se inseriram economicamente na sociedade brasileira através do trabalho na indústria e no comércio têxteis. Sobre esta diversificação nos investimentos econômicos, comum entre os membros da comunidade judaica, o escritor Moacyr Scliar aponta:

Fabricar móveis e roupas era mais do que uma forma de ganhar dinheiro. Era um jeito de viver. Na fase da expansão imobiliária dos anos 1950, os judeus investiram na construção civil. Há um nexo entre estes ramos do comércio. Pessoas que um dia tiveram que abandonar precipitadamente casas, móveis e roupas valorizam estas coisas. (In LORES, 2017)

A José Paulino e o Bom Retiro não foram os únicos focos de

investimento imobiliário da comunidade judaica em São Paulo. Tampouco foram apenas edifícios destinados às confecções que foram erguidos. Se já na década de 1940 Alexandre Suchodolski ergueu o Edifício Modastil, misto de comércio e residência, na Rua Três Rios, tal prática se estendeu para diferentes bairros da cidade, com o surgimento de empreendimentos imobiliários em Santa Cecília, Higienópolis e Jardins. Esses três bairros eram justamente os destinos mais procurados pelas famílias que desejavam transferir suas residências do Bom Retiro, na medida em que ascendiam socialmente [Figura 3.1].

Tal cenário de deslocamento de parte dos recursos financeiros privados exemplifica como São Paulo sempre foi um negócio e como o mercado imobiliário é um componente importante do patrimônio de algumas famílias, não só das mais abastadas, mas das de classe média também.

Se os pequenos edifícios construídos a partir de 1945 respondiam a uma demanda proveniente da modernização produtiva pela qual passavam as confecções da época, os edifícios mais altos, maiores e mais complexos que apareceram a partir de 1959 surgiram como resposta ao aumento da importância que a rua, com sua especialização no setor têxtil, havia adquirido nos contextos paulista e nacional durante o decorrer da década de 1950.

Esse aumento de importância possui duas razões de ser. A primeira decorre do próprio crescimento das confecções sediadas na rua. Como visto ao longo do segundo capítulo e exemplificado através dos casos Modastil e Goomtex, muitas

das oficinas de roupas prontas com estrutura familiar nascidas na década de 1930 foram se modernizando ao longo da década de 1940 e viraram confecções propriamente ditas ao longo da década de 1950. A serialização de etapas importantes do processo de manufatura, como, primeiramente, o corte e, depois, em alguns casos, a costura, permitiu um aumento considerável da produção, garantindo maiores lucros e incentivando novos investimentos em publicidade para aqueles que se modernizaram. Simultaneamente, a demanda por espaço também se fazia mais necessária, tanto para o armazenamento dos estoques de tecidos e mercadorias como para o aumento da própria dinâmica produtiva, como, por exemplo, precisar de mais espaço para abrigar um número maior de máquinas de costura.

A segunda razão pode ser creditada às mudanças relacionadas ao padrão de comportamento da população brasileira no que diz respeito à produção e ao consumo de roupas prontas. Se o comércio de vestimentas no Brasil nasce no início dos anos 1930 mais focado em roupas masculinas, ele se desenvolve nos anos 1940 e 1950 e se intensifica, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, através da democratização da moda feminina. Em termos urbanos, tal transformação no padrão de produção e consumo se reflete em um aumento da importância dos espaços destinados ao comércio nos bairros centrais de São Paulo, como o Bom Retiro. O centro tradicional sempre teve, desde o início do século XX, ruas com vocações bem comerciais, porém focadas em negócios mais sofisticados, como, por exemplo, a Barão de Itapetininga. No setor de comércio mais popular, os espaços de fábrica e loja eram mais conectados, muitas vezes ocupando pavimentos diversos do mesmo edifício, como visto no segundo capítulo. A separação

maior entre os espaços de produção e venda no comércio popular é um indicativo de amadurecimento desse segmento de mercado. Veremos como isso se deu no âmbito da José Paulino, que ao lado da Vinte e Cinco de Março e da General Carneiro, era uma das vias que oferecia mais opções de lojas e confecções de roupas prontas a preços acessíveis (FYSKATORIS, 2006).

Contribui para esse cenário o fato da maioria das confecções sediadas na rua atuarem nas duas modalidades de venda: atacado e varejo. A venda por atacado faz muito sentido para lojas localizadas em uma rua tão adjacente de duas estações de trem e que, a partir de 1961, tornou-se também muito próxima de um terminal de ônibus, com a inauguração da Rodoviária da Luz, que seria desativada em 1982. Já o varejo, que era pouco praticado nos intervalos de tempo abarcados nos capítulos 1 e 2, foi ganhando mais importância no comércio praticado na José Paulino a partir principalmente dos anos 1960. Em 1967, a Revista Shalom dedicou a capa e a matéria principal de sua vigésima segunda edição à José Paulino e às transformações pelas quais a rua passava. A capa da edição temática é uma composição gráfica com os logotipos de algumas confecções e lojas sediadas na rua, evidenciando que são elas a força motriz da via [Figura 3.2]. A matéria aponta como as duas principais mudanças na dinâmica da rua a evasão das indústrias e a substituição do comércio atacadista pelo varejista:

Antes, por volta de 1955/1957, o comércio era essencialmente atacadista. Possuíam suas fábricas nos andares superiores e a medida que iam confeccionando desciam automaticamente às

lojas, sem despesas de transporte, veículo, etc., o que barateava o produto. Nesta época é que o Bom Retiro e em especial a José Paulino adquire a fama que persiste até hoje (...) Muda, então, o aspecto do comércio que de atacado vira varejo ou varejão, que consiste na venda em pequenas quantidades que vão para a revenda em lojinhas de bairro e boutiques. (REVISTA SHALOM, 1967)

Para além da influência das mudanças na dinâmica urbana da José Paulino, os objetivos iniciais dos responsáveis pelas construções dos edifícios mais altos que surgiram na rua a partir de 1959 poderiam ser de duas naturezas. A construção do edifício poderia servir para a concentração das atividades de uma só confecção que teria crescido e necessitava de mais espaço, tendo nesse caso o edifício o papel principal de suporte para a produção. Diferentemente, a construção do edifício poderia já ser pensada desde seu início com uma dupla função: abrigar atividades relacionadas à confecção pertencente ao responsável pela construção e, simultaneamente, disponibilizar salões para o aluguel por parte de outras confecções, tendo o edifício, nesse caso, um duplo papel, o de suporte para as atividades produtivas e comerciais e o de investimento imobiliário, sendo uma variação da estratégia produtiva e de locação da construção de edifícios como o de Fawel Slomka.

Como exemplo de funcionamento de um edifício pertencente a essa segunda leva de verticalização da rua, que foi construído pelos donos de uma confecção com o objetivo inicial de servir unicamente como suporte para as atividades apenas deste

negócio, pode-se utilizar o caso da edificação que ocupa o lote de número 533 da José Paulino. O prédio, um volume prismático de largura estreita composto de térreo, sobreloja e seis andares tipo, foi erguido em 1959 por Jacques Alvin e Jonel Radu, imigrantes de origem judaica e sócios da Alvin, confecção especializada em maiôs e roupas de banho³⁸.

A Alvin foi inaugurada em 1949, quando os trajes aquáticos ainda eram feitos de algodão. Durante os dez anos entre sua fundação e a inauguração de seu edifício próprio, as atividades relacionadas à confecção ocuparam diversas salas em diferentes endereços do Bom Retiro, sempre em ruas nas intermediações da José Paulino. A fábrica de maiôs chegou a ocupar, na sua fase de maior crescimento anterior à inauguração do edifício 533, várias salas em diferentes endereços simultaneamente, o que não deveria ser vantajoso em termos logísticos. Um destes endereços foi o andar superior do edifício de número 121 da Rua da Graça, onde no térreo funcionava, desde 1952, a sede da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro.

Dessa maneira, faz sentido o investimento dos sócios na construção de um edifício que unificasse todas as atividades da confecção, otimizando custos de transporte e logística em geral. Ademais, se hoje são poucos os edifícios com seis ou mais pavimentos tipo na José Paulino, em 1959, ano de inauguração do 533, eles eram ainda mais escassos, o que fazia o prédio da Alvin

38. Todas as informações relativas à Alvin e ao edifício de número 533 foram obtidas através do depoimento que Golda Bojme, funcionária da empresa desde 1949 e gerente de produção da marca em 2017, cedeu à autora em 6 de dezembro de 2017.

se sobressair em relação ao gabarito médio da rua, podendo ser avistado de longe por quem adentrava a José Paulino pelo seu começo, percurso obrigatório de quem chegava pelas estações de trem ou pela rodoviária. Ser mais alto do que a maioria também possibilitava a utilização da empena cega lateral para diversas estratégias de publicidade e comunicação visual em escala urbana.

Por fim, a inauguração do prédio possibilitou a instalação da loja no térreo da construção, em um ponto de venda com valorização crescente. Na sobreloja funcionava a parte administrativa. O primeiro e segundo andar eram destinados aos estoques de peças e tecidos. Pouco tempo após a inauguração do edifício, o algodão utilizado no início foi substituído pela helanca, tecido sintético muito mais apropriado para a confecção de roupas de banho por ser leve, maleável e de rápida secagem, sendo as empresas Rhodia e Santista as principais fornecedoras da nova matéria prima. No terceiro andar estavam concentradas as máquinas de costura, e os andares de número quatro e cinco comportavam as grandes mesas necessárias para o corte mecânico dos tecidos. O sexto andar abrigava o refeitório dos funcionários da empresa.

Tal distribuição das etapas de produção pelos andares do edifício manteve-se a mesma até a mudança do setor produtivo da Alvin para um galpão na região da Ponte Pequena, ao Norte do Bom Retiro, no final da década de 1980. A mudança representou ganhos financeiros para a empresa em dois sentidos. O primeiro refere-se à desoneração da folha de pagamento, pois em um edifício estreito como o da José Paulino, fazia-se necessário a separação das atividades por andar e a existência de um supervisor para

cada pavimento. Já em um galpão, um espaço amplo e aberto por excelência, é possível concentrar várias atividades da produção em um espaço sem divisórias e barreiras visuais, diminuindo assim a quantidade de supervisores necessários. Por outro lado, a loja da marca manteve-se em um ponto comercial valorizado, e, ainda, os salões dos andares superiores do edifício da José Paulino ficaram vagos e puderam ser alugados para confecções terceiras. Ou seja, a história do edifício 533 mostra que mesmo um edifício que originalmente foi erguido como suporte para atividades de confecção pode ao longo do tempo expandir sua função para captação de renda via locação.

Como exemplo de um edifício pertencente à segunda leva de verticalização da José Paulino, que foi construído pelos donos de uma confecção com o objetivo de servir de suporte para as atividades deste negócio, mas também para alugar salões nos andares superiores para outras confecções, podemos citar o prédio que ocupa a numeração 369/373 da rua. Nesse caso, também se trata de uma edificação prismática de largura estreita, formada por térreo, sobreloja e seis andares tipo, construída entre 1962 e 1963. Os responsáveis pela construção foram Ruth e Chaim Lustig, casal proprietário da fábrica de guarda-chuvas e sombrinhas Alegre, cujo funcionamento foi detalhado no segundo capítulo desta dissertação. O responsável pelo projeto de arquitetura e pelo acompanhamento da obra foi Luis Lustig, um dos filhos do casal, nascido em São Paulo em 1938, que, à época da inauguração do prédio, era um jovem engenheiro civil recém-formado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. No início da década de 1960, Chaim se tornara sócio de seu genro em uma nova confecção chamada Luk, que além de

dar nome ao edifício, ocupava o térreo do mesmo com sua loja. Como os andares superiores do Edifício Luk eram alugados para outras confecções, foi construído um segundo edifício para abrigar as atividades de produção da confecção de mesmo nome. Tal prédio foi erguido na Rua Barra do Tibagi, na parte baixa do Bom Retiro, e também é de autoria de Luis Lustig. Vemos aí duas sequências de acontecimentos que se repetem no desenvolvimento de outras confecções da rua e que, por isso mesmo compõem a história da mesma.

Uma se refere à transferência da parte produtiva da confecção para uma instalação fora do âmbito da José Paulino e da região do Alto Bom Retiro, que de maneira geral reproduzia um padrão de ocupação com similaridades com o da via em questão (denso, com lotes estreitos e sem recuos). O conceito de projeto de vários edifícios da José Paulino e de ruas próximas, como o 533 e os descritos no segundo capítulo, era a proximidade da produção (concentrada nos andares superiores) com a venda (localizada no térreo). Com a valorização imobiliária da rua decorrente do aumento de sua importância no campo de moda popular, passou a interessar mais enquanto negócio o deslocamento da produção (incluindo os custos de transporte) e o aluguel dos espaços antes destinados a esse propósito para confecções mais recentes e menores, que não possuíam imóvel próprio e precisavam alugar para poder produzir. É daí que deriva a importância de se manter duas entradas independentes, mesmo em edifícios por vezes tão estreitos. A já citada edição temática da Revista Shalom sobre a José Paulino também abordou a questão sobre a evasão da produção de muitas confecções da rua:

Aos poucos as fábricas começam a entrar para o interior do Bom Retiro, se afastando da rua José Paulino, ficando nela apenas as lojas (...) Hoje, em síntese, a Rua José Paulino é uma via comercial em transição, onde o velho e o novo se contrastam, onde a indústria está dando lugar ao comércio. (REVISTA SHALOM, 1967)

Algumas confecções transferiam sua produção para espaços em outros bairros da cidade, como ilustram os casos Modastil, Helenform e Nutrisport. Entre 1963 e 1964, a Modastil transferiu suas atividades industriais para um galpão no bairro do Tucuruvi, na zona norte de São Paulo. A partir daí, o edifício da marca no número 488 da José Paulino passou a exercer estritamente as funções de escritório, estoque e centro de distribuição das mercadorias.

A Helenform, confecção especializada na produção de “roupas de baixo” (cuecas, calcinhas, cintas modeladoras, etc.), transferiu sua produção para um galpão fabril no bairro do Cambuci, na região sudeste da cidade, no início dos anos 1970 [Figura 3.3]. Nos anos 1960, enquanto as atividades fabris da Helenform ocupavam os andares superiores do prédio de numeração 422/424/428 da José Paulino, os térreos comerciais eram ocupados por duas lojas diferentes: no 422 funcionava a loja de fábrica que comercializava os artigos Helenform produzidos nos andares superiores do mesmo edifício, enquanto que no 428 funcionava a Lojas Neumark, comandada por Isaac Neumark, filho de Simão e Helena, fundadores de Helenform.

A Lojas Neumark nada tinha a ver com a produção da

Helenform. Tratava-se de um negócio 100% comercial: Isaac comprava artigos prontos do vestuário feminino e masculino e os revendia. Para se ter uma ideia de como eram distintas as dinâmicas, em um sábado típico, a loja de fábrica da Helenform não abria, enquanto que a Lojas Neumark não só abria como vendia tanto para clientes finais como para donos de pequenas lojas no interior do Estado de São Paulo, na modalidade de venda chamada de “varejão” pela matéria da Revista Shalom citada anteriormente. A diferença do varejão para o atacado era basicamente em relação à quantidade: no “varejão” eram comercializados produtos em pequena quantidade, para donos de pequenas lojas que não tinham condições de comprar em grandes quantidades como era exigido no atacado, que nesta época comercializava a produção saída diretamente da fábrica. A Lojas Neumark encerrou suas atividade em pouco tempo devido à falta de adaptação de Isaac com tal modelo de negócios. Apesar da curta duração, Isaac investiu em publicidade para a sua loja de revenda, em anúncios que exaltavam a um só tempo os baixos preços e a elegância de suas mercadorias através do slogan “você não paga pela beleza das instalações”. Outra estratégia adotada foi a comparação com a Rua Augusta, que à época era tida como uma das ruas comerciais mais chiques de São Paulo. Segundo a peça publicitária, se a Augusta oferecia produtos elegantes aos seus consumidores, a José Paulino oferecia não só produtos elegantes como também baratos. É interessante um anúncio se utilizar da localização da loja para promover a mesma, pois acaba por realizar propaganda gratuita da rua como um todo [Figuras 3.4 e 3.5]. Simultaneamente ao encerramento das atividades da Lojas Neumark, a valorização crescente da José Paulino como ponto comercial impulsionou a família a desocupar as

instalações do edifício da rua, liberando as mesmas para locação para terceiros. A Helenform retornou momentaneamente para o edifício da Rua dos Italianos, transferindo-se posteriormente para o Cambuci.

Outras confecções mantinham sua produção no Bom Retiro, mas as transferiam para a parte baixa do bairro, onde a ocupação sempre foi mais esparsa, com lotes maiores e valores de compra e aluguel muito mais em conta do que na parte alta do bairro. Além da Luk, este é o caso também da Nutrisport, que desde seu início, quando ainda chamava-se Nutria e produzia artigos de peleria, ocupou um salão no edifício de numeração 248/252/256 da José Paulino, primeiramente com seus sócios como inquilinos do prédio. Posteriormente, a empresa passou a ocupar também uma das lojas no térreo para seu espaço de vendas e acabou como proprietária de metade do edifício 248/252/256. Em 1973, a empresa passou por uma segunda reformulação, deixando de ser uma confecção especializada na produção de artigos específicos (artigos de pele e capas de chuva) e se transformando em uma confecção feminina nos moldes do prêt-à-porter, lançando coleções sazonais que abrangem todo o guarda-roupa feminino. Na ocasião, o nome foi novamente mudado, agora em definitivo, para Nutrisport. Foi nessa ocasião que ocorreu a transferência das atividades de produção para um edifício maior (horizontal, com uma tipologia parecida com a de um galpão) na Rua Javaés, em uma parte do Bom Retiro já bem próxima ao rio Tietê. A loja manteve-se no térreo do número 248, e os salões nos andares superiores do mesmo edifício foram alugados para terceiros.

Algumas confecções, como é o caso da Triconal, não chegaram

a ter fábrica sediada na José Paulino, usufruindo da rua apenas como ponto comercial. A Triconal era uma loja de maiôs que funcionava no número 470 da José Paulino. Os artigos eram produzidos na fábrica da empresa, sediada na Avenida Rudge. Na fábrica, além dos maiôs eram produzidos uma gama de tecidos sintéticos, como o tergal e helanca, que eram agrupados em fardos e vendidos para várias confecções diferentes. O tergal era um tecido de muito sucesso pois era ideal para a fabricação das saias plissadas usadas nos uniformes escolares femininos da época [Figuras 3.6 e 3.7].

Outra sequência de acontecimentos comum nas histórias das confecções sediadas na José Paulino é em relação à atuação profissional de alguns dos filhos dos fundadores das confecções. Uma característica bastante corrente dos imigrantes que fundaram as confecções era o estímulo para que seus filhos cursassem o ensino superior e se transformassem em profissionais liberais, algo que os próprios não tiveram condições de fazer. Medicina, direito, engenharia e arquitetura eram cursos bastante procurados na época e aqueles que optavam pelos dois últimos poderiam ter a oportunidade, tal qual Luis Lustig teve, de projetar pequenos e médios edifícios para as confecções de seus pais, familiares ou conhecidos. O núcleo Kon é outro ótimo exemplo deste tipo de trajetória, com o filho mais velho Samuel tendo se formado em engenharia na Faculdade Presbiteriana Mackenzie e o do meio, João, arquiteto na mesma instituição. Além do edifício 206/210, construído em 1956, outra obra da dupla na José Paulino foi o edifício de numeração 749, concluído em 1964. Apesar de ser composto por térreo, sobreloja e apenas três pavimentos tipo, ele também é um exemplar de edifício construído com o intuito

de alugar os salões dos andares tipo para confecções diversas, o que fica evidente pelas duas entradas independentes e pela configuração da caixa central de circulação [Figura 3.8].

3.1.2. Galerias comerciais e edifícios múltiplos na José Paulino

Em 1959 foi erguido o edifício de numeração 251/257/259 na José Paulino³⁹. Trata-se de um dos prédios mais altos da rua, com térreo, sobreloja, seis pavimentos tipo e mais dois andares adicionais escalonados que somam trinta e cinco metros de altura. A construção é mais larga do que o habitual da rua, tendo aproximadamente quinze metros de largura, uma vez que junta três lotes padrões. A linguagem adotada é racional e os três lotes originais corresponderam à modulação estrutural do edifício, facilmente identificada na fachada. A estrutura é em concreto armado e as lajes são pré-moldadas. É um dos primeiros edifícios da rua a ter elevador, um dos principais indicadores de verticalização. Antes do início das obras, um dos lotes que comporia o futuro edifício abrigava um pequeno galpão no qual funcionava a Malharia Tricot S.A., que posteriormente seria renomeada para Tricot-lã [Figuras 3.09 e 3.10]. Com o crescimento da empresa, a Tricot-lã passou a ocupar também um pequeno edifício de térreo acrescido de dois andares na numeração 691/695 da Ribeiro de Lima, rua transversal à José Paulino. Os dois lotes são bastante próximos. A família Leirner, proprietária da malharia, adquiriu os dois lotes vizinhos ao 261

39. As informações referentes ao edifício da Galeria Barão do Bom Retiro foram obtidas através dos depoimentos que Adolfo Leirner, filho do fundador da Tricot-Lã, e Manoel Agnaldo dos Santos, zelador da galeria, forneceram à autora, ambos em 7 de dezembro de 2017.

da José Paulino, demoliu o galpão do 261 e ergueu o edifício de oito andares cujo térreo, desde a inauguração, abrigava uma galeria comercial com aproximadamente vinte e cinco pequenos lotes comerciais. O prédio foi batizado de Galeria Barão do Bom Retiro e, apesar de ser um corredor térreo comercial inicialmente fechado, tornou-se a primeira galeria da José Paulino. Os andares superiores abrigam três salões cada, originalmente destinados à venda e/ou aluguel para o funcionamento de confecções, que poderiam ter sua produção localizada em um dos salões e a venda localizada em uma das lojas da galeria no térreo, como é o caso da fábrica de bolsas Pan-americana, de Jacob Majerovich [Figura 3.11]. Apesar de se tratar de um edifício mais alto e erguido em um momento de ascensão do varejo na rua, a distribuição do programa de atividades emula a do edifício pequeno construído para a confecção de atacado e é baseada na proximidade do espaço da produção, localizado nos andares superiores, com o espaço da comercialização, localizado no térreo. Em aproximadamente 1970, o térreo da galeria foi conectado com o térreo do edifício da Ribeiro de Lima, e a Galeria Barão do Bom Retiro passou a ter um formato em “L”, conectando a José Paulino à Ribeiro de Lima. A malharia da família Leirner permaneceu pouco tempo no edifício, tendo sua produção transferida para um galpão na Marginal Tietê na década de 1970.

A intensificação dos fluxos de visitantes e mercadorias estimulou o surgimento de outras galerias comerciais na José Paulino, em um movimento consonante com o que ocorria em outras partes da cidade com atividade comercial relevante, como no centro. Tal qual na via aqui estudada, a inserção das galerias na região central de São Paulo surge como alternativa às intensificações

de fluxos, tanto de mercadorias como de pedestres. Os térreos livres dos edifícios onde funcionam as galerias atuam como continuação dos espaços públicos e congestionados das ruas e calçadas, oferecendo uma rota alternativa para os transeuntes e garantindo através de sua permeabilidade a circulação de possíveis consumidores para as lojas presentes nas galerias, que na maior parte das vezes possuem suas vitrines voltadas para os corredores internos dos térreos livres, e não para as ruas. Desde sempre é esta a lógica da galeria comercial, como demonstra a descrição de Walter Benjamin acerca das galerias comerciais que surgiram em Paris no final do século XIX, com formato de arcadas:

Eram propriedades privadas, porém travessias públicas para passagem, e exibiam as mercadorias em vitrines como ícones em nichos (...) As grandes extensões de vidro nas janelas de amostras se originaram nas arcadas, assim como olhar as próprias vitrines, a atividade do flâneur. (BUCK-MORSS, 2002)

A popularização das galerias nessa época foi também alavancada graças à legislação de então, que concedia incentivos fiscais aos condomínios que mantivessem seus térreos abertos. Tal legislação favorável foi resultado da aliança de dois agentes que se beneficiavam com a instalação das galerias nos térreos dos edifícios: o poder público, que desafogava a circulação de pedestres, e a especulação imobiliária, que lucrava mais com os aluguéis e vendas dos muitos e pequenos lotes comerciais que as plantas das galerias possibilitavam e ofereciam (FONTENELE, 2010).

Em 1959, foi inaugurada na região central a Galeria Sete de Abril, edifício de arquitetura moderna cujo térreo aberto conecta a via de mesmo nome com a Rua Bráulio Gomes. O projeto é do casal de italianos Maria Bardelli e Ermanno Siffredi, que haviam desembarcado no Brasil em 1950. Maria e Ermanno fazem parte de um conjunto de arquitetos europeus que emigrou para o Brasil nas décadas de 1940 e 1950 devido a complicações de perseguição ou de falta de trabalho decorrentes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Quando chegavam ao Brasil era comum que se associassem a profissionais brasileiros ou a imigrantes já estabelecidos, uma vez que a legislação da época não era favorável à atuação de estrangeiros como profissionais liberais.

Primeiramente, Maria e Ermanno se associaram a Nelson Scuracchio e a Alfredo Mathias, formando a Nobel Engenharia e Vendas. Posteriormente, associaram-se também a dois investidores judeus: o brasileiro de origem russa Jacob Lerner e o imigrante húngaro Benjamin Citron.

Além de serem responsáveis pelo investimento que originou a Galeria Sete de Abril, Lerner e Citron, através da Lercit Ltda., construtora que mantinham em sociedade, foram os principais investidores do Centro Comercial do Bom Retiro, projeto lançado em 1957 cujas obras foram concluídas em 1961. Apesar da autoria do projeto do centro comercial ser de outro arquiteto europeu imigrante, o polonês Lucjan Korngold, Maria Bardelli e Ermanno Siffredi foram creditados nos anúncios imobiliários do projeto como consultores imobiliários. Ao que tudo indica, os italianos participaram ativamente da elaboração do projeto do

Centro Comercial do Bom Retiro, que teria servido como uma espécie de “curso intensivo” para as outras três galerias projetadas no centro de São Paulo posteriormente pela dupla: a Nova Barão (localizada na Rua Barão de Itapetinga e inaugurada em 1963), a Presidente (localizada na Rua Vinte e Quatro de Maio) e as Grandes Galerias, ou Galeria do Rock, como é mais conhecida, localizada na Avenida São João e inaugurada em 1963 (LORES, 2017).

O autor de fato do projeto do Centro Comercial do Bom Retiro, Lucjan Korngold, chegou a São Paulo em 1940, fugindo da Segunda Guerra Mundial. Ainda na Polônia, formou-se em engenharia e arquitetura no Politécnico de Varsóvia e foi um profissional atuante em seu país durante os anos 1930, onde produziu mais de quarenta projetos. Em São Paulo, inseriu-se rapidamente nos círculos sociais e culturais importantes da cidade devido à sua boa formação e aos contatos realizados durante a viagem de navio que o trouxe ao Brasil. Sua inserção social foi importante para que profissionalmente ele também se adequasse com êxito, tendo projetado em 1946 o Edifício CBI - Esplanada, a maior estrutura de concreto armado no Brasil à época de sua inauguração em 1951 no Vale do Anhangabaú (LORES, 2017). Apesar de judeu e imigrante polonês, a trajetória de Korngold é bastante diversa e não está diretamente relacionada à rede de imigrantes judeus poloneses que chegaram no final da década de 1920 e abriram as oficinas de roupas prontas na José Paulino no início dos anos 1930. Enquanto esses fazem parte do que é considerada pelo historiador Jeffrey Lesser a segunda leva de migração judaica no Brasil, que chegou no entreguerras, Korngold faz parte da chamada terceira leva, a que chega ao país durante a Segunda Guerra Mundial fugindo das perseguições nazistas (LESSER, 2003).

A linguagem arquitetônica austera que Korngold aplicou no CBI - Esplanada se faz presente no Centro Comercial do Bom Retiro. O complexo interliga a José Paulino com a Ribeiro de Lima através da ocupação de um terreno grande e irregular no miolo de quadra entre as duas vias. A entrada do complexo pela Ribeiro de Lima no número 453 não possui recuo frontal, o que lhe confere certa imponência, pois da calçada se avista pelo menos duas torres do complexo, o andar intermediário/rua elevada que forma uma marquise de entrada e seis frentes de lojas do andar térreo, dando uma ideia da grandiosidade do conjunto [Figura 3.12]. Já a entrada pela José Paulino no número 226 é discreta e possui uma largura que corresponde ao padrão estreito dos lotes da rua. Para “vencer” o recuo frontal e interligar o espaço da calçada ao miolo de quadra, Korngold fez um corredor coberto de conexão onde dispôs os quadros de vitrine⁴⁰ das lojas da galeria e uma escada rolante que conduz o pedestre diretamente a uma espécie de rua elevada [Figura 3.13]. Essa rua elevada margeia todo o perímetro do lote, e nela, à semelhança do térreo, estão localizadas diversas lojas que se voltam para o interior do terreno [Figura 3.14]. Do andar intermediário sobem quatro torres com cinco pavimentos tipo cada que podem ser acessadas por três portarias diferentes. A composição das torres com um edifício solto, formado de térreo mais onze pavimentos, localizado no meio do terreno, configura três ruas internas que podem ser acessadas inclusive por automóvel pela entrada da Ribeiro de Lima [Figura 3.15]. Juntos, os volumes totalizam

40. Os quadros de vitrine são painéis de vidro localizados nos corredores das galerias onde não há lojas, que normalmente ficam nas entradas das mesmas. Neles, os comerciantes podem, mediante o pagamento de taxa ao condomínio da galeria, expor alguns de seus produtos juntamente com o nome da sua loja e sua localização na galeria.

setenta e três lojas, trezentos e quarenta e sete salas comerciais e dez apartamentos distribuídos em 17.075 metros quadrados de área construída (FALBEL, 2003).

Se o conceito geral de galeria comercial é prolongar o espaço público das ruas e calçadas para dentro do lote e multiplicar as vitrines, no caso do Centro Comercial do Bom Retiro, a estratégia foi a de transpor para o miolo da quadra não só o espaço da rua em si, mas a dinâmica urbana e comercial das ruas dessa parte do Bom Retiro como um todo. A localização das torres mais baixas na periferia do lote demonstram um aproveitamento bastante racional de um terreno irregular e cheio de ângulos agudos. No entanto, a rua elevada que margeia todo o complexo, a inserção do edifício mais alto bem no centro do lote e a conseqüente criação das três ruas possibilitam inúmeros percursos dentro do complexo.

Em 1959, quando estavam sendo ameaçados de despejo pelo proprietário do sobrado de número 451 da José Paulino, Hugueta e José Sendacz, proprietários da Rasentex, adquiriram, na planta e a partir de financiamento, um salão e uma loja no Centro Comercial do Bom Retiro [Figuras 3.16 e 3.17]. O estímulo à compra através de financiamento mostra que o Centro Comercial é um empreendimento imobiliário da José Paulino que se diferencia dos outros casos vistos até agora, porque é baseado na renda proveniente da venda de suas unidades, não no aluguel das mesmas. Entretanto, o casal Sendacz foi obrigado a desocupar o sobrado do 451 antes da conclusão das obras da galeria. Diante dessa situação, a Rasentex ocupou temporariamente um dos lotes de outra construção recém-inaugurada na José Paulino,

o Edifício Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, até conseguir mudar-se para o Centro Comercial no início dos anos 1960. Além de terem adquirido a loja de número 51 da galeria e o salão de número 341, o casal Sendacz posteriormente alugou mais um salão para a realização das atividades de modelagem de sua confecção. A Rasentex fechou as portas e cedeu lugar à Hagar Modas, uma confecção de roupas femininas, em aproximadamente 1965. No salão de número 341 eram realizadas as atividades de corte, limpeza das peças já costuradas (corte do excesso de fios costurados), colocação de etiquetas, ensacamento e separação por modelo, cor e tamanho. Enquanto nos períodos abarcados nos capítulos 1 e 2 as costureiras terceirizadas eram em sua maioria residentes do bairro da Casa Verde, nessa altura são relatadas como moradoras de regiões mais periféricas, como Sapopemba e Osasco.

O êxito do Centro Comercial do Bom Retiro enquanto negócio imobiliário foi um fator que influenciou a posterior abertura de mais duas galerias na José Paulino: a Nova José Paulino na numeração 341/345/349 e a Galeria Antártica, na numeração que engloba do lote 663 até o 701. Ambas foram inauguradas em 1967 e seguem uma tipologia arquitetônica de galeria comercial mais convencional do que a do projeto de Korngold. Elas ocupam terrenos retangulares e conectam a José Paulino à sua paralela Aimorés, conformando ruas internas que permitem o trajeto de pedestres em uma direção e em dois sentidos. Apesar de possuírem áreas construídas menores que a do Centro Comercial, trata-se de dois projetos grandes que possivelmente foram viabilizados pelo baixo valor dos imóveis da Aimorés, via desvalorizada pela memória negativa, então relativamente recente, de ter sido uma das vias da zona de confinamento do meretrício popular até 1953.

A Galeria Nova José Paulino foi fruto de um investimento por parte de Jozsva Korik, e contou com projeto do arquiteto Maurício Tuck Schneider e supervisão de obras do engenheiro Marcos Karniol. Sua área total construída é de 9.004,31 metros quadrados distribuídos por um edifício central de quinze pavimentos, o mais alto da José Paulino, e duas construções laterais de térreo acrescidas de dois pavimentos cada. As construções laterais conformam a rua interna que interliga a José Paulino com a Aimorés e abrigam quarenta e sete lojas, cada uma munida de seu próprio subsolo, destinado ao estoque de mercadorias, e mezanino, pensado como espaço de escritório. O edifício central comporta setenta e uma salas destinadas ao funcionamento de escritórios e confecções e conta com um estacionamento no subsolo.

A Galeria Antártica foi erguida originalmente pela construtora Karniol Scheinman Ltda. e possui este nome por ocupar os terrenos onde anteriormente funcionava um centro de distribuição de produtos da Companhia Antártica. A galeria é estruturada em quatro blocos verticais que formam duas ruas internas, interligando a José Paulino à Aimorés. Dois blocos possuem três andares tipo e dois possuem cinco andares tipo. Em 21 de março de 1976, ocorreu um incêndio nas dependências da galeria que, após investigação, foi concluído como sendo de natureza criminosa. O incidente destruiu 180 lojas e provocou a demolição proposital do volume central, o mais atingido pelo fogo, devido ao risco de desabamento do mesmo. Segundo edição de 30 de março de 1976 do jornal A Folha de São Paulo, os responsáveis pelo incêndio eram dois jovens sócios de confecções localizadas na galeria que estavam com dificuldades

financeiras e provocaram o crime com o intuito de receber dinheiro do seguro dos imóveis. O projeto de reconstrução do edifício foi aprovado na Prefeitura em 1978 e é de autoria do arquiteto Isaac Mayer Fukelman, sendo o engenheiro Mauricio Cukierkorn o responsável pela reconstrução.

Apesar de terem sido destacados primeiramente os edifícios mais altos e as galerias comerciais por acreditar-se na importância que tiveram nas mudanças que ocorreram na José Paulino nos anos 1960 e 1970, possivelmente a construção mais icônica da rua seja o Edifício Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, inaugurado entre 1959 e 1960. A construção é uma reunião de vinte e sete módulos de cinco metros de frente cada, compostos de térreo comercial e mais dois pavimentos tipo, sendo vinte e seis deles lojas e um a portaria do conjunto. Os lotes abrangidos pela edificação vão do número 5 ao número 109 da José Paulino, formando o primeiro volume edificado do lado ímpar da rua. A configuração do logradouro em questão não é simétrica, e o seu lado par se inicia no vértice que a José Paulino forma com a Prates (terreno ocupado pelo Edifício Palacete Luz), alguns metros adiante do início do lado ímpar. Tal desenho implica que, para o pedestre que vem da Estação ou Jardim da Luz em direção à rua, a primeira coisa que se avista à distância são os prédios módulos do Edifício Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, revestidos cada um de uma tinta de cor diferente, o que impõe um ritmo visual bastante interessante para esse conjunto de pequenos edifícios que congrega em um só volume a tipologia básica do “edifício para confecção” desenvolvido durante a década de 1940 e popularizado na de

1950, paralelo ao curso da rua, reforçando o alinhamento da mesma. Como a José Paulino sempre foi a rua comercial mais importante e conhecida do Bom Retiro, a imagem do conjunto de pequenos edifícios coloridos não é representativa apenas da rua, e sim do bairro e de sua especialização têxtil [Figura 3.19].

O projeto da edificação é de Marcos Henrique Firer⁴¹, imigrante polonês que chegou ao Brasil em 1933, aos dois anos de idade. A família de Marcos foi morar em Ourinhos, cidade do interior do Estado de São Paulo, mas anos depois Marcos mudou-se para a capital para fazer faculdade, formando-se em arquitetura em uma das primeiras turmas do curso da Universidade Presbiteriana do Mackenzie. Na segunda metade da década de 1950, Marcos obteve a concessão para explorar parte do terreno da Rede Ferroviária Federal, companhia nacional responsável pelo transporte sobre trilhos no Brasil entre 1957 e 2007⁴². Marcos conseguiu tal feito mediante contatos de seu sogro, Mordechai Geyer, também imigrante judeu e proprietário da Sumartex, uma confecção de pijamas localizada inicialmente na Rua Cônego Martins (primeira transversal da José Paulino apenas do lado ímpar da via) que, após a conclusão das obras do edifício da Rede, passou a ocupar o lote de número 105, um dos módulos do conjunto.

O contrato entre Marcos Firer e a Rede Ferroviária Federal previa que o arquiteto seria responsável pela construção de

41. As informações relativas à trajetória de Marcos Firer foram obtidas através do depoimento que seu filho Marcelo Firer concedeu à autora em 10 de novembro de 2017.

42. Disponível em: <<http://www.rffsa.gov.br/principal/historico.htm>>. Acesso: 19/12/2017.

(...) um prédio com três pavimentos: o primeiro contendo vinte e seis lojas e a entrada para os pavimentos superiores; o segundo com sobrelojas, correspondendo uma para cada uma das lojas do térreo; e o terceiro e último pavimento para uso da Rede Ferroviária Federal.⁴³

Ou seja, apesar de aparentemente se tratar de prédios típicos para o funcionamento de confecções, os módulos do Edifício Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima Estrada de Ferro Santos a Jundiaí são assim ocupados pelas mesmas apenas no térreo e primeiro andar, e tal configuração fica evidente pelas pinturas das fachadas, que excluem o último andar, de uso exclusivo da Rede. Assim, a estatal cedeu parte de seu terreno para Marcos, que construiu o edifício e o colocou disponível para locação. Durante a vigência do acordo entre a empresa e o arquiteto, o mesmo ficava com os aluguéis para si e repassava o valor de um arrendamento para a empresa mensalmente, responsabilizando-se pelas relações com os locatários das lojas e se comprometendo a restituir o terreno e “as benfeitorias a ele acrescidas livres de pessoas e bens” à Rede quando findo o contrato, o que ocorreu durante a década de 1970. A partir daí, os inquilinos das lojas passaram a pagar o aluguel em forma de DARF (documento de arrecadação de receitas federais), primeiramente para a Rede Ferroviária Federal e, após o encerramento das atividades desta, para a Secretaria do Patrimônio da União.

43. Trecho do contrato de locação do lote de número 101 da José Paulino, fornecido à autora por Isaac Wachslight, filho de imigrantes judeus poloneses e proprietário da loja de roupas infantis Happy Baby, localizada no número 101.

A toponímia corresponde aos nomes dos edifícios e das ruas, auxiliando na compreensão da história dos mesmos. No caso do Edifício Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, a contribuição se dá de forma muito direta. Mesmo anteriormente à realização de uma pesquisa acerca da história do edifício, é possível apreender a ligação do mesmo com a ferrovia, a começar pela sua localização no terreno da companhia administradora. O fato do edifício mais emblemático da rua estar localizado no terreno pertencente à Rede Ferroviária Federal e ser nomeado a partir dela corrobora a afirmativa, já feita na Introdução desta dissertação, de que a proximidade da José Paulino com as linhas e estações de trem é um dos aspectos que mais ajuda na compreensão do motivo desta via ter se tornado uma artéria comercial tão proeminente não só no âmbito do Bom Retiro, como também da região central de São Paulo, da cidade como um todo, do Estado e do Brasil.

As primeiras galerias comerciais da José Paulino (A Galeria Barão do Bom Retiro e o Centro Comercial do Bom Retiro) e a primeira edificação composta de vários pequenos edifícios modulados (Edifício Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima Estrada de Ferro Santos a Jundiaí) surgiram na primeira quadra da rua e depois tiveram suas tipologias replicadas nas quadras seguintes em lançamentos imobiliários posteriores. Isto demonstra mais uma vez a importância que a proximidade com as estações possuem na dinâmica da rua, que faz da sua primeira quadra sua porção mais valorizada e densamente ocupada. A replicação posterior de galerias e edifícios verticalizados nas quadras seguintes também indica o êxito que tais empreendimentos pioneiros obtiveram.

HIGIENOPOLIS – EDIFÍCIO IRAUNA
R. São Vicente de Paula, 416

RESTAM POUCOS APARTAMENTOS — PREDIO INCORPORADO — OBRA JÁ INICIADA

Edifício recuado, construído sobre pilotis, em terreno de 2.000m², aproximadamente, com amplo jardim, salão de festas, play-ground, garagem no subsolo, entrada de serviço com elevador independente.

APARTAMENTOS — 3 DORMITÓRIOS c/ armários embutidos, 2 banheiros em côres, com azulejos até o teto, vestibulo c/ armário, amplo living em «L», copa-cozinha, terraço de serviço e dependências de empregada.

PRAZO CERTO DE ENTREGA — EXATAMENTE PELO CUSTO

ENTRADAS A PARTIR DE CR\$ 990.000

Projeto: João Kon Projetos S/C
 Construção: Samuel Kon Eng. e Com. Ltda.
 Planificação: Godel Kon e Fiszal Czeresnia

INFORMAÇÕES: NO LOCAL, DIARIAMENTE, ATÉ AS 20 HS.

Prisma, Empreendimentos Imobiliários, Ltda.
 R. Barão de Itapetininga, 151 — 2o. s/ 25
 Fones: 35-8954; 36-1472; 36-3592

Rua José Paulino, 413 — 1o. — Fones: 51-6779; 51-6382; 51-8267

Figura 3.1. Anúncio de empreendimento imobiliário residencial na Rua São Vicente de Paula, no bairro de Santa Cecília, realizado pelo escritório de Godel, João e Samuel Kon, localizado no número 413 da José Paulino. Periódico O Novo Momento. Edição 7 de maio de 1965. Página 22. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Shalom

Paulo, fevereiro, 1967, nº 22, 1000

CASA DO NYLON KIDBELL

SOLITEX

Saphira

Escudo

Claribel

Kier

Brilhante

Marcut

Bestform

Zina

Berl

Fleider

AWA

Irresistyl

Wobler

Fleks

Blumatex

JOSE PAULINO

Figura 3.2 Capa da revista Shalom. Edição fevereiro de 1967, número 22. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 3.3. Calça modeladora feminina produzida pela Helenform na década de 1960 com duas etiquetas, a da confecção e a da Lycra, para mostrar que ela faz parte da composição do tecido, o que era uma inovação tecnológica importante na época. Fonte: acervo pessoal Isaac Neumark.

Elegância : **AUGUSTA !**
Elegância ... e Preço: **JOSÉ PAULINO !**

Lojas Neumark
Ltda.

Você não paga pela beleza das instalações

rua josé paulino, 428 -:- fone: 52-8841 -:- são paulo

Figura 3.4. Anúncio Lojas Neumark. Revista Shalom. Edição 3 de novembro de 1966. Página 8. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

**Para as suas compras (elegantes),
visite sempre**

Lojas Neumark
Ltda.

Você não paga pela beleza das instalações

rua josé paulino, 428 • fone: 52-8841 • são paulo

Figura 3.5. Anúncio Lojas Neumark. Revista Shalom. Edição 22 de fevereiro de 1965. Página 34. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 3.6. Amostras de tecidos produzidos na fábrica da Triconal. Em xadrez, o tergal. As outras estampas são variações de helanca. Fonte: acervo pessoal Sonia Janovitch.

Figura 3.7. Maiô da marca Triconal, produzido na fábrica da Avenida Rudge e comercializado na loja de número 470 da José Paulino. O único elemento da peça que não era produzido na fábrica era o bojo, já comprado pronto. Fonte: acervo pessoal Sonia Janovitch.

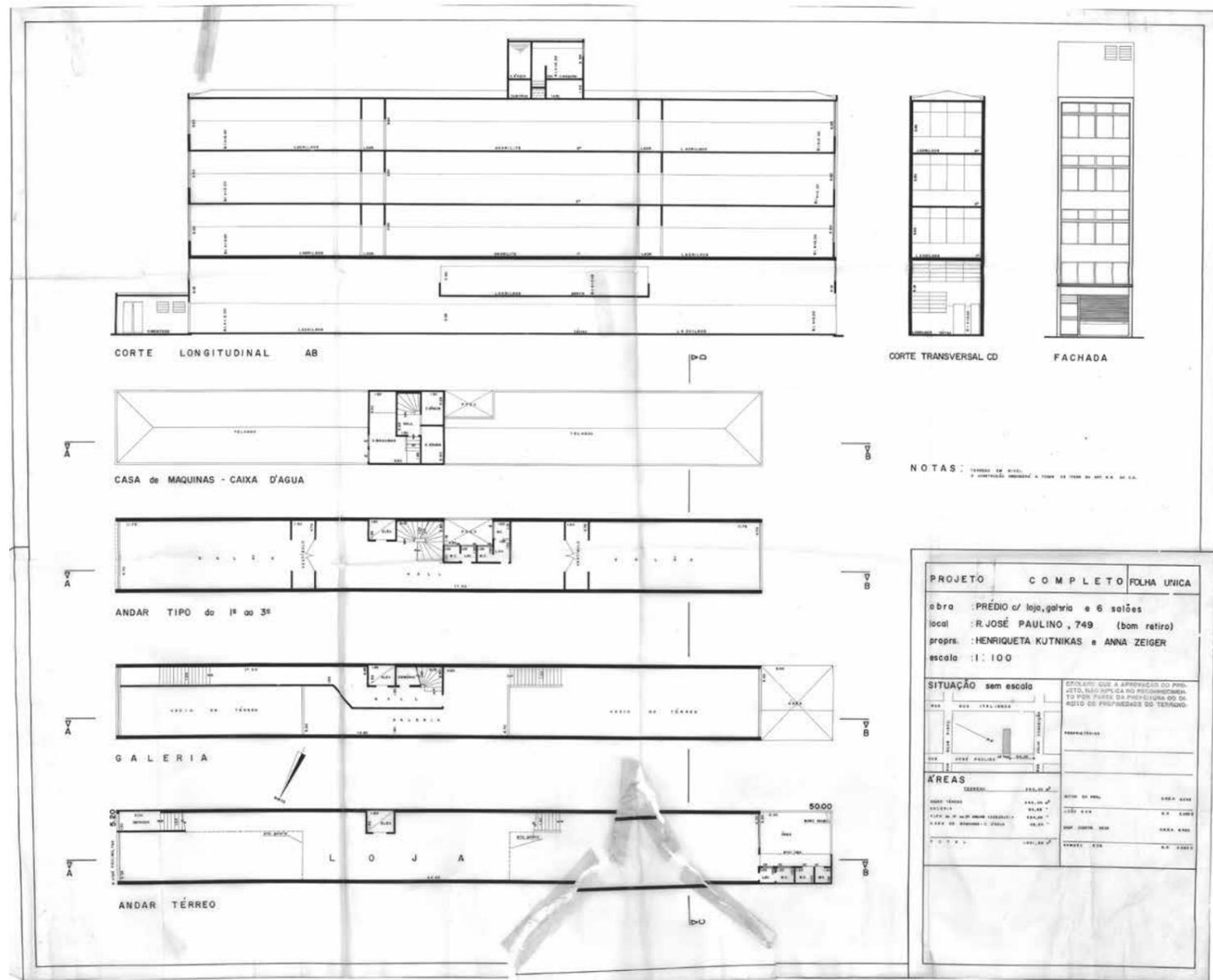


Figura 3.8. Prancha única do projeto para o edifício de número 749 da José Paulino, inaugurado em 1964. Fonte: acervo família Kon.



Figura 3.9. Anúncio da Malharia Tricot S.A. (mesma empresa proprietária da Tricot-lã) informando como endereço a Rua José Paulino. Periódico Aonde Vamos?. Edição 2 de maio de 1965. Página 7. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 3.11 (acima). Anúncio de loja e fábrica da marca de bolsas Pan Americana. Periódico O Novo Momento. Edição 7 de maio de 1965. Página 17. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 3.10 (ao lado). Anúncio da Malharia Tricot-lã informando como endereço a Rua Ribeiro de Lima. Periódico O Novo Momento. Edição 24 de junho de 1965. Página 9. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 3.12. Croqui da entrada do Centro Cultural do Bom Retiro pela Rua Ribeiro de Lima. Revista Acrópole. Edição novembro de 1959, número 253. Página 25. Fonte: Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

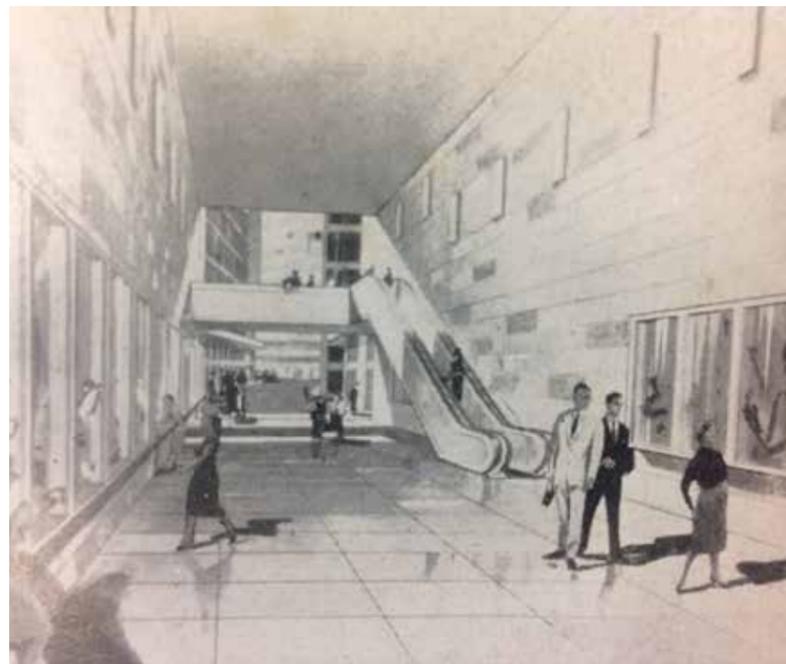


Figura 3.13. Croqui da entrada do Centro Cultural do Bom Retiro pela Rua José Paulino (corredor interno com destaque para a escada rolante e os quadros de vitrine). Revista Acrópole. Edição novembro de 1959, número 253. Página 25. Fonte: Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

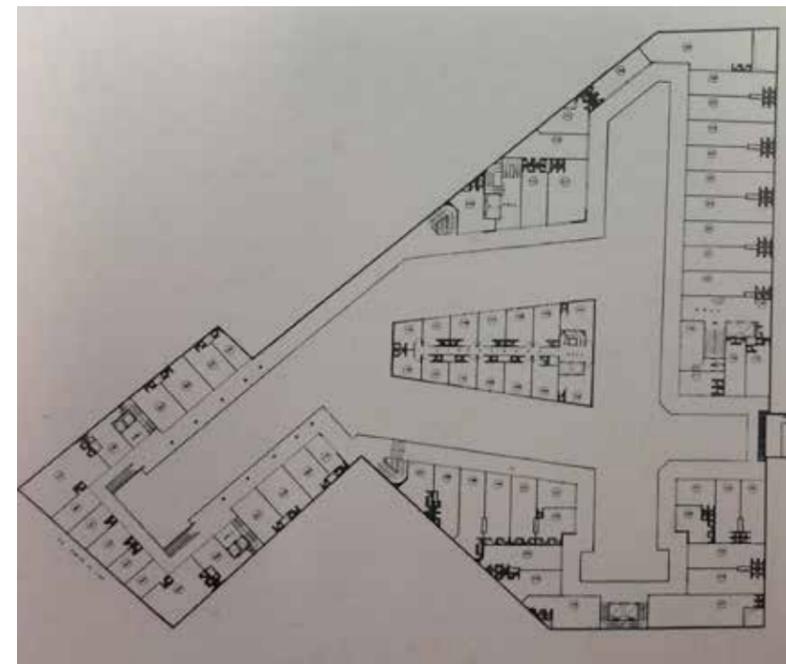


Figura 3.14. Planta do pavimento intermediário do Centro Cultural do Bom Retiro, com a rua elevada perimetral. Revista Acrópole. Edição novembro de 1959, número 253. Página 27. Fonte: Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.



Figura 3.15. Croqui de uma das ruas internas do Centro Cultural do Bom Retiro. Revista Acrópole. Edição novembro de 1959, número 253. Página 25. Fonte: Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.



Figura 3.16. Anúncio de salão para confecção no Centro Comercial do Bom Retiro disponível para compra a partir de financiamento. Periódico O Novo Momento. Edição 21 de fevereiro de 1965. Página 6. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

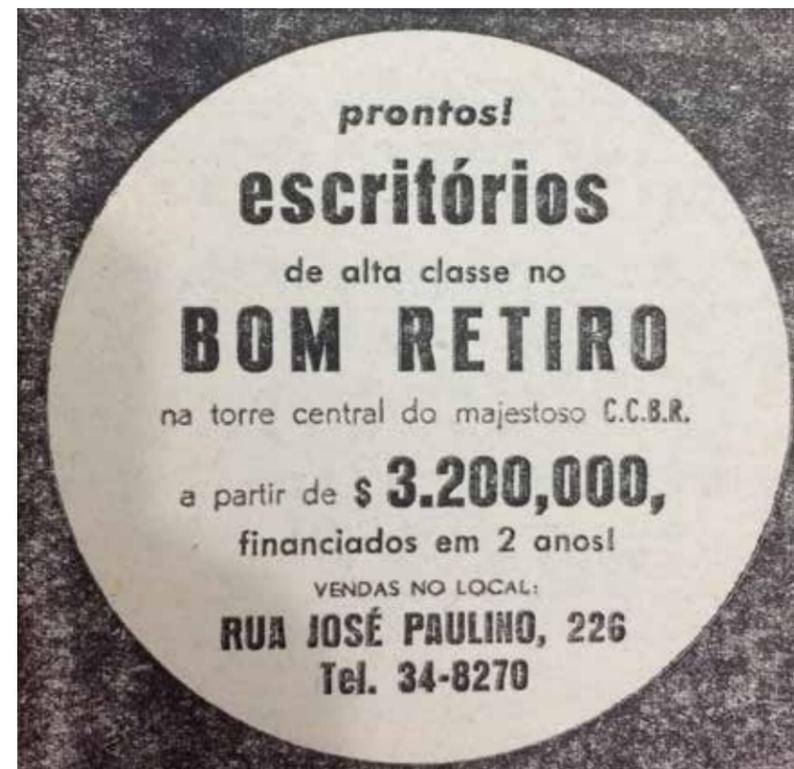


Figura 3.17. Anúncio de escritórios no Centro Comercial do Bom Retiro disponíveis para compra a partir de financiamento. Periódico O Novo Momento. Edição 21 de fevereiro de 1965. Página 6. Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 3.18. Edifício Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima - Estrada de Ferro Santos a Jundiaí. Foto de Renato Périgo tirada em 20.08.17.

3.2. Arquitetura e comunicação na consolidação da José Paulino como centralidade comercial

Em 30 de dezembro de 1970, ocorreu uma manifestação na José Paulino durante aproximadamente trinta minutos, entre três e três e meia da tarde. Convocada pela Federação Israelita do Estado de São Paulo, a manifestação protestava contra a decisão do julgamento de Leningrado, à época território da União Soviética (atualmente a cidade se chama São Petersburgo e faz parte da Rússia). O tribunal havia decidido prender e condenar à morte dois judeus por tentativa de sequestro de um avião. Os condenados tentavam fugir da União Soviética para Israel, país que no contexto de Guerra Fria foi se alinhando aos Estados Unidos, maior inimigo político da URSS. O protesto foi coberto por diversos veículos da mídia paulistana, entre eles o jornal Folha de São Paulo, que anunciou previamente o acontecimento em nota na primeira página de sua edição de 30 de dezembro de 1970. A nota conta com pequeno depoimento do arquiteto Marcos Firer, responsável pelo projeto e pela concessão dos usos do Edifício Rede Ferroviária Federal – Estrada de Ferro Santos a Jundiaí. À época, Marcos ocupava o cargo de vice presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo e, em seu depoimento, ele frisou a importância da passeata ocorrer e somar força às outras manifestações de repúdio à condenação dos dois judeus. Durante o protesto, os comerciantes da José Paulino fecharam as lojas e os manifestantes caminharam pela rua empunhando cartazes pedindo paz e questionando as ações do tribunal, que acabaram, mesmo mediante os protestos, sendo levadas a cabo.

Os registros fotográficos da passeata mostram uma José Paulino

no final do ano de 1970 decorada com cartazes pregados nos postes de iluminação da rua e ilustrados com motivos festivos remetendo às comemorações de final de ano. Entretanto, são as comunicações visuais que revestem as lojas e os edifícios das confecções os elementos dominantes da paisagem urbana. É abundante a quantidade de toldos, faixas, banners, letreiros e demais tipos de sinalização que praticamente encobrem grande parte das construções.

A comunicação visual identificada nas imagens pode ser dividida em duas categorias. Uma é paralela ao alinhamento dos edifícios e a outra é perpendicular ao mesmo. A comunicação paralela ao alinhamento dos edifícios, composta de placas e toldos, é direcionada aos pedestres. A comunicação perpendicular ao alinhamento dos edifícios, composta de placas e intervenções em empenas cegas, é direcionada tanto aos pedestres quanto aos motoristas dos veículos que transitam pela rua. Em ambos os casos, as mensagens contidas são inteiramente de caráter comercial.

As placas e toldos das comunicações longitudinais abrangiam a totalidade da largura das fachadas e eram instaladas logo acima da porta de enrolar das lojas. Elas continham as mesmas informações encontradas nos anúncios: nome da confecção (que por vezes correspondia ao nome do proprietário); endereço da confecção (apesar de estar localizada no local de funcionamento, algumas placas e toldos enfatizavam a numeração que ocupavam); especificação da confecção (se possui fabricação própria, se é manufatura, se é malharia, se é destinada ao público feminino ou masculino, etc.); os produtos produzidos; e as modalidades

de venda praticadas (atacado, varejo ou os dois). Enquanto as superfícies de tecido dos toldos eram pintadas com as informações, as placas já eram instaladas prontas, podendo ser facilmente retiradas no caso das confecções mudarem de endereço. Ou seja, os letreiros seriam um elemento de mobilidade na paisagem, enquanto os edifícios por de trás deles seriam elementos de permanência, que serviriam de suporte para o letreiro da próxima confecção que viesse a ocupar suas instalações.

As placas e intervenções em empenas cegas das comunicações transversais possuem menos objetividade nas informações. As placas transversais podiam ser menores, por vezes transmitindo apenas os produtos vendidos, algo como “calças e juponas”, ou “lingerie, blusas e meias”, como quem busca capturar o transeunte que vai à rua em busca de artigos específicos. Havia também conjuntos de placas transversais instaladas no decorrer dos pavimentos tipos dos edifícios, sendo cada placa uma letra do nome da confecção e o conjunto o nome inteiro. Essas eram imponentes, se destacavam mais e parecem querer capturar o transeunte não pela oferta de produto, e sim pelo apelo da marca. As intervenções nas empenas cegas eram pinturas comissionadas pelas confecções e também investiam muito mais no apelo de marca, com a inserção do nome da empresa adornado com elementos gráficos, do que na oferta de produto.

A comunicação, independente se longitudinal ou transversal, domina o espaço da José Paulino capturado nas imagens que documentam a passeata de 30 de dezembro de 1970.

Como naquele momento as vitrines ainda eram escassas na rua, pois as confecções preferiam investir na abertura para o espaço da rua, limitadas pelas larguras estreitas dos lotes, a comunicação gráfica era explorada em seu máximo. Tal comunicação possuía o dono da confecção como seu emissor, o letreiro da confecção como sua mensagem, e o frequentador da José Paulino como o receptor.



Figuras 3.19; 3.20; 3.21; 3.22 e 3.23 (acima e na página ao lado). Manifestação na José Paulino em 30 de dezembro de 1970. Fonte: Hemeroteca do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

3.3. Aposentadoria, comunidade coreana e locação

Saló Hirsch é natural de Chernivtsi, cidade ucraniana que pertencia à Romênia em 1938, ano de seu nascimento⁴¹. De origem judaica, ele e a mãe migraram para Israel em 1948, após o falecimento do pai. Lá permaneceram até 1956, quando se transferiram para Nápoles. Na cidade portuária italiana, mãe e filho trabalharam em fábricas de bolsas de couro, onde operavam máquinas manuais com funcionamento análogo ao de teares.

No início da década de 1960, Saló e sua mãe embarcaram em um navio rumo à América do Sul. O destino original era a Argentina, porém acabaram vindo para o Brasil em decorrência da passagem ser mais barata. Chegando em Santos, pegaram o trem até São Paulo, desembarcaram na Estação da Luz e se instalaram no Bom Retiro. Devido à experiência adquirida em Nápoles, o primeiro emprego de Saló em solo brasileiro foi em uma fábrica de bolsas de couro localizada no Bom Retiro.

Como a remuneração era demasiadamente baixa, Saló trocou o emprego assalariado pela profissão de mascate, tornando-se ajudante de um prestamista experiente que havia conhecido no Jardim da Luz. A dupla atuava no bairro do Tucuruvi, na Zona Norte de São Paulo, vendendo roupas femininas (saias, blusas e juponas) e artigos de cama, mesa e banho (colchas e cobertores), adquiridos em confecções sediadas na José Paulino e nas ruas vizinhas. Neste período Saló aprendeu a falar português, auxiliado pelo chefe e em contato direto com os clientes brasileiros. Para

41. Todas as informações relativas à trajetória de Saló Hirsch foram obtidas através do depoimento que o mesmo concedeu à autora, em 4 de julho de 2017.

cada peça comercializada, o jovem vendedor ambulante ficava com quinze por cento do valor e, após um ano de aprendizagem, Salo decidiu ir trabalhar como mascate por conta própria.

Para não competir com quem havia lhe dado oportunidade de emprego e crescimento, Salo partiu em um trem na Estação da Luz com o intuito de explorar novos territórios e clientelas. Desceu no município de São Caetano do Sul e lá começou a atuar como mascate. Obteve tamanho êxito comercial que se mudou para a cidade, comprando uma casa e permanecendo lá durante sete anos. O sucesso de vendas em São Caetano pode, em partes, ser explicado pela presença na cidade de muitos imigrantes, atraídos pelas vagas de emprego disponíveis nas indústrias automobilísticas que haviam recém-ocupado a região do ABC paulista. Essa população recém-chegada, muitas vezes vinha de áreas rurais, e a mudança para centros urbanos, onde passavam a maior parte do tempo trabalhando nas fábricas, exigia delas a aquisição de roupas e artigos de cama, mesa e banho já prontos, tais quais os comercializados por Salo.

O motivo do retorno de Salo ao Bom Retiro, a despeito da estabilização financeira adquirida com o trabalho em São Caetano, foi a intenção de se casar com uma integrante da comunidade judaica. Assim, no final da década de 1960, Salo voltou a morar no bairro. Como a essa altura o Bom Retiro já não possuía um mercado fértil para a venda ambulante, Salo abriu uma fábrica de guarda-chuvas. Inicialmente, sua pequena indústria ocupou o lote de número 512 da José Paulino, sendo Salo inquilino. A empresa foi nomeada Chuvanil, e, no início da década de 1970, já casado e novamente residente no bairro, Salo

comprou o imóvel de número 719 da José Paulino.

O 719 é um exemplo típico do pequeno edifício da José Paulino destinado ao uso de confecções. Ele faz parte de um conjunto de nove prédios que abrange as numerações 703, 707, 711, 713, 719, 723, 727, 729 e 733. Cada unidade do conjunto é composta de loja no térreo, sobreloja e mais dois pavimentos tipo. Tal conjunto de construções segue a mesma tipologia do Edifício Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, cuja história foi descrita no final do item 3.1.2. Ou seja, trata-se de edifícios dispostos linearmente e sem recuo lateral, reforçando o alinhamento da rua. Assim como no Edifício Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, cada unidade do conjunto é revestida por uma tinta de cor diferente, a fim de que um se destaque em relação aos outros. A distribuição das atividades também se dá de forma similar.

O térreo do 719 era destinado às vendas, realizadas tanto diretamente a clientes finais (varejo) quanto para representantes de magazines grandes, como as Casas Pernambucanas, ou de pequenas lojas do interior do Estado de São Paulo (atacado). No primeiro andar localizava-se a mesa de corte e no segundo a área destinada ao estoque dos tecidos a serem cortados e dos guarda-chuvas a serem vendidos ou despachados. A costura do tecido na armação era realizada por profissionais terceirizadas. Se a atividade de mascate possibilitou que Salo adquirisse o imóvel de número 719 da José Paulino para lá instalar sua confecção de guarda-chuvas, a própria atividade de produção e venda deste artigo o capitalizou suficientemente para que ele adquirisse, a

partir da década de 1980, vários outros imóveis na José Paulino com o objetivo de arrecadação de aluguéis, incluindo pontos comerciais bastante valorizados na rua, como lojas térreas localizadas na primeira quadra e lojas no Centro Comercial do Bom Retiro.

No início da década de 1990, a Chuvanil foi fechada pela incapacidade de competição com os guarda-chuvas provenientes da China, muito mais baratos. Os guarda-chuvas chineses adentraram o mercado consumidor brasileiro através da abertura da economia brasileira ao mercado externo realizada no governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992). Em ocasião do fechamento de sua empresa, Salo transferiu sua residência para o bairro do Jardins, mas permaneceu frequentando o Bom Retiro para administrar e acompanhar seus imóveis, alocados em sua maioria para integrantes da comunidade coreana.

Apesar de separadas por um intervalo de aproximadamente trinta anos, a trajetória de Salo Hirsch é composta por uma sucessão de acontecimentos que guarda muitas similaridades com as trajetórias das personagens que chegaram no período abarcado no primeiro capítulo desta dissertação. No entanto, apesar das sequências serem parecidas, as circunstâncias e os contextos são bastante diversos, a começar pela época em que ocorreu a imigração ao Brasil: fim da década de 1920 e início da década de 1930 no primeiro caso, e início da década de 1960 no segundo.

Em ambos, as viagens ao Brasil foram feitas de navio, porém suas motivações não foram da mesma natureza. Enquanto o grupo

que chegou no primeiro capítulo veio fugindo de perseguições religiosas, étnicas e/ou políticas, e proveio de seus países de origem no Leste Europeu (notadamente da Polônia), Salo e sua mãe vieram em busca de melhores oportunidades de vida daquelas oferecidas em Nápoles, onde já eram imigrantes. A chegada em Santos, a viagem de trem para São Paulo, o desembarque na Estação da Luz e a instalação imediata no Bom Retiro devido à existência prévia de uma comunidade judaica no bairro são elementos comuns.

Em relação às primeiras ocupações profissionais, o roteiro seguido por Salo de trabalhar inicialmente como assalariado e em seguida como mascate é similar ao de Salomão Trezmielina, uma das personagens da primeira geração de imigrantes judeus que se instalaram no Bom Retiro na primeira metade do século XX. O caráter de ocupação provisória que a venda à prestação possuía para alguns casos da primeira geração não ressoou no caminho adotado por Salo, que se manteve na profissão por quase uma década. A diferença em relação ao tempo de permanência na ocupação pode estar relacionada ao ambiente onde ela foi exercida: enquanto o grupo do primeiro capítulo a praticava no Bom Retiro e bairros vizinhos, onde existiam muitos mascates atuando simultaneamente, Salo o fez em São Caetano do Sul, um município com uma outra realidade e que passava por uma grande transformação devido à instalação das fábricas de carro e da chegada de um novo contingente populacional. Certamente o município de São Caetano do Sul da década de 1960 não possuía um número de mascates tão expressivo quanto o do Bom Retiro das décadas de 1920 e 1930. Nas duas circunstâncias os artigos comercializados pelos mascates (roupas feitas e artigos

para a casa) supriam a demanda de uma população que estava adentrando uma vida mais urbanizada, seja no caso da população de São Paulo nas décadas de 1920 e 1930 (que poderia ter até nascido na cidade, porém vivenciava a transformação da mesma em metrópole) ou da população imigrante de São Caetano na década de 1960, a maioria proveniente de áreas rurais. Em ambos os casos, a nova vida urbana exigiu o aumento de consumo de artigos prontos.

A continuação da vida profissional pós-venda ambulante marcada pela abertura do próprio negócio é outra sequência que se repete. Ademais, o perfil do negócio era muito similar. Assim como muitas das oficinas abertas na José Paulino pela primeira geração que em seguida evoluíram para confecções, a Chuvanil de Salo também era especialista na produção de um artigo único, no caso guarda-chuvas. Se pegarmos outra confecção especializada no mesmo artefato, como a Alegre, da família Lustig, veremos que o processo produtivo é idêntico. Em ambos os casos, o funcionamento da fábrica segue a lógica análoga a de uma montadora, a partir das seguintes etapas: compra do tecido e da armação; corte do tecido nas dependências da fábrica; costura do tecido na armação realizada nas casas de costureiras terceirizadas; retorno do produto já finalizado para as dependências da fábrica; embalagem e despacho do produto.

Em relação às modalidades de comercialização praticadas, há diferenças. Nas confecções estabelecidas nas décadas de 1940 e 1950, o volume de vendas por atacado era muito superior ao de vendas no varejo. A Chuvanil praticava o atacado e o varejo, com uma distribuição mais igualitária entre as duas modalidades.

Além de estarem localizadas na José Paulino, tanto a Chuvanil quanto algumas das confecções das décadas de 1940 e 1950 ocupavam edifícios baixos e estreitos de mesma tipologia, com o espaço do térreo destinado às vendas, o primeiro andar ao corte e o segundo ao estoque. No entanto, enquanto as confecções das décadas de 1940 e 1950 normalmente ocupavam edifícios construídos através de investimentos privados de seus próprios proprietários, ou seja, feitos especialmente para o funcionamento delas, a Chuvanil ocupou um edifício que faz parte de um conjunto maior de pequenos prédios, provavelmente um investimento imobiliário realizado com o intuito de ser comercializado para donos de confecções como Salo Hirsch.

Outro traço característico das trajetórias é a proximidade entre o trabalho e a casa no Bom Retiro durante o funcionamento da confecção (ou parte dele) e a posterior transferência da residência da família para o bairro dos Jardins.

Enquanto a Chuvanil existiu durante vinte e poucos anos, as durações das confecções abertas pela primeira geração variam, pois são diversas as datas de inauguração e de fechamento. Boa parte delas foi fundada no início da década de 1930 e poucas adentraram a década de 1980. Os motivos para os encerramentos também são diversos. Salo fechou sua fábrica devido a uma conjuntura econômica nacional desfavorável. As confecções fechadas durante a década de 1970 o foram em sua maioria devido à aposentadoria de seus fundadores e à falta de sucessores para a continuidade do negócio.

No entanto, a prática de alugar o imóvel é semelhante, pois após

os fechamentos dos negócios, tanto Salo quanto os integrantes da primeira geração permaneceram donos dos edifícios onde funcionavam suas confecções e passaram a receber aluguel pela locação dos mesmos. Em ambos os casos os inquilinos são integrantes da comunidade coreana.

A imigração coreana no Brasil se iniciou a partir do começo dos anos 1960 e foi motivada pela situação de pobreza, guerra e ditadura militar no país de origem. Ao contrário da maioria das comunidades de imigrantes que ocuparam e ocupam sucessivamente o Bom Retiro, o bairro em questão não foi o local onde ocorreu a primeira concentração de coreanos em São Paulo, que se deu no Glicério. O fator de atração dos coreanos para o Bom Retiro foi as oportunidades de trabalho na indústria têxtil do bairro, onde começavam na costura oferecendo sua mão de obra a preços baixos. Seguindo o modelo de ascensão social desempenhado pelos imigrantes na indústria têxtil, alguns integrantes da comunidade foram se capitalizando e abrindo suas próprias confecções, sendo que o registro da primeira loja de coreanos na José Paulino, localizada na primeira quadra da rua, é de 1977. Imediatamente após a primeira, há o registro de mais duas aberturas, uma também no primeiro quarteirão e outra no interior da Galeria Nova José Paulino. Entretanto, é no início da década de 1980 que ocorre um crescimento significativo de confecções coreanas no Bom Retiro. O aumento ocorre, em partes, devido ao envelhecimento da geração de judeus que inseriu as confecções no bairro e a não continuidade dos negócios por parte dos filhos na maioria dos casos (CHI, 2017), o que vai de encontro com as histórias das confecções estudadas nesta dissertação.

Em 1968, Alexandre Suchodolski, fundador da Modastil, decidiu se aposentar, vendendo sua parte do negócio para seu sócio Guilherme Krasilchik (todos os filhos de Alexandre tornaram-se profissionais liberais). Além do Edifício Modastil na Rua Três Rios e do edifício no número 488 da José Paulino, Alexandre participou, como investidor, da construção de mais dois prédios residenciais. A renda proveniente da venda e do aluguel das unidades habitacionais foi um dos fatores que possibilitaram a aposentadoria precoce. A Modastil encerrou as atividades no começo da década de 1970.

Também no início da década de 1970, a Okret Sport e a Triconal encerraram suas atividades, ambas em decorrência da aposentadoria de seus fundadores Majer Okret e Mauricio Janovitch, respectivamente. A Okret Sport fechou suas portas após um breve período atuando como revendedora. O imóvel onde funcionava a confecção, construído em 1950 com recursos financeiros de Majer no número 56 da José Paulino, permaneceu na família e foi colocado para locação. O imóvel no qual funcionava a Triconal também permaneceu sob propriedade da família Janovitch.

Em aproximadamente 1974, é a vez da Bel-Sar fechar, também após um breve período atuando como revendedora de roupas prontas femininas, tendo cessado sua produção na década de 1960.

Também em 1974 são encerradas as atividades da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, a organização financeira fundada em 1928 que viabilizou muitos dos pequenos negócios

abertos pela comunidade judaica a partir do final da década de 1920. Dentre os empreendimentos individuais estão as oficinas de roupas prontas que evoluíram para confecções e que fecharam as portas, em sua maioria, também em algum momento da década de 1970. Até perto de seu fechamento, donos ou ex-donos de confecções da José Paulino mantiveram suas contas na instituição financeira, como evidenciam as fichas de movimentação financeira de Fajga Feldman (proprietária da Bel-Sar); Fawel Slomka (ex-proprietário da Confecções Oceania, fechada em 1953) e Motula Lancman (proprietário da Vel-Pel) [Figuras 3.24; 3.25; 3.26].

A Vel-Pel, confecção especializada em moda feminina de inverno, encerrou suas atividades em 1983. Foi só a partir do final da década de 1970 que a confecção diversificou sua produção e passou a fabricar também vestidos leves para o verão, que vendia para grandes lojas como Mappin, Riachuelo e Lojas Marisa. Em relação às instalações, a Vel-Pel ocupou desde o final da década de 1960 o lote de numeração 375/379 da José Paulino. Em 1975, foi realizada uma reforma que adicionou dois andares à construção original e inseriu um elevador. Os desenhos das plantas e da fachada do projeto mostram que o edifício resultante da reforma segue a mesma tipologia e o mesmo programa de atividades dos edifícios feitos para confecção descritos e analisados no segundo capítulo. Logo, apesar de surgirem a partir de 1945, os edifícios baixos feitos para as confecções continuaram a ser construídos na José Paulino durante as décadas de 1950, 1960 e 1970 [Figuras 3.27 e 3.28].

A Hagar Modas, confecção de moda feminina comandada por Hugueta Sendacz em um salão e uma loja no Centro Comercial do Bom Retiro, encerrou suas atividades em 1988. O fechamento deu-se por três fatores: o acúmulo de funções em Hugueta após o falecimento do marido em 1984; a condição econômica desfavorável no Brasil da época (Plano Cruzado e inflação muito alta) e a dificuldade de competição com os produtos comercializados pelos coreanos a preços muito baixos. A loja e a sala no centro comercial permaneceram sendo propriedade de Hugueta e foram em um primeiro momento alugadas para judeus, sendo depois ocupadas por coreanos, o que se mantém até os dias de hoje.

A Camisaria Hepner é o único caso dentre as confecções estudadas que funcionou ininterruptamente desde sua fundação, em meados da década de 1930, até o presente momento. Como já visto, a Camisaria Hepner passou por duas remodelações produtivas. No início ela comercializava apenas os produtos produzidos na própria fábrica. A partir de 1950, passou a vender também produtos comprados prontos de outros fornecedores. Em 1959, cessou a produção e passou a atuar apenas como revendedora, ampliando o leque de produtos para camisas, calças, cuecas e meias masculinas. Etejane Hepner, filha do fundador Icek, já ajudava seu pai na loja quando seu marido virou sócio dele. Assim, após a aposentadoria de Icek, Etejane e seu marido assumiram os negócios e deram continuidade à loja, que nunca deixou de ocupar o térreo do edifício de numeração 233/235 da José Paulino. Os andares superiores continuaram a ser alugados para diversas confecções e lojas.

REFERENCIA	Nº	DEBITO	CREDITO	SALDO	DATA	VALORIZACAO
AL	7849	600,00		600,00	07/29/13	743,37*
CR	948.642	204,00		396,00	07/29/13	603,37*
CR	972.512	50,00		346,00		
CR	972.511	150,00	1.000,00	1.346,00		
AL	772.512		200,00	1.146,00		
AL	602.021		100,00	1.046,00		
CR	948.646	252,00		794,00	07/29/13	1.145,03*
CR	948.645	272,00		522,00	08/01/13	1.541,15*
CR	948.647	132,00		390,00	08/01/13	1.644,82*
CR	948.648	328,00		68,00	08/01/13	1.804,09*
CR	948.644	204,00		1.084,09	08/01/13	1.725,89*
CR	447		500,00	1.584,09		
CR	948.637	100,00		1.484,09	08/01/13	1.611,08*
CR	948.639	144,00		1.340,08		
CR	948.640	240,00	900,00	1.400,08	08/01/13	1.967,77*
CR	948.640	112,00		1.288,08	08/01/13	2.072,66*
CR	948.640	500,00		788,08	08/01/13	2.175,08*
CR	2.403	216,00		572,08	08/01/13	2.317,77*
CR	948.640	210,00		362,08		
CR	948.640	130,00		232,08		
CR	879		1.000,00	1.232,08	08/01/13	1.325,08*
CR	879	240,00		992,08	08/01/13	2.435,11*

Figura 3.24. Ficha de movimentação financeira de Fajga Feldman na Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro. Fonte: Fundo Institucional da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro/Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

REFERENCIA	Nº	DEBITO	CREDITO	SALDO	DATA	VALORIZACAO
AL	7849	600,00		600,00	07/29/13	743,37*
CR	948.642	204,00		396,00	07/29/13	603,37*
CR	972.512	50,00		346,00		
CR	972.511	150,00	1.000,00	1.346,00		
AL	772.512		200,00	1.146,00		
AL	602.021		100,00	1.046,00		
CR	948.646	252,00		794,00	07/29/13	1.145,03*
CR	948.645	272,00		522,00	08/01/13	1.541,15*
CR	948.647	132,00		390,00	08/01/13	1.644,82*
CR	948.648	328,00		68,00	08/01/13	1.804,09*
CR	948.644	204,00		1.084,09	08/01/13	1.725,89*
CR	447		500,00	1.584,09		
CR	948.637	100,00		1.484,09	08/01/13	1.611,08*
CR	948.639	144,00		1.340,08		
CR	948.640	240,00	900,00	1.400,08	08/01/13	1.967,77*
CR	948.640	112,00		1.288,08	08/01/13	2.072,66*
CR	948.640	500,00		788,08	08/01/13	2.175,08*
CR	2.403	216,00		572,08	08/01/13	2.317,77*
CR	948.640	210,00		362,08		
CR	948.640	130,00		232,08		
CR	879		1.000,00	1.232,08	08/01/13	1.325,08*
CR	879	240,00		992,08	08/01/13	2.435,11*

Figura 3.25. Ficha de movimentação financeira de Fawel Slomka na Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro. Fonte: Fundo Institucional da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro/Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

COOPERATIVA DE CRÉDITO POPULAR DO BOM RETIRO					
Rua de Santa, 375 - São Paulo					
MOTULA LANCMAN					
RUA JOSÉ PAULINO Nº 375/379					
CAPITAL					
REP. Nº	DATA	DESCRIÇÃO	VALOR	DATA	DESCRIÇÃO
01	07.08.54	1.500,00	1.500,00	01.08.54	1.500,00
02	08.08.54	1.046,00	1.046,00	08.08.54	1.046,00

Figura 3.26. Ficha de movimentação financeira de Motula Lancman na Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro. Fonte: Fundo Institucional da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro/Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

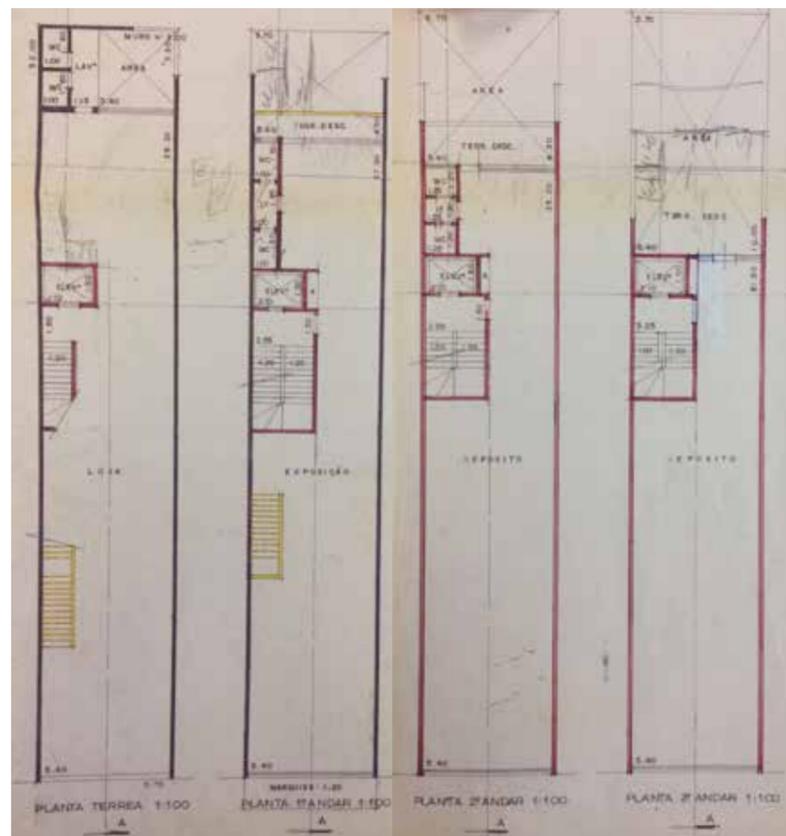


Figura 3.27. Plantas originais da reforma pela qual passou o edifício de numeração 375/379 da José Paulino, onde funcionava a Vel-Pel. Fonte: acervo pessoal Anselmo Lancman.

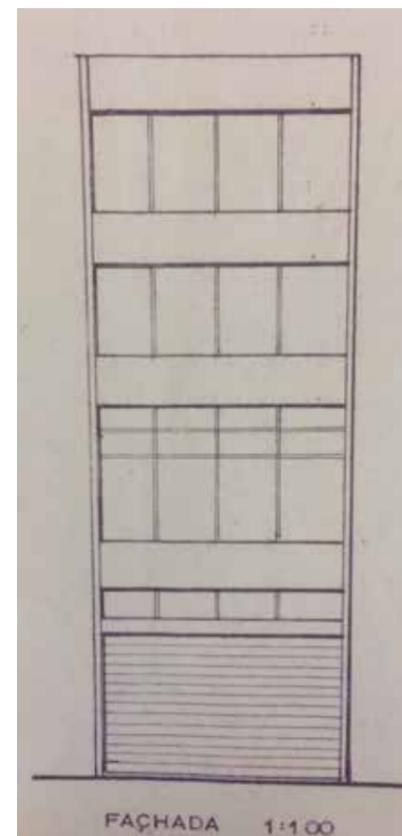
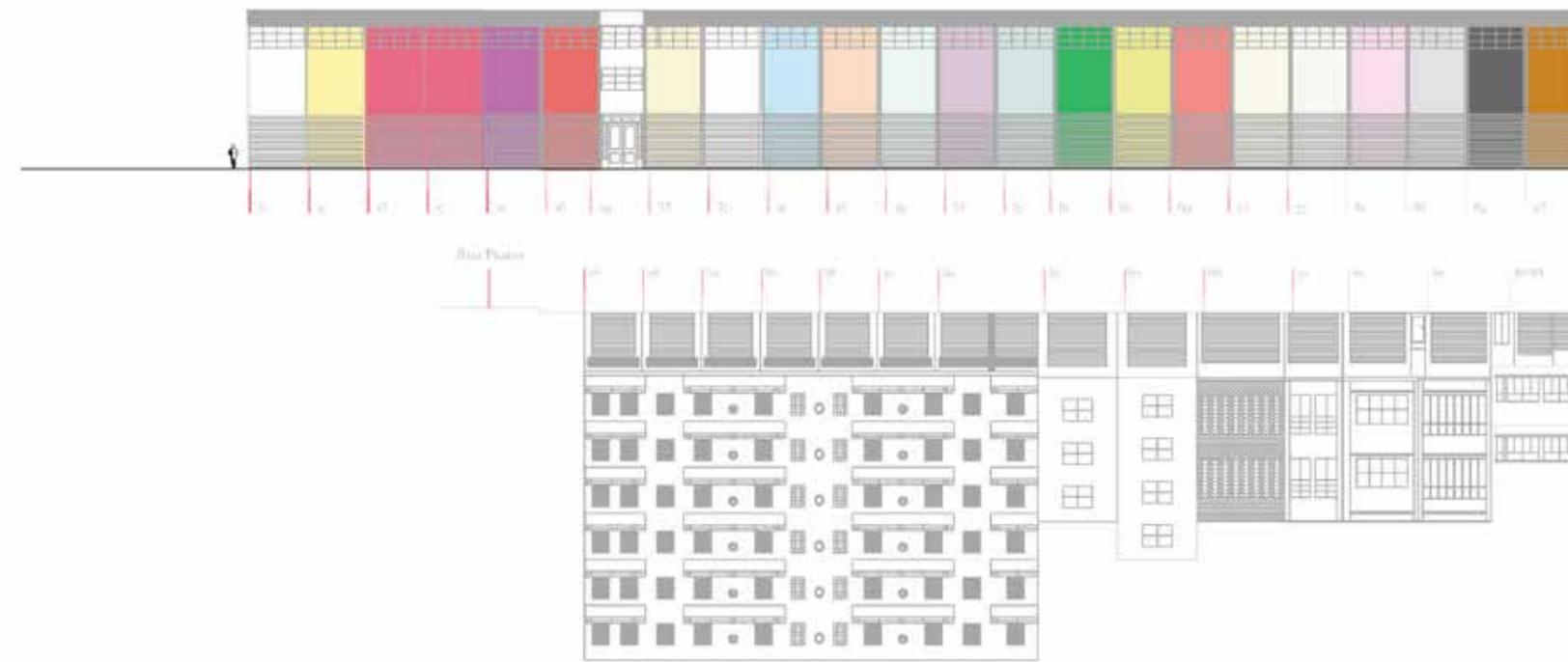
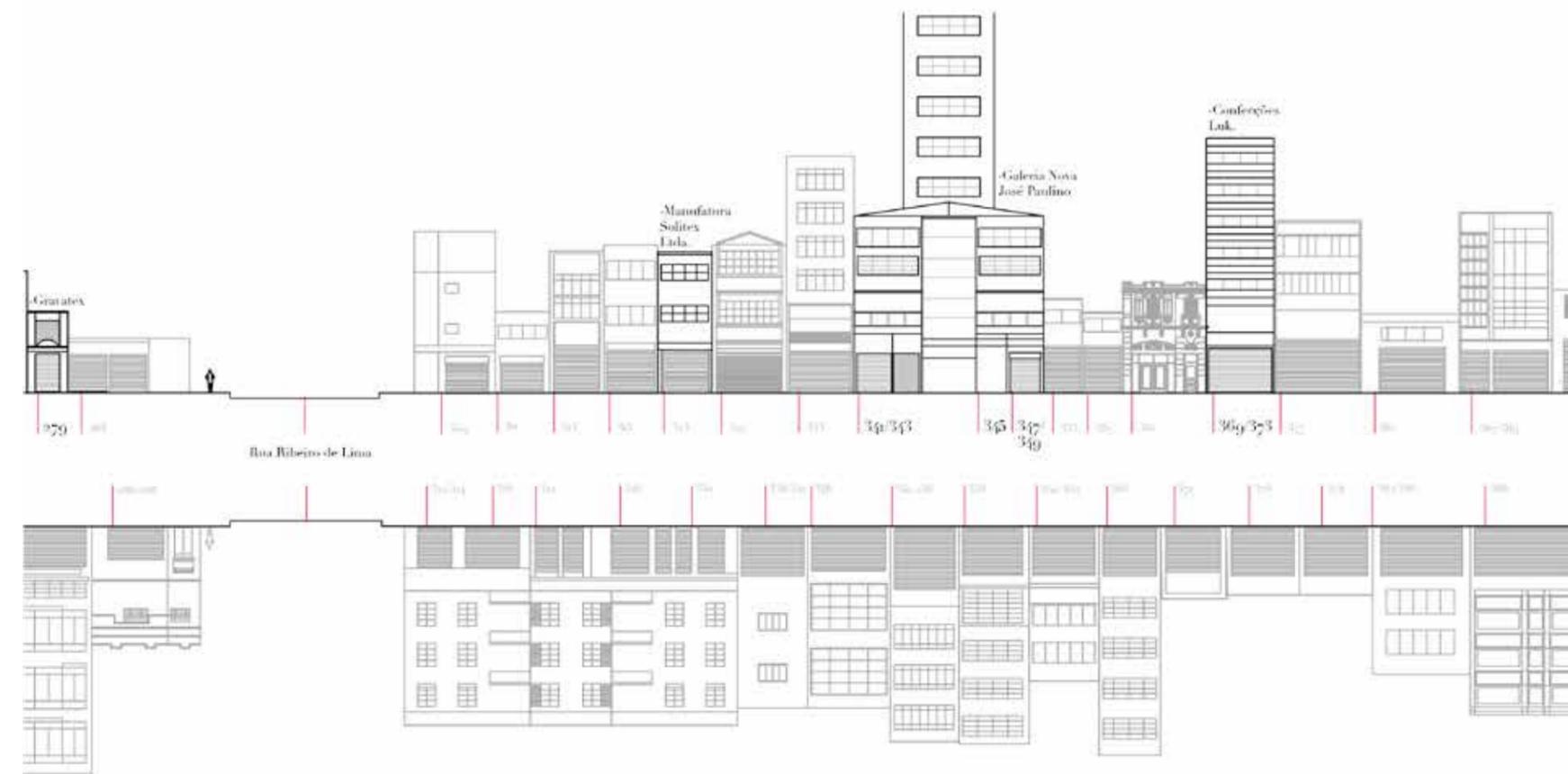
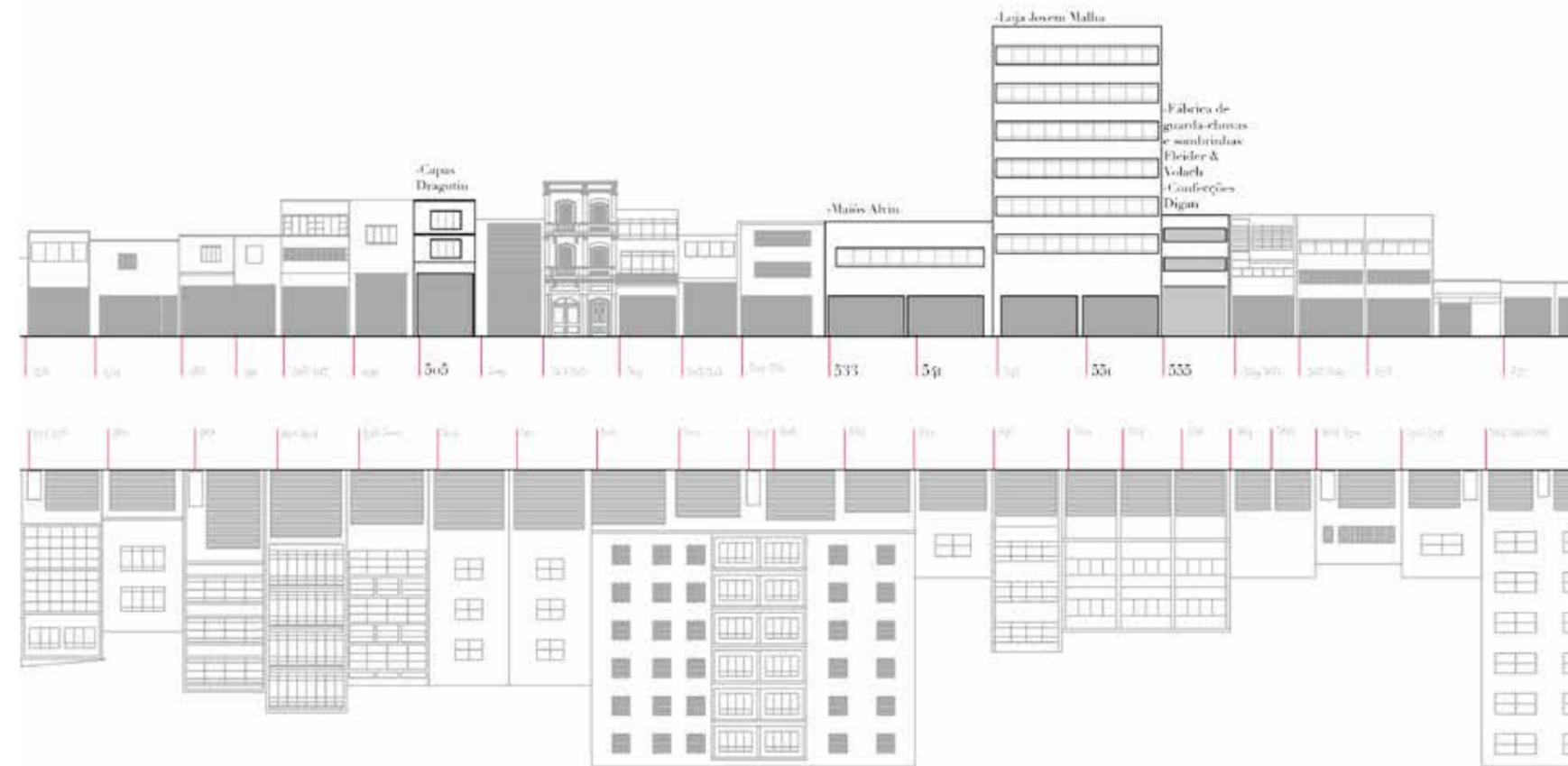
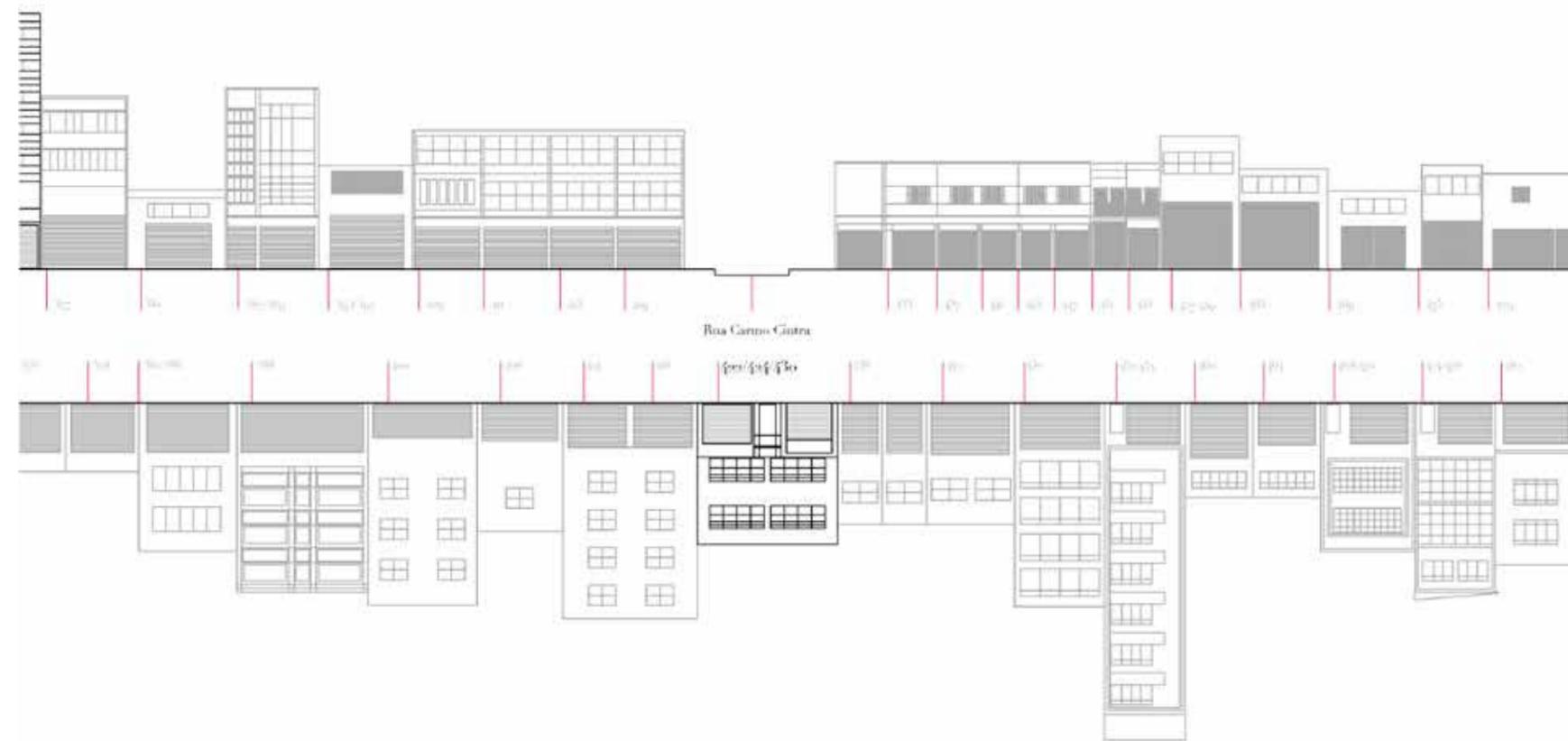


Figura 3.28. Projeto para fachada após reforma pela qual passou o edifício de numeração 375/379 da José Paulino, onde funcionava a Vel-Pel. Fonte: acervo pessoal Anselmo Lancman.

Faces de quadra 1980











Considerações finais

O estudo sobre a história da Rua José Paulino apresentado nesta dissertação procurou relacionar as singularidades da via (como suas origens e localização geográfica) com os diferentes contextos e agentes que mais a influenciaram nas transformações pelas quais passou entre 1928 e 1980. Tal esforço de articulação procurou dar subsídios para a compreensão do porquê é a José Paulino, e não outra rua, o principal eixo comercial do Bom Retiro.

Em relação aos contextos que extrapolam o espaço da José Paulino, mas que influenciaram as mudanças na mesma, pode-se elencar como os mais determinantes o desenvolvimento urbano do Bom Retiro; o processo de metropolização de São Paulo; e a evolução da indústria e do comércio de roupas prontas no decorrer do século XX.

A pesquisa evidenciou que os agentes transformadores da materialidade da rua mais atuantes foram alguns dos proprietários de confecções sediadas na mesma. Majoritariamente imigrantes judeus, os proprietários foram amparados pelo acesso ao crédito, oferecido pela Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, e pelas redes sociais estabelecidas por associações de auxílio e pelos próprios integrantes da comunidade.

As entrevistas realizadas mostraram como os processos de ascensão e seguridade social das famílias dos proprietários foram intrinsecamente relacionados aos desenvolvimentos de suas confecções. Os imigrantes estudados começaram suas vidas

profissionais ligadas ao setor têxtil no Bom Retiro atuando ou no comércio, enquanto mascates, ou na indústria, enquanto operários assalariados. Nesse sentido, compunham parte da mão de obra de um ramo que estava se iniciando no Brasil, o da produção e venda de roupas prontas, cuja demanda era intimamente relacionada aos processos de urbanização, com a chegada de muitas pessoas para morar em centros urbanos e levar uma nova vida na qual era mais difícil produzir as próprias roupas. Em alguns casos, acúmulos de capital provenientes do crescimento da atividade têxtil acarretaram construções e/ou aquisições de imóveis na José Paulino, interferindo no espaço da mesma.

No primeiro capítulo, o conjunto de fachadas da rua era em sua maioria composto de frentes de casas térreas, sobrados e armazéns que haviam sido originalmente auto-construídos por integrantes das comunidades italiana e portuguesa para lhes servir de residência e/ou local de trabalho. Com a intensificação do comércio na rua e a introdução maciça das oficinas de roupas prontas pela comunidade judaica, essas construções foram sendo apropriadas para novos usos, com portas sendo abertas e/ou ampliadas no intuito de aumentar a permeabilidade entre o espaço interno e privado da construção e o espaço externo e público da via. Alfaiataria Salomão Zeiger, Confecções Kon, Majer Chil Okret Roupas Prontas, Modastil e Rajnsztil são exemplos das confecções estudadas que começaram suas atividades ocupando casas térreas, sobrados ou armazéns de proprietários italianos. Em um segundo momento, as famílias Kon, Okret, Suchodolski (Modastil) e Zeiger tornaram-se proprietárias. O conjunto de construções presentes no primeiro capítulo pode ser caracterizado como um arquitetura adaptada.

No segundo capítulo, muitas das casas térreas, sobrados e armazéns presentes no primeiro capítulo cederam espaço para a construção de pequenos edifícios feitos para abrigarem as atividades têxteis da comunidade judaica, que tinham evoluído da estrutura de oficinas para a estrutura de confecções. Os edifícios, construídos nas décadas de 1940 e 1950, período de efervescência da construção civil em São Paulo, podiam ser encomendados pelos donos de confecção (como o fizeram Fawel Slomka, da Confecções Oceania, e Majer Chil Okret, da Okret Sports) ou já comprados prontos pelos mesmos, como o fez Simão Neumark, da Helenform. Por vezes, os edifícios possuíam um andar reservado para a residência da família proprietária da confecção, como nos casos dos edifícios dos Zeiger (donos da Goomtex) e dos Hepner (donos da Camisaria Hepner). As construções erguidas no segundo capítulo podem ser caracterizadas como uma arquitetura comissionada e formam uma elevação da rua pautada pela sucessão de fachadas de linguagem arquitetônica simples e racional.

No terceiro capítulo, as confecções que no primeiro e segundo eram especialistas na fabricação de um ou de poucos artigos, modificaram seus negócios, o que se refletiu no tipo de construção que passou a ser feito na rua. O modelo de especialização do segundo capítulo, no qual a grosso modo cada um produzia algo, criava nichos de atuação (grupo das confecções de guarda-chuvas, grupo das confecções de capas de chuva, grupo das confecções de roupas de banho, grupo das confecções de roupas de baixo, grupo das confecções de casacos, etc.) e uma concorrência relativamente amena. No entanto, tal modelo foi sendo parcialmente substituído a partir da década de 1960, seja

com o surgimento de lojas de revenda de produtos produzidos por grandes empresas nacionais, como a Lojas Neumark, ou por confecções que deixaram de produzir os produtos que comercializavam e passaram a atuar como revendedoras, como ocorreu na Camisaria Hepner, que cessou sua produção em 1959, e na Bel-Sar e na Okret Sport, que se tornaram revendedoras na década de 1960.

Outras confecções se transformaram em marcas de moda, como a Nutrisport. Há ainda uma quarta tendência que ocorreu na José Paulino nos anos 1960, aumentando o caráter comercial da rua. Trata-se da abertura de lojas cujas fábricas se localizavam em outros endereços da cidade ou de lojas que são filiais de matrizes também localizadas em outros endereços da cidade, como exemplifica a Triconal, cuja fábrica era sediada na Avenida Rudge.

Em todos os casos, a gama de produtos comercializada aumentou em cada confecção ou loja, ao mesmo tempo em que se iniciou um processo de homogeneização do nicho de atuação, com a José Paulino sendo ocupada por lojas de roupas femininas. Assim, a diferenciação que outrora ocorria através do artigo produzido passou a necessitar de outras vias de demonstração, e é neste sentido que a publicidade no ponto de venda tornou-se mais necessária e presente. O crescimento da comunicação urbana é condizente com o aumento da participação do varejo no comércio da rua, pois nessa modalidade o comerciante está constantemente almejando seduzir o transeunte e trazê-lo para o interior de sua loja.

O crescimento do varejo foi um processo concomitante ao surgimento das quatro galerias comerciais da José Paulino, com um fenômeno influenciando mutuamente o outro. O conjunto de construções presente no terceiro capítulo pode ser caracterizado como uma arquitetura de suporte para a comunicação visual das confecções e lojas de revenda. Esse conjunto é composto de construções realizadas no intervalo de tempo considerado no segundo capítulo e de empreendimentos imobiliários mais complexos erguidos principalmente nos anos 1960.

A sucessão de eventos “inserção profissional como trabalhador assalariado ou mascate aluguel de imóvel na José Paulino para alocação de oficina ou confecção aquisição ou construção de imóvel na José Paulino para alocação de confecção e/ou aluguel de salões aposentadoria locação de imóvel adquirido na José Paulino” ocorreu tanto para alguns dos imigrantes que iniciaram sua vida na José Paulino em fins da década de 1920 e meados da década de 1930, quanto para Salo Hirsch, que chegou ao Brasil no início da década de 1960. Ou seja, as dinâmicas próprias da rua permitiram o estabelecimento de um modelo de ascensão e seguridade social, e a posterior reprodução do mesmo. A história de Salo mostra que a José Paulino nunca deixou de atuar como porta de entrada para novas confecções. Os imóveis disponibilizados para locação pelos primeiros proprietários permitiu a chegada de novos proponentes através da disponibilização de lojas e salões para aluguel. Como os aluguéis eram altos devido às ondas de valorização pelas quais a rua passou, os inquilinos precisavam ser competitivos, dinamizando suas produções, o que garantia também aumento nos lucros provenientes de suas confecções. Alguns desses

inquilinos, como Salo, desenvolveram seus negócios e realizaram o mesmo percurso de se tornar proprietários de imóveis, em um primeiro momento para uso da própria confecção e posteriormente disponibilizando-os para aluguel. No entanto, os percursos estudados não formam um bloco coeso, e as trajetórias apoiadas no desenvolvimento produtivo das confecções e na aquisição imobiliária conviveram com histórias de famílias que, por diversos motivos, não levaram a cabo processos intensos de desenvolvimento em suas confecções nem se tornaram proprietárias urbanas, permanecendo inquilinas durante toda sua estadia na rua.

Por fim, a pesquisa mostrou que, apesar do Bom Retiro possuir uma estrutura de cadeia têxtil que se complementa, com a presença não apenas de lojas e confecções, mas também de estabelecimentos que comercializam armarinhos, máquinas de costura e tecidos, assim como de instituições de suporte financeiro como a Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, muitas das roupas comercializadas nas confecções sediadas na José Paulino entre 1928 e 1980 não eram inteiramente produzidas no âmbito do bairro.

A compra do tecido era a primeira etapa que extrapolava os limites do Bom Retiro. Enquanto confecções como a Modastil importavam tecidos do exterior até aproximadamente 1950, outras adquiriam tecidos em cidades do interior do Estado, como Americana (caso da Hagar Modas) ou em outras ruas da cidade, como a Vinte e Cinco de Março (casos da Hangar Modas e da Bel-Sar).

Quando terceirizada, a costura era a outra etapa que ocorria fora do bairro. As costureiras provinham de bairros como Casa Verde (Alegre, Confecções Kon e Okret Sport); Horto Florestal e Tremembé (Bel-Sar); Osasco e Sapopemba (Hagar Modas); e Vila Zélia e Bragança Paulista (Vel-Pel). Como as profissionais realizavam o trabalho em seus domicílios, pode-se afirmar que uma etapa fundamental da fabricação das roupas, a costura, era feita em diferentes bairros de São Paulo.

Tais articulações, entre a cadeia têxtil da José Paulino e do Bom Retiro com outros bairros de São Paulo, são apontamentos surgidos no presente trabalho que poderão ser investigados com mais profundidade em pesquisas futuras, estabelecendo possíveis redes entre territórios da cidade na cadeia têxtil paulista entre 1928 e 1980.

Referências

1. Bibliografia geral

ALMEIDA, Guilherme de. *Cosmópolis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.

BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BONDUKI, Nabil. *Origens da Habitação Social no Brasil. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do Olhar - Walter Benjamin e o Projeto das Arcadas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

CHI, Jung Yun. *O Bom Retiro dos Coreanos: Descrição de um Enclave Étnico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

COSTA, Sabrina Studart Fontenele. *Relações entre o Traçado Urbano e os Edifícios Modernos no Centro de São Paulo. Arquitetura e Cidade (1938-1960)*. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

DEBERTONIO, Hilário. *O Bairro do Bom Retiro*. Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo. São Paulo, 1971.

DOLKART, Andrew S. *Biography of a Tenement House in New York City – An Architectural History of 97 Orchard Street*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2012.

FALBEL, Anat. *Lucjan Korngold: A Trajetória de um Arquiteto Imigrante*. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

FELDMAN, Sarah. *Segregações Espaciais Urbanas: A Territorialização da Prostituição Feminina em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

_____, Sarah. *Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945)*, in: LANNA, Ana Lúcia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth do Amaral (Orgs.). *São Paulo. Os Estrangeiros e a Construção das Cidades*, p. 39-62. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

_____, Sarah. *Bom Retiro: bairro múltiplo, identidade étnica mutante*, in: Anais eletrônicos, vol. 15. Encontros Nacionais da ANPUR. Disponível em: <<http://unuhostedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/download/4512/4381>>. Acesso em: 5 de abril de 2016. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Recife, 2013.

FYSKATORIS, Anthoula. *O Varejo de Moda na cidade de São Paulo (1910-1940) – A Democratização da Moda e a Inserção do Consumo de Baixa Renda*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

_____, Anthoula. *A Democratização da Moda em São Paulo (1950-2011)*. Tese de doutorado. Faculdade de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

GIMENEZ, Luis Espallargas; GUERRA, Abilio; SERAPIÃO, Fernando (Orgs.). *João Kon Arquiteto*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2016.

GOULART, José Alípio. *O Mascate no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

GREEN, Nancy. *Ready-to-Wear and Ready-to-Work: A Century of Industry and Immigrants in Paris and New York*. Durham: Duke University Press, 1997.

GRUMACH, Didier. *Histórias da Moda*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

HILTON, Stanley. *História da Revolução Constitucionalista de 1932*. São Paulo: Nova Fronteira, 1982.

KON, Godel. *Percurso do biso Godel* (Autobiografia). São Paulo, sem data.

KOOLHAAS, Rem e MAU, Bruce. S, M, L, XL. Nova York: The Monacelli Press, 1995.

KOULIOUMBA, Stamatia. *Construtores estrangeiros e a produção arquitetônica moderna no Bom Retiro (1950-1970)*, in: LANNA, Ana Lúcia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de; PEIXOTO,

Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth do Amaral (Orgs.). *São Paulo. Os Estrangeiros e a Construção das Cidades*, p. 261-186. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

KOWARICK, Lúcio. *São Paulo: Novos Percursos e Atores (Sociedade, Cultura e Política)*. São Paulo: Editora 34; Centro de Estudos da Metrópole, 2011.

LESSER, Jeffrey. *Jewish Immigration to Brazil*, in: BAILEY, Samuel L. e MIGUEZ, José (Orgs.). *Mass Migration to Modern Latin America*. Wilmington: Scholarly Resources Inc., 2003.

LORES, Raul Juste. *São Paulo nas Alturas*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

MACEDO, Gilma. *História da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro: Primeiras Incursões*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Orientais. São Paulo, 2005.

MALERONKA, Wanda. *Fazer roupa Virou Moda: Um Figurino de Ocupação da Mulher, 1920-1950*. São Paulo: SENAC, 2007.

MANGILI, Liziane. *Transformações e Permanências no Bom Retiro: 1930-1954*. Dissertação de Mestrado. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo. São Carlos, 2009.

SCHORKSE, Carl. *Pensando com a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Joana Mello Carvalho. *O Arquiteto e a Produção da Cidade: a Experiência de Jacques Pilon em Perspectiva (1930-1960)*. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2010.

TEIXEIRA, Francisco. *A História da Indústria Têxtil Paulista*. São Paulo: Artemeios, 2007.

TRUZZI, Oswaldo. *Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo*. Estudos Históricos, n. 28, p. 143-166. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2001.

VASQUES, Ronaldo Salvador. *Moda Brasileira e a Feira Nacional da Indústria Têxtil (FENIT)*. São Paulo: Histórica Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Número 53. Abril, 2012.

VENTURI, Robert; SCOTT BROWN, Denise e IZENOUR, Steven. *Aprendendo com Las Vegas*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

2. Artigos em periódicos e revistas

CASTRO, Ana Claudia Veiga de e SILVA, Joana Mello Carvalho. *Cultura Urbana sob Novas Perspectivas - Entrevista com Ádrian Gorelik*. São Paulo: Revista Novos Estudos CEBRAP. Número 84. 2009.

Confecção, capital José Paulino. São Paulo: Revista Shalom.

Fevereiro, 1967.

FELDMAN, Sarah. *Bom Retiro Mutante*. São Paulo: Periódico Nossa Voz. Dezembro, 2014.

KORNGOLD, Lucjan. *Centro Comercial do Bom Retiro*. São Paulo: Revista Acrópole. Número 253. Novembro, 1959.

3. Sites eletrônicos

Acervo Digital Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>. Acesso em 18.07.2017.

Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.acervodacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ResultadosBusca.aspx?ts=sa&q=rua%20jos%C3%A9%20paulino&acervos=10>>. Acesso em 22.12.2016.

Biblioteca Digital da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Disponível em: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/5533/o-homem-livre-1933-0017.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em 18.01.2017.

Fundação Energia e Saneamento. Disponível em: <<http://acervo.energiaesaneamento.org.br/consulta/ExibirDetalhes.aspx?funcao=kFundo&id=15>>. Acesso em 15.12.2017.

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/nossa-voz/120987>>. Acesso em 19.01.2017.

Memorial da Imigração Judaica. Disponível em: <<http://www.memij.org.br/index.php/2017-01-20-18-17-00/iconografia/370-ico-94-vista-frontal-da-rua-dos-imigrantes-em-1901>>. Acesso em 24.01.2017.

Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima. Disponível em: <<http://www.rffsa.gov.br/principal/historico.htm>>. Acesso em 24.01.2017.

Revista Veja São Paulo. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/quem-foi-jose-paulino/>>. Acesso em 14.11.2017.

São Paulo in Foco. Disponível em: <<http://www.saopauloinfoco.com.br/?s=Werner+Haberhorn/Anhangabaú>>. Acesso em 18.12.2017.

The Fashionisto. Disponível em: <<https://www.thefashionisto.com/wp-content/uploads/2016/05/Humphrey-Bogart-Trench-Casablanca.jpg>>. Acesso em 12.12.2017.

Unibes Cultural. Disponível em: <<http://unibes.org.br/index.php/sobre-a-unibes/>>. Acesso em 27.09.2017.

3. Acervos consultados

3.1 Institucionais

Arquivo Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura da Cidade de São Paulo

Casa do Povo

Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo

3.2 Pessoais

Anselmo Lancman

Etejane Hepner

Família Kon

Isaac Neumark

Isaac Wachslight

Sarah Fridman

Sergio Zeiger

Sidney Knobloch

Sonia Janovitch

Yolanda Slomka

4. Entrevistas realizadas

Adolfo Leirner, filho de Isai Leirner, fundador da Tricot-Lã (Rua José Paulino, 261). Entrevista concedida por telefone em 7 de

dezembro de 2017.

Anita Kon, filha de Helena e Majer Okret, proprietários da Okret Sports (Rua José Paulino, 349 / Rua José Paulino, 56). Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2017 na residência da entrevistada.

Anselmo Lancman, filho de Motula Lancman, proprietário da Confecções Vel-Pel (Rua José Paulino, 375/377). Entrevista realizada em 27 de março de 2017 no escritório do entrevistado.

Bela Feldman, filha de Jaime e Fanny Feldman, proprietários da Bel-Sar (Rua José Paulino, 539). Entrevista realizada em 17 de abril de 2017 na residência da entrevistada.

Beno Suchodolski, filho de Alexandre Suchodolsky, proprietário da Confecções Modastil (Rua José Paulino, 106-a / Rua José Paulino, 378 / Rua José Paulino, 488). Entrevista realizada em 28 de junho de 2017 no escritório do entrevistado.

Dora Okret, nora de Helena e Majer Okret, proprietários da Okret Sports (Rua José Paulino, 349 / Rua José Paulino, 56). Entrevista realizada em 20 de março de 2017 na residência da entrevistada.

Etejane Hepner, filha de Clara e Icek Hepner, proprietários da Camisaria Hepner (Rua José Paulino, 233). Atual proprietária da 233, loja revendedora de artigos masculinos (Rua José Paulino, 233). Entrevista realizada em 24 de março de 2017 nas dependências da 233.

Golda Bojme, gerente de produção da Alvin (Rua José Paulino, 533 / Rua José Paulino, 564). Entrevista realizada em 6 de dezembro de 2017 nas dependências da confecção.

Hugueta Sendacz, filha de Abram e Pola Rajnsztajn, proprietários da Rajnsztil (Rua José Paulino, 350) e da Rasentex (Rua José Paulino, 451). Ex-proprietária da Hagar Modas (Rua José Paulino, 226 / Loja 51 / Sala 341). Entrevista realizada em 19 de dezembro de 2016 na residência da entrevistada.

Isaac Neumark, ex-proprietário da Lojas Neumark (Rua José Paulino, 428) e filho de Helena e Simão Neumark, proprietários da Helenform (Rua José Paulino, 428). Entrevista realizada em 17 de março de 2017 no escritório do entrevistado.

Isaac Wachslight, proprietário da Happy Baby (Rua José Paulino, 101) e da I Kids (Rua José Paulino, 215). Filho de Josef Wachslight, proprietário da joalheria Juvélia (Rua José Paulino, 388). Entrevista realizada em 17 de junho de 2017, no Centro Comercial do Bom Retiro.

Ivo e Sonia Janovitch, filhos de Maurício Janovitch, proprietário da Triconal (Rua José Paulino, 470). Entrevista realizada em 10 de junho de 2017 na residência dos entrevistados.

João Kon, filho de Godel e Sara Kon, proprietários da Confecções Kon (Rua José Paulino, 393/397 / Rua José Paulino, 146). Manteve escritório de arquitetura na José Paulino entre 1954 e 1963 (Rua José Paulino, 413) e é autor dos projetos de dois edifícios na rua (Rua José Paulino, 206/210 e Rua José Paulino, 749).

Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2017 na residência do entrevistado.

Luis Lustig, filho de Chaim e Ruth Lustig, proprietários da Fábrica de Guarda-chuvas e Sombrinhas Alegre (Rua José Paulino, 573). Entrevista realizada em 26 de janeiro de 2017 no escritório do entrevistado.

Marcelo Firer, filho de Marcos Firer, engenheiro responsável pela construção do Edifício Estrada de Ferro Santos a Jundiá (Rua José Paulino, 29). Entrevista realizada em 10 de novembro de 2017 por telefone.

Nina Schpun, filha de Manoel Casoy, proprietário da Padaria e Fábrica de Biscoitos Casoy (Rua José Paulino, 688). Entrevista realizada em 6 de fevereiro de 2017 na residência da entrevistada.

Salo Hirsch, proprietário da Chuvanil (Rua José Paulino, 512 / Rua José Paulino, 719). Entrevista realizada em 4 de julho de 2017 em galpão na Rua Joaquim Murtinho, 168.

Sarah Feldman, filha de Jaime e Fanny Feldman, proprietários da Bel-Sar (Rua José Paulino, 539). Entrevista realizada em 8 de fevereiro de 2017 na residência da entrevistada.

Sarah Fridman, filha de Jacob e Maria Fridman, proprietários da Grande Fábrica de Roupas Brancas Jacob Fridman (Rua José Paulino, 140). Entrevista realizada em 7 de abril de 2017 na residência da entrevistada.

Sergio Zeiger, filho de David Zeiger e neto de Salomão Zeiger, proprietários da Oficina de Alfaitaria Salomão Zeiger (Rua José Paulino, 52 / Rua José Paulino, 91) e da Fábrica de Capas Goomtex Ltda. (Rua José Paulino, 218/220). Entrevista realizada em 24 de abril de 2017 na residência do entrevistado.

Sidney Knobloch, proprietário da Nutrisport (Rua José Paulino, 248). Entrevista realizada em 7 de dezembro de 2017 na fábrica da Nutrisport.

Yolanda Slomka, filha de Fawel e Sara Slomka, proprietários da Confecções Oceania (Rua José Paulino, 140). Entrevista realizada em 28 de março de 2017 na residência da entrevistada.